HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO NA

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

BRASIL

TOMO 3

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial

BIBLIOTHECA DO EXERCITO
Casa do Barão de Loreto
— 1881 —

Fundada pelo Decreto nº 8.336, de 17 de dezembro de 1881,
por FRANKLIN AMÉRICO DE MENEZES DÓRIA, Barão de Loreto,
Ministro da Guerra, e reorganizada pelo
General-de-Divisão VALENTIN BENÍCIO DA SILVA,
pelo Decreto nº 1.748, de 26 de junho de 1937.

Biblioteca do Exército Editora
Praça Duque de Caxias, 25 – Ala Marcílio Dias – 3º andar
20221-260 – Rio de Janeiro, RJ – Brasil
Tel.: (55 021) 2519-5707 – Fax (55 021) 2519-5569
DDG: 0800 238 365
Endereço Telegráfico “BIBLIEX”
E-Mail: bibliex@ism.com.br
Home-Page: http://www.bibliex.eb.br

Coordenador Geral
Aricildes de Moraes Motta

História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial

TOMO 3
São Paulo

Biblioteca do Exército Editora
Rio de Janeiro
2001

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA Publicação 722

História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial Tomo 3

Coordenador Regional – SP
José Gustavo Petito

Capa:
Murillo Machado

Revisão:
Andreza Tarragô
Ellis Pinheiro
Léa Maria da Costa Serpa
Nelsimar de Moura Vandelli
Ricardo Braule Pinto Bezerra Pereira

H673 História oral do Exército na segunda guerra mundial / Coordenação geral de Aricildes de Moraes Motta. – Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército Editora, 2001.
T. 3. (Biblioteca do Exército; 722)

Conteúdo: São Paulo / Coordenador Regional : José Gustavo Petito.
ISBN 85-7011-300-5

1. Guerra mundial, 1939-1945 – Brasil. 2. Militares – Entrevistas. I. Motta, Aricildes de Moraes, coord. geral. II. Petito, José Gustavo, coord. regional. III. Título: São Paulo. IV. Série.

CDD 940.540981

Os textos contidos neste tomo referem-se a 25 entrevistas realizadas na Coordenadoria de São Paulo.

As entrevistas são apresentadas textualizadas, o que, em história oral, significa transcrevê-las sem as perguntas e com a fusão das respostas.

Impresso no Brasil Printed in Brazil

Sumário

General-de-Exército Antonio Ferreira Marques*

Nasceu em Belém-Pará (PA), a 10 de julho de 1916. Cursou a Escola Militar do Realengo, tendo sido declarado Aspirante-a-Oficial de Infantaria em 22 de novembro de 1937. Ao longo de sua carreira militar, freqüentou as Escolas de Aperfeiçoamento de Oficiais, de Comando e Estado-Maior do Exército e Superior de Guerra.

Foi promovido a 2º Tenente em 1938 e, dois anos depois, a 1º Tenente. A Capitão comissionado, em janeiro de 1944, a Capitão, em dezembro desse mesmo ano. A Major, por merecimento, em 1952, a Tenente-Coronel e Coronel, também por merecimento, em 1959 e 1964, respectivamente. Ingressou no quadro de oficiais-generais em 1970, tendo sido promovido a General-de-Divisão e de Exército nos anos de 1976 e 1980.

Participou das ações contra os comunistas na Intentona de 1935 e contra os integralistas no levante de 1938. Durante a Segunda Guerra Mundial, no Teatro de Operações da Itália, integrou a Força Expedicionária Brasileira como Oficial de Operações do II Batalhão do 1º RI, Regimento Sampaio. Participou dos ataques a Monte Castelo, Montese, La Serra e Cota 958, bem como da Perseguição levada a efeito no Vale do Pó.

Como General-de-Exército, comandou o III Exército, hoje Comando Militar do Sul, encerrando a carreira militar como Chefe do Estado-Maior do Exército.

Pela sua participação na Campanha da FEB, recebeu as seguintes condecorações: Cruz de Combate – 2ª Classe e Medalha de Campanha.

---

* Oficial de Operações do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria, entrevistado em 4 de maio de 2000.

Ao falar sobre a Força Expedicionária Brasileira, é sempre importante relembrar por que o Brasil participou da Segunda Grande Guerra.

Adolf Hitler, após ter restaurado o poderio militar alemão, invadiu e dominou a Polônia no dia 1º de outubro de 1939. O Presidente dos EUA, Franklin Delano Roosevelt, percebeu a gravidade da situação e propôs a aceitação de um princípio político que, em resumo, estabelecia que a tentativa de agressão a uma nação americana seria tomada como uma ameaça para as demais. Tal proposta foi discutida em diversas conferências, a primeira em Havana, a outra no Rio de Janeiro, e delas participaram, sem exceção, os países americanos, inclusive o Brasil; todos, signatários dessa proposta. No dia 7 de dezembro de 1941, o Japão agrediu os Estados Unidos, bombardeando de maneira inesperada, sem declaração de guerra, a base aeronaval de Pearl Harbor, destruindo, praticamente, toda a frota do Pacífico lá ancorada. O Brasil estava ciente de suas responsabilidades, quanto ao resolvido nas conferências a que me referi, anteriormente.

Assim, em dezembro de 1941, o Japão bombardeou Pearl Harbor, e o Brasil, em janeiro de 1942, rompeu relações diplomáticas com as nações do Eixo, Roma-Berlim, a Itália e a Alemanha.

Vejamos quais foram as conseqüências desse fato. Dezenas de navios mercantes brasileiros foram afundados em nossa costa, ao longo do litoral do país, e o Brasil perdeu, nesses afundamentos, mais de seiscentas vidas. O clamor público foi tremendo, estudantes, o povo, todos indo para a rua, gritando e pedindo que a Soberania Nacional ferida fosse desafrontada. A manifestação popular levou o Presidente da República, em agosto de 1942, a declarar guerra aos países do Eixo. Em janeiro de 1943, o Ministro da Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, apresentou ao Presidente Getúlio Vargas o plano da organização de uma Força Expedicionária que atuasse em qualquer ponto do território nacional, ou junto aos aliados, onde quer que fosse. O Gen Eurico Dutra, em visita oficial aos Estados Unidos, declarou essa disposição do Brasil, que foi aceita imediatamente pelos americanos. E, em agosto de 1943, foi organizada a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária Brasileira. Naquele mesmo mês, em telegrama urgente, recebido na parte da manhã, endereçado ao Comandante da 2ª Região Militar, General-de-Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes, o Ministro da Guerra perguntava se ele aceitaria o Comando da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. O General Mascarenhas, no mesmo dia à tarde, em telegrama urgentíssimo, respondeu que se sentiria honrado com a designação para comandar a Força Brasileira. Estava, assim, designado o Comandante; passou-se, então, à organização.

Nesta, basicamente, se incluíam o Comando, o Estado-Maior e três Regimentos de Infantaria: o 1º Regimento de Infantaria, Regimento Sampaio, com sede no

Rio de Janeiro, o 6º Regimento de Infantaria, com sede em Caçapava, e o 11º Regimento de Infantaria, com sede em São João Del Rei. Ainda, quatro Grupos de Artilharia, três de apoio direto e um de ação de conjunto, um Batalhão de Engenharia, um Batalhão de Saúde e um Destacamento Especial.

Em 1944, como 1º Tenente, fui transferido do 2º Regimento de Infantaria para o 1º Regimento de Infantaria, no dia 6 de janeiro, data comemorativa do Dia de Reis. Eu estava no Regimento e me apresentei ao Coronel Aguinaldo Caiado de Castro que era o Comandante da Unidade.Fui designado para o II Batalhão, cujo Comandante era o Major Zacarias Xavier que, por sua vez, me colocou como subalterno da 4ª Companhia de Fuzileiros. Depois, por motivos que não posso explicar, porque deles nunca tive conhecimento, o Maj Zacarias foi transferido do Regimento e, para o seu lugar, chegou o Major Sizeno Sarmento que assumiu o comando do II Batalhão.

Não tenho palavras que possam descrever a situação em que vivia o Regimento; seu armamento incluía o fuzil 1908, o fuzil-metralhador FMH – HotchKiss, cujo pente era de vinte tiros, mas quando dava sete disparos já era uma satisfação, porque, normalmente, a arma engasgava; e, além disso, era pesada. O Exército adotava uma organização “inteiramente à francesa”, inclusive havia uma missão do Exército francês que orientava a instrução e o treinamento da tropa brasileira. E passamos, de um momento para outro, a adotar a organização americana: o Regimento com 3.500 homens, 19 subunidades e armamento totalmente mudado. O Fuzil Garand, o morteiro 60mm, que ainda não tinha visto, canhão anticarro 57mm, Grupo de Obuses 105mm, a “bazuca” (lança rojão), tudo isso era desconhecido para nós e mais ainda: tinha o S1, “quem é esse, o S2, o que é S2, S3, S4?” É possível imaginar o que isso acarretava para nós. Ninguém conhecia as novidades. A instrução, com o pouco armamento que chegou, era ministrada por oficiais americanos que falavam português, bem como pelos subalternos.

E chegando a dita hora, estávamos todos prontos, inclusive as cópias e traduções de manuais americanos feitas de maneira apressada. Até com parte do armamento demos tiro; o treinamento e a preparação foram insuficientes para a guerra que já vinha se desenrolando há alguns anos, contra um inimigo, o combatente alemão, que era um grande soldado.

Finalmente, chegou o momento do embarque; o primeiro escalão partiu no dia 7 de julho de 1944, constituído pelos 6º Regimento de Infantaria, um Grupo de Artilharia, Tropa de Reconhecimento, elementos de apoio, além de uma Companhia de Engenharia, transportado em um navio, o *General Mann*, com capacidade para 5.500 homens; no dia 22 de setembro, partiu o segundo escalão, que era o meu, com o Regimento Sampaio, um Grupo de Artilharia e os demais elementos de

apoio. Em outro navio, também com capacidade para 5.500 homens, mais um Regimento. Chegamos no dia 6 de outubro, em Nápoles, e meu Batalhão foi o único que desembarcou naquela cidade; as razões eu ainda desconheço. Ouvi depois dizer que precisavam descarregar algum material e que o desembarque permitiria arrumar o dispositivo para descarregar o equipamento. Ficamos 48 horas em Nápoles. Em seguida, embarcamos em barcaças chamadas LCI, embarcações de fundo chato destinada ao desembarque de tropa; durante 36 horas navegamos em mar revolto. Foi penoso para a tropa brasileira, quase todos ficaram enjoados, inclusive alguns homens da tripulação.

Desembarcamos em Livorno, fomos levados em caminhões para um acampamento em Tenuta di San Rossore, já preparado para nos acolher e aí começamos a receber o armamento que seria utilizado para entrarmos em combate. O Primeiro Escalão, o 6º RI, já fazia parte de um destacamento sob o comando do General Zenóbio da Costa e estava sendo empregado no Vale do Sercchio, que era uma frente secundária, muito boa para a tropa continuar seu adestramento; isso ajudou a Força Expedicionária Brasileira a entrar em combate de imediato, inclusive o destacamento já tinha conseguido algumas vitórias para nós.

Então ficou determinado que oficiais e sargentos do III Batalhão fossem mandados para a linha de frente, a fim de estagiar com o Primeiro Escalão, que já estava há algum tempo em combate. Fui fazer estágio no Batalhão que era comandado pelo Major Gross. Cheguei no dia 29 de outubro, o Batalhão ia fazer um ataque sobre Lama de Soto, então tive a felicidade de assistir os preparativos para esse ataque, quando passei a ver, na realidade, o que já aprendera na teoria. A Artilharia, ocupando posições avançadas, para apoiar com os tiros o mais à frente possível, a tropa se colocando na base de partida. Nessa ocasião, os alemães, perceberam alguma movimentação fora do comum e desencadearam uma concentração de morteiros e de artilharia sobre aquela área e tive que, rapidamente, procurar abrigo nas proximidades, tendo encontrado proteção natural. Nesse abrigo, um buraco, fiquei durante o bombardeio e a concentração dos fogos de morteiros. Afirmo que foi meu batismo de fogo e, com toda a satisfação, que havia dominado o medo. Acredito que o medo é natural em qualquer pessoa, mas por tê-lo vencido, senti uma euforia muito grande. Depois, continuei observando a preparação para o ataque. O Gen Mascarenhas não era favorável ao ataque e as razões eu desconhecia. Mas ele não quis impedir ou suspender a manobra que o Gen Zenóbio determinara; por isso consultou o Comandante do IV Corpo de Exército, indagando se poderia atacar; o Gen Crittenberger autorizou. Acredito que o Gen Mascarenhas não queria fazer o ataque, porque pretendia reunir toda a Divisão, a

partir do dia 1º de novembro. Logo, não desejava desgastar a tropa, mas o General Zenóbio, talvez empolgado com aquelas vitórias que o Destacamento havia conquistado, insistiu em fazer o ataque. Foi no dia 30 de outubro e eu vi a 2ª Companhia, do Capitão Airosa, subindo na direção de Lama di Sotto, que era o seu objetivo. No centro, a 1ª Companhia do 6º com o Capitão Tavares e à esquerda a 3ª Companhia do Capitão Aldenor. Assisti a Companhia do Airosa progredir sem encontrar resistência e coroar de êxito a conquista de seu objetivo de ataque. Quando o Capitão Airosa já estava consolidando a posição, deram ordens ao Cap Tavares para partir com a 2ª Companhia, a qual já encontrou sérias resistências na sua progressão. Finalmente, deram ordens ao Cap Aldenor, que foi o último a partir. A 2ª Companhia conseguiu, quase ao cair da noite, conquistar o objetivo e o Aldenor só chegou lá quando já estava escuro, não pôde se debruçar no terreno em frente, não viu como ficaram os seus pelotões. Estou contando isso para que todos percebam o que aconteceu. Eu ainda estava no PC, vivendo a euforia que causara o ataque vitorioso, quando Tavares ligou falando que tinha sido vencedor. “Major, que pena que o senhor não possa ver como nós saímos vitoriosos, com a conquista do nosso objetivo.”

Mas, à meia-noite, os alemães desencadearam um contra-ataque. E sabe sobre qual companhia? A 3ª Companhia. Então, não foi por acaso, eles sabiam que a Companhia do Aldenor tinha se desgastado para chegar àquele objetivo e contra-atacaram, gritando: *“Heil Hitler, Heil Hitler”*. Houve pânico e correria na Companhia e o próprio Aldenor foi um dos últimos a retrair, porque não sabia de onde estavam vindo; os alemães começaram a se infiltrar, gritando, trazendo pânico, obrigando a 1ª Companhia a retrair, também sob pressão, senão seria envolvida pela retaguarda; a única que retraiu como tinha subido, sem pressão, foi a Companhia do Cap Airosa. Eu havia acabado de assistir à primeira derrota dos brasileiros nos campos de batalha da Itália. A correria e o pânico foram terríveis para nós. Por sorte, o alemão apenas retomou suas posições e não prosseguiu, porque não interessava, porque se mantinham ali aguardando a definição de rocadas de meios para Castelnuovo de Garfagnana. Eles tinham protegido Castelnuovo e pararam na altura onde estavam, a tropa brasileira veio para Barga, de onde havia partido. Foi dissolvido o Destacamento e passou-se a concentrar a 1ª Divisão de Infantaria, não mais no Vale do Sercchio, mas sim no Vale do Reno. Voltei para o meu Regimento, apresentei-me no meu Batalhão na função de oficial de operações e, a pedido do comandante do Batalhão, Major Sizeno, pude acompanhar todos os preparativos dos ataques ou da defensiva.

Distribuídos o armamento e o material, a 1ª Divisão recebeu a missão de ocupar uma posição defensiva, substituindo uma Grande Unidade americana, a 1ª Divi-

são Blindada, que teria sido retirada da frente para ser transportada para a França; assim, o meu Batalhão recebeu ordem para ocupar a região de Attico e, no dia 19 de novembro, estava em posição defensiva naquela região; houve apenas atividades de patrulhas sobre Santa Maria Villiana e outras áreas; da mesma maneira, os alemães lançavam patrulhas durante a noite.

Permanecemos na defensiva até que, no dia 10 de dezembro, o Batalhão recebeu ordem de se preparar para o ataque, o quarto ao Monte Castelo. No relato que farei, não chegarei a nenhuma conclusão, porque deixarei aos leitores esta prerrogativa.

O ataque do meu Batalhão estava programado para o dia 10 de dezembro.

É interessante ressaltar que já tinham ocorrido três ataques sobre o mesmo objetivo, o Monte Castelo:

– o primeiro e o segundo, nos dias 24 e 25 de novembro, por um Destacamento norte-americano, comandado pelo General-de-Brigada Paul. A tropa brasileira participou dessas operações com um Batalhão de Infantaria, um Esquadrão de Reconhecimento e um Grupo de Artilharia.

– o terceiro ataque, no dia 29 de novembro, já sob o comando da tropa brasileira do General Zenóbio da Costa, com o efetivo de dois Batalhões de Infantaria, dois Grupos de Artilharia e um Esquadrão de Reconhecimento.

Como sabem, esses três ataques fracassaram.

O quarto ataque coube ao Regimento Sampaio, e eu, como oficial de operações, compareci ao PC da Divisão para receber, junto com meu comandante de Batalhão, o Major Sizeno, a Ordem de Operações.

Essa ordem de ataque foi transmitida pelo TC Castello Branco, na presença de outros chefes, como o Gen Zenóbio e o Cel Caiado de Castro.

E o TC Castello Branco disse: “O ataque será no dia 12 de dezembro, ataque de surpresa sem preparação de artilharia, a partir das 6h30min e o ataque principal será feito pelo seu Batalhão, Maj Sizeno, que será coberto pela esquerda, pelo III Batalhão, sob o comando do Major Franco.”

Quando terminou a reunião, o Gen Zenóbio dirigiu-se ao Cel Caiado e, num aperto de mão, disse: “Caiado, vou almoçar amanhã com você, ao meio-dia, no cume do Monte Castelo.” Como havia pouco tempo, o Maj Sizeno virou-se para mim e disse: “Marques, pede aos comandantes de companhia que partam imediatamente para a linha de frente, a fim de realizarem o reconhecimento do terreno para o ataque. Veja o dispositivo, qual a companhia que deverá fazer o ataque principal e, à noite, volte com esses oficiais ao meu PC, no Batalhão, para me transmitir o que vocês observaram.”

Fizemos o reconhecimento, algumas vezes interrompido pelo bombardeio da artilharia inimiga e de morteiros; a 4ª Companhia ficou encarregada do ataque principal, a 6ª à direita e, como reserva, a 5ª Companhia, comandada pelo Capitão Valdir.

Na frente do Monte Castelo havia uma região chamada C. Viteline, que deveria ser conquistada. Voltamos à noite e na reunião no PC houve uma grande surpresa. O Capitão encarregado do ataque principal, o ataque frontal destinado a dominar a região de C. Viteline, começou a chorar e disse: "Eu não estou com medo, mas estou me sentindo sob pressão no coração, não tenho condições de atacar Monte Castelo." Foi uma surpresa terrível para todos e o Maj Sizeno disse a seguinte frase: "Capitão, eu não vou substituí-lo, porque a substituição do senhor, agora, para o ataque do dia 12 é um atestado de covardia que não lhe passarei, porque ninguém vai acreditar que o senhor esteja doente."

Nessa ocasião, entra no PC, vindo da retaguarda onde tinha ido examinar a questão do remuniciamento, o Capitão Argos do Monte Lima, que era o Subcomandante do Batalhão. E esse Capitão Argos do Monte Lima, que tinha uma deficiência auditiva, disse: "O que está havendo Marques?" Eu respondi: "Olha, o Capitão está se sentindo mal e disse que não tem condições de atacar o Monte Castelo." Ele retrucou: "Não há problema, eu assumo o comando da 4ª Companhia". Então, o Maj Sizeno disse: "Argos, você não sabe nem para que lado fica o Monte Castelo, você não fez o reconhecimento." O Argos perguntou: "A que horas é o ataque?" Alguém disse: "6h30min." "Então de 6h às 6h30min eu faço o reconhecimento", e saiu com a Companhia.

Ele assumiu o comando e o Major Sizeno determinou ao Capitão Comandante da 4ª Companhia que ficasse ao lado do Argos e acompanhasse apenas a atuação dele. Às 6h da manhã, fomos atacar Castelo. De um lado, cobertos, pelo III Batalhão e do outro pela tropa americana que viera atacar Belvedere.

Não se sabe por que os americanos desencadearam uma concentração de artilharia sobre Belvedere, que era o objetivo deles, mas como o nosso ataque seria de surpresa, sofremos as conseqüências. Os alemães, de imediato, desencadearam uma barragem terrível de artilharia, difícil até de relembrar, mas, às 6h30min, assim mesmo, o Batalhão partiu; entretanto, foi seccionado pela barragem violenta, de maneira que o 1º Pelotão progrediu sob o comando do Tenente Apolo; o outro partiu, mas já meio capenga; eu como oficial de operações, era encarregado da ligação com o PC da DIE e não conseguia cumprir a missão, em razão da violência do bombardeio alemão.

Só às 7h da manhã consegui comunicar-me. Às 9h vejo um homem retornando carregado; era o Capitão Argos do Monte Lima que assumira o comando da Compa-

nhia, bastante ferido, na testa, no joelho, no corpo todo, o que ocasionou uma completa desorganização na Companhia. A 6ª Companhia, que estava à direita, atraída por fogos de Abetaia, voltou-se para lá, abrindo uma brecha. O Maj Sizeno empurrou a 5ª Companhia nessa brecha, mas ela pouco progrediu, porque a concentração de fogos era violenta e nós, às 9h da manhã, não tínhamos mais nenhuma esperança de progredir, porque aí passou a ser uma caçada.

Um homem ferido, "estou ferido, ponha sulfa no meu ferimento". A sulfa era levada no cinto, e quando ele virou para pegar a sulfa, foi atingido no braço; era uma verdadeira caçada. Então, veio a ordem para ficarmos ali até o cair da noite, a fim de fazer o retraimento noturno para as posições iniciais.

Narro tudo isso porque esta é uma mágoa que guardo: há um livro que afirma termos partido atrasados, esquecendo que a nossa ordem era realizar um ataque de surpresa, e que os americanos atiraram em Belvedere, chamando a atenção dos alemães que desencadearam uma barragem terrível de artilharia; e ainda diziam, na Escola, que uma barragem de artilharia é possível de ser transposta. Eu gostaria de ver alguém transpor.

Feita a contagem das baixas, verificamos que foram muito altas; o Batalhão voltou à base de partida. O inverno tinha chegado, tanto que o nosso deslocamento se dava em terreno molhado, encharcado e escorregadio. Tudo isso, e ainda não me esqueço do apoio de artilharia, vamos dizer da Artilharia Divisionária atirando em proveito de dois Batalhões, com um ataque principal frontal feito pelo II Batalhão de Infantaria, no quarto ataque a Monte Castelo.

Com o inverno, houve uma reestruturação nas posições e o meu Batalhão foi levado para a região de Riola, onde passamos à chamada defensiva de inverno, que se traduzia, apenas, em lançamento de patrulhas, de um lado e de outro.

Mas há um fato marcante para mim, que faço questão de descrever. Num determinado dia, pela manhã, o Maj Sizeno recebe ordem para lançar uma patrulha sobre a região de Abetaia e ponderou, junto à 3ª Seção, ao E3 da Divisão. "Mas como, por quê?" "Porque nós recebemos informações de que Abetaia foi abandonada ontem à noite." – "Não é possível, Coronel, porque nós estamos vendo movimento, não é possível, não é verdade." "A informação é segura, Abetaia foi abandonada, o lançamento da patrulha tem que ser feito de imediato."

E o Maj Sizeno, cujas ponderações não tinham sido aceitas, convocou o comandante da 5ª Companhia, Capitão Valdir Sampaio, e disse: "Valdir, monte uma operação sobre Abetaia com uma patrulha, se possível, de voluntários." O primeiro a se apresentar foi o Sargento Virgulino, paraense, que queria comandar a patrulha, depois apresentaram-se um cabo e os soldados. Remuniciados, eles partiram sob o

olhar de todo o Batalhão; por volta das 10h da manhã, soou o apito, foram progredindo e se aproximando de Abetaia. Quando estavam a menos de cem metros do objetivo, os alemães reagiram violentamente, com tiros de metralhadoras, aquela metralhadora, a "Lurdinha", e também começaram a lançar granadas.

Pela distância, vimos que o cabo deveria ter sido atingido na espinha porque o fuzil dele... ele, praticamente, jogou. Chamávamos pelo nome do Sargento: "Virgulino, Virgulino, como é que está?" E ele, agonizando e dizendo: "Não dá mais." Nós sentimos muito, vendo que o Virgulino iria morrer. Vamos retrair. E ele dizia: "Eu não tenho condições de retrair, estou com três mortos, o cabo e mais dois soldados." Foi pedida uma cortina de fumaça, feita pela Artilharia e os demais soldados conseguiram retrair. Deixamos lá três soldados mortos e o sargento Virgulino ficou ferido e, em seguida, foi feito prisioneiro.

Tempos depois, já fora da Ofensiva da Primavera, no prosseguimento das operações, encontramos uma sepultura tosca com uma cruz de madeira e um capacete de um soldado brasileiro, com a inscrição em alemão: (Três Bravos Brasil). Era uma homenagem do próprio alemão. Depois soubemos que eles não tinham entendido o que viram, aqueles homens se aproximando, em plena luz do dia. Eu queria ressaltar a figura desses homens, quase todos voluntários, inclusive o sargento Virgulino.

Já estávamos no final do inverno, quando a Divisão recebeu a ordem de preparar o plano Encore, que incluía uns ataques preliminares para a conquista de Belvedere. Estava prevista a conquista de Belvedere, do Morro Della Torraccia, do Monte Castelo e La Serra.

Coube ao Regimento Sampaio a missão de conquistar o Monte Castelo. A tropa foi articulada, disposta taticamente para atacar o Monte Castelo e La Serra. À direita, a 10ª Divisão de Montanha americana, uma Divisão que era um primor, pelo armamento, pela disposição e valentia de seus homens, uma Divisão admirada, que tinha como missão conquistar Belvedere e Della Torraccia, simultaneamente, com a Primeira DIE.

No dia 20, a 10ª de Montanha, numa operação inesperada, conquistou Belvedere, e no dia 21 todo o Regimento Sampaio partiu, veja bem, partiu com o III Batalhão, do Major Franco fazendo o ataque frontal, o I Batalhão do Major Uzeda, no ataque de flanco. É a primeira vez que tomam conhecimento desta narração: ataque de flanco sobre Monte Castelo, coberto, à direita, pelo Batalhão Ramagem, do 11º RI, que atacava sobre Abetaia, e o II Batalhão, o meu Batalhão, na reserva. O I Batalhão foi para a região de Mazanana, de onde se ligava ao Monte Belvedere, substituiu a tropa americana e no dia 21 de fevereiro partiu fazendo um ataque de flanco pela

primeira vez sobre Monte Castelo. O III Batalhão pouco progredia e recebeu, neste ataque, o apoio de toda a Artilharia Divisionária e de mais 16 Grupos de Artilharia do IV Corpo de Exército.

Os senhores se lembram do 1º, 2º, 3º e 4º ataques a Monte Castelo, em que eu falava no apoio de artilharia apenas do nosso Grupo.

Antes de começar o ataque vitorioso a Monte Castelo, o Esquadrão de Aviação de caça do Brasil, o "Senta Pua", participou da operação, bombardeando as posições inimigas.

Então, este ataque foi potente, do qual participou quase toda a 1ª Divisão de Infantaria, com mais de 16 Grupos de Artilharia de apoio, do IV Corpo de Exército. Às 5h30min partiu o I Batalhão numa manobra de flanco e o III Batalhão num ataque frontal, progredindo pouco, encontrando dificuldades imensas. O I Batalhão pediu reforço e o comandante do Regimento passou a 5ª Companhia do Regimento Sampaio à disposição do I Batalhão, Ramagem. Como havia uma brecha aberta entre o III e o Batalhão Ramagem que cobria o flanco direito, o II Batalhão, o meu Batalhão, foi encaixado nessa brecha e participou do ataque, às 14h.

Às 17h20min caiu o Monte Castelo, trazendo uma euforia muito grande e uma sensação de que a Força Expedicionária Brasileira tinha mostrado que o soldado brasileiro nada ficava devendo ao soldado de qualquer país do mundo, até mesmo o alemão, que já estava lutando há quatro anos.

O soldado brasileiro foi bravo, não só aí, como em todas as operações que se seguiram, desmanchando aquela idéia inicial de que faltaria ímpeto àqueles homens, depois dos ataques fracassados. Mas fracassados por quê? O porque eu deixo à meditação dos senhores, sem que se esqueçam da dosagem de apoios.

Caído Castelo, imediatamente, o meu Batalhão recebeu ordens de prosseguir e conquistar La Serra. E partimos às 9h da noite sobre La Serra, o primeiro ataque noturno feito pela 1ª Divisão, ataque penoso, com a tropa já um tanto desgastada, mas, cinco minutos antes da meia-noite, La Serra estava nas mãos dos brasileiros. Em seguida, vieram os contra-ataques; eu acredito que à meia noite estávamos recebendo o primeiro contra-ataque, logo rechaçado; veio o segundo, duas horas depois, também rechaçado; e ainda veio o terceiro, sem sucesso. A posição estava consolidada e foi nesse momento, a primeira ocasião em que a tropa brasileira esteve na frente da tropa americana, a poderosa 10ª Divisão de Montanha, que não tinha conseguido conquistar Della Torraccia, diante da resistência heróica da força alemã. Finalmente conquistado o Morro Della Torraccia, a Divisão prosseguiu conquistando, em seguida, junto com o Batalhão, Castelnuovo, em uma manobra brilhante.

Depois, já no célebre ataque da primavera, ressalto a operação vitoriosa na conquista de Montese, chamado o Combate Sangrento, porque a resistência alemã foi terrível.

Tomamos parte nesse ataque, cuja missão principal foi dada ao 11º RI, cobrindo o flanco esquerdo, o flanco leste do 11º RI, e tivemos grandes baixas, inclusive a do Aspirante Mega, que era do meu Batalhão.

O ataque foi desencadeado no dia 14 de abril e a região Montese só caiu no dia 18, sendo que a cidade caíra no mesmo dia 14, às 15h.

Como disse, a região de Montese só foi conquistada quatro dias depois; as alturas que bordejam a cidade de Montese dominavam por completo a cidade, e os alemães se retiraram para as elevações, por isso, a conquista dessas alturas foi sangrenta e dolorosa, durando os quatro dias. Conquistada Montese, entramos no Vale do Panaro e teve início a perseguição.

Recebemos ordem de cobrir a 10ª Divisão de Montanha, passando a oeste de Bologna. E isso trouxe um fato marcante para a atuação da Força Brasileira; quando atingimos a região de Fornovo di Taro, a Divisão foi informada que duas Grandes Unidades inimigas vinham se retirando da frente para o Vale do Pó, para, em seguida, se transferirem para a Alemanha. Mas os inimigos foram cercados e o Comandante do 6° Regimento, que estava em primeiro escalão, Coronel Nelson de Mello, intimou que eles se rendessem. Depois de conversações, eles só concordaram em se entregar às tropas brasileiras. Assim, as duas Divisões, através dos seus Generais Comandantes, propuseram depor as armas e foram aprisionados mais de 17 mil homens.

Mas, o que há nisso tudo é a marca do destino. A Divisão aprisionada pelo 6º, a 148ª Divisão alemã, foi aquela que, em Barga, tinha infringido a primeira derrota aos brasileiros. E foi com esse fecho de ouro que, praticamente, a Divisão terminou a sua atuação na Itália porque, mais tarde, o meu Batalhão ocupou Piacenza, sem resistência, onde contamos cerca de oitenta cadáveres, que não haviam sido sepultados, o que foi feito por nossos homens.

A Divisão principal foi para Alessandria e já estávamos nos debruçando sobre o Vale do Pó, quando chegou a notícia que os alemães tinham reconhecido a derrota e consagrado o Dia da Vitória.

Houve um desfile em Londres com uma representação brasileira diante do Rei e da Rainha Mãe e presentes em pé, ao lado do palanque, Churchill, Montgomery e outros.

Estava finda a missão brasileira, estava finda a atuação das Forças Armadas do Brasil que escreveram páginas de glória que honram e dignificam qualquer exército. Porque a verdade é que o nosso País não combateu por conquistas de terra, o Brasil não combateu para ampliar o seu território, o Brasil não combateu em busca

de recompensas, as Forças Armadas combateram por uma coisa que vale tudo nesse mundo, a liberdade, que nenhum homem de bem entrega, senão com o sacrifício da própria vida.

Terminada a guerra, voltamos para Nápoles, onde novamente embarcamos em navios americanos. O meu Regimento chegou ao Rio de Janeiro em agosto de 1945. Fomos recebidos como heróis vitoriosos, arrancando aplausos do povo. E eu não me lembro de ter visto uma manifestação tão expressiva e comovente, durante toda a minha vida. Acredito que todos nós nos sentimos orgulhosos do sentimento de dever cumprido.

General-de-Brigada Rubens Resstel*

Paulista da cidade de Jaú. Era 2º Tenente quando foi convocado para guerra. Aspirante-a-oficial de 1943, optou por uma OM que iria para FEB, o II Grupo de Obuses. Fez toda a campanha da FEB como Tenente observador avançado e atuou, principalmente, junto às companhias de fuzileiros do 6º Regimento de Infantaria, mas também atuou com o 1º e o 11º RI. Foi Instrutor do Curso de Artilharia da AMAN, Ajudante do Corpo de Cadetes, Instrutor da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e serviu na Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai. Na conclusão do curso na Escola de Estado-Maior, a convite do Gen Mamede, foi servir na 4º DC, em Campo Grande – MS. Em seguida serviu no Quartel-General do II Exército, atual Comando Militar do Sudeste, e após 1964 serviu na Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional e no Gabinete do Ministro do Exército. Foi Comandante do 5º Grupo de Canhões Antiaéreos de Campinas e foi promovido a General-de-Brigada em 1972. Neste posto, comandou a AD-6 no Rio Grande do Sul e encerrou a carreira militar como Diretor de Transportes do Exército.

Por sua participação na Segunda Guerra Mundial recebeu as seguintes condecorações: Cruz de Combate – 1ª Classe; por ato de bravura individual; Medalha de Sangue do Brasil, por ter sido ferido em combate; Medalha de Campanha; Medalha de Guerra e a Silver Star (EUA).

---

* Observador Avançado do III Grupo de Obuses, entrevistado em 13 de abril de 2000.

Inicialmente, é preciso que se destaque e que se lembre sempre que a posição do Brasil foi absolutamente correta naqueles episódios da Segunda Guerra Mundial, como não poderia deixar de ser. É conveniente lembrar que o Brasil é detentor de umas das áreas mais estratégicas do mundo que é o saliente nordestino. Se entrarem em algum Estado-Maior de qualquer país, onde estejam destacadas todas as áreas estratégicas, estará ali assinalado o saliente nordestino, que é a parte da América mais próxima do Velho Mundo, pois o Oceano Atlântico tem ali um certo estreitamento.

Quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial, os alemães estavam combatendo no Norte da África e, praticamente, tinham dominado toda a Europa Ocidental. O Brasil tratou de mandar tropas aqui do Sul para reforçar as guarnições militares lá do Nordeste e também cedeu bases para a Marinha e para a Força Aérea dos Estados Unidos, o que foi denominado pelo norte-americano como o trampolim da vitória.

Quando se fala na participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, normalmente se focaliza aquela Divisão brasileira que combateu em solo europeu, mas foi muito mais do que isso a colaboração brasileira com os aliados, para a vitória final sobre a Alemanha.

De fato, quando os alemães estavam no Norte da África, com o Exército italiano, o Brasil reforçou a guarnição do Nordeste e havia navios partindo aqui do Centro-Sul do país levando tropa e equipamentos. E mais, o Brasil também contribuiu no fornecimento de materiais essenciais, como por exemplo o cristal de rocha, então usados na fabricação de rádios.

Cabe aqui uma observação. O ex-Presidente dos Estados Unidos, George Bush, declarou certa vez que estava vivo graças ao cristal de rocha do avião que foi derrubado quando ele era Tenente, na guerra do Pacífico; disse que graças a um cristal, uma pedra daqui do Brasil, pôde pedir ajuda através do rádio, e foi socorrido. Esse é um fato que pouca gente conhece, no cenário de toda a participação do Brasil na guerra.

Nos fornecimentos de matéria-prima, por exemplo de borracha, a denominada "Batalha da Borracha", envolveu milhares e milhares de nordestinos que se embrenharam na selva amazônica para colher o látex, à época um elemento estratégico. Os japoneses já dominavam o Sudeste da Ásia, onde havia seringueiras levadas pelos ingleses, desenvolvidas a partir de sementes que eles tinham levado daqui e plantaram lá. Mas, quando os japoneses conquistaram o Sudeste Asiático, os aliados só podiam se valer da borracha extraída daqui do Brasil e, em menor escala, da Colômbia e da Venezuela.

Muitos e muitos brasileiros pereceram na selva amazônica na já mencionada "Batalha da Borracha". Portanto, o Exército Brasileiro, a Nação brasileira muito contribuiu com os aliados ocidentais, não só no envio de uma Divisão para comba-

ter na Europa, mas também no fornecimento de material estratégico, o que acabou custando um alto preço para o país, porque os submarinos alemães passaram a torpedear nossos navios.

Quantos e quantos brasileiros pereceram no Atlântico, em navios afundados por submarinos! Foi então que o Brasil aceitou a imposição da Alemanha, imposição de estado de beligerância, ou seja, nós não entramos no conflito declarando guerra, mas, simplesmente, aceitamos o estado de beligerância imposto pela Alemanha nazista. Assim, o Brasil passou a preparar uma tropa para combater em solo europeu, organizando uma Divisão com tropas predominantes de São Paulo e do Rio de Janeiro; houve necessidade de recrutar pessoal que veio do Sul e, também, do Nordeste, para completar todo o efetivo de uma Divisão de Infantaria. Além disso, havia a previsão de mais outras duas Divisões, uma no Nordeste e outra no Sul do País, porque não se sabia até quando iria durar aquela guerra.

Lembremo-nos que, naquela época, a Alemanha dominava toda a Europa Ocidental e Nordeste, chegando até os limites da União Soviética. Nós sempre repudiamos o comunismo. Em 1935, quando se tentou uma revolta comunista aqui no Brasil, o Exército terminou com essa revolução; também não podíamos aceitar o nazismo e o fascismo. Logo a posição do Brasil e do Exército foi coerente, como não podia deixar de ser.

Assim sendo, tratou-se de organizar três divisões para combater no Norte da África e depois, em solo europeu, mas só uma Divisão embarcou, porque não tínhamos forças de transporte da Marinha. Assim, tivemos que aguardar o apoio da Marinha dos Estados Unidos que, na realidade, foi quem transportou todos os soldados de outros países aliados, tais como: Nova Zelândia, Austrália e África do Sul. Isso retardou, de certo modo, nossa partida daqui. Esses navios tinham a capacidade para transportar cerca de cinco mil homens.

Devíamos ir para o Norte da África, mas essa região já tinha sido dominada pelos aliados. Inicialmente, deveríamos ter desembarcado no Norte da África e depois participar do desembarque no continente europeu, quando houve a chamada invasão, com tropas partindo da Inglaterra e desembarcando na Normandia e outras partindo do Mediterrâneo, na África, para a Europa. Naquela época, houve alguns fatos que não foram muito bem esclarecidos e que retardaram a nossa ida para o Teatro de Operações. Corria como certo que os franceses estavam arquitetando para atrasar a ida de nossa tropa, porque nós iríamos desembarcar no Norte da África e, depois, fazer parte da tropa que iria atravessar o Mediterrâneo e entrar nas praias do Sul da França. Dizia-se que os franceses se sentiriam um tanto melindrados, se fossem libertados dos alemães por tropas de origem multirracial.

É bom que se diga isso e as novas gerações saibam, porque a nossa tropa, segundo eles, era composta de negros, mulatos, nipônicos etc...; de fato, ela era como é o nosso Exército e a Nação brasileira, de origem multirracial. Havia descendentes de poloneses no Paraná, de alemães em Santa Catarina, de bugres lá da Amazônia, de italianos de todas as partes do Brasil; éramos, de fato, uma tropa de composição multirracial e os alemães se aproveitaram disso para aquela campanha psicológica que faziam. Porque, naturalmente, o regime nazista era essencialmente racista, os alemães veiculavam uma transmissão radiofônica em português dizendo: "O que vocês vêm fazer aqui? Vocês são mistura de raças, pensam que guerra é como samba e futebol, guerra é diferente." Nessa propaganda nazista, a voz era muito bonita, de mulher.

Portanto, deveríamos ter ido para o Norte da África e, dali partindo, invadir a parte mediterrânea da França. Como o navio-transporte norte-americano não veio nos buscar no tempo previsto, deduzimos ser verdadeira a notícia que corria, de que os franceses não queriam que nossa tropa multirracial desembarcasse para salvar e libertar a França.

Essa questão racial, de orgulho nacional, é muito séria. Havia 25 mil soldados negros no contingente norte-americano que não participaram da invasão; consta que os franceses se sentiriam diminuídos se soldados negros desembarcassem em suas praias para libertá-los. Se isso é verdade ou não, não se tem certeza, mas o certo é que esses 25 mil soldados negros norte-americanos ficaram em território britânico, trabalhando em serviços de faxina, desembarque e embarque de material. É bom que se saiba que, no Brasil, não temos este problema, porque somos uma nação plurirracial; nós, militares, não temos preconceitos de servir sob as ordens de um oficial negro, felizmente, não praticamos qualquer tipo de discriminação.

O fato é que o preconceito racial existia, não só por parte dos alemães, mas também por parte de outros aliados, notadamente os franceses.

Os franceses estavam profundamente magoados, feridos em seu orgulho, porque em quarenta dias a Alemanha dominou a França, então eles se sentiam diminuídos, o orgulho nacional francês estava ferido, logo a França que tanto se destacou na Primeira Guerra Mundial e nas anteriores. Talvez isso explique a forma pela qual eles não quiseram soldados de raças supostamente inferiores em seu território.

A verdade é que retardaram a nossa saída; chegamos a receber um pequeno livro dizendo como proceder no Norte do África, descrevendo as doenças que existiam lá, particularmente as venéreas, esclarecendo algumas particularidades da religião muçulmana; por exemplo, se alguém quisesse entrar em uma mesquita, teria que fazê-lo descalço, porque tem que se respeitar a religião deles. Nenhum soldado

nosso respeitou, mesmo aqueles poucos que chegaram lá, numa equipe de reconhecimento; não tiraram os coturnos alegando que seriam roubados, mas, também, não entraram nos templos.

Então o quadro era esse: nós íamos para o Norte da África, mas os navios de transporte dos Estados Unidos não vieram nos buscar em tempo hábil, a despeito de todos os nossos esforços; a tropa estava bem instruída, poderíamos combater lá e depois passar à Riviera Francesa, mas existia sempre uma “mágica”, algo oculto nos bastidores; já tínhamos feito todas as instruções, todos os exercícios de tiro, já tínhamos até desfilado no Rio de Janeiro e o transporte ainda não havia chegado. Demorou muito, até que um dia chegou o navio transporte e nós embarcamos para a Itália.

Desembarcamos em Nápoles e daí fomos levados mais para o norte e incorporados ao V Exército norte-americano, que tinha uma Divisão composta só de negros, mas essa era uma questão dos americanos e nós não tínhamos nada a ver com aquilo. Os nossos negros eram tratados iguais a todos, tínhamos, dentre eles, oficiais e sargentos corajosos. Já a Divisão americana, só de negros, era desmotivada e todas as vezes que essa Divisão ficava cobrindo nosso flanco, nos inquietávamos, porque, a qualquer manifestação dos alemães, eles largavam tudo, pois não queriam se sacrificar por uma nação e um povo que os desprezavam. Nós tínhamos que chamar uma companhia reserva para substituí-los, porque os negros tinham abandonado as posições.

Havia, também, na Itália, um Regimento composto só de descendentes de japoneses, que atuava ali nas costas do Mediterrâneo, mas ficava muito isolado. Eram nisseis americanos que combatiam muito bem. Quando nós conseguimos vencer os Apeninos e seguimos para noroeste, encontramos com esses nisseis, que ficaram surpresos quando viram descendentes de japoneses conosco também. Era só um Regimento de nisseis e é bem verdade que os Estados Unidos estando em guerra com o Japão tiveram a idéia de convocar aquele Regimento de nisseis e sanseis para a Itália, principalmente porque eram bons soldados. São aspectos da guerra que convém salientar.

Em relação aos nossos soldados em combate, foi surpreendente verificar nossa tropa, de origem multirracial, revelar a capacidade que o soldado brasileiro tem, e que é uma de suas características, de aprender com o inimigo. Desde os primórdios de nossa história, o soldado brasileiro aprende com o inimigo. Na campanha de Canudos, os soldados brasileiros aprenderam a combater na caatinga contra os beatos do Antonio Conselheiro. E na guerra foi assim; logo que entramos em combate, nos deram uma frente secundária, mas logo o comando americano, ao qual fomos incorporados, verificou que aquela tropa era muito boa, pois os alemães contra-atacaram na nossa zona de ação, mas nós resistimos ao contra-ataque.

A nossa Artilharia atuava muito bem. Os artilheiros sabem que a Artilharia tem três princípios fundamentais que são rapidez, precisão e continuidade no apoio. Infelizmente, a Artilharia norte-americana não era tão boa assim, mas temos que entender que eles também improvisaram um Exército. A nação americana achava que, tendo uma grande esquadra no Atlântico e outra no Pacífico, estaria fora de qualquer conflito no mundo. Eles tinham uma boa esquadra, uma força aérea razoável, mas não tinham forças terrestres bem treinadas, mas já eram importantes demais para ficar fora de um conflito daquelas proporções. Os jovens atenderam ao chamado da pátria, tiveram uma instrução de combate muito rápida e, assim, pagaram um preço de sangue muito pesado. Os americanos não tinham, também, aquele jeito brasileiro de se furtar à ação do inimigo.

Eu atuei como observador avançado e acompanhando o desempenho de uma patrulha de Pelotão, seja comandada por um sargento ou então pelo comandante de Pelotão. Os alemães costumavam dizer: "A gente não entende esses brasileiros, abrimos fogo em cima deles e eles somem feito coelhos e, quando nos damos conta, já estão chegando perto de nós." Isso já está em nossas origens.

Também nunca vi um soldado brasileiro maltratar um prisioneiro ferido alemão; se estava ferido, era logo levado para os primeiros curativos e depois conduzido ao hospital. O prisioneiro não era maltratado, mas os alemães ficavam surpresos com isso, porque achavam que aquela tropa de latino-americanos iria matá-los ali.

Numa ocasião, um homem de negócios da Alemanha, dando entrevista nos Estados Unidos, disse que era um oficial das forças alemãs, que tinha sido capturado por tropas brasileiras e pensou que iria ser degolado, mas foi bem tratado; foi para o primeiro interrogatório, depois para o segundo e por último foi entregue aos norte-americanos, sem que tivesse sofrido qualquer maus-tratos.

Quando estava sendo entrevistado, ofereceram-lhe um café e ele disse que preferia um café do tipo brasileiro, lembrando aquele episódio da guerra, quando era prisioneiro e foi levado a uma casa à retaguarda e lá entrou um oficial brasileiro, falando fluentemente o alemão, fazendo as perguntas de praxe nos interrogatórios.

De acordo com a Convenção de Genebra, o prisioneiro só pode dizer a identidade e a nacionalidade, não sendo obrigado a declarar a que Unidade pertencia e outros detalhes.

Sendo o brasileiro um latino-americano, ele lembrou daqueles filmes onde apareciam mexicanos que vinham com seus prisioneiros, que iriam ser degolados. Aí entrou um soldado com uma bandeja de café e ofereceu a ele. Então ele disse que sempre tomava o café do jeito brasileiro. Depois foi entregue, como era a regra, para os americanos, dentro do campo de concentração. Fez uma pausa na entrevista e

disse: "É, os americanos não eram tão gentis assim!" Esse fato ocorreu com um alemão contando e ainda por cima nos Estados Unidos. Bem, assim era o soldado brasileiro, aprendia com o inimigo.

A verdadeira escola de um combatente de Infantaria é a patrulha. Nós fomos levados para uma frente bastante ampla e para uma situação de combate em montanha sem ter nenhuma instrução especializada, mas o nosso soldado de Infantaria aprendeu logo esse tipo de combate com o inimigo.

A nossa Artilharia também era muito precisa, muito rápida e aprendeu como ajustar o tiro nas montanhas, ganhando um respeito muito grande por parte dos americanos e, sobretudo, por parte dos alemães. Os alemães "puxavam a brasa para sua sardinha", dizendo que a nossa Artilharia se louvava em regulamentos alemães. De fato, nós tivemos aqui uma Missão Francesa e também alguns alemães, mas na verdade a nossa tropa era muito bem treinada e com uma capacidade incomum de se adaptar a situações, como a guerra de montanha, para a qual não recebemos treinamento nenhum.

A 10ª Divisão de Montanha dos Estados Unidos tinha um preparo físico excepcional; seus soldados passaram por um treinamento físico nos Estados Unidos, nas montanhas do Alasca, e depois foram combater na Itália. Eram combatentes realmente corajosos, mas que não tinham se adaptado muito bem à guerra de montanha, embora pertencessem a uma Divisão de Montanha. Como dizia o pracinha brasileiro, eles morriam à toa. Por exemplo, quando as metralhadoras alemãs atiravam em nossos soldados, no Pelotão de patrulha, eles se separavam; já os americanos se juntavam, e aí o combatente alemão experimentado usava um morteiro. Eles ficavam em uma daquelas ravinas, vinha a granada de morteiro e derrubava três, quatro de uma vez só.

A Artilharia americana pecava pela imprecisão, e, freqüentemente, a nossa Artilharia tinha que transpor os seus fogos para salvar a situação deles. Agora, nada interferia na coragem daqueles homens, porque eles foram combatendo em vários lugares e situações e fizeram uma boa dupla conosco. Quando chegaram no Vale do Pó, já tinham perdido muitos oficiais e praças, e muitos deles morreram, principalmente, na conquista do Morro Della Torraccia, enquanto os brasileiros atacavam o Monte Castelo.

Muitos outros só não morreram porque a nossa Artilharia transpôs os seus fogos para apoiá-los. Em outras ocasiões, também ajudamos os americanos, mas cabe lembrar, mais uma vez, a 10ª Divisão de Montanha, uma Divisão altamente bem treinada, cujos homens tinham um preparo físico excepcional, mas não tinham aquela "catimba", característica do soldado brasileiro.

Eu me lembro que depois da conquista de Monte Castelo, quando fomos combater na região de Pietra Colora, eu estava atuando como observador avançado junto a uma tropa do 11º RI e recebi um aviso de que um Grupo de Artilharia americano, não me lembro ao certo qual, entraria em apoio ao nosso grupo. Pedi ao oficial-de-ligação para dispensar aquela oferta, porque eu sabia que eles poderiam atirar em cima de nós, como já tinha acontecido muitas vezes. E tratei de avisar ao comandante da Companhia: "Vamos recuar alguns metros e nos abrigar, porque daqui a pouco vão atirar lá no lugar onde nós estaríamos", e não deu outra. É porque eu já podia me considerar um observador avançado com muita experiência e sabia que quando aquele Grupo de Artilharia norte-americano atirava, era granada que vinha para todo lado. Felizmente, não estávamos lá na frente, senão viriam em cima de nós.

Além da nossa Artilharia, que atuou muito bem na Itália, a nossa Engenharia de Combate também impressionou muito bem os americanos. Foi a primeira tropa que entrou em ação da Força Expedicionária Brasileira, construindo uma ponte no Rio Sercchio, para ajudar na transposição feita pelos americanos; foi muito bem observada pelo comando de oficiais técnicos do IV Corpo de Exército, que verificaram que a nossa tropa de engenharia sabia trabalhar muito bem e com rapidez. Logo depois, no combate em zona minada, na região de Castelnuovo, a Engenharia brasileira, mais uma vez, se destacou.

Nós já tínhamos perdido alguns soldados em campo minado, examinando e retirando mina por mina, um trabalho realmente perigoso, que é abrir brecha em campo minado; portanto, o perigoso trabalho da Engenharia, na abertura de brechas, foi de primacial importância para o sucesso da operação.

Agora uma palavra sobre o nosso Esquadrão de Cavalaria Mecanizada. Era apenas um Esquadrão, mas atuava muito bem e até para nós, observadores de Artilharia, em algumas oportunidades era um problema, porque aquela gente não parava; no momento em que íamos fazer o tiro em favor deles, eles já estavam mais à frente, e então tínhamos que suspender rapidamente o fogo, mas essa é uma das características da Cavalaria, grande mobilidade.

A tropa brasileira contava com um Serviço de Logística que funcionava muito bem; o Serviço de Saúde, também; aqueles enfermeiros e padioleiros arriscavam a vida para salvar os camaradas feridos no campo de batalha; a nossa Intendência assegurava nossos suprimentos, enfim, toda a tropa brasileira agia harmonicamente.

Assim, fomos combatendo naquela região da estrada Pistóia-Bologna. Foi a época da patrulha, que é a verdadeira escola do soldado de Infantaria. Foi ali que começamos a treinar e a conhecer o inimigo, com as nossas patrulhas de pelotão, de reconhecimento e algumas até com a participação de observador avançado de Artilha-

ria. Vou citar um caso. Eu fui chamado para ir a um lugar chamado Ponte Silla, onde encontrei o Tenente Bicudo com o Pelotão dele. A missão era progredir em uma determinada área, atacar três pontos fortes do inimigo e fazer prisioneiros, se possível.

Parece que houve uma mudança e tivemos que organizar uma patrulha de combate, na qual eu seria o observador avançado. O oficial do Estado-Maior fez uma bonita exposição, de como deveria atuar uma patrulha de combate, mostrou o quadro e ao concluir perguntou: "Alguma dúvida?" Eu não me manifestei, mas um companheiro de Infantaria levantou o braço e disse: "Será que os alemães estarão de acordo?" Todos nós rimos e saímos para cumprir a missão, e de fato a cumprimos muito bem. Eram pontos fortes alemães e a nossa Artilharia concentrou os fogos em três alvos, para que os alemães se protegessem em um abrigo; depois foi suspenso o fogo e mantido o chamado tiro de manutenção; atiravam uma granada ou outra, enquanto assaltávamos e aprisionávamos todos os alemães dentro do abrigo e os retirávamos logo, porque os alemães atiravam, mesmo sabendo da existência de prisioneiros deles mesmos. Enfim, conseguimos sair daquela e cumprimos diversas outras missões na guerra; a tropa foi se adestrando cada vez mais, aprendendo a combater na montanha, porque não tivemos nenhuma instrução de guerra de montanha e fomos aprender na dura realidade da guerra.

A guerra é a iniciativa do tenente, a agressividade do sargento e a confiança do soldado na missão que estavam cumprindo; assim nós combatemos e saímos de duros combates em Montese, seguindo depois para o norte.

Embora a guerra seja coisa séria, é interessante que eu relate uma passagem divertida.

Depois da tomada de Monte Castelo e de Montese, a nossa tropa partiu, rapidamente, para o Norte da Itália a fim de fazer uma conversão à esquerda e interceptar uma tropa inimiga que estava marchando na direção sul-norte. Naquela época, falava-se muito no Vale do Pó, e a idéia que se tinha era de que, se chegássemos ao Vale do Pó, a guerra terminaria e voltaríamos para casa. Naquele momento em que se marchou para a frente, os caminhões, transitando por aquelas estradas de terra, levantavam muita poeira e um pracinha nosso falou: "Puxa, se aqui já tem toda essa poeira, imagina quando a gente chegar ao Vale do Pó?"

A verdade é que havia em nossa tropa um sentimento de solidariedade e de camaradagem; um soldado nosso jamais abandonava um ferido na "terra de ninguém"; no alto do Soprassasso, um tenente tinha perdido três feridos, fez uma patrulha de reconhecimento, tentou várias vezes, os alemães cruzavam fogos em cima da tropa, até que veio a ordem para desistir e deixar lá aqueles feridos, que poderiam até já estar mortos. Mas o tenente descumpriu a ordem. Todos os soldados

do Pelotão concordaram e foram lá, ao cair da noite, se infiltraram e resgataram os camaradas feridos. Havia um sentimento grande de solidariedade, talvez porque estivéssemos longe da Pátria, talvez porque possuíssemos, bem acentuado, o senso do dever e, sobretudo, o espírito de camaradagem.

Nos combates de Colecchio e Fornovo, o Comandante do IV Corpo de Exército, evidentemente, procurava beneficiar as suas Divisões – a 10ª Divisão de Montanha e, também, a 36ª Divisão, que era me parece, oriunda do Texas. Estávamos incorporados ao IV Corpo e tínhamos como emblema uma cobra fumando e o pessoal do Texas, uma cabeça de touro. Os nossos pracinhas diziam que aquilo era uma cabeça de vaca e os texanos não gostavam.

Naquela época, o comandante do IV Corpo, possivelmente protegendo uma de suas divisões, lançou num eixo em direção ao Vale do Pó a 36ª Divisão e nós seguimos na esteira desta Divisão, para cobrir o flanco. Acontece que, nessa cobertura de flanco, a nossa Divisão infletiu para noroeste e cercamos toda uma Divisão alemã, reforçada por um grupamento Panzer e mais um destacamento de tropas fascistas italianas. Nós tínhamos ali apenas um pouco mais da metade de nossa Divisão. Foi aquilo que eu chamo de um grande blefe, porque eles pensavam que nós éramos muitos, até porque nós, também, não sabíamos que eles eram tantos. A manobra, muito bem desencadeada, constituiu-se num grande sucesso.

O nosso Oficial de Operações era o Tenente-Coronel Castello Branco, Oficial de Estado-Maior de alto nível, que pensava muito bem sobre a guerra. A prisão daquela Divisão alemã, com um grupamento de uma Divisão Panzer e mais um Destacamento de fascistas italianos, foi uma grande vitória. Não sei se eles se arrependeram na hora da rendição, porque nós éramos muito poucos em relação a eles, mas, mesmo assim, apreendemos carros blindados e muito armamento.

Foi na manobra de Colecchio e Fornovo que os americanos nos atribuíram a mais difícil missão. Apesar disso, conseguimos a maior glória, porque aquela conquista teve uma repercussão enorme.

Agora, falarei mais um pouco sobre Montese. Depois da conquista de Monte Castelo, prosseguimos rumo ao norte da Itália. Havia um ponto forte inimigo na cidade de Montese. À nossa direita, estava atacando, também, a 10ª Divisão de Montanha dos Estados Unidos, com o apoio da nossa Artilharia. Para os alemães, era muito importante assegurar a posse de Montese, e, por isso, estavam muito bem entrincheirados. Eu fui Observador Avançado na 7ª Companhia do 11º RI. Foi um combate renhido mas, naquela altura da guerra, a nossa Infantaria estava muito bem treinada, conhecia os hábitos do inimigo e sabia como eles agiam. É importante conhecer o inimigo. O ataque a Montese foi, realmente, difícil; foi um combate

sangrento, mas mesmo assim, na tarde do mesmo dia, um tenente tomou a iniciativa e atingiu Montese, prendendo os alemães lá dentro. Mas, como Montese era parte de um conjunto defensivo, o combate se prolongou para o dia 14 de abril, passou de 14 de abril para a noite do dia 15 e de 15 para 16. Tomamos a cidade mas não tínhamos conseguido conquistar, ainda, os pontos mais altos. A conquista, não só da cidadela de Montese, mas também daquelas elevações, dependia muito de nós, para que a 10ª Divisão de Montanha pudesse progredir no eixo de ataque. Esse grupamento do 11º RI foi substituído por um Batalhão do 6º RI, porque tinha sofrido muitas baixas, e assim prosseguimos no combate. Como já disse, a conquista final de Montese teve uma repercussão enorme, porque com a posse da cidadela e dos pontos mais altos abrimos caminho para a ofensiva do IV Corpo de Exército. No entanto, pagamos ali um alto preço de sangue, com muitos mortos e feridos.

Sobre a Infantaria, a parte mais importante da nossa apreciação permite destacar a sua extraordinária capacidade de se adaptar às situações inusitadas. Pude observar o alto sentido de camaradagem e o fato de nunca se juntarem todos na hora da cobra fumar; eles se espalhavam e isso confundia o inimigo. Outro atributo que revelavam era a coragem. Nenhum combatente nosso deixava um companheiro ferido na frente; ia resgatar mesmo, em qualquer lugar e situação. Assim foi no Soprassasso e em Montese. Além disso, havia aquela confiança do cabo e do soldado no sargento e a do sargento no Tenente Comandante do Pelotão. Sabiam que estavam sendo bem comandados e que não estávamos combatendo inutilmente. Eram parte de um sistema muito bem pensado, bem elaborado, instintivamente bem elaborado, e que considerava a capacidade do homem brasileiro de se adaptar a situações novas. Fomos combater nas montanhas sem ter conhecimento desse tipo de operação e nos saímos bem.

É interessante ressaltar uma passagem da guerra, envolvendo o Cap João Tarcísio Bueno, que era do 11º RI. Quando ele embarcou de Minas para o Rio de Janeiro, para a concentração da tropa que ia para guerra, na hora em que ia saindo de casa e se despedindo da esposa no portão, ela disse ao ordenança dele: Fulano (eu não me lembro o nome), cuide bem do João. E lá foram para a guerra. Em um combate durante a transição do outono para o inverno, a noite estava chuvosa e fria e congelava as poças d'água que se formavam. Pois bem, durante uma missão de ataque, o Capitão, que era um homem corajoso, que se expunha e dava o exemplo, foi ferido e caiu em uma vala; os alemães cruzaram fogo ali em cima e os nossos tiveram que recuar. Foi enviada uma patrulha para resgatá-lo, mas os alemães continuavam atirando e não dava para chegar; pensávamos que ele até já estivesse morto e, em todas as patrulhas, o ordenança dele ia junto; veio a ordem de suspen-

der as buscas, mas o ordenança não cumpriu a ordem; saiu pela noite adentro e ninguém conseguiu segurá-lo; entrou na escuridão da noite pelo terreno lamacento, foi rastejando e encontrou o Capitão ferido e tirou-o de lá vivo, colocou-o nas costas e levou-o para as nossas linhas. Dessa forma, ele foi salvo e voltou para o Brasil bastante ferido; ficou parcialmente inutilizado, mas quando eles saíram de São João Del Rei e a esposa disse para o ordenança tomar conta do João, ele prometeu que iria fazê-lo. E quando suspenderam as buscas, ele não desistiu e acabou achando o Capitão dentro de uma vala de lama fria e o trouxe nas costas.

É bem verdade que nós estávamos combatendo em terra estranha e o sentimento de união aparece mais, mas foi um ato belíssimo, um exemplo marcante. Nenhum dos nossos, oficiais e praças, deixava feridos no campo de batalha, fazendo tudo para trazê-los de volta. Havia, então, um sentimento de camaradagem muito forte.

Os soldados brasileiros se comportavam muito bem, também, perante a população civil.

Era a tropa mais bem vista pelos italianos e, depois da guerra, muitos lá retornaram e sempre foram muito festejados. Eu mesmo lá voltei com minha esposa, muitos anos depois. Ela também quis ir e visitamos aqueles lugares todos na estrada que passa por Pistóia-Bologna; Lizzano; nas áreas de Castelnuovo e no meu Posto de Observação (PO). Depois, estive na região de Monte Castelo também e, em todo lugar em que encontrávamos italianos, eles só elogiavam os brasileiros.

Em seguida, visitamos Montese, onde me lembrei daquele combate sangrento. Quando entrei em Montese no dia 13 de abril, cerramos à frente; no dia 14, quando iniciamos o ataque, eu estava na 7ª Companhia do 11ºRI, combatemos durante o dia inteiro e os alemães se defendiam com a máxima energia; depois, a 7ª foi substituída pela 6ª Companhia do 11º e o Observador Avançado não sai, ele continua lá. Do dia 18 para o 19, a tropa foi substituída e eu continuei também, até que dei uma bobeada e os fogos inimigos me acertaram. Então, saí de lá de maca, mas já estávamos ocupando as alturas de Montese e a missão havia sido cumprida.

Em relação ao Serviço de Saúde e atendimento médico, até onde pude observar, havia uma confiança absoluta nos médicos e enfermeiros que estavam no Batalhão. Eles atendiam rapidamente debaixo de fogo, na neve ou na lama, estavam sempre muito atentos e trabalhando muito bem. No hospital onde atuavam, nossos médicos gozavam de um conceito muito grande. Havia até um cirurgião que era professor de uma universidade brasileira quando foi convocado. Era um profissional extraordinário. Foi convocado como major e depois foi promovido a tenente-coronel. Introduziu uma nova técnica de cirurgia de campanha, que os americanos procuravam observar toda vez que ele operava; enfermeiras e médicos iam assistir para

aprender. Tratava-se do Professor Alípio Corrêa Neto, admirado pelos americanos, o que foi uma honra para nós, brasileiros.

E agora eu me lembrei que, ali perto da 3ª Bateria, havia uma casa de italianos onde morava com os avós um menino chamado Alessandro, um italianinho que estava com uma hérnia a ponto de estourar. A casa ficava um pouco atrás das nossas baterias e a nossa presença era muito boa porque tínhamos remédios, comida e tudo o mais. Meu Capitão Comandante de Bateria viu o menino e se condoeu do mesmo. À noite, colocou-o num jipe e o levou para o Hospital Militar, mesmo sabendo que lá só os militares eram atendidos. Entrou pelos fundos das barracas e lá estava o Professor Alípio Corrêa Neto, pronto para operar o menino Alessandro, que ficou escondido, para evitar os médicos americanos.Todos sabiam que o garoto estava ali, mas fingiam que não viam. Depois levaram o Alessandro de volta para casa curado; só mesmo os brasileiros para fazerem isso. Pois é, o nosso Serviço de Saúde trabalhava muito bem, tanto os médicos, como enfermeiros e padioleiros que iam até a frente para salvar algum companheiro. O nosso Serviço de Saúde foi muito bem na guerra, não só pela sua competência, mas também pela coragem que sempre evidenciou.

No que se refere ao Serviço Religioso, cada Unidade tinha o seu Capelão Militar e, em Regimentos maiores de Infantaria, além do Capelão Católico, havia o Capelão Protestante, que chamam de evangélico; todos atuaram muito bem, para dar apoio moral à tropa, até mesmo a extrema-unção a quem estivesse morrendo; cumpriram, eficientemente, a missão de que estavam investidos.

Depois da vitória nos Apeninos, fomos até o Vale do Pó, com a poeira daquela estrada, como já relatei. Naturalmente, o IV Corpo de Exército não nos dava os melhores eixos. Favoreciam as divisões americanas e foi graças a isso que obtivemos uma vitória estrondosa veiculada em todos os jornais da Europa e dos Estados Unidos. Interceptamos a marcha daquela Divisão alemã, reforçada por um grupamento de fascistas italianos e por um grupamento da famosa Divisão Panzer, que tinha combatido no Norte da África, sob as ordens do General Rommel. Eles tentaram romper o cerco várias vezes, não conseguiram e, no fim, resolveram se render. Quando se apresentaram, havia toda aquela grande quantidade de canhões, carros de combate, munição e um efetivo muito grande, até maior que o nosso, comandados pelo General alemão Fretter.

Naquele episódio ocorreu a famosa marcha da 1ª Bateria nos combates de Colecchio e Fornovo. O Grupo de Artilharia, que hoje é o Grupo Bandeirante, descentralizou a ação de suas baterias: a 1ª e a 2ª Baterias em apoio direto ao 6º RI, sendo que a 1ª Bateria recebeu ordem de apoiar o 2º Batalhão do 6º RI. A 3ª Bateria ficou sobre rodas, aguardando ordens. Eu era o seu Oficial de Reconhecimento e recebi a missão de

reconhecer o trajeto para orientar o deslocamento da 1ª Bateria. Fui até lá e cumpri a missão me esgueirando no jipe. Já era noite quando vimos o caminho e, então, verifiquei que havia muitos alemães cruzando as estradas, outros que seguiam em frente e depois saíam para a direita, e inclusive observei alguns carros blindados.

Então voltei, encontrei o Tenente Sérgio Faria Lemos da Fonseca, que estava no comando interino da 1ª Bateria, e disse a ele: "Olha, fiz o primeiro reconhecimento, mas a estrada está muito transitada por tropas inimigas, inclusive tropas motorizadas e blindadas." Mas a missão da 1ª Bateria era prestar apoio, chegar no clarear do dia e estar em condições de entrar em ação. O Tenente comandante era interino, porque o Capitão estava baixado ao hospital. Ele deu as ordens, coluna cerrada, silêncio absoluto, luzes apagadas, ruído nenhum, proibido acelerar a marcha e saímos. Eu fui à frente, para mostrar o caminho, e o Tenente foi atrás deslocando a Bateria por lanços. A noite apresentava uma certa claridade por causa da Lua. A nossa sorte foi que, ao longo da estrada, havia, em vários trechos, renques de árvores, e pudemos progredir, de lanço em lanço aproveitando as sombras das árvores e vendo passar o inimigo, sendo que uma parte dele era de tropas motorizadas. O Comandante da Bateria notou que, geralmente, eles só olhavam para à frente e não olhavam para trás; então, fomos atrás deles nos escondendo, graças a essa particularidade.

No combate de Colecchio e Fornovo a atitude decisiva e corajosa do Tenente Faria Lemos permitiu que, antes de clarear o dia, a Bateria já estivesse pronta para abrir fogo, com o Tenente Faria Lemos se apresentando ao Major Henrique Cordeiro Oest, Comandante do Batalhão, pronto para dar o apoio necessário da Artilharia. Não sei se teria sido a mesma coisa, caso estivesse ali um capitão, pois tenente, pela própria idade, é sempre mais arrojado e impetuoso.

Agora vou falar sobre um episódio curioso, que é o da ponte do Diabo, onde fui personagem, porque recebi uma ordem para fazer um reconhecimento naquela região de Barga, no Rio Serchio, numa estrada que vai margeando o rio de jusante para montante, até terminar em uma ponte de pedra, com um arco de pedra e as bordas, também, de pedra.

Encontrei lá uma Bateria que, igualmente, estava querendo passar para o outro lado e seu comandante me perguntou: "Resstel, você sabe onde há uma ponte para atravessar para o outro lado? Tenho que cumprir uma missão lá em Barga." Eu disse que não sabia, mas que talvez existisse uma ponte por ali; vi, lá longe, uma fumacinha, na casa de um morador local, que deveria saber; aí, saí de jipe, com meu sargento auxiliar e o cabo motorista, fui até lá e encontrei um italiano cortando umas árvores e perguntei se ali tinha alguma ponte que passasse para o outro lado

do Rio Sercchio. O italiano respondeu que não havia outra, a não ser aquela, onde os alemães estavam atirando. Mas, o italiano disse que poderíamos passar sem susto, porque os alemães não iriam acertar na ponte, porque aquela era a ponte do Diabo.

A lenda dizia que foi construída no início da Idade Média, portanto, era uma ponte muito antiga, e que o arquiteto não conseguiu fazer o arco da ponte. Então, pediu ajuda do Diabo e o Diabo disse que iria ser o dono daquela ponte, que nunca seria demolida, passando a se chamar ponte do Diabo. Com essa informação, voltei e disse ao Tenente Siomir Porto que poderia passar por lá, porque não havia perigo de a ponte ser atingida por uma granada. E ele perguntou: “Como é que você sabe?” “É que essa é a ponte do Diabo”, eu respondi. O italiano falou que o Diabo não deixa derrubar a ponte; então vamos passar. Aí foi feita toda aquela manobra: passava a viatura tratora, depois, desengatava o canhão e o levava a braço para o outro lado repetindo a operação, porque as bordas, também, eram de pedra. Os alemães intensificaram os tiros e as granadas passavam perto dos capacetes dos soldados que estavam nos canhões e explodiam lá em baixo, no leito do rio que era pedregoso e com pouca água. Toda a Bateria passou na ponte, protegida pelo Diabo; depois ficamos sabendo, num povoado ali perto, que os alemães demoliram todas as pontes da região, menos aquela. Mas, entre os moradores, corria o boato que os alemães tinham mandado um caminhão com pessoal de engenharia, com dinamite para demolir aquela ponte, depois de já terem demolido as outras, mas que, antes de chegar na ponte do Diabo, passaram perto de um grupo de casas e, não se sabe como, o caminhão explodiu. Supunham, ali na época, que talvez tivesse sido uma granada da Artilharia brasileira que caíra em cima do caminhão. É impressionante que, com aquela artilharia, eles intensificaram o tiro, com toda aquela precisão que o artilheiro alemão possuía, mas não acertaram a ponte, nem quem a estava atravessando.

Depois da guerra, quando voltei à Itália, fui visitar a ponte do Diabo, que ainda estava intacta, mas a minha mulher disse que não passaria na ponte do Diabo, sem antes fazer uma oração, para se precaver. Lá do outro lado havia uma capelinha. Depois, fomos até Barga, onde um arquiteto, que hoje trabalha aqui no Brasil, puxou conversa com a dona de um restaurante, muito atenciosa, e perguntou se ela se lembrava do tempo da guerra. Ela disse que lembrava dos “brasilianos” e fez os maiores elogios a todos nós. Disse que, na guerra, ocorreu muita pilhagem, mas os brasileiros jamais participaram, quer dizer, não foram chacais, em vez de pilhar, só ajudavam; este é um depoimento de uma pessoa que não sabia que eu, minha mulher e o engenheiro que nos acompanhava éramos brasileiros. Então, ele disse que ali estava um casal brasileiro, cujo senhor havia combatido naquela região e a italiana começou a chorar e a nos abraçar, não querendo nem cobrar o almoço.

A tropa brasileira se comportou muito bem na Itália, em relação à população civil, quando era costume ver outros saquearem e roubarem. Olha, eu vi soldado nosso passar fome, para dar sua ração de combate para criança com fome na beira da estrada. Nós tínhamos a ração de campanha e a ração de combate. Essa ração de combate era composta de três caixas que colocávamos no bornal com o café, o almoço e o jantar. Nós recebíamos aquelas caixas e não nos orientavam como utilizar, porque as recomendações estavam escritas em inglês. O nosso pracinha pegava aquilo, com um pacotinho de café solúvel, um de sopa solúvel que, aqui no Brasil, nós não conhecíamos, uma latinha de queijo, uma outra de *corned beaf*, que não tinha gosto nenhum, ou melhor, tinha gosto de papel. Aquela sopa virava uma gosma e o nosso pracinha que não sabia inglês achava que aquela sopa em pó era o tempero da carne e que, assim, a carne ficaria muito saborosa; só que até os americanos jogavam fora o *corned beaf* e não tomavam aquela sopa; eles aprenderam conosco que, juntando as duas, ficava até bom. Afinal, foi o soldado brasileiro que acabou ensinando o americano a comer a sua própria comida.

O soldado brasileiro, em todas as guerras, sempre teve muita engenhosidade e uma boa maneira de iludir o inimigo, fazendo que vai por um caminho e indo pelo outro e, sobretudo, demonstrou um sentimento muito forte de camaradagem; todo mundo se ajudava mutuamente, e a nossa Infantaria atuou muito bem, porque a guerra é uma situação de feitos em que o homem vai treinando e aprendendo. Os americanos tinham a 10ª Divisão de Montanha, com aqueles soldados excepcionais, todos atletas, mas que recebiam tiros do inimigo e se juntavam dentro de uma ravina; aí, os alemães usavam muito bem o morteiro. Já o brasileiro, quando o alemão abria fogo, se espalhava, e às vezes até fazia uma brincadeira: "Hei! O jacaré não te abraçou desta vez?", coisa de soldado nosso, mas sempre num sentido de solidariedade muito forte. Eu sei que, de combate em combate, fomos cumprindo bem a missão, ganhando um renome para o nosso País e o nosso Exército.

O próprio Primeiro-Ministro da Inglaterra, Winston Churchill, não perdia oportunidade para nos elogiar e, freqüentemente, falava dos brasileiros que estavam combatendo nas montanhas da Itália, e mais, como já afirmei, nós nunca tivemos instrução em guerra de montanha; fomos aprender combatendo na montanha, com o inimigo.

Quando ficamos naquela frente, guarnecendo a estrada Pistóia-Bologna, uma via estratégica muito importante, ficamos fazendo patrulhas e, então, observamos como os alemães agiam e aprendemos com eles. A nossa Engenharia trabalhou muito bem, levantando campo minado, e foi a primeira tropa da FEB a entrar em ação, construindo pontes. Os americanos verificaram que a nossa Engenharia era realmen-

te muito eficiente, inclusive depois da missão cumprida de levantar campos minados, na região de Castelnuovo.

Ali tivemos baixas por culpa do Comandante do IV Corpo de Exército, apesar de eles nos tratarem muito bem. Mas, no ataque a Castelnuovo, numa ação muito bem planejada, com a fixação de uma parte e o movimento pela outra, o Comandante do IV Corpo quis coordenar a ação da tropa brasileira com a deles, a 10ª Divisão de Montanha, que estava no outro lado. Acontece que o nosso pessoal já estava a caminho de nossa base de partida, quando recebemos ordem de suspender o movimento e, aí, os alemães resolveram usar todas as armas de que dispunham, concentrando seus fogos na gente.

Um outro fato na guerra e que eu, também, gostaria de relatar, sucedeu quando eu estava em meu Posto de Observação, em frente ao Castelnuovo, uma espécie de Pão de Açúcar. Eu era o Observador Avançado deste grupamento, quando veio o Natal e nevou muito, o terreno ficou todo branco e não se via, nem ouvia nenhum tiro de artilharia. Havia uma casa arrebentada em uma contra-encosta, onde a gente se abrigava. Como eu era Observador Avançado, ficava no meio do dispositivo do Pelotão de Infantaria, para observar os tiros. Na véspera de Natal, fazia um frio intenso, o terreno coberto de neve e um soldado nosso que ficava na frente, de sentinela, veio falar comigo. "Senhor Tenente, eu ouvi algum barulho, uma zoeira lá no lado dos tedescos." Fui mais à frente e lá estavam os alemães cantando a música *Noite Feliz*, que é uma canção universal; em breve, começaram a chegar alguns soldados nossos para observar e um deles começou a cantar também; aí, todo mundo cantava junto, sendo que, no dia seguinte, um estaria tentando matar o outro. Quando chegou a passagem do ano, eu avisei a todo o pessoal: "vamos nos abrigar em um buraco, porque vão festejar o ano novo em cima de nós e nós em cima deles." Justamente, quando chegou a meia-noite, com todo mundo ali, a Artilharia abriu fogo do lado de lá e do lado de cá.

Esses e outros fatos semelhantes ocorreram lá na Itália, onde a tropa mais bem-vista era a brasileira, porque nós tínhamos um jeito diferente de tratar os italianos, já que em nosso contingente havia um bom número de descendentes de italianos; mas a própria Itália, também, se divide muito entre os calabreses, os napolitanos e o pessoal do Norte, que não gosta do pessoal do Sul. Mas nós nos dávamos bem com todos eles, apoiando-os sempre que podíamos.

Houve um outro episódio engraçado com um Tenente aqui de Ribeirão Preto. Quando os alemães recuaram e nós começamos a procurar o contato, esse Tenente foi, com o Pelotão dele, fazer um reconhecimento, seguindo a esteira alemã, para saber onde estavam, num local que seria uma aldeia. Quando se aborda uma área

edificada, é preciso fazê-lo com jeito; normalmente, o comandante de Pelotão vai com um grupo de combate no centro e os outros envolvem o do centro. Acontece que quando os alemães abandonaram a região, aquela gente simples, italianos que só viviam do trabalho, ficou apreensiva com a chegada dos brasileiros. É que os alemães disseram que, na tropa de brasileiros havia negros que comiam criança, que pegavam o *bambino* pela perna, jogavam para cima e estocavam na baioneta; depois, bebiam o sangue e assavam. Dizer isso para italianos simplórios como aqueles, provocou um grande apavoramento quando souberam que vinham brasileiros. O tenente entrou em formação de combate e não ouviu barulho nenhum, não viu ninguém e deduziu que poderia haver alemães por ali. Assim, mandou um grupo de combate desbordar pela direita e outro pela esquerda e ele foi pelo centro; quando chegaram na rua principal, perto da igreja, lá estava o padre com um crucifixo e as pessoas todas ao lado. Eles tinham escondido as crianças no porão das casas, com a recomendação para que não fizessem barulho, porque chegariam uns negros brasileiros que comiam *bambinos*. O ordenança do Tenente era um negrão forte e muito bem armado, sempre pronto para defender seu comandante. Ele viu que o padre estava com um crucifixo na mão, junto aos homens e às mulheres, mas não viu crianças. Então, foi caminhando, querendo saber quando os alemães tinham passado lá, mas, quando se aproximou, o padre levantou o crucifixo, as mulheres começaram a se ajoelhar, achando que iriam ser mortos e que o negrão iria comer os *bambinos*. Foi difícil convencê-los que não era nada disso. Em todo lugar onde se chega na Itália, há crianças e elas vêm correndo, porque os nossos soldados distribuíam doces. O ordenança, que era um negrão forte, com a arma na mão para defender o Tenente, olhou para os lados, não viu nenhuma criança e perguntou: "*Ué, no tiene bambino aqui?!*" Foi aquele pânico, o negrão confirmou a cisma e, até que o Tenente acalmasse os ânimos e restabelecesse a ordem, foi difícil. Tudo terminou com o negrão brincando com a criança no colo, comendo chocolate. É que aquele pessoal era muito simples, vivia para a religião e para o trabalho, e quando os alemães passaram lá dizendo que os negros brasileiros comiam criança, eles acreditaram e foram tomados de pânico.

Como mensagem final e despedida desta narrativa, nós, os veteranos de guerra, temos a firme convicção e a certeza de que as novas gerações de militares, se necessário for, serão mais eficientes que a nossa e trarão ainda mais vitórias para a honra de nosso Exército e para a glória de nossa Pátria.

General-de-Brigada Moziul Moreira Lima*

Nasceu em 12 de agosto de 1910 na Cidade de Cruz Alta – RS.

Matriculou-se na Escola Militar do Realengo em 2 de abril de 1927, tendo sido declarado Aspirante-a-Oficial em 25 de janeiro de 1932. Foi o primeiro cadete a fazer jus ao Prêmio de Valor Militar concedido àquele mais destacado no aproveitamento das matérias profissionais.

Recebeu a Espada-Prêmio das mãos do Presidente Getúlio Vargas e que hoje encontra-se no Museu da AMAN, por iniciativa do seu Comandante.

Freqüentou o *Estágio Advanced 32* da Escola de Infantaria do Exército dos Estados Unidos, em 1945.

Cursou a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército Brasileiro, entre 1946 e 1948; depois foi Instrutor-Chefe e Chefe de Ano da ECEME.

Possui o curso de Comando e Estado-Maior das Forças Armadas, realizado em 1956.

Titular da Cadeira de Mercadologia da Escola Superior de Administração e Negócios, a ESAN – SP.

Delegado do Brasil e membro do Conselho Geral da *Fédération Mondiale dês Anciens Combattants*, sediada em Paris.

Foi Diretor de Redação do *Diário Popular* e do *Popular da Tarde* durante vinte anos.

Por sua participação na Segunda Guerra Mundial recebeu as seguintes condecorações:

Cruz de Combate 2ª classe, Medalha de Campanha, Medalha de Guerra, *Croce al Valore Militare*, da Itália.

---

* Chefe da 1ª Seção do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria, entrevistado em 26 de abril de 2001.

Acho indispensável fazer um comentário sintético sobre as condições, particularmente difíceis, nas quais foi decidida a criação e a organização da Força Expedicionária Brasileira. Condições contraditórias, uma vez que o Brasil, desde a implantação do Estado Novo, em novembro de 1937, obedecia a um governo de tendências nazi-fascistas e íamos nos preparar para uma guerra a favor da Democracia.

Até 1941, a simpatia do nosso governo pelos países do eixo Roma-Berlim era indisfarçável. Somente em janeiro de 1942, depois do bombardeio de Pearl Harbor, rompemos as relações com os países do Eixo e, em agosto do mesmo ano declaramos guerra aos que torpedearam os nossos navios mercantes, provocando a morte de centenas de concidadãos em nossas costas.

Tínhamos aprendido com os nossos instrutores da Missão Francesa e com as lições da História que a guerra é uma luta entre duas vontades.

A partir da declaração de guerra aos países do eixo, urgia mobilizar a vontade do nosso povo e principalmente a vontade dos nossos soldados no sentido de combater e destruir os que até as vésperas tinham sido tratados como amigos, merecedores até de estátuas, como por exemplo, a do aviador italiano Carlos del Preste, ainda hoje existente numa das principais avenidas da nossa capital.

Cabe completar o esclarecimento, lembrando da Quinta-Coluna infiltrada até mesmo em nossas fileiras, empenhada em criar obstáculos ao nosso esforço de guerra.

Neste clima de dificuldades, foi aprovada a idéia da participação de nossa tropa na guerra da Europa e, por via de conseqüência, a criação da Força Expedicionária Brasileira.

Na ocasião eu era Comandante da 4ª Companhia do 2º Regimento de Infantaria, sob o comando do Coronel Tristão de Alencar Araripe, quando fui chamado ao seu gabinete em junho de 1943 e ele me questionou se eu queria fazer um curso nos Estados Unidos, mas alertou:

– Mas é para ir para a guerra!

E eu respondi:

– Comandante, há dezesseis anos e meio o povo brasileiro me paga para fazer isso e nem preciso fazer curso nos Estados Unidos. Se o senhor publicar no boletim de hoje, eu embarco amanhã.

Era uma segunda e embarquei no sábado e, para que isso acontecesse, todas as providências foram tomadas dentro de uma semana. Como era natural, a minha família mostrou-se bastante surpreendida, mas compreendeu perfeitamente a minha atitude, pois desde criança eu tinha manifestado o desejo de ser soldado. Iria apenas, cumprir o meu dever.

Uma semana depois partimos para os Estados Unidos. A viagem naquela ocasião era feita em aviões DC-3, que só voavam durante o dia. Na primeira etapa fomos a Natal, na segunda etapa fomos a Georgetown e na última, finalmente, chegamos a Miami que naquela ocasião era apenas uma grande base aérea e quase todos os seus hotéis estavam requisitados.

Fazia parte do primeiro grupo de oficiais de Infantaria que iriam fazer o curso na Escola de Infantaria dos Estados Unidos. O Grupo era composto por dois coronéis, dois tenentes-coronéis, quatro majores e dois capitães mais antigos, entre os quais estava eu.

Logo no princípio surgiu o problema do idioma, porque vários companheiros não sabiam falar inglês e alguns, até mal informados, tinham levado apenas o uniforme de passeio. Em seguida fomos para a Escola de Infantaria, no *Fort Benning*, que ocupava uma área com vinte quilômetros de lado; dentro do *Fort Benning* havia permanentemente cem mil homens acantonados, isto porque lá se encontravam não só a Escola de Infantaria, como a Escola de Pára-Quedistas, a Escola de Comunicações e mais uma Divisão pronta para embarcar, que ali permanecia para fazer demonstrações para as escolas.

Era uma solução diferente da nossa, que tínhamos um Grupamento de Unidades-Escola, mas para eles a Divisão que estivesse mais preparada para embarcar, ia para a Escola de Infantaria e ficava fazendo demonstrações.

Fomos imediatamente apresentados ao General Comandante e este perguntou ao Chefe do nosso Grupo, o Coronel Caiado de Castro, se queríamos ser tratados como visitantes ou como oficiais americanos, uma vez que éramos o primeiro grupo a fazer o estágio e eles ainda não sabiam qual a orientação a tomar. O Coronel Caiado de Castro respondeu imediatamente que preferíamos ser tratados como oficiais americanos, o Comandante mostrou-se bastante satisfeito e quando descemos do gabinete do General, já não encontramos os automóveis, somente os caminhões que nos levaram para o alojamento.

Fomos incluídos no 3º Regimento de Alunos, sob o comando do Coronel Roosevelt que nos recebeu bem, porém secamente e fez questão de insistir que na Escola de Infantaria a norma era aprender a fazer, fazendo. Quando demos meia volta, entramos no almoxarifado e recebemos os capacetes, mochila, fuzil e todo o equipamento para começar a instrução no dia seguinte.

O curso durou 17 semanas e diariamente, às 8h da manhã, os cem mil homens que estavam no *Forte Benning* entravam em forma para começar a trabalhar e todos sabiam perfeitamente o que teriam a fazer naquele dia. Não havia questionamento, não havia vacilação, não havia a possibilidade de alguém ficar em dúvida.

Foi um grande exemplo que recebemos de organização, porque a Escola de Infantaria em um ano e meio formou 62 mil tenentes de Infantaria. O curso era uma "linha de montagem" e cada seção de instrução tinha uma equipe especializada que só fazia aquilo. Eu assisti a uma demonstração de combate em localidade, onde havia uma tabuleta: *Esta demonstração está sendo repetida pela 241ª vez*.

Terminado o curso da Escola de Infantaria, realizamos dois estágios. Eu fiz um no 423º Regimento de Infantaria da 109ª Divisão, passei quinze dias em manobra na Carolina do Norte e depois mais uma semana no *Replacement Training Center*, uma organização que não conhecíamos no Brasil. A característica do *Replacement Training Center* é que não é articulado em Unidades e Subunidades normais, tem uma Companhia de cozinheiros, uma Companhia de datilógrafos, uma Companhia de padeiros e assim por diante. O Centro forma homens por especialidades, para recompletar nas datas, conforme as requisições que forem feitas.

Depois vou citar exemplos em que tive oportunidade de fazer isso funcionar, o que aconteceu perfeitamente em plena campanha da Itália, depois do combate de Montese.

Em seguida regressamos e, como o Coronel Caiado já havia combinado comigo, fui incluído no 1º Regimento de Infantaria e ele, no dia em que assumiu o Comando, disse-nos que o recebera porque o Regimento ia para a guerra e se alguém não quisesse seguir, que o procurasse depois no gabinete. Ele só queria levar os voluntários e, infelizmente, depois dessa palestra, 32 companheiros compareceram e desistiram, mas continuaram pelo resto de suas vidas recebendo os vencimentos de profissionais do Exército.

A idéia inicial era que as Unidades da 1ª DIE fossem formadas só de elementos da região em torno do Rio de Janeiro, mas a experiência das inspeções de saúde e as informações que recebêramos dos oficiais que tinham estado no Norte da África, quanto às exigências para o combatente, obrigaram a aumentar a área de recrutamento e, com isso, começamos a receber gente de todo o Brasil, para poder satisfazer melhor as exigências.

Nessa ocasião foi organizada a FEB, a Força Expedicionária Brasileira que era composta de uma Divisão de Infantaria e um Depósito de Pessoal, diferente do que antes se planejava. A programação inicial era a organização de um Corpo de Exército, mas ficou reduzido a uma Divisão de Infantaria, cujos oficiais-generais eram o Comandante da Divisão, General Mascarenhas de Moraes, o General Zenóbio da Costa e o General Oswaldo Cordeiro de Faria.

Todo o começo daquele ano foi consumido no recrutamento e no início da instrução, com bastante dificuldade, porque não estávamos acostumados com os

regulamentos de combate do Exército americano, e nem tínhamos recebido o armamento e o material que iríamos usar em Campanha. Então continuamos trabalhando com o nosso armamento antigo e treinando o que deveria ser feito com o armamento que passaríamos a usar quando chegássemos à Itália.

No dia 31 de abril houve um primeiro desfile da FEB, ainda incompleta. Desfilamos do Palácio Monroe até a Praça Mauá e a Quinta-Coluna aproveitou a oportunidade para nos apelidar de "Ônibus Monroe-Mauá", dizendo que a única coisa que faríamos era aquele trajeto, mas embarcar, não.

No dia 24 de maio foi o primeiro desfile da FEB com todo o seu efetivo, na realidade da 1ª DIE, ao contrário do plano inicial que era de quatro divisões de Infantaria, mas naquela data desfilamos com a FEB completa e a Quinta-Coluna continuou espalhando seus boatos de que não embarcaríamos, mas continuamos a preparação com a maior tenacidade e sem vacilar.

Infelizmente, as condições dos alojamentos da tropa eram bastante deficientes, pois quartéis com capacidade para dois mil homens, alojavam mais de três mil, o que causava deficiência em conforto e dificuldade de controle. Mas aos poucos o pessoal foi-se habituando e já sabia que íamos nos sacrificar mesmo, estávamos começando a treinar para o sacrifício.

Naquele 24 de maio deu-se o último desfile da DIE e daí em diante ficamos esperando transporte para embarcar.

A 29 de junho, o General Mascarenhas e o 1º Escalão da FEB embarcaram no navio *General Mann*. O embarque foi precedido de várias manobras de despistamento. A FEB foi articulada em três grupamentos que saíram da Vila Militar para pontos diferentes e não se sabia qual deles iria embarcar. Como última manobra de despistamento, quando todo mundo esperava que o 1º Escalão fosse o designado, embarcou o 2º Escalão e os outros voltaram para os quartéis.

A viagem foi uma coisa muito difícil, porque psicologicamente a tropa ainda não estava devidamente preparada e a vida a bordo era de sacrifício. Após as cinco horas da tarde, todos éramos obrigados a nos recolher no interior do navio, para que não houvesse luz alguma que pudesse ser vista pelos submarinos inimigos. Os beliches eram estreitos, a altura entre eles era de mais ou menos meio metro e dentro dos alojamentos só existia luz vermelha, porque é a única que após ser exposto a mesma, ainda é possível enxergar à noite.

O navio era construído com divisões no sentido horizontal e no sentido vertical, composto de células e cada uma delas era dividida por paredes de aço e havia uma porta também de aço. Junto de cada porta ficava um Oficial com uma pistola na mão e se o compartimento fosse torpedeado, a ordem era fechar as portas a fim de

que ele, mesmo alagado, não impedisse o navio de continuar navegando, para que o resto da tropa pudesse ser salva.

É importante parar meio minuto para pensar na missão do oficial que permanecia metade da noite numa porta dessas com uma pistola na mão; eram mais de quarenta postos de sentinela.

Antes da tropa embarcar, três companhias, sendo que a minha foi uma delas, o fizeram na véspera e prepararam a segurança do navio, de maneira que quando o grosso embarcou nós já estávamos a bordo. Isso aconteceu no 2º Escalão, aquele no qual seguimos, mas desde o primeiro o sistema era o mesmo.

No dia 16 de julho, o 1º Escalão chegou a Nápoles e a 5 de agosto, o mesmo foi incorporado ao V Exército norte-americano. Começou a receber o armamento e a instrução para se adaptar à guerra que ia ser travada, no Teatro de Operações do Mediterrâneo.

No dia 14 de setembro foi constituído o Destacamento FEB, sob o Comando do General Zenóbio da Costa, sendo que o Comando do General Mascarenhas ficou adido ao IV Corpo de Exército até que chegasse o restante da FEB. Nesse mesmo dia o Destacamento FEB substituiu a *Task Force 45*, em uma frente de nove quilômetros, iniciando as suas operações de combate.

Em seguida houve a partida dos 2º e 3º Escalões do Rio de Janeiro e no dia 6 de outubro o restante da FEB chegou à Itália. Nessa época, o Destacamento FEB já tinha começado a operar, de maneira que quando chegamos pudemos receber dos próprios companheiros as impressões de como era a guerra. Essas impressões, infelizmente, contribuíram para que fizéssemos uma idéia errônea, porque isso aconteceu na primeira fase da Campanha. Nela os alemães estavam fazendo apenas uma ação retardadora, enquanto ganhavam tempo para terminar a organização da Linha Gótica, de maneira que a progressão inicial do destacamento FEB foi feita encontrando resistência relativamente fraca durante esse período.

Nós, que tínhamos chegado com o 2º Escalão, fomos estagiar junto às Unidades brasileiras, que já estavam combatendo na linha de frente. Nessa luta contra a ação retardadora, a FEB conquistou Massaroza, Monte Camaiore e Monte Prano, houve depois apenas um pequeno revés e logo chegou a Fornace. Aí quase todos já estavam fazendo estágio na frente.

O Destacamento FEB conquistou Barga e tentou conquistar as alturas dos Montes Quíricos e infelizmente essa tentativa terminou em revés sério e serviu-nos como um grande ensinamento. Casualmente eu estava lá, junto do comandante do I Batalhão do 6º RI, Major João Carlos Gross, meu grande amigo. A ordem fora conquistar aquelas alturas.

Era uma conquista difícil, um terreno escarpado e o Comandante do Batalhão foi comigo ao Quartel-General pedir que ficasse à disposição da Unidade, uma Companhia de muares, porque ele achava difícil levar munição e alimento quando estivéssemos lá na crista do monte. Foi prometida essa Companhia de muares, mas a mesma não nos foi fornecida e com muito sacrifício o Batalhão conquistou aquela posição.

Pela experiência que tínhamos das nossas guerras, quando escurecia as operações paravam e, conquistada a posição, o pessoal se preparava apenas para passar a noite. Pois nessa noite o alemão desencadeou um contra-ataque com uma Unidade de choque, especializada em ataques noturnos. Essa Unidade veio em cima do flanco esquerdo do nosso dispositivo e fomos tomados de surpresa, inesperadamente e sem a munição necessária.

Foi uma surpresa total, o Batalhão começou a recuar pelo flanco esquerdo e foi nessa ocasião que morreu o Tenente Pinto Duarte. Dois oficiais se atiraram por uma janela para não caírem prisioneiros, ele e o Capitão Atratino, que era o Comandante da Companhia.

O Tenente foi ferido numa perna e na barriga e não conseguia se locomover, o Atratino procurou carregá-lo, mas não conseguiu e o corpo teve que ficar insepulto naquele local.

Com esse revés ficou evidente que deveríamos nos reajustar muito rapidamente ao modo de combater de elementos que já tinham no mínimo cinco anos de experiência de guerra, enquanto estávamos começando a adquirir a nossa naqueles combates.

Para citar apenas um dado, nas nossas "guerrinhas crioulas", com o inimigo a trezentos ou quatrocentos metros a gente começava a atirar. Eu estou dizendo a gente, porque infelizmente tomei parte em algumas delas e a essa distância iniciávamos o tiro para o inimigo não chegar perto. Mas o alemão não disparava se o inimigo estivesse a mais de duzentos metros, para não gastar munição. E nós, brasileiros, depois sintetizamos como deveria ser:

"De dia atira no branco do olho e de noite atira no bafo."

Mas até aprender isso pagamos com a vida de alguns companheiros.

Aí o Destacamento FEB é dissolvido e incorporado à 1ª DIE que passou a operar no Vale do Reno, saindo do Serchio. Nessa passagem para o Vale do Reno, a 1ª DIE recebeu uma zona de ação tão larga que o Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado teve que ser reforçado com cento e cinqüenta partisans. A zona para onde fomos transferidos, foi aquela onde se desenvolveu toda a segunda fase da Campanha da FEB no Vale do Reno, disposta defensivamente contra uma linha de frente, que tinha sido preparada com grandes cuidados até a última hora.

Já era a Linha Gótica, em que as posições alemãs eram dominantes. Nas estradas por onde circulávamos, por exemplo, a estrada 64, alguns pontos notáveis, como a Ponte de Silla e outros, eram mantidos permanentemente sob a proteção de Companhias de Geradores de Fumaça, porque o alemão tinha perfeita visão sobre cada um daqueles lugares.

Uma posição realmente ingrata: nessa ocasião foram desencadeados três ataques ao Monte Castelo. Um primeiro ataque foi realizado pelos americanos, um segundo ataque com uma composição mista de tropas americanas e tropas brasileiras, no terceiro, o do dia 29 de novembro, perdemos bastante gente e, no dia 12 de dezembro, foi feita mais uma tentativa séria e sacrificada para a conquista do Monte Castelo.

Por que essa obsessão? Monte Castelo era a chave de uma linha de alturas que tinha de um lado o Monte La Torraccia e Montese, do outro, Castelnuovo. Nessa linha de alturas, a experiência depois mostrou que, na verdade, tratava-se da última linha na qual os alemães podiam oferecer resistência à nossa descida para o Vale do Pó.

No ataque do dia 12 de dezembro atuou o 1º Regimento menos um Batalhão, que estava em outro destacamento.

Nesse ataque deu-se um episódio indesejável. Na primeira aula que o General Mascarenhas deu no Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais, quando voltou ao Brasil, defendeu a tese de que é imprescindível confiar nas informações.

Casualmente, desempenhei um papel muito importante e posso dar meu testemunho no caso. Nós íamos atacar o Monte Castelo com o II e o III Batalhões do 1º RI, partindo das posições ocupadas pelo 11º RI. Então o Coronel Caiado mandou que eu fosse até o PC do Batalhão do 11º RI, que estava em Casa M. de Bombbiana e que acompanhasse junto com o Comandante do Batalhão o resultado das patrulhas que aquela Unidade ia lançar, porque havia vários pontos críticos e o mais importante chamava-se Casa de Vitelline.

Por que essa preocupação? Ora, os alemães, às vezes, ocupavam e, às vezes, não os esporões de Monte Castelo. Se estivessem ocupados, a operação ofensiva seria feita com preparação de Artilharia e se não, os ataques seriam feitos de surpresa para não despertar toda a frente.

Eu fui lá, acompanhei na carta, o sargento comandante da patrulha deu as informações sobre tudo que havia observado até o ponto onde tinha ido e assegurou que Casa de Vitelline estava desocupada. Então a decisão foi de que não haveria a preparação de Artilharia.

O ataque foi desencadeado daquela forma e a Casa de Vitelline estava ocupada, só uma metralhadora, uma só, mas matou dezessete do I Batalhão. Rajadas de

flanco, pois atrás do esporão é que se encontrava a metralhadora e, como conseqüência essa Unidade não conseguiu progredir. O III Batalhão teve sucesso, mas ficou isolado, foi contra-atacado de flanco e teve que retroceder. Esse ataque de 12 de dezembro teve uma repercussão muito ruim para nós.

Nós fazíamos muita questão de tomar aquele morro e, além disso, era uma posição estrategicamente de grande valor. Voltamos à base de partida, o Regimento foi se refazer à retaguarda, porque perdeu muitos homens nessa ocasião. O 1º Regimento teve cento e doze baixas e o I/11º RI, que foi ultrapassado, sofreu trinta e duas, quer dizer, nesse dia, devido àquele erro de informação, tivemos cento e quarenta postos fora de combate.

Aí se inicia a defensiva do inverno, o 1º RI voltou para as posições em frente ao Monte Castelo, a frente se reorganizou e até o Esquadrão de Reconhecimento teve que cumprir missão defensiva. A frente era muito larga e passamos nessas posições do 21 de dezembro ao dia 21 de fevereiro.

Durante esses dois meses a neve caiu, o frio veio inclemente, e chegamos por várias vezes a suportar 17° C abaixo de zero, mas, felizmente, tínhamos recebido dos americanos, estufas, combustível, agasalhos e aprendêramos a nos organizar para nos defendermos no inverno, senão muita gente nossa teria morrido de frio.

O brasileiro, mesmo em situações difíceis, demonstrou a sua capacidade inventiva. O americano tinha muitas baixas em virtude do pé-de-trincheira e o brasileiro raramente sofria desse mal. O Serviço de Saúde do americano foi fazer uma pesquisa para saber como nós nos protegíamos.

É que nós tirávamos o coturno e enrolávamos os pés em tiras do cobertor de lã, pois tínhamos um cobertor de lã muito bom, aí calçávamos o galochão, isso não prejudicava a circulação e evitávamos o pé-de-trincheira. Tivemos que aprender a fazer a guerra na defensiva e aí o brasileiro se desdobrou.

Já contei muitas coisas triste; é oportuno, então, narrar algo divertido.

Na frente do I/1°RI existia um trecho em que o terreno era muito ingrato e, no meio, passava um fosso chamado Malandronia. Ali, a nossa linha e dos alemães ficavam separados de quase mil e quinhentos metros e essa área era percorrida somente pelas patrulhas à noite. Ninguém se aventurava em ir àquela baixada durante o dia, porque morreria todo mundo. Nessa faixa do terreno as patrulhas, tanto alemãs quanto as nossas gostavam de aproveitar uma passagem mais favorável.

Havia uma pequena casa perto dessa passagem e então o Major Uzeda mandou uma patrulha durante a noite. Lá deixaram um cabo e dois soldados com comida e tudo. Não se tratava de uma missão de combate, só para observar quando da passagem da patrulha alemã e avisar pelo rádio, para a gente montar uma emboscada.

Os três ficaram lá uma semana e nós, com as informações deles, surpreendemos duas patrulhas alemãs. E para isso, durante a noite, o bom mesmo era arma branca, porque se você atira, o inimigo fica sabendo onde você se encontra e se você o abate silenciosamente, ninguém localiza a sua posição. Então, sempre que possível, a gente mandava uns nordestinos, uns camaradas mais afeitos ao uso da baioneta. Desse jeito pegamos alguns lá.

No fim da primeira semana, o Major telefonou e disse que já tinha uma outra equipe para substituí-los, mas o cabo sugeriu que quanto menos movimento em torno da casinha seria melhor, no que estava certo. E pediu que mandássemos apenas comida, que ficariam lá mais uma semana, pois já estavam aclimatados. Assim o Major fez, concordando com o cabo.

No final da segunda semana, o Major comunicou-se pelo rádio e disse que ia providenciar os substitutos, mas o cabo novamente sugeriu que ele mandasse apenas a comida. Então, o Major enviou um Tenente com dois soldados e lá encontrou duas italianas "arranchadas"; estavam todos passando muito bem, obrigado...

No fim dessa prolongada defensiva de dois meses, o estado de ânimo da tropa foi ficando cada vez pior, porque era uma guerra que não se decidia, o frio era terrível e os boatos se multiplicavam, boatos de que a guerra ia acabar, e que iríamos voltar para o Brasil. Eu até organizei um concurso para ver quem acertaria qual o mês que a FEB iria voltar, sendo que eu só apostava no 12 de dezembro do ano seguinte.

Aí nós nos preparamos para o quinto ataque ao Monte Castelo, que seria de uma envergadura muito maior, porque queríamos ultrapassar aquela linha de alturas, pois sabíamos que depois dela não haveria mais nada, nós chegaríamos ao Vale do Pó.

Os americanos mandaram a 10ª Divisão de Montanha para lutar ao nosso lado, porque a experiência já tinha mostrado que atacar o Monte Castelo sem atacar o Monte Belvedere, nunca poderia dar bom resultado, porque deste último eles nos pegavam de flanco. Então veio a 10ª de Montanha com a missão de atacar junto conosco, nós, o Castelo e eles, o Belvedere.

A 10ª Divisão de Montanha levou dois anos sendo treinada no Alasca, o homem mais baixo tinha 1,70m de altura, todo o seu equipamento fabricado especialmente para a guerra de montanha. O Pelotão de Reconhecimento da Divisão de Montanha era a cavalo, para poder subir no morro, não era de jipe como o nosso e a disciplina era exemplar, em todos os momentos.

O plano da manobra chamava-se *Encore*, isto é, "uma vez mais". Ao fazerem a exposição do plano, o Comandante da 10ª de Montanha perguntou ao Comandante do IV Corpo de Exército:

– O que são esses fios, essas linhas que vocês puseram?

Ele estava brincando, estava falando das *First Line* e o General Crittenberger disse para ele:

– São as First Line.

Aí ele disse:

– Minha Divisão não tem First Line, quando a gente disparar daqui só pára no Vale do Pó.

Mas não era tão fácil quanto ele pensava. Nós tomamos o Monte Castelo antes de eles tomarem o La Torraccia. Enquanto ainda estavam lutando em La Torraccia chegamos à La Serra, que era mais na frente e o Comandante teve que declarar que a FEB era a ponta de lança do V Exército.

Depois da tomada de Monte Castelo, que foi o episódio mais comentado e realmente de grande significado estratégico, ocupamos Castelnuovo, prosseguimos a nossa descida rumo ao Vale do Pó e ficou faltando Montese. Fizemos uma pequena parada para rearticular o dispositivo, antes de começar a tomada de Montese, que ficou a cargo do 11º RI, isto é, iríamos progredir à medida que os americanos avançassem e o Regimento iria tomar Montese, cobrindo todo o flanco do dispositivo.

O ataque, a princípio, parecia fácil. Eu o S/1 do Regimento conversei com o S/3 e ele achou que iria durar três dias. Eu fui ao vade-mécum americano, que era muito bom, calculei as prováveis baixas e pedi ao Depósito da FEB o recompletamento para três dias depois, o que se efetivaria, de maneira que, após três dias, o Regimento estava com o mesmo efetivo com que tinha partido para o ataque. Foi uma demonstração cabal de que aquele esquema de centro de recompletamento era realmente necessário.

O ataque de Montese foi duríssimo, os alemães tentaram resistir de toda forma. A ocupação de Castelnuovo aconteceu no dia 5 de março e em seguido fez-se o reajustamento do dispositivo. A tomada de Montese levou quatro dias para ser ultimada, porque deu-se aos pedacinhos. Conquistamos Montese, avançamos mais um pouco e todo o dispositivo aliado começou a descer para o Vale do Pó, era o sinal de que aquela era mesmo a última linha de resistência.

Ainda entre os dias 8 de março e 8 de abril, mantínhamos o divisor Panaro-Reno, mas já estávamos com tudo preparado para lançar a ofensiva final.

Às 8h30mim do dia oito de abril a Força Aérea começou o bombardeio para abrir caminho para a nossa ofensiva em direção ao Vale do Pó.

Quem partiu primeiro foi a 10ª Divisão de Montanha, depois dos americanos terem empregado 830 bombardeiros pesados, 258 bombardeiros médios e 120 caças bombardeiros. Essa foi a preparação para a nossa descida, porque o V Exército tinha-se tornado a peça principal da manobra do dispositivo aliado.

Ao meio dia de 14 de abril, o comandante do IV Corpo de Exército determinou que a 1ª DIE participasse ativamente do ataque, porque ele estava preocupado com a situação da 10ª Divisão de Montanha, isto é, o negócio de passar por cima daquelas linhas não era tão fácil quanto o americano pensava. Era a segunda vez que a 10ª tomava parte num ataque, a primeira tinha sido no dia do ataque ao Monte Castelo, quando eles constataram não ter sido simples.

A nossa Divisão recebeu autorização para atacar junto, isso ao meio-dia e antes de escurecer, toda a região de Montese estava nas nossas mãos, nas mãos dos brasileiros.

Essas três jornadas custaram 426 baixas, mas nos renderam 453 prisioneiros alemães, sendo cinco oficiais.

Foi o primeiro ataque em que todos os Regimentos da FEB participaram, foi uma ação conjunta das três Unidades e o resultado foi muito bom. O inimigo retirou-se de toda a frente do V Exército e a 19, cinco dias depois, o Comandante do IV Corpo de Exército emitiu uma ordem que liberava os movimentos da 1ª DIE; imediatamente o Esquadrão de Reconhecimento, sob o Comando do Pitaluga, partiu para a frente e às 7h30mim do dia 21, toda a área estava desobstruída e a tropa brasileira sendo recebida festivamente pela população civil.

O Esquadrão de Reconhecimento havia atingido a região de Collecchio, cortando a retirada dos alemães. O General Zenóbio estabeleceu, então, o seu QG junto ao Esquadrão de Reconhecimento, porque recebera ordens no sentido de impedir que as tropas inimigas se retirassem em direção a Parma. O Esquadrão de Reconhecimento aprofundou a sua manobra na direção de Santo André, prendeu 800 alemães no caminho e mais 120 que estavam ocupando a localidade.

O Tenente-Coronel Manuel Tomaz Castelo Branco, que era do 1º RI e cujo livro é um dos melhores escritos sobre a FEB, fez a seguinte observação:

"Com esses últimos lanços encerrou-se o combate de Collecchio, só possível graças à rapidez e à agressividade com que o Esquadrão de Reconhecimento lançou-se para frente e a energia com que a Divisão empenhou-se na luta."

Quando o Esquadrão prosseguiu e eles concluíram que os alemães estavam querendo fugir, o General Cordeiro de Faria, que era o Comandante da AD, desatrelou os canhões, colocou a Infantaria em cima dos caminhões, que seguiu atrás do Esquadrão de Reconhecimento e cercou os alemães. Uma iniciativa que americano não tem, porque não estando no manual, ele não faz, só o brasileiro mesmo. Só nesse lanço foram 395 prisioneiros, inclusive 17 oficiais, tendo nossas perdas atingido apenas um morto e 16 feridos.

Às 22 horas do dia 22 de abril, parlamentares alemães e o Major W. Kuhn, Chefe do Estado-Maior da 148ª Divisão, procuraram entrar em contato conosco e

finalmente o General Otto Fretter Pico, Comandante da 148ª Divisão, rendeu-se com aproximadamente 16 mil homens, quatro mil animais, 2,5 mil viaturas, sendo mil motorizadas, mais uma parte da Divisão Itália, sendo que entre eles havia aproximadamente 800 feridos necessitando de socorros urgentes. A partir das 13 horas do dia 29, a primeira coluna alemã apresentou-se para rendição e para nós, militares, é interessante esse detalhe que vou narrar.

Eles vinham marchando em ombro-arma até o ponto em que o Capitão comandava:

– Alto!

Em seguida dava uma outra voz de comando e então jogavam os fuzis na beira da estrada; depois rompiam a marcha novamente e se entregavam, e isso, infalivelmente, um depois do outro, 16 mil homens. Para se ver a disciplina daquela gente, com cinco anos de guerra e não se via uniforme desabotoado...

No dia 28 o 1º RI recebeu ordem de barrar a retirada do inimigo na ponte de Piacenza; ocupamos uma área de 20 km de lado em torno de Piacenza, para não deixar passar quem quer que fosse. À tarde, a 1ª DIE ocupou Alessandria e no dia 1º de maio o Esquadrão de Reconhecimento chegou a Turim.

Em 2 de maio cessaram as hostilidades e no dia 8 de maio, às 16h30mim foi divulgada a notícia do fim da guerra na Itália.

As conseqüências para o Exército Brasileiro, por participar desse conflito, foram muito grandes, porque tivemos a oportunidade de testar as nossas possibilidades.

Reconhecemos diversas falhas que até hoje tentamos corrigir e uma das provas do que digo é essa iniciativa que o Exército está tomando de estudar melhor os detalhes da campanha para poder tratar do nosso aperfeiçoamento profissional.

Quanto ao reconhecimento da Pátria pelo nosso sacrifício, gostaria de lembrar algumas palavras do nosso líder Siqueira Campos:

"À Pátria tudo se dá e nada se pede. Nem mesmo compreensão."

O que mais me impressionou na experiência vivida com a FEB foi a capacidade de adaptação do brasileiro a quaisquer circunstâncias e isso foi o que influi, em grande parte, para não insistirmos tanto no nosso aperfeiçoamento. Temos muita confiança na nossa capacidade.

Por exemplo, se um fuzil-metralhadora enguiçava, tinha que preencher uma papeleta para enviá-lo para a retaguarda.

Daí levavam dez ou 12 dias para retornar aquela arma ao combate; o Tenente ficava aquele tempo todo com menos uma arma automática. As normas de Operação do Mediterrâneo diziam que a arma destruída pelo fogo inimigo deveria ser substituída imediatamente. Então, quando o FM enguiçava, o Tenente colocava a arma a cem

metros de distância, dava um tiro de bazuca, comunicava a destruição da arma e no dia seguinte recebia outra...

Eu gostaria de destacar três personalidades: o Marechal Castello Branco (então Tenente-Coronel E3), o Coronel Caiado, mais tarde General, Comandante do 1º RI, que liderou muito bem a Unidade, Capitão Plínio Pitaluga (hoje também General), porque recebeu as mais difíceis missões que se possa imaginar, e sempre as desempenhou com grande brilho; foi quem tomou a iniciativa no cerco aos alemães.

Como mensagem final aos jovens militares, eu diria o seguinte:

Encarando corajosamente os acontecimentos, somo forçados a reconhecer que a conjuntura internacional dos nossos dias é bem mais grave que a configurada às vésperas da Segunda Guerra Mundial. O avanço tecnológico oferece aos países mais poderosos possibilidades muito maiores de pôr em prática o que um tirano da velha Esparta já anteviu quando disse:

“Direito é quando há igualdade de força. Quando um é forte e o outro é fraco, o forte faz o que quer e o fraco sofre como pode.”

O Brasil já mostrou suas possibilidades de desenvolvimento quando bem administrado e tem em seu território uma das regiões mais cobiçadas do mundo atual, a Amazônia. Cabe a nós, soldados, como questão de honra, defender o que é nosso sem alimentar ilusões.

Um parlamentar norte-americano esclareceu há poucos dias o que todos nós já sabíamos:

“Não há nações amigas, há nações com interesses coincidentes e nações com interesses conflitantes.”

A nós, soldados, a Pátria confiou a guarda do que é nosso. A atitude a adotar corajosamente consiste no seguinte:

“Olho vivo e dedo no gatilho. Pedindo a Deus que nos proteja dos nossos amigos, porque dos nossos inimigos nós já mostramos que somos capazes de nos proteger”.

Coronel Jairo Junqueira da Silva*

Nasceu em Olímpia-SãoPaulo-SP, a 22 de maio de 1922. Foi declarado Aspirante-a-Oficial de Infantaria na turma de janeiro de 1944 da Escola Militar do Realengo.

Iniciou sua carreira de oficial no 18º Batalhão de Infantaria, na Bahia, tendo ainda servido no 6º Regimento de Infantaria (6º RI) – Caçapava, no 11º RI/São João Del Rei (quando integrou a FEB), 38º Batalhão de Caçadores (38º BC) em São Paulo e Santos, Caçapava (retorno) e Lins (4º BC).

Em 1951 foi cursar a Escola Técnica do Exército, no Rio de Janeiro, graduando-se em Engenharia de Construção. Serviu depois na Comissão de Estradas de Rodagem nº 2, na construção da Rodovia Transbrasiliana, na região do Triângulo Mineiro e, posteriormente, em São Paulo.

Foi promovido a 1º Tenente em 1945, ainda durante a campanha da FEB, a Capitão em 1950, a Major em 1955 e a Tenente-Coronel em 1966, quando passou para a reserva, no posto de Coronel.

Suas condecorações pela participação na 2ª Guerra Mundial são: Cruz de Combate – 2ª Classe, Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

É o atual presidente da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, seção de São Paulo.

---

* Comandante do Pelotão de Morteiros 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, entrevistado em 29 de fevereiro de 2000.

É uma honra e uma satisfação discorrer sobre a Força Expedicionária Brasileira, o que acho muito importante, já que visamos a preservar o nome da FEB, que vem sendo esquecido através do tempo.

Para fins de bem poder englobar todo o período de interesse da FEB, nós, didaticamente apenas, dividimos a narrativa em seis seqüências que são as seguintes: antecedentes imediatos da guerra, a preparação no Brasil, deslocamento para a Europa, prosseguimentos da preparação e desmobilização, anos seguintes ao término do conflito e conseqüências para o Exército e para os ex-combatentes. Então começaremos com antecedentes imediatos.

Eu fui voluntário para participar da FEB, servia no 18º Batalhão de Infantaria em Salvador-BA, era solteiro e tinha 22 anos de idade naquela época.

No Batalhão onde servi, que era sediado no Forte Barbalho, a recepção da convocação foi uma coisa natural, normal. Apenas o Comandante reuniu os oficiais e solicitou àqueles que fossem voluntários a participar da FEB que dessem um passo em frente e eu e alguns companheiros o fizemos. Então fomos elogiados e tomamos as providências para a partida para o Sul, onde iríamos compor, inicialmente, o Depósito da FEB, Centro de Recompletamento da Força.

No que diz respeito à reação da família, a minha é de São Paulo, do Vale do Paraíba; quando tomei a decisão, ainda estava em Salvador, portanto, eles não sabiam e só tiveram conhecimento quando cheguei aqui e declarei que viria, inicialmente, para o Centro de Recompletamento da FEB, no Rio de Janeiro, mas com o objetivo de ir para a guerra. Eu já era noivo e, naturalmente, houve uma certa preocupação, inclusive a minha noiva ficou muito receiosa. Outros acharam que eu deveria pedir logo para não ir à guerra, mas eu disse que tinha sido voluntário. Foi uma surpresa, mas não houve grandes repercussões sobre a minha opção.

Uma vez tomada a decisão, tendo sido relacionado para integrar o contingente da FEB e já movimentado para o Sul, a fim de iniciar os preparativos, falarei agora sobre a preparação do Brasil.

A preparação incluiu duas partes. Uma seria a da instrução propriamente dita e a adaptação aos armamentos e equipamentos que iriam ser usados na guerra. No tocante ao equipamento, usávamos um tipo completamente diferente daquele que utilizaríamos durante a guerra. A segunda parte se referia à preparação dos aspectos referentes à saúde, ou seja, exames médicos com uma bateria de especialistas e radiografias; aliás, tive que fazer os exames e as vacinações em SP, indo, posteriormente, para o Rio de Janeiro, já com todas as providências tomadas.

É razoável comentar sobre alguns aspectos profissionais daquela preparação, tal qual ocorreu no Brasil. Como militar de carreira (eu havia cursado a Escola Militar em

1943), seguíamos a doutrina francesa para o combate mas, quando chegamos, encontramos regulamentos novos editados pelos americanos, completamente diferentes. Quanto ao armamento, começamos a nos informar e a conhecer o que iríamos empregar na guerra, também, completamente diferente. Essa fase só se completou quando chegamos à Itália. Ainda no Rio de Janeiro, tivemos que nos submeter à uma terceira fase da preparação, que foi a educação física, no Morro do Capistrano/RJ, onde estávamos estacionados. Havia os obstáculos a transpor, inclusive redes enormes, semelhantes às utilizadas para provável desembarque ou abandono do navio, em caso de desastre no mar.

Quanto à preparação psicológica, acho que foi muito fraca, mas tínhamos filmes americanos que mandaram para nos incentivar (em português), livros, folhetos etc... mas não sabíamos, exatamente, em que região da Itália iríamos lutar; falava-se inicialmente que, numa fase preliminar, iríamos para o Norte da África, mas posteriormente vi que essa hipótese estava fora de cogitações, porque a guerra já tinha passado pelo Norte da África e se desenrolava na Itália. Assim, desconhecíamos grande parte dos objetivos da missão, até mesmo onde seria o teatro de operações.

Finalmente, ainda sobre a preparação no Brasil, considerei o tempo insuficiente, mesmo porque, pelo que soube, o 11º RI, como veio de São João Del Rei para o Rio de Janeiro, estava claros no efetivo, que foram sendo completados já próximo ao embarque, e isso aconteceu inclusive comigo, que tive mais ou menos um mês e meio e esse tempo é insuficiente para uma instrução adequada para o combate.

Eu era oficial de carreira e foi difícil adaptar-me a outro tipo de doutrina e utilizar o armamento americano, mas os que não eram de carreira, especialmente soldados e cabos, tiveram mais dificuldades.

Com o fim da preparação, no Brasil, o próximo passo seria o deslocamento para a Europa e o prosseguimento da preparação na Itália. Recordo-me, em particular, na viagem para o teatro de operações europeu, das condições de vida a bordo e das freqüentes ameaças de submarinos inimigos, que torpedeavam navios pelos mares do Atlântico.

Acho que a viagem marítima foi boa; levamos 14 dias, em dois navios americanos, cada um deles transportando cinco mil homens; fomos protegidos por um comboio de nossa Marinha de Guerra até próximo a Gibraltar e lá a escolta foi substituída pela Marinha inglesa. Durante a viagem fomos instruídos sobre como proceder em caso de ter que abandonar o navio. Todos deveriam carregar salva-vidas, o cantil cheio e teriam que usar fardamentos mais leves, como um macacão. Eram freqüentes os exercícios de simulação de abandono de navio. A cada dia, o tempo do pessoal se preparar e tomar as posições para se colocar de frente aos barcos salva-vidas diminuía. A bordo tínhamos, também, serviço religioso e cinema,

só que os filmes todos eram passados em inglês e como poucos dominavam o idioma, cada um interpretava como queria. A comida era muito boa, mas como a "população" do navio era muito grande, só se podia fazer duas refeições por dia, pois não havia tempo para três. O café da manhã era servido, geralmente, por volta das 10h da manhã e, depois, havia outra refeição mais à tarde. O pessoal de serviço (aliás, tive a sorte de ficar de serviço) tinha direito a mais uma refeição.

Quanto às ameaças, em dado momento, o nosso navio e outros navios deslocaram-se rapidamente e tomaram uma formação diferente dos navios de proteção, que, por sua vez, também mudaram para outra posição; ficamos sabendo que houve uma ameaça de submarino, felizmente sem confirmação, nem tampouco sofremos qualquer bombardeio.

Afinal, a viagem foi boa; chegamos, aproximadamente, em 14 dias, porém o mais difícil e penoso foi o desembarque no porto de Nápoles, que estava quase totalmente obstruído por navios encostados e em mau estado, sendo que a aviação alemã, vez por outra, atacava por lá.

Os dez mil homens brasileiros ocuparam barcaças de desembarque de tropa, para o deslocamento de Nápoles a Livorno. Essa foi uma viagem difícil, porque o mar estava revolto e as barcaças jogavam muito. Cada uma delas levava cerca de duzentos homens, e, como a parte inferior delas era chata, quando a onda vinha, o impacto ao descer era violento e batia com muita força na água, produzindo uma vibração muito grande, com freqüência. Durante dois dias, o pessoal ficou bastante atordoado; acho que ninguém escapou do enjôo.

Chegando ao destino, ficamos acampados num lugar chamado San Rossore, que era um parque antigo, para passeio dos reis; onde houve mais alguma preparação, mas não ainda a suficiente. Permanecemos por lá pouco tempo e recebemos o armamento, algumas armas ainda com graxa.

Como o pessoal ainda desconhecia o material bélico a ser utilizado, foram promovidos cursos e tive a oportunidade de fazer um, de minas, onde nos exercitávamos retirando minas alemãs, em uma praia chamada Marina di Pisa, local muito perigoso. Nesse curso, um dos companheiros nossos, Ten Márcio Pinto, faleceu, pois, distraidamente, acabou pisando numa mina. O campo, ativado pelos alemães, tinha a finalidade de impedir o desembarque de tropas aliadas naquela região. O curso foi muito bom e outros foram realizados; acredito que, após um ou dois meses no máximo, nos deslocamos para o *front*.

Completando o assunto preparação, não creio que a tropa estivesse completamente pronta ao ser enviada para o combate. Como era oficial de carreira e já tinha certo conhecimento de armamento, minha adaptação, a rigor, foi fácil e eu me sen-

tia em condições de participar da guerra. Meu receio era por parte dos soldados, que ainda não demonstravam adestramento suficiente para entrar em combate, inclusive na questão do armamento. Receberam, porém, a instrução de tiro que era importantíssima, embora essa não tenha sido suficiente.

Eu pertencia ao 2º/11º RI, Companhia de Petrechos Pesados, a CPP/2, onde comandei uma seção de morteiros 81mm e, nesse particular, tive maior facilidade para me adaptar. No Brasil, o morteiro ainda era apresentado de acordo com as instruções francesas e o aparelho de pontaria com escalas em milímetros; ensinar aos soldados, às vezes semi-analfabetos, o que é um milésimo foi mais difícil. Então, os americanos modificaram o aparelho e a outra forma de regulagem de tiro tornou-se mais fácil de explicar.

Entramos em combate, inicialmente, em frente ao Monte Castelo, num lugar perto de Viana, que era um ponto elevado, utilizado como observatório. A entrada em combate assustou um pouco, pelo temor de nos perdermos das tropas amigas, pois o dia era muito escuro, um dia de inverno, com chuva. Assim, o caminho estava muito ruim, era sinuoso e cheio de obstáculos irregulares e os soldados, pela primeira vez, tiveram que transportar toda tralha, por aquele caminho escuro, onde nada víamos, nem mesmo o Castelo.

Um companheiro, Tenente do 6º RI, me informou que a silhueta em frente era o Monte Castelo e tivemos que colocar o pessoal em posição, sem saber exatamente onde estávamos e sem comunicação com a retaguarda. Só no dia seguinte fomos nos situar no local e depois, por várias vezes, mudamos de posição. Mas sempre em frente ao Castelo, na Cota 521. Bem próximo ao Castelo, fomos para outra posição, em frente à elevação chamada Belvedere, ou seja, as famosas colinas onde os americanos foram rechaçados. Depois participamos do ataque ao Castelo, aliás de quase todos ataques ao Castelo ou, pelo menos, dos três últimos, inclusive o do dia 21 de fevereiro, que foi o derradeiro e que nos deu a vitória.

Posteriormente, fomos para outras frentes e deslocados, mais tarde, para Castelnuovo, onde houve um combate dificílimo, porque o II Batalhão foi muito sacrificado. A 4ª Companhia teve parte do seu pessoal dizimado, morto ou ferido, e o Batalhão ficou perdido, apesar das várias tentativas de desbordamento. O Castelnuovo só caiu porque uma outra tropa, uma subunidade do 6º RI, atacou e desbordou o inimigo, colocando-se ao lado do objetivo e assim o mesmo foi conquistado. A posição era muito difícil, porque o Castelnuovo era um monte rochoso, como um nariz que se colocava dentro de nossas linhas, uma elevação muito alta, de cotas muito íngremes e inacessíveis; dali, os alemães tinham domínio completo sobre a área de nossas posições.

Cabe um comentário sobre o clima, notadamente do rigoroso inverno europeu e de sua influência na conduta das operações e na saúde da tropa.

Inicialmente, sofremos muito. Primeiro com a mudança do clima, porque no mês de dezembro começou a nevar. Aliás, antes chovia muito, a temperatura caiu bastante e o nosso fardamento não estava adequado para aquele inverno; então, recebemos reforços, agasalhos, blusas, um tipo de cuecão, galochas para serem colocadas sobre os calçados. Também um capote que envolvia inclusive a cabeça (capuz). Nessa questão de galochas há um fato interessante e curioso a ser mencionado, pois os pés esfriavam dentro do calçado e doía muito, provocando o que se chamava de pé de trincheira; os soldados que ficavam mais à frente várias horas parados dentro do *fox hole* temiam o pé de trincheira, porque a circulação do sangue era prejudicada, causando, muitas vezes, a amputação do pé. O soldado brasileiro, com a iniciativa típica, encheu a galocha e envolveu os pés com palhas, passando a usar esse artifício que evitava o pé de trincheira. Houve até, segundo me informaram, uma crítica por parte dos americanos, de que o nosso pessoal estaria modificando o fardamento. Mas, posteriormente, os próprios americanos reconheceram que foi uma excelente criatividade e passaram também a usá-lo. O fardamento não foi suficiente para o frio e nós recebemos suplementação, mas, no começo, com as mudanças bruscas de temperatura, sofremos muitas baixas. Eu mesmo tive um resfriado muito forte e por pouco não baixei à enfermaria. Mas quando começou a nevar, ficou mais saudável, os soldados se sentiram melhor e, com alimentação também boa, o pessoal se refez naquela primeira parte do inverno.

Em relação ao desempenho em combate, creio que o soldado brasileiro se saiu muito bem, apesar do nível de instrução inicial não ter sido adequado, mas a criatividade, digo mais, a inteligência do homem superou a deficiência e a prova disso é que lutamos ao lado da 10ª Divisão de Montanha, uma Grande Unidade americana treinada no Alasca, com homens selecionados pelo físico, que usavam equipamentos especiais, como botas com travas para andar na neve. Nós não possuíamos nada disso e participamos, igualmente com eles, do combate, fizemos tudo aquilo que eles fizeram e ainda com vantagem; na verdade, vencemos dois inimigos, o alemão e o inverno; esse foi um ato glorioso para nós, é motivo de orgulho o nosso soldado ter participado com tal desenvoltura.

Quanto ao combate corpo a corpo, praticamente não houve. O que ocorria era encontro de patrulhas. Realmente é verdade ter havido propaganda alemã contra os brasileiros. Eles procuravam difundir, até mesmo na população italiana, que os brasileiros eram doentes e antropófagos e que os negros brasileiros comiam crianças. Sentimos os efeitos disso quando avançamos pelo Vale do Pó, pois em algumas

cidades, lembro-me até hoje, todas as janelas estavam fechadas e não se via ninguém na rua, mas sabíamos que a população estava lá. Esse engano era rapidamente desfeito quando mantinham contato com os brasileiros e constatavam que tudo aquilo era mentira. Eles contam até uma história, não sei se como anedota ou não, de um negro americano. Havia um vilarejo em que os alemães espalharam a notícia que os negros brasileiros comiam crianças, então eles esconderam todas as crianças. Mais tarde, um grupo de adultos na porta de uma igreja conversava com oficiais, com o padre e com os pais de família, quando apareceu um negro que gostava muito de brincar com crianças; quando ele chegou lá, perguntou: “Onde estão as crianças daqui que eu não vejo ninguém?” E o pessoal ficou muito assustado pensando que ele era um comedor de crianças, mas isso eu creio que não passou de uma piada.

Sobre o relacionamento com a população local, de um modo geral era muito bom e digo mais, com os brasileiros era melhor do que com os americanos, devido à facilidade de entendimento da língua, pois o português era facilmente compreendido pelos italianos e vice versa.

No que concerne ao apoio de saúde e ao religioso à tropa combatente, o pessoal tinha confiança em nossos padioleiros, enfermeiros, hospitais de campanha, hospitais de evacuação; a experiência do nosso tempo de campanha demonstrou que nós estávamos bem atendidos.

O Serviço Religioso também mostrou ajuda relevante, os padres, de vez em quando, iam à frente. Frei Orlando, que morreu em um acidente, era do meu Batalhão. Faleceu exatamente por isso, ir à frente de combate. Sempre estivemos satisfeitos com o nosso Serviço Religioso e com o de Saúde.

Quanto ao soldado alemão, na realidade não sabia bem com quem estava lutando, mas todos eles eram obstinados e cumpriam as ordens emanadas de seus superiores, inspirados em Hitler.

Senti isso numa ocasião, quando, após o combate, tive que vigiar uns prisioneiros alemães dentro de uma igreja e logrei uma oportunidade, numa situação mais calma, de ouvi-los através de intérpretes e verifiquei que estavam satisfeitos com o fim da guerra. Porém, se houvesse chance de continuarem lutando, eles o fariam, porque eram obedientes, obstinados e fisicamente bem preparados e armados, com um nível de instrução muito bom. Tive a oportunidade de apanhar com esses alemães desenhos feitos pelos soldados, que retratavam a frente de combate; eram desenhos espetaculares, muito bem-feitos.

Com o término do conflito, a vitória aliada foi muito comemorada. Aliás, fomos informados do término da guerra, mas ainda não era oficial e, influenciados pelo entusiasmo, os soldados começaram a atirar para o ar. Houve até um exagero e

a população pulava e gritava pelas ruas, pois os italianos também não gostavam dos alemães e sim dos brasileiros. Assim, a vitória aliada foi bastante festejada na Itália.

Os preparativos para o regresso ao Brasil foram longos, sendo que, inicialmente, ficamos em Alessandria, acantonados num quartel velho e depois de um ou dois meses fomos para o sul, para um acampamento entre Nápoles e Roma. Ali, aguardamos a viagem de retorno, numa vida meio ociosa. Eles permitiram passeios a Roma ou a Nápoles por turmas, mas mesmo assim foi um período em que tivemos que esperar com ansiedade o retorno, porque o pessoal estava cansado da guerra.

Após o retorno ao Brasil, imaginávamos importantes conseqüências para o Exército e, também, para a vida dos ex-combatentes. Entretanto, acho que devido ao aspecto político da ocasião, a conseqüência imediata, sob o ponto de vista da instrução, não aconteceu; o que se esperava é que essa tropa instruída e com experiência de guerra servisse de exemplo para o nosso Exército, mas, devido à situação interna no País, o pessoal que voltou da guerra foi imediatamente licenciado e os da ativa classificados em suas Unidades. O 6º, o 1º e o 11º RI foram reduzidos e imediatamente deslocados para suas sedes de origem. Assim, também se desfez a FEB e todos sabiam que, não só por ter entrado em combate, como também pelo permanente contato com os americanos e com os ingleses que influenciavam pelo modo de vida, vamos dizer, pelo o sistema democrático, no Brasil, naquela oportunidade, o regime era ditatorial; havia o receio da influência da FEB sobre o povo. Por isso, ela foi dissolvida rapidamente, mas mesmo assim não se impediu que atuasse politicamente.

Quanto às conseqüências na minha vida pessoal, fui promovido, já depois da guerra, a 1º Tenente, pois antes de entrar na mesma eu já fora promovido a 2º Tenente. Chegando ao Brasil, me casei e continuei na ativa no Exército Brasileiro, igualmente sendo movimentado de uma cidade para outra, da mesma maneira que os demais companheiros, apenas com o orgulho de ter pertencido à Força Expedicionária.

Em relação ao reconhecimento da Pátria pelo sacrifício de seus expedicionários, acho que aí há uma certa diferença, já que durante muitos anos foram feitas muitas leis sobre a FEB, mas só com a Constituição de 1988 a situação foi regularizada e os ex-combatentes passaram a receber uma atenção maior, embora ainda persistam muitas dúvidas, uma das quais vou ressaltar: Trata-se de uma pessoa que tendo trabalhado como funcionário do Estado durante trinta anos, não se lhe permite o direito de acumular mais de uma pensão. Essa dúvida ainda persiste para os ex-pracinhas, embora haja parecer favorável da Justiça.

Nós, oficiais de carreira, nada ganhamos com a guerra e não desfrutamos de nenhum privilégio, a não ser os que saíram com menos de trinta anos de serviço. Julgo

que foi assim porque fomos à guerra cumprir um dever e estávamos no Exército para defender o Brasil, no que fosse necessário, inclusive participar de uma guerra.

Há, ainda, muitos fatos interessantes, mas é impossível falar sobre todos, pois seria uma narrativa muito longa; entretanto, como exemplo marcante, quando servi na Bahia, havia um soldado que, naquela época, era considerado mau elemento, de má conduta e estava prestes a ser expulso do Exército, em Salvador. Quando fui assumir o comando no Rio, para embarcar, o primeiro soldado que vi foi esse elemento. Pois bem, ele foi um dos melhores soldados em combate, sempre estava pronto para o que fosse necessário, aprendeu muita coisa, era voluntário para patrulha em qualquer situação; aquele militar de má conduta, antes da guerra, tinha se transformado em um bravo soldado.

Gostaria de ressaltar também que, embora Monte Castelo constituísse grande marco de minha vida de campanha, acredito que o combate mais importante, onde tivemos o maior número de baixas, foi o de Montese, onde quase toda a artilharia inimiga concentrou seu fogo sobre nossa tropa, porque sabiam que, conquistada Montese, estaria aberto o caminho para o Vale do Pó e foi realmente o que aconteceu. Foi um combate muito penoso, com muitas baixas e de grande repercussão.

Lembro-me que, ao viajar, fui com os companheiros e mais setecentos homens de Salvador para o Rio de Janeiro, a fim de integrar a FEB, fizemos uma viagem marítima que provocou muitos receios. Embarcamos num pequeno navio chamado *Itaberá* e no dia 24 de julho amanhecemos em alto-mar, junto com o comboio de guerra americano. Dele faziam parte contratorpedeiros, cruzadores e outros barcos e com isso nós nos sentimos seguros, pois sabíamos que submarinos italianos e alemães ainda estavam ameaçando nossos barcos. Mas, ao amanhecer do 2º dia, nós nos vimos sozinhos em alto-mar, não podíamos ver navios no horizonte e a névoa estava desaparecendo. O nosso barco era muito lento e estava atrasando os companheiros que tinham missão a cumprir; com isso fomos deixados e viajamos cerca de um dia e meio, sempre preocupados com o aparecimento de algum submarino; depois desse período, apareceu um caça-minas da Marinha Brasileira que nos comboiou até o Rio de Janeiro. O barco que nos transportou era muito leve e jogava muito. No primeiro dia, faltou comida para os setecentos homens, mas no segundo dia já foi normal e no terceiro dia começou a sobrar comida. O enjôo foi geral porque o pessoal estava no porão do navio e, como os homens não conseguiam mais ficar no porão, foram para o convés mesmo com chuva. Depois de quase cinco dias de viagem, chegamos ao Rio de Janeiro.

E sempre me lembro, com emoção, atingindo o Vale do Pó e nos apossando dos vilarejos por ali o povo nos recebia de braços abertos e éramos aclamados como heróis.

Tenente-Coronel Túlio Campello de Souza*

Nasceu em São Bento do Sapucaí, em São Paulo, a 25 de setembro de 1920. Tem cinco filhos e dois netos. Bacharel em Direito, advoga até nossos dias.

Fez o CPOR/SP entre 1939 e 1941, tendo sido declarado Aspirante-a-Oficial de Infantaria em setembro de 1941.

Em 1942, estagiou no II/5º RI, em Pindamonhangaba, e foi promovido a 2º Tenente, tendo se apresentado como voluntário e integrado o 6º Regimento de Infantaria na guerra.

Foi ferido em combate em março de 1945, dois meses antes do término da guerra. Tratou-se nos hospitais dos Estados Unidos e voltou ao Brasil em agosto de 1946, cerca de um ano depois de seus companheiros da FEB.

Por sua participação na Segunda Guerra Mundial recebeu as seguintes condecorações: Cruz de Combate de 1ª Classe, Medalha de Sangue do Brasil, Medalha de Campanha, Medalha de Guerra e *Croix de Guerre Avec Palme*, do Governo francês. Reformou-se como Capitão e, posteriormente, promovido a Major e Tenente-Coronel.

---

* Comandante do Pelotão da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria, entrevistado em 6 de março de 2001.

Foi uma honra fazer parte da ação mais importante do Brasil no concerto mundial, a sua participação na Segunda Guerra Mundial. Ainda guardo como relíquia a minha túnica, peça de fardamento que não sou capaz de vestir, porque ficou muito apertada.

Também, as medalhas: a Medalha de Sangue do Brasil, por ferimento, a Cruz de Combate de 1ª Classe, por feito excepcional, em caráter individual; a Medalha de Campanha, outorgada a todos que participaram da FEB; a Medalha de Guerra, por trabalho e atividades em nível de esforço de guerra do Brasil (esta medalha também foi dada a civis); e a Medalha Cruz de Guerra com Palma, *Croix de Guerre Avec Palme*, do Governo francês.

Ainda como relíquia, possuo a caixinha que a Gillete mandou fazer e deu a cada expedicionário: tive a sorte de poder conservá-la, com um aparelho de barbear Gilete e dez lâminas, que guardo com muito carinho.

Finalmente, já no Rio de Janeiro, na preparação para o embarque, recebemos as placas de identificação que cada expedicionário tinha que usar, corrente menor e na maior a inscrição "Brasil", depois o nome do portador, o número de identidade, a data da última vacinação antitetânica, se é Oficial ou praça e o tipo sangüíneo, que no meu caso era "O". Nessa época só se conheciam os tipos A, B, AB e O, não havia ainda o fator Rh. A gente levava isso sempre: no caso de morte, a corrente menor era destacada e levada para ser feito o registro e a outra era enterrada junto com o dono.

Embarcamos para a Itália, mas sem saber que iríamos para lá, em 30 de junho de 1944. Antes disso os três Regimentos que integraram a Divisão Expedicionária da FEB tinha recebido instrução, ainda no Rio de janeiro.

A nossa partida se deu com certo sigilo. O 6º Regimento, no qual estava incluído, embarcou, mas os outros dois seguiram destinos diferentes, ficaram pelas cercanias do Rio, de maneira a confundir um pouco os espiões que poderiam informar o destino de cada um dos Regimentos.

Embarcamos no navio de transporte americano chamado *General Mann* e no dia 2 de julho de 1944 deixamos o porto com mais ou menos cinco mil homens. Era o 6º Regimento, um Grupo de Artilharia, uma Companhia do Batalhão de Saúde, uma Companhia do Batalhão de Engenharia e as outras frações de que não me recordo no momento.

A vida a bordo era dura, tanto que quem não tirasse serviço de sentinela só se alimentava duas vezes por dia.

Cada um podia comer o que quisesse, mas não era permitido jogar comida fora. E naqueles balcões grandes, os bandejões com as concavidades onde a comida era colocada.

Ficávamos no tombadilho durante o dia, sempre de colete salva-vidas e não podíamos retirá-los; eles eram iguais a esses coletes da polícia, sem mangas e cheios de paina para poder flutuar.

Não se podia jogar nada no mar, toco de cigarro, papel de bala, casca de fruta, nem vomitar, porque cinco mil soldados fazendo essas coisas formar-se-ia um rastro que seria seguido por submarinos inimigos, pois ainda torpedeavam navios no Atlântico. Tudo isso era acumulado em certos lugares e depois, durante a noite, recolhido e lançado fora ao pôr-do-sol.

Muitos enjoaram e se não podia jogar no mar, o que faríamos?

Nos banheiros e nos corredores transversais do navio, em cada ponta havia um tambor vazio e era lá que tinha que ser feito.

Agora um detalhe interessante: nesses corredores havia chuveiros e os banhos eram de água salgada, pois seria impossível o navio fornecer água doce para todos os homens. Muita gente enchia o cantil com água doce e depois tomava um “banho francês”.

As privadas eram iguais e nos corredores estavam colocadas dez ou doze bacias; na parede de frente um lavatório com espelho. As bacias eram separadas em cabines laterais, mas não tinham portas, quem fazia barba, pelo espelho, via o outro que estava atrás, no vaso. Isso poderia ser ridículo, mas se tratava das várias dificuldades a enfrentar.

Havia exercícios de postos de salvamento: em certas horas chegava a ordem pelo sistema de alto-falantes e então de cada compartimento, que alojava mais ou menos cento e oitenta soldados, os homens eram conduzidos pelo Oficial que estava de serviço para o Posto de Salvamento, que já fôra previamente indicado.

Durante a noite o calor era insuportável, porque não se podia sair dos alojamentos e o navio ficava totalmente fechado, só as sentinelas podiam ficar fora, mas ninguém podia fumar, porque a luz de uma ponta de cigarro acesa seria vista de muito longe.

O nosso navio teve a escolta de um cruzador e de dois destróieres americanos, o cruzador era antigo, lançava um avião monomotor anfíbio por catapulta, que ficava circulando, se o piloto notasse alguma coisa, fotografava e os destróieres se dirigiam para aquela direção.

E assim foi a viagem; o que a gente fazia nas horas vagas era escrever cartas para depois mandar para nossas casas; escutava-se rádio, no meu caso eu tocava piano também.

Chegamos à Itália em 16 de julho de 1944, sendo que antes o navio parou e aí fizemos a troca do dinheiro, pois o nosso era o Cruzeiro. Entregamos os cruzeiros, foram feitas as anotações e mais tarde recebemos o que circulava na Itália. Não era a moeda local, a Lira italiana, e sim o dinheiro que valia realmente, a Lira de ocupa-

ção, posta em circulação pelos americanos. Nele fora gravado, no seu verso, as quatro liberdades que tinham sido proclamadas pelo Presidente Roosevelt.

Desembarcamos em Nápoles, por volta do meio-dia, em 16 de julho e entramos na cidade. Esta se encontrava bombardeada, mas havia trânsito e, ao longe, dava para ver o Vesúvio.

Encontrava-se em Nápoles um escalão precursor com oficiais superiores que se encontravam ali à espera: desceram o General Mascarenhas, General Zenóbio e o General Cordeiro de Farias, que foram recebidos por oficiais americanos. Existia também uma banda que tocou os hinos brasileiro e americano; após o que um destacamento militar americano foi passado em revista pelo General Mascarenhas.

Depois disso, todo mundo desceu e fomos andando a pé. Ocorreu uma coisa desagradável: usávamos a farda verde que muita gente chamava de "Zé Carioca", porque era malfeita. Nós ainda não tínhamos armamentos, então fomos caminhando pela cidade até a estação ferroviária. Vários italianos olhavam desconfiados e imaginaram que fôssemos prisioneiros, porque a farda alemã era verde e cinza.

Lá pegamos um trem que nos deixou no subúrbio de Bagnole e depois, ainda a pé, subimos uma ladeira e descemos para a cratera do Astronia, um vulcão extinto e que fôra parque de caça do Rei da Itália. No campo de Astronia armamos barracas. O banho passou a ser de água doce, sulfurosa. Os banheiros, feitos pelos americanos, eram barracas grandes com chuveiros. As privadas preparadas com uns caixotes de madeira que deveriam ter uns 5m x 1,5 metro, colocados sobre uma escavação com um buraco no meio da madeira.

Então era pior que no navio, porque não havia nenhum anteparo lateral e aí sentávamos com o companheiro ao lado; de manhã todo mundo fazia uma fila, só de calção. Era uma situação inibidora, mas não passamos muito tempo lá.

Um grupo de trinta oficiais, de Aspirante até Capitão, e outros combatentes foram para a Escola de Liderança e Chefia e de Treinamento de Liderança e Combate do V Exército americano, situado em uma cidade pequena da província de Caserta. Nós passamos nesse local uns 15 dias, recebendo instruções pesadíssimas que começavam de manhã e se prolongavam até as 11 horas da noite.

Lembro-me de um companheiro chamado Leonor Canguçu Taulois de Mesquita, que era da minha altura; estávamos sempre atrás na corrida e um dos instrutores jogava granadas ofensivas para cima da gente, aquelas que só têm a capa de alumínio; não matava, mas podia ferir.

A instrução era toda feita com munição verdadeira, não era festim, e havia uma previsão de perdas de 5% a 10% nesse curso; muitos homens foram feridos nos treinamentos.

Dentre os companheiros havia um chamado Torres Marques, grandão, aspirante ou 2º Tenente. Ao fim da tarde, tínhamos que estar limpos e apresentar o armamento, o Fuzil Garand, que recebêramos na ocasião. O instrutor examinava a arma daquele jeito como se vê no cinema, o cano lubrificado, ele olhava e devolvia sempre aberta.

No caso do Marques Torres, nesse dia, o fuzil estava sujo e o americano passou uma bronca nele, então ouviu-se a frase histórica, à guisa de explicação:

– *Yesterday I cleaned, mas today sujou de terra*.

Ele misturou as duas línguas, pois ninguém falava bem o inglês.

Depois do curso voltamos para as nossas Unidades, nesse ínterim o primeiro escalão já tinha se deslocado, chegara à cidade de Tarquinia e durante esse tempo foi recebendo as viaturas e o armamento.

Ficamos pouco tempo em Vada, com instrução diária, até que fomos empregados numa manobra, um exercício combinado de Infantaria, Artilharia e Engenharia, sob a direção do Comando do V Exército americano.

"A cobra fumando" foi uma frase que surgiu, nem sei como, ainda no Brasil, entre os soldados. E ao chegar à Itália tínhamos um distintivo muito simples, pouco visível e o pessoal se queixava. Parece-me, segundo li, que foi o próprio General Mark Clark que sugeriu que se fizesse um distintivo com a cobra fumando e que usássemos a expressão para aquela figura como *shoulder badge*, que significa distintivo de ombro.

Mas não usávamos os distintivos em Campanha porque no outono chovia todo dia e acabávamos sujando o uniforme, aliás, sujar o uniforme é um pleonasmo, até porque nem tomávamos banho. E mais tarde passamos a usar peças do uniforme americano que nos eram fornecidas, porque as nossas, fabricadas no Brasil, não eram suficientes para o frio. Eu nunca usei a "cobra fumando", não tive oportunidade de usar na Itália, só depois.

Terminado o período de exercício fomos empregados no Destacamento FEB, como se chamou, formado pelo 6º Regimento de Infantaria mais as Unidades de Artilharia, de Engenharia e de Saúde, empregado na região de Vecchiano, que não é longe do litoral do mar Tirreno. Por ali fomos avançando, em região já montanhosa, agüentando as chuvas...

E não dá para relatar tudo aquilo, cada coisa, cada dia, porque a Campanha parece pequena, a gente olha no mapa, são só dois centímetros daqui para ali, mas para andar aqueles dois centímetros em montanha foi o maior sacrifício...

Chegamos então à região do Vale do Rio Sercchio e lá havia uma estrada passando por Viertimo, Monte Cavaloro, depois cruzando o rio para a cidade de Barga e várias outras na região como Divizano e Fornaci de Barga.

O V Exército americano foi organizado no Norte da África. Depois que os americanos invadiram aquela região em 1942, após muita luta expulsaram os alemães. Então, no distintivo de ombro deles, “V”, significa quinto, o “A” de Army, significa Exército e a silhueta azul escura é uma mesquita árabe, por causa da origem local da organização.

Na Itália, cada um de nós, à medida que ia avançando, recebia um mapa, que, às vezes, era dobrado, bem conservado, outras vezes não. A escala era 1:25.000.

Eram as cartas utilizadas nas operações.

O engraçado é que todas foram feitas pelo Serviço Cartográfico do Exército americano, com base em mapas italianos preexistentes e isso está escrito em todos. O que ganhei, depois, mostrava marcas de flechas em vermelho, sinais em roxo e vários outros que indicavam as defesas alemãs nas regiões de Monte Castelo e Monte Belvedere. Uma superimpressão sobre um mapa preexistente. As flechinhas apontavam posições de metralhadora e umas rodelinhas com quatro pontos são minas anticarro. Era uma carta bem operacional.

No começo de outubro, houve a operação de Castelnuovo de Garfagnana, partindo de uma linha adiante de Barga. O I Batalhão do 6º RI tentou conquistar essa cidade e não teve êxito, sofremos um contra-ataque feroz e na ocasião morreu o Tenente R/2 José Maria Pinto Duarte. Ele foi ferido e não pôde ser transportado, quem relatou isso foi o Capitão Ayrosa.

Deixaram-no num lugar abrigado, quando voltaram, em patrulha, não acertaram o lugar e o seu corpo só foi encontrado muito tempo depois, sempre conservado pelo frio.

De lá, continuamos e fomos então para um outro setor da estrada 64, em frente ao Castelo. Guardei um trauma disso, porque meu Pelotão cobriu a retirada do Regimento, fiquei num lugar chamado Albiano, que era baixo e o alemão estava mais no alto; eu pedia para nossa CPP (Companhia de Petrechos Pesados), que despejasse uns tiros lá em cima, com morteiro 81mm, e de repente eles começaram a cair em cima de nós mesmos. Aí foi aquela loucura e por telefone eu falava:

– O que está havendo? Os tiros estão acertando nossos homens! Parem com isso!

Mas tudo na base do palavrão, é claro. Afinal, a razão era a seguinte: tinha chovido muito, o chão estava mole e como a placa base afundava, o tiro caia mais curto. Bom, saímos do local e depois fomos para a região do Castelo.

Mas antes de chegar lá, preciso narrar duas coisas marcantes.

Primeiro, quando chegamos à Itália, ainda em Nápoles, o 1º Escalão da FEB despertou a atenção, porque havia gente de toda cor e de toda espécie, evidenciando a integração racial na Força. Já as Unidades americanas eram segregadas, só havia

divisões e regimentos, ou de negros, ou de brancos e também um Regimento de filhos de japoneses, nascidos nos Estados Unidos e que foram voluntários para a guerra, e estes tiveram o percentual mais alto de condecoração por bravura.

Mas chegavam os brasileiros e chamavam atenção. Nessa época tinha ido visitar o V Exército uma Deputada federal americana que publicou uma reportagem sobre os brasileiros, a qual saiu no jornal do Exército americano, editado em formato tablóide, chamado *Stars and Stripes*, *Estrelas e Listras*.

Na página central desse jornal, dentro do texto, havia uma fotografia de um rapaz branco de cabelo preto, um soldado, embaixo um rapaz loiro, mais abaixo um negro e ainda um japonês, todos estavam na FEB, e cada vez que falo sobre isso, não posso deixar de dizer que aquilo mostrava que o Brasil já estava mais adiantado do que os países aliados, no que se refere à integração racial.

Essa composição era o desmentido maior de uma das afirmações, de Hitler, da superioridade racial ariana; acabamos dando uma liçãozinha, um exemplo. E também havia índios na nossa tropa, o que faz-me lembrar do Clovis.

O Clovis era soldado que tinha vindo de Mato Grosso e era filho de índios guaranis, tanto que falava guarani. Ele fazia parte da Seção de Comando da minha Companhia, onde operava o rádio.

Numa ocasião, recebi ordens para me encontrar com um capitão inglês de Artilharia, cuja Bateria ia apoiar o nosso Batalhão naquele ataque de Castelnuovo de Garfagnana. Fui ao local e encontrei o Capitão; embora eu conhecesse o idioma, ele se expressava com sotaque "britânico". Mas assim mesmo fomos juntos; ele fez o PO (Posto de Observação) na torre da igreja de Barga e o Clovis que estava lá recebia pelo rádio os pedidos:

– Faz fogo em tal lugar! Agora em tal alvo!

Falava para o inglês, que transmitia as ordens por telefone para os canhões dele e aí vinha a resposta:

– O tiro foi curto! Foi longo! Foi à direita!

Agora veja bem, a barreira cultural secular entre o inglês da Inglaterra e um índio do Mato Grosso, porque o Clovis não falava inglês nem italiano e o inglês não falava português nem guarani. Entretanto, os tiros saíram certinhos, foi uma maravilha! Ninguém falou mais do Clovis e eu não sei que fim ele levou.

Também me recordo do José Soeque, que era de Araucária, no Estado do Paraná e descendente de poloneses; alto, fala mansa, sujeito bom, era o fuzileiro atirador de um dos grupos. Em 30 de setembro de 1944, na estrada que margeia o Rio Serchio, adiante de Barga, aconteceu o seguinte: os alemães ficavam quietinhos e esperavam que chegássemos a um lugar de onde não pudéssemos sair e

abriam fogo. Não vou descrever e nem adianta, mas ele morreu cumprindo ordens, indo daqui pra lá com o FM (Fuzil Metralhadora) Browning BAR (*Browning Automatic Rifle*), não abandonou o posto, honrou a missão até o fim. O seu capacete foi perfurado por balas alemãs, da "Lurdinha", (apelido que o soldado brasileiro deu para a metralhadora alemã), que tinha uma cadência de tiro muito mais rápida de que a nossa. Morreu o Soeque e aquilo me impressionou bastante.

E três dias depois chegou um embrulho feito num papel bem vagabundo, com o nome e endereço escrito por mãos que a gente sentia que eram de quem só cuidava do cabo da enxada. Era um pedaço de fumo de rolo para ele...

Com isso, quero acentuar a qualidade da maioria do soldado febiano, herói vindo de famílias humildes, gente simples...

Hoje, após o almoço, passando pelo saguão vi um piano e toquei uma canção que diz:

– "...é gente humilde que vai em frente sem ter com quem contar."

A música é do Garoto, mas a letra foi composta por Vinícius de Moraes, é uma canção muito sentimental; a maioria dos componentes da FEB era dessa gente e o exemplo maior é o descendente de polonês, morando na roça; o presente que a família mandava era um pedaço de fumo de rolo que se pica com a faca e depois enrola na palha de milho e se faz o cigarro para fumar. Naquele tempo o cigarro não tinha filtro, mesmo aquele que recebíamos dos americanos, era coisa que ainda não existia.

É, portanto, um dever nosso acentuar e repetir que a maioria dos expedicionários era gente humilde, que assim mesmo aprendeu a se comunicar, a usar o armamento, e a cumprir as ordens.

Certa vez me contaram uma do Pelotão de Petrechos Leves, que era orgânico da Companhia e que possuía a metralhadora .30 leve e o morteiro de 60mm com o aparelho para mudar a direção do tubo e a altura. Às vezes, o pessoal estava dormindo, chegava um combatente e dizia para fazer fogo em determinado lugar. Vinha o pracinha que estava dormindo, girava as manivelas do morteiro no lugar correto e colocava a granada no tubo, tudo certinho, sem errar, isso o soldado fazia quase dormindo, bocejando ainda.

Bom, a guerra prosseguiu, o Castelo foi tomado depois de cinco ataques, a História oficial, escrita pelo Marechal Mascarenhas de Moraes, fala dos três ataques ao Monte Castelo, em 29 de novembro de 1944, em 12 de dezembro de 1944 e em 21 de fevereiro de 1945, mas foram cinco tentativas, porque meu Batalhão tomou parte nos dois primeiros, quando integrava a *Task Force 45*, que fez os dois primeiros ataques ao Monte Castelo, em 24 e 25 de novembro, repetido em 26, nos quais tomei parte.

Depois desse ataque foi que consegui tomar um banho, coisa que já não fazia há meses e nem mesmo a barba.

Para a defensiva, os alemães se aproveitavam muito bem da topografia daquela área. A estrada 64, que passava mais ou menos paralela, encontrava um pequeno rio chamado Marano com uma ponte sobre o mesmo. Os alemães a tinham destruído e a nossa Engenharia reparou, mas todas as viaturas ao passar por ali tinham que vir devagar, porque o local era acidentado e o alemão estava vendo lá de cima.

A região de operações ficava envolta por uma fumaça branca que cobria tudo, inodora e não tóxica, pois os americanos instalaram, numa casa, equipamentos que a produziam. Era a casa da fumaça, como nós chamávamos. Eu fui informado depois que um dos que trabalharam nesse equipamento foi Stan Laurel, o magro da dupla Gordo e o Magro. Então, as viaturas podiam passar por ali sem serem vistas pelos alemães que estavam lá em cima.

O tráfego era numa única mão. Quem chegava esperava a ordem de abrir o trânsito para poder passar e quem vinha na outra direção também, por isso que havia um controle de tráfego sobre a ponte.

Depois de Castelo prosseguiu a ofensiva, quando fomos para Castelnuovo-Soprassasso, onde fui ferido no dia 4 de março de 1945.

Ia avançando com o Pelotão e o terreno era minado. Havia muitas minas antipessoal, pequenas caixas de madeira com o explosivo dentro, postas em ação por uma espoleta que, por sua vez, era acionada por um peso de sete quilos, no mínimo. As caixas de madeira ficavam cobertas com uma leve camada de terra e o detector de minas não acusava.

As mesmas eram espalhadas regularmente no terreno, formando um campo minado, como chamamos. Num espaço de mais ou menos meia hora, segundo ouvi depois, foram feridos igualmente mais quatro soldados, sendo dois brasileiros e dois americanos, porque estávamos mais ou menos juntos.

Quando fui ferido, veio logo um enfermeiro que fez um atendimento de primeiro socorro, para estancar a hemorragia e depois me deu uma injeção de morfina, para agüentar a dor.

A amputação conseqüente de um terço de minha perna esquerda foi sem dúvida uma perda irreparável mas, dentro das possibilidades, fui bem atendido desde os primeiros momentos pelos padioleiros, no próprio local onde fora ferido, até a recuperação posterior no hospital americano especializado em Utah – EUA.

Em conseqüência, recebi a Medalha de Sangue do Brasil, outorgada pelo ferimento em combate e também a Cruz de Combate de 1ª Classe, cujo diploma tem o seguinte teor: “Pela coragem e sangue-frio demonstrados no curso do ataque à

cota 822, onde impulsionou resolutamente o seu Pelotão, até o momento em que foi posto fora de combate, por ter sido vitimado por uma mina que lhe decepou o pé."

Mais tarde fui levado pelo padioleiro para a retaguarda e, posteriormente, para o Hospital 32, onde fui operado, à noite. Depois desse hospital conduziram-me para o 10º Hospital de Evacuação, que era perto de Pistóia, em seguida para o 7º Hospital de Livorno, repleto de americanos e brasileiros, e daí para o Hospital 45, em Nápoles e, finalmente de lá por avião, para os Estados Unidos.

Escalamos em Casablanca (Marrocos) para pernoitar, depois nos Açores, onde almoçamos e de lá fomos para um hospital de recepção de feridos em Long Island, já nos Estados Unidos.

Em Long Island estivemos juntos, três oficiais, eu, o Wilker e o Eri, um sargento que estava sem um braço, além de dois soldados, um dos quais era da minha Companhia, o Ricardo.

De lá, ainda de avião, fomos para um hospital no estado de Utah, além das Montanhas Rochosas. Nesse hospital ficaram, em épocas diversas, 52 brasileiros com casos de amputação de perna, de braço ou casos de ferimento craniano.

Foi de lá que pude fazer um passeio a Hollywood onde fui fotografado junto com a artista Ingrid Bergman; saí perto dela porque os fotógrafos tiravam sempre mais de uma fotografia e mudavam a disposição dos elementos. E essa foi a que conservei, pois estou perto dela. Estavam presentes também o então Tenente Afrânio de Sousa Jardim, de Comunicações, e o Capitão Iedo Jacó Blaud, que sofreu a amputação na perna direita, ferida na conquista de Monte Castelo, em 21 de fevereiro.

Mas no hospital de Utah sofri outra operação, depois me fizeram uma prótese e é preciso deixar bem claro que a perna era de madeira mesmo, era perna de pau, porque ainda não havia o uso do material plástico como há hoje e a gente ia se adaptando; o coto tinha que murchar para pegar a forma mais certa, para depois poder ser feita a outra prótese.

Ao mesmo tempo, havia exercícios de fisioterapia e tudo mais e aprendíamos o quiséssemos. Eu aprendi a dirigir automóvel, porque o hospital mantinha, entre outras coisas, aulas de motorista para os amputados. Dirigi carro normal, não o hidramático.

Tenho ainda uma carteirinha de lá, atestando que fiz o curso e que era habilitado a conduzir automóvel e, com isso, dirigi nos Estados Unidos e pude ir aonde quis. Ao mesmo tempo, fui auxiliar do instrutor americano para aqueles brasileiros que queriam aprender e que não falavam inglês.

Detalhe, o instrutor do curso chamava-se Joe Müller e era um amputado bilateral. Havia também cavalos para nós aprendermos a cavalgar, piscina para nata-

ção, ginástica, atividade física e uma série de outros tipos de reabilitação e arte, como fazer tapetes, pintar, trabalhar em couro, tudo mais e até namorar era possível.

Depois disso, quando fui julgado apto, chamaram-me e chegou a ordem de voltar para o Brasil. Estava em Denver, no Estado do Colorado, onde tinha sido feita a segunda prótese. Eu já havia comprado um automóvel usado, porque não havia carros novos ainda, e vim dirigindo sozinho desde Denver até Nova York, e cada vez que dava carona para um soldado que estava sendo desmobilizado, quando ele entrava no carro e olhava para minha túnica pendurada no cabide, perguntava:

– O Senhor é um General de duas estrelas?

Isso porque no Exército americano era só General que usava estrelas, então eu explicava que era Tenente do Exército Brasileiro, cujo uniforme tinha estrelas.

Foram mais de três mil quilômetros, sei lá, cinco mil quilômetros de Denver a Nova York. Passei até por Chicago, onde morava um amigo. E cada caronista indagava:

– O Senhor é um General de duas estrelas?

Eu dizia:

– Não, não sou. Eu sou um 1º Tenente do Exército Brasileiro e lá as insígnias são assim...

Dava todas as explicações necessárias e tudo bem.

Antes de chegar a Nova York, dei carona para mais um, que me fez uma pergunta e a quem dei a mesma resposta.

Chegando a Nova York, não me lembro mais por onde, tinha que passar por um dos túneis do Rio Hudson para chegar a Manhatan, que é uma ilha. Passei e quando saí do outro lado, era um espaço largo, não parecia uma praça, havia várias ruas em diversas direções, e eu fiquei olhando assim feito bobo e acumulavam-se os automóveis atrás do meu, porque eu estava impedindo a passagem.

Chegou então um guarda de trânsito, desses típicos do cinema, com dois metros de altura e, com a voz agressiva, meteu a cabeça dentro do carro e disse:

– Você está atrapalhando o trânsito aqui! O que você está fazendo?

E eu não sabia o que dizer, mas antes que ele acabasse de falar, olhou para minha farda e perguntou:

– Você é um General de duas estrelas?

Aí eu disse:

– Sim!

E ele já mudou o tom de voz e perguntou:

– Para onde o senhor quer ir?

Eu disse:

– Eu quero ir para a rua 31, com a 3ª avenida.

Imediatamente ele pegou aquele apito, desviou os outros carros e me ensinou como chegar ao meu destino. Dei ali a famosa “chave de estrelas”. O soldado que estava comigo e sabia que eu era só Tenente ficou querendo dar risadas, mas não podia, então valeu.

Vou terminar fazendo uma referência ao meu Pelotão, constituído por homens que expressam bem a gente humilde, simples, mas corajosa, brava e disciplinada.

Eles merecem todo o louvor, porque sem recursos, com pouco saber e mesmo trabalhando na roça, foram lá e cumpriram o seu dever. E é por isso que eu agradeço essa oportunidade de poder referir-me ao valor deles e de pedir que as nossas autoridades nunca deixem de visitar o Monumento Votivo ao Militar Brasileiro, em Pistóia, que foi o primeiro abrigo dos despojos dos heróis da Pátria na Segunda Guerra Mundial.

Capitão Benedito Nunes de Assis*

Reside na Cidade de Taubaté, com 92 anos de idade, viúvo, tem quatro filhos, sendo um deles Coronel do Exército, oito netos e duas bisnetas. Nasceu em São José dos Campos-SP. Foi veterano da Revolução Paulista de 1932. Fez a guerra em 1944 e 1945, como 1º sargento auxiliar do S/3 do 6º Regimento de Infantaria. Condecorado com as medalhas de Campanha e de Guerra.

---

* Auxiliar da 3ª Seção do 6º Regimento de Infantaria, entrevistado em 1º de junho de 2000.

Foi na madrugada do dia 2 de julho de 1944, na cidade do Rio de Janeiro. Tinha trinta e seis anos nessa época, e embarcamos à noite, num trem fechado, porque havia necessidade de sigilo, em virtude da Quinta-Coluna, apontada como responsável por mandar informações para o inimigo. Fomos do quartel da Vila Militar, naquela composição, até o porto. Chegamos lá, cada um com seu saco de distribuição nas costas e embarcamos, então, em um navio cujo nome era *General Mann*. Passamos aquela madrugada no navio e, quando amanheceu o dia, estávamos saindo mar a fora.

Não sei onde os soldados arranjaram um violão e começaram a tocar seu samba; os norte-americanos que vinham observar achavam muito interessante, porque os brasileiros eram diferentes de outros povos que eles da mesma forma tinham transportado, e que, normalmente, viajavam tristes, abatidos. Os brasileiros não; no primeiro dia que acordaram em alto mar já faziam a sua música e o mais curioso é que os americanos também acompanhavam nosso ritmo.

A viagem foi longa no tempo, porque o navio navegava em ziguezague para evitar os submarinos; não se podia jogar pontas de cigarro no mar e, assim, deixar pistas para os submersíveis, não se podia lançar nada. O navio foi seguindo por 13 ou 14 dias para chegar a seu destino. Muito interessante foi a passagem da linha do Equador, quando o comandante mandou anunciar que daria um prêmio a quem a primeiro visse. Incrível, mas não foi pequeno o número dos que passaram a noite inteira tentando ver a “tal linha”.

Havíamos deixado o Brasil em pleno inverno, na plenitude do frio, mas logo que passamos a Bahia, rumo norte, começamos a sentir bastante calor, agravado porque sempre envergávamos o colete salva-vidas e não se podia tirá-lo para dormir.

Afinal arribamos no porto de Nápoles, destruído. Muitos balões cativos para dificultar a ação dos aviões inimigos.

Naquela noite dormimos embaixo das árvores, sem barracas, deitados no chão.

Na estação ferroviária de Nápoles pegamos um trem e fomos até um distrito próximo, Agnaro, onde ficamos. Marchamos um pouquinho, subimos a montanha lá em cima havia um portal muito bonito e descemos para o interior da cratera de um vulcão extinto. Neste local existia um lago cuja água ninguém poderia aproveitar: os alemães, em retirada, deixaram-na toda contaminada com óleo. Era um lugar muito bonito, mas ninguém podia tomar um banho sequer.

Também ficamos pouco tempo, porque pegamos as viaturas e seguimos para o norte, até Vada, que é um lugarejo perto do mar. A diferença de Vada para Agnaro é que nesta última só havia árvores de tipos variados, enquanto em Vada proliferavam os vinhedos. Era região de produção de vinho.

Dali, subimos para a cidade de Tarquinia, logo acima de Roma. Tarquinia é pequena, mas muito bonita e histórica, porque no começo de Roma seu povo fazia guerra contra os romanos. Ficamos acampados em uma propriedade ali próxima. Naquele local, a tropa recebeu armamento, equipamento e o material de campanha. Cada qual com a arma correspondente à função na tropa.

Daquela região, certo dia, levantaram vôo, creio, milhares de aviões rebocando planadores, orientados para o Sul da França. Os Comandos americanos na Itália ficaram um tanto desfalcados de tropas, donde o interesse deles em colocar, o quanto antes, a tropa brasileira em ação.

Embora fosse, inicialmente, um Regimento acompanhado dos apoios, tornou-se logo uma tropa respeitada. Realizado um exercício, espécie de teste, o Comando americano aprovou integralmente o desempenho dos brasileiros. Até que, numa determinada noite, deslocados em caminhões, fomos tomar posição ao norte de Pisa, num lugar próximo de Camaiore. Ali, os brasileiros foram substituir, já em linha, uma tropa de norte-americanos negros.

O General Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB, não contava ainda com a tropa completa, estavam faltando os outros dois Regimentos e Unidades. Foi organizado, de pronto, um destacamento sob o comando do Capitão Ernani Airosa. Tínhamos, no 6º RI, um Tenente, Mário Cabral de Vasconcelos, Comandante do 1º Pelotão, que foi o primeiro a entrar em Camaiore, sob o impacto do fogo inimigo.

Os alemães se retiraram mas continuaram a reagir com bombardeios; antes já tinham passado para a cidade de Massarosa que os brasileiros ocuparam; depois, então, é que foi tomada Camaiore. Mas devíamos fazer um desvio e infletir para a direita, a fim de atingir a região de Lucca que fica ao lado do Sercchio, rio que desemboca no Pó. A partir de Lucca começou o avanço, subindo montanhas íngremes, acompanhando o Rio Sercchio até a cidade de Barga.

O inimigo retraía para buscar melhores posições, mais para o alto das elevações; de lá desencadearam um contra-ataque muito perigoso; em seguida descemos para outra posição, Porreta Terme, frente a Monte Castelo. Era impositivo que os brasileiros tomassem aquelas posições inimigas de Monte Castelo, porque, de lá, os alemães dominavam a baixada do Rio Reno.

Na cidadezinha de Porreta Terme foi instalado o QG do General Mascarenhas de Moraes. O 6º RI foi ocupar posições em Marano que ficava a sudoeste de Monte Castelo. Era importante que os brasileiros conquistassem Monte Castelo, repito, de onde os alemães tinham domínio de vistas e de fogos sobre a rota 64. Por essa razão foram construídos os *by pass*, desvios para contornar as pontes destruídas.

Lá em Marano, até mesmo criaram grupos de esquiadores, todos com aquelas capas brancas, fazendo patrulhas. Em Monte Castelo, os alemães estavam muito bem entrincheirados, fortemente posicionados, ao lado do Monte Belvedere que também tinha muito bom comandamento.

No dia 12 de dezembro o 1º RI atacou, mas não obteve sucesso. A vitória, com a queda de Monte Castelo, só ocorreria no dia 21 de fevereiro de 1945.

Com a estabilização do *front*, por causa do inverno, começou, então, o que chamou de defensiva agressiva. Era uma guerra só de patrulhas, e, nelas, muitos companheiros morreram nas emboscadas inimigas. Os brasileiros muito rapidamente se adaptaram àquele tipo de luta, adquiriram experiência e se tornaram temíveis adversários nesses embates onde prevalecia a surpresa.

Em fevereiro começou o degelo. Na conquista de Monte Castelo destacou-se, entre outros, o Major Romildo, o primeiro a chegar lá. Atribui-se ao 1º RI o mérito da vitória. Como a de Montese é creditada ao 11º RI, Regimento Tiradentes, de São João Del Rei, porque foi a Unidade que atuou completa. Depois seguiu-se a conquista de Castelnuovo, mais à direita.

Faço a descrição daquele combate no livro que escrevi – *Os Prisioneiros de Castelnuovo*. Foram 75 prisioneiros alemães; todos eles passaram a noite inteira sendo interrogados. O Capitão Castro e Silva que falava fluentemente alemão fazia as perguntas e transmitia as respostas ao Coronel. Num daqueles depoimentos, quando ele fez as perguntas a um dos prisioneiros, o alemão pegou no bolso da jaqueta um papel e entregou-o ao Capitão que ficou muito comovido e disse: "Coronel, isto aqui é uma carta de um soldado nosso. Como o Senhor pode ver eu nem posso mais falar, por causa da emoção que sinto." Um soldado brasileiro, num daqueles ataques a Monte Castelo, fora ferido e caíra prisioneiro dos alemães. Foi levado para um hospital do inimigo, na retaguarda, e lá fez amizade com um sargento enfermeiro alemão. Então, explicaram que ele escreveu uma carta recomendando aquele homem: "Se você, a qualquer hora, cair prisioneiro dos brasileiros, apresente esta carta." Foi justamente o que aconteceu e eu presenciei. Aquela carta do soldado brasileiro foi guardada com muito cuidado lá no hospital de campanha alemão, porque, caso fosse descoberta, ambos poderiam ser fuzilados. A verdade é que tudo deu certinho e o soldado alemão, então prisioneiro, por isso foi muito bem tratado.

Os alemães não tinham mais boas posições de defesa, só restava a eles a retirada. E, assim, começou a perseguição, uma verdadeira corrida no encalço do inimigo. Tentavam alguma resistência para que pudessem retrair; foram se reunir no vilarejo Fornovo de Taro – Taro, um pequeno rio que passa por aquele vilarejo.

Em Collecchio, que os brasileiros haviam conquistado, encontrava-me ao lado do Coronel Nelson de Mello que redigiu aquela beleza de ultimato ao Comando das Forças alemães, ultimato no qual se pode observar, em primeiro lugar, o sentido humanitário, a fim de poupar sacrifício inútil e perda de vidas. Assim inicia:

A fim de poupar sacrifícios inúteis de vidas, intimo-vos a render-vos incondicionalmente...

Há um outro ponto também: os Comandos aliados tinham estabelecido que as rendições alemãs deveriam ser incondicionais. No caso, render-se incondicionalmente às Forças Regulares do Exército Brasileiro. Outro aspecto que deve ser lembrado é que os alemães tinham convicção de que os *partisans*, guerrilheiros italianos, não teriam condescendência com eles, provavelmente mandando-os a fuzilamento. Eis porque os alemães não se entregavam a Forças Irregulares. O ultimato ressaltara "Forças Regulares do Exército Brasileiro estavam prontas a atacar".

"Estais completamente cercados e impossibilitados de qualquer retirada. Aguardo no prazo de duas horas a resposta do presente ultimato. Assinado: Coronel Nelson de Mello, Comandante da Vanguarda Brasileira."

Foi um decisivo ultimato, de poucas palavras e que disse coisas muito importantes. O Chefe do Estado-Maior do Comando alemão, duas horas depois, respondeu, concordando. E há outro detalhe: quem levou a mensagem aos alemães foi o padre de uma capela daquele vilarejo, Alessandro Cavalli. Os alemães haviam tentado levantar o cerco mas não puderam e descobriram que estavam sem saída. Deveriam se render mesmo. A guerra estava perdida. Queriam muito se entregar na terra deles, porque diz o poema *"Na terra natal a própria dor dói menos"*. Queriam se entregar perto de suas famílias, na sua pátria, mas, sendo impossível, capitularam ali mesmo no dia seguinte, 29, porque tudo acontecera a 28 de abril. E, naquele dia, milhares de soldados da 148ª Divisão alemã, remanescentes de uma Divisão Panzer e de uma Divisão italiana se entregaram aos brasileiros.

E para nós acabava a guerra. Fomos descansar naquelas cidadezinhas do Vale do Pó, junto a Alessandria, onde ficou a Divisão.

No dia 8 de maio todos os sinos começaram a badalar; coincidentemente ali se realizava um seminário de candidatos a padre. Todos cantavam porque havia sido assinado o Tratado de Paz na Europa.

Na Itália, que beleza! O inverno terminara e sentíamo-nos felizes. Depois viemos para Nápoles, onde muitos companheiros visitaram as ruínas da cidade de Pompéia; infelizmente não pude ir com os meus colegas: fiquei um tempo trabalhando com o Major Floriano Machado que assumira a chefia da 3ª Seção. Ficávamos lá ajudando em todos os relatórios e ele até me deu um livro. Depois disso, voltamos ao Brasil.

A propósito, *Lili Marlene* era uma canção de origem alemã, também cantada pelos aliados, cada um na sua língua. Em português era assim:

Sob a metralha, dentro das trincheiras
Em pleno blecaute eu ouvi, noites inteiras,
Uma canção no céu vibrar, era o inimigo a recordar
A ti, Lili Marlene
A ti, Lili Marlene

Eu te encontrei, enfim me sorriste
Abracei-te e vi que eras linda, porém triste
Ao lampião nada se via, então chorei naquele dia
Por ti, Lili Marlene,
Por ti, Lili Marlene

Em algum dia próximo à vitória
Tocando o clarim, findando a linda história
Ao meu Brasil regressarei e deste amor me lembrarei
De ti, Lili Marlene
De ti, Lili Marlene

Mas outro amor terei longe da guerra
Nos campos em flor, nas coxilhas ou nas serras
Nada faz bem ao coração como o luar do meu sertão
Sem ti, Lili Marlene
Sem ti, Lili Marlene.

Ela era alemã e diz a lenda que Lili Marlene namorava um soldado alemão; o soldado caiu prisioneiro dos ingleses e o os ensinou a cantar aquela canção em alemão; o inglês traduziu para sua língua; aí os americanos gostaram da melodia em inglês e aprenderam a canção, também; depois, os brasileiros a aprenderam e adaptaram ao português.

Em relação à organização para a guerra, éramos neófitos e não possuíamos os recursos necessários, tantos meios como os americanos. Bastava só pensar e eles traziam, por exemplo, um caminhão com brocas, furavam, pouco depois estendiam um cano e logo jorrava água, todo o mundo no banho; tanto instalavam latrinas quanto construíam pavilhões.

Utilizavam meios adequados para qualquer tipo de atividade, como rancho, só para citar, de forma a preservar a limpeza e higiene de forma fácil e simples. O Exército Brasileiro usou na guerra e trouxe a experiência adquirida para nossas organizações militares.

O que se pode dizer dos brasileiros resume-se na exaltação à coragem, à iniciativa e ao heroísmo. Também que a ação de comando mostrou-se firme e serviu para conduzir homens que dobraram um inimigo que, embora enfraquecido, era experimentado, tenaz e valente. Costumo, quando compareço a um quartel e presencio a uma formatura, dirigir-me aos jovens e pedir que contemplem as fisionomias dos ex-combatentes, idosos, cansados, que sacrificaram parte de sua juventude para atender ao chamamento da Pátria.

Tenho um companheiro em Taubaté que disse: “Capitão, tinha minha roça, meu pai estava doente, quando recebi o aviso de que estava convocado. Larguei tudo e me apresentei. Puseram-me uma farda no corpo, embarcaram-me em um navio, mandaram-me para a guerra. Combati pelo Brasil e não me arrependo.

Os ex-combatentes, agora, estão reduzidos, a caminho de acabar. Renderemos nosso tributo à natureza, ninguém fica aí pela eternidade não, mas é preciso que as novas gerações rendam tributo ao que realizou a nossa geração: atender ao chamado da Pátria em uma guerra que se dizia a pior de todas as guerras, por causa da destruição que provocava. Os que morreram em combate, hoje, estão no Aterro do Flamengo; alguns desaparecidos. Outros morreram aqui e estão por aí dispersos. Para o resgate de nosso sacrifício é preciso que as novas gerações se mirem em nossos exemplos.

Capitão Enéas de Sá Araújo*

É natural de Caçapava, São Paulo, também conhecida como "Cidade Simpatia". Nascido em 27 de janeiro de 1924. Voltando da guerra, prosseguiu normalmente na carreira militar tendo servido, também, em outras guarnições. Casado há 52 anos, quatro netos e um bisneto. O Capitão Enéas é presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, seção de Caçapava-SP. Por sua participação na Segunda Guerra Mundial, foi condecorado com as Medalhas de Campanha, Medalha de Guerra e Sangue do Brasil por ter sido ferido em combate.

* Comandante de Grupo de Combate da 5ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria, entrevistado em 31 de maio de 2000.

Sou Presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, seção de Caçapava, há quase 15 anos. Mesmo antes de assumir a função de Presidente, já era Vice-Presidente desde que fui transferido para a reserva, em 1965.

Ingressei no Exército, como voluntário, aos 17 anos de idade, em novembro de 1941. Em 1942, fui promovido a cabo e três meses depois a 3º sargento. Naquele tempo era muito difícil o praça chegar a 3º sargento em 10 meses, mas explica-se porque uma semana antes de terminarmos o Curso de sargento, o Brasil declarou guerra à Alemanha. Desde o começo de 1942 o Brasil já havia rompido relações diplomáticas com a Alemanha por causa do torpedeamento dos navios. No dia 22 de agosto de 1942, o Brasil declarou guerra à Alemanha e no fim de agosto terminamos o curso. No outro dia fomos promovidos, numa turma de 29 companheiros.

No fim de 1942 formou-se o III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, aqui mesmo no quartel do 6º RI. O Batalhão, em dezembro de 1942, deslocou-se de Caçapava para Cidade de Lins, no Noroeste do Estado de São Paulo. Mais da metade da sua população tinha origem japonesa; como o Brasil havia declarado guerra à Alemanha, à Itália e ao Japão, achou-se necessário que a Unidade ficasse naquela cidade. Lá permanecemos até o final de julho de 1943, porque "arrumei" transferência e voltei para Caçapava. Logo em seguida, coisa de um mês e pouco, o III Batalhão deslocou-se de Lins para Pindamonhangaba, no Vale do Paraíba. Nessa mesma época, o I Batalhão, também do 6º Regimento, que estava em Caçapava, deslocou-se para Taubaté, porque já se sabia que o Regimento era uma das tropas da Força Expedicionária Brasileira, isso já no fim de 1943, quando foi formada a FEB.

As unidades já vinham modificando suas organizações; antes, um Batalhão tinha a 1ª, a 2ª Companhia, a CPP e um Pelotão de Comando. Depois passou a ter a 1ª, a 2ª, a 3ª, uma Companhia de Comando do Batalhão e a CPP. Os Batalhões cresceram muito e a cidade de Caçapava não os comportava. Por isso, lá só permaneceram o II Batalhão e os órgãos regimentais, mais quatro companhias que o Regimento possuía, a Companhia de Comando do Regimento, a Companhia de Serviço, a Companhia de Canhões Anticarros e uma Companhia de Obuses.

Do fim de 1943 ao começo de 1944, só participamos de instruções para guerra. E em março de 1944 todas as Unidades, de Caçapava, de Taubaté e de Pindamonhangaba deslocaram-se para o Rio de Janeiro. Ficamos alojados no Regimento Escola de Infantaria, na Vila Militar, onde permanecemos os meses de março, abril, maio e junho. A instrução era pesada mesmo, até com treinamento de embarque e desembarque de navio. Pistas de aplicação no campo de Gericinó, ordem unida na avenida Duque de Caxias, na Vila Militar: passávamos a manhã toda marchando, em acelerado, marchava e depois acelerava, desde as sete até as onze horas.

No fim de junho, houve uma grande manobra no Rio de Janeiro. Tomaram parte o 1º RI, o 11º RI de São João Del Rei que também se encontrava no Rio, além de unidades de Artilharia e a de Engenharia vinda de Mato Grosso. O 1º RI deslocou-se para um setor do Recreio dos Bandeirantes, o 11º RI foi para o outro lado e o 6º RI embarcou sigilosamente na estação da Vila Militar num trem todo fechado, escuro. Saímos de lá e descemos no porto, na frente de um navio colossal. A maior parte dos companheiros nunca tinha visto uma embarcação daquele tamanho, até houve um que falou: "Olha o tamanho dele! Cento e cinqüenta e tantos metros". O navio transportou 5.075 companheiros, fora o pessoal da tripulação que também não era pouco.

Desembarcamos no cais, entramos em forma, o Presidente da República, Getúlio Vargas, apareceu no convés da embarcação e disse algumas palavras, inclusive assegurou que as nossas famílias ficariam assistidas. Dois ou três companheiros que não agüentaram a tensão desertaram ali mesmo. O restante embarcou, só que nós não nos deslocamos imediatamente, ficamos aquela noite e mais outra dentro do navio. Durante o dia nos deixavam subir para o convés, a fim de vermos o mar. Tanto sigilo no embarque para depois ficar à vontade.

Na madrugada do dia 2 de julho de 1944 o navio zarpou do Rio de Janeiro escoltado por destróieres brasileiros. Aconteceu um fato que consta de todos os livros sobre a FEB e eu assisti: havia neblina no Corcovado; quando passamos, abriu-se a névoa e todos viram o Cristo Redentor. Como se fosse um adeus, pudemos contemplá-lo com os braços abertos. Eram seis horas da manhã, no mês de julho, quando escurece mais cedo e clareia mais tarde. Passamos mais ou menos um dia inteiro vendo o litoral brasileiro e, quando anoiteceu, fomos obrigados a nos recolher para o interior da embarcação. Isso aconteceu durante a viagem toda, de dia podia-se ficar no convés, à noite éramos obrigados a descer porque o navio fechava-se todo, como proteção contra submarinos inimigos; nenhuma luz para o exterior. O calor era forte, as entradas de ar eram insuficientes, dada a grande quantidade de homens no navio, mais de cinco mil.

Quem quisesse fumar ia para o sanitário, um local bem grande, porque no alojamento não era permitido. Outra coisa que desagradou, principalmente aos mais velhos, é que os banheiros não tinham portas, eram abertos, o que obrigava a se fazer as necessidades na frente dos outros. Havia até uns mais velhos na minha Companhia, que só iam lá de madrugada, porque tinham vergonha.

Foram 14 dias, até chegarmos ao Porto de Nápoles. Alguns afirmam termos sido escoltados até o norte do Brasil pela Marinha Brasileira e, dali em diante, pela Marinha dos Estados Unidos; trata-se de um engano, porque uma parte da escolta brasileira foi até Gibraltar, junto com os americanos; havia um cruzador daquele país, que navegava

na frente, e os destróieres eram de nossa Marinha. Lá houve uma cerimônia e o Gen Mascarenhas de Moraes falou a respeito disso, despedindo-se dos comandantes das belonaves, americana e brasileiras que tinham comboiado o navio até Gibraltar.

Havia balões dirigíveis, também, que surgiram nas proximidades de Gibraltar. Quando entramos no mar Mediterrâneo, foi aquela surpresa, confirmou-se nossa ida até o Porto de Nápoles. A cidade não fora assim tão bombardeada, mas o porto não tinha mais espaço, estava tudo destruído, não havia armazéns e sim navios por toda a baía, emborcados, de ponta para cima, era uma coisa medonha.

Bem, arribados em Nápoles, desenvolveu-se toda aquela cerimônia, porque uma Companhia do Exército americano prestou as honras de estilo aos generais Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB, e Zenóbio da Costa, Comandante da Infantaria. Assistimos à bonita cerimônia, inclusive com Banda de Música. Depois, houve o desembarque: o 6º RI, as tropas de Artilharia, de Engenharia, de Serviços, o pessoal do Correio do Brasil que foi conosco; até os repórteres, pessoal de imprensa, do Banco do Brasil, cujo gerente era um Coronel, isto é, investido com a patente de Coronel; cada um que trabalhava no Banco do Brasil recebia um posto ou uma graduação para trabalhar na Itália.

Em seguida, nos deslocamos a pé até a estação ferroviária, passando, mais ou menos, a um quilômetro ou a um quilômetro e meio do centro da cidade. No começo, os italianos, que estavam por ali, achavam que éramos prisioneiros dos americanos, porque o nosso fardamento era semelhante ao dos alemães, só as platinas eram diferentes. Com passar dos dias, ficaram sabendo que era tropa nova que estava chegando.

Dali embarcamos num comboio de guerra, nos deslocamos, mais ou menos, meia hora de trem, e chegamos a uma zona perto de Bagnole, não muito longe de Nápoles; fomos encaminhados para uma localidade chamada Agnaro, que era a área de acampamento montado na cratera de um vulcão extinto. A gente pisava na terra e levantava poeira de cinzas. O vulcão era o Astronia, extinto há alguns milhares de anos.

Quando chegamos só tínhamos o saco de roupa. A primeira noite passamos ao relento, cada Companhia acertou um lugar para dormir, bivacando. Tínhamos-nos alimentado por volta das quatro horas da manhã, no navio. À tarde chegou um caminhão com caixas de rações "C", americanas, umas latinhas apelidadas de *Scatolettas.* Dentro delas havia várias refeições por dia; eram seis: três com feijão, batata e carne e três com bolacha e até uns dois ou três cigarrinhos, inclusive café. Nessa primeira noite recebemos somente duas latinhas, uma de comida mesmo e outra de bolachas; no outro dia começou a chegar o material de acampamento que

recebemos dos americanos: barracas e, em cada duas barracas, havia um mosquiteiro por causa dos pernilongos. Cada Comandante de Grupo tinha um desinfetante que era espargido nas barracas. Tomávamos, também, uma drágea quinino, para evitar a malária, tudo isso naqueles dias que passamos no vulcão. Lá fomos conhecer o método prático e rápido de limpeza das marmitas. As marmitas americanas eram melhores do que as antigas brasileiras modelo francês, seu formato pouco mais arredondado, quase oval; um gancho onde se penduravam os talheres, servia para segurar e, também, fechava a marmita. Um motor esquentava a água e mais três latões: o primeiro cheio de sabão, segurava-se a marmita pelo cabo e chacoalhava; no segundo eles punham detergente e, no terceiro água limpa. A marmita saía limpinha.

Naquele local, o General Mascarenhas também acampou; até achávamos que ele se enganara, porque sua barraca ficou armada, mais ou menos, na frente do acampamento do nosso Grupo. Cansei de vê-lo lavando a roupa e tudo o mais no capacete de aço que nós usávamos, também para esse fim. No primeiro momento achávamos engraçado o General Comandante da tropa estar lavando roupa e dando o exemplo. Com isso criou um fator positivo para si próprio, porque todo soldado admirava o General Mascarenhas de Moraes.

Ali participamos, logo no segundo ou terceiro dia, de uma formatura, onde foi hasteada, pela primeira vez, a Bandeira Nacional em solo italiano e o General Mascarenhas de Moraes falou à tropa perfilada. Nessa época ainda não havia banda, mandaram só uma fanfarra de cornetas, para tocar a marcha batida no hasteamento do Pavilhão nacional. Foi muito emocionante vê-lo tremular em solo italiano.

Uma coisa que destoou no acampamento, foi o General Zenóbio ter mandado fazer um círculo de taquaras – “chiqueirão” – para prender os soldados, porque, logo no primeiro dia, alguns trocavam de roupa, indo para outra cidade, sem autorização, e mais tarde já se via soldado brasileiro na Cidade de Bagnole.

Há uma passagem até meio engraçada. O meu amigo e “de rancho”, sargento Wilson Sirigato, dormia na minha barraca. Um dia estávamos combinados de subir o morro para ir à cidade, entretanto caí de serviço como sargento de Dia. Era domingo e ele foi com outro companheiro; passaram o dia em Bagnoli, beberam vinho à vontade e, na volta, ele se perdeu da turma, regressando sozinho; meio perdido, indagava qual o caminho que daria na estrada; como já tinha escurecido, veio devagar. De repente, aparece um jipe e ele levanta o dedo pedindo carona. O jipe pára, era o General Zenóbio. Contou depois, que o General Zenóbio deu carona, mas parou na porta do “chiqueirão” e ele ficou preso. Passou o tempo, os outros chegavam e ele não; calculei que se perdera e à meia-noite, uma hora da manhã, fui dar uma olhada no “chiqueirão”: ele se encolhera num canto. A madrugada estava bem fria, apanhei

um cobertor para ele passar a noite. Era só um castigo que não constava das alterações, um castigo porque saiu sem ordem.

Permanecemos, mais ou menos, uns quinze dias naquele local e depois nos deslocamos em caminhões até a estação de Bagnoli; pegamos o trem e seguimos em direção a Roma, embora aquele ramal mesmo não chegasse até lá. O leito antigo tinha sido bombardeado; a estrada de ferro nova foi construída pelos americanos, no lugar da antiga. Tiraram os trilhos retorcidos, bombardeados e colocaram de lado. Fomos de trem até uma estação chamada Vitória, antes de Roma, onde descemos da composição. Já havia um comboio americano ajudando. Cada Companhia tomou seus caminhões, seguimos adiante, passamos por Roma, não pelo centro, sem entrar na cidade. Caminhões que não acabavam mais, uns cinco mil homens, aproximadamente, porque houve bastante gente que permaneceu em Nápoles para depois seguir: pessoal do Banco do Brasil, Correios e outros; mas o grosso da tropa foi.

Chegamos a uma região chamada Tarquínia, a cidade fica no alto e dela se avista o porto, em Civitavecchia. Um porto pequeno e a praia, lá de cima viam-se as ondas. Acampamos ali. Começamos a receber o armamento. Fui um dos primeiros a conhecer Tarquínia, porque, no Regimento, tomava conta da oficina do quartel e vi-me logo escalado na turma para fazer uma limpeza nas casas em que o Comando se instalaria. Com mais alguns companheiros passamos uns dois dias na cidade, voltamos no terceiro dia e recebemos o armamento.

Nesse período, fui chamado pelo Major, Fiscal; estavam querendo começar a instrução de tiro com o novo armamento e não havia estande; arrumaram um lugar, ordenaram que eu e os carpinteiros fizéssemos os alvos. Mandaram buscar em cada Companhia meia dúzia de carpinteiros; de uma casa destruída tiramos os sarrafos. Quando estavam prontos uns vinte alvos, recebi ordem para voltar. Largamos tudo, na verdade o que fizemos não serviu para nada, nem para realizar o tiro. Ali tivemos poucas instruções de combate, porque havia mais preocupação em instruir sobre o armamento diferente, montar e desmontar, limpeza etc.

De vez em quando eu ia tomar banho de mar. Certa feita, para consternação de todos, um soldado morreu afogado. Além dele, mais tarde, parece que um outro de nossa Companhia. Ali também foi vitimado um sargento, que operava com minas, saiu procurando uma, encontrou e morreu ao manuseá-la.

Bem, de lá passamos para outro estacionamento em uma região chamada Barga, repleta de vinícolas e fomos acampar dentro de uma plantação de uvas. A plantação de uvas não era disposta em parreiras, faziam cercas e no meio delas por onde passava um carro de boi para realizar a colheita, foram montadas as barracas para o acampamento.

Há uma passagem que o General Mascarenhas de Moraes relata em seu livro; lá pelas seis horas da manhã, fui acordado pelo Tenente da minha Companhia. “Enéas, Enéas levanta”. Chamou ainda os soldados e o sargento Alves, que era um homem de mais de um metro e oitenta. Não sabíamos do que se tratava; formou-se um Pelotão da Companhia e o Tenente nos levou até o Comando do Regimento. Já havia outros pelotões de outras companhias criando-se então, uma Companhia com três pelotões, todos eram altos, eu perto dos outros era baixinho, porque tenho 1,76 m. Saímos, sem café sem nada, até Barga; entramos no caminhão, deslocamo-nos e chegamos a um campo de espera. Ali se encontravam várias unidades do V Exército, enfermeiros, infantes, carros de combate e formou-se um grande círculo. A Companhia brasileira ficou no meio; depois soubemos que estava naquela zona o Primeiro-Ministro da Inglaterra, Winston Churchill em visita ao V Exército. Por isso, veio a ordem para a Companhia brasileira representar o País naquele evento. Nunca vira tanto fotógrafo e isso e aquilo, todos atrás do homem, mas ele se afastou da multidão, veio ver a tropa, passou na minha frente e depois por trás, passou em revista o dispositivo, corrida mesmo, bem apressada e em seguida fez um discurso. O General Mascarenhas de Moraes estava ao lado e também disse alguma coisa, mas a fala foi em inglês e eu não entendia nada do idioma, só compreendia quando ele falava Brasil, “brazilian”, mais tarde, voltamos para o acampamento onde também comemoramos o 25 de Agosto, Dia do Soldado. O Gen Mark Clark esteve no local, ou seja, na zona de Barga.

Dali nos deslocamos para outra região, mais perto do *front*, perto de Pisa e Florença. Logo acima começavam os Apeninos, ainda um pouco longe. Em Barga, fizemos muitos exercícios; saíamos e ficávamos dois dias fora, chegamos até a encontrar, num lugar meio longe das casas, um Pelotão de alemães mortos cujos corpos estavam secos, e ainda com as metralhadoras. Um soldado da minha Companhia contou que, ao caminhar no meio do mato, encontrou outros mais; deveríamos sepultá-los, porque já haviam passado o inverno ali.

No dia 15 de setembro entramos no *front* e os americanos nos passaram o Comando. Até ali só escutávamos tiros de canhões, de muito longe e nem parecia guerra, parecia festim de Artilharia.

Seguimos por uma estrada e quando chegou a tardezinha, paramos o carro, o Capitão reuniu todos os sargentos e oficiais e mostrou: “Estão vendo aquela montanha ali?” Coisa de uns três ou quatro quilômetros. “Os alemães estão por lá e vamos atacar esta noite”. Foi o dia em que deu aquele friozinho na barriga. “Bem, a ordem é essa, vamos atacar”. Avançamos mais e não demorou muito vimos uma sombra muito fechada bem no meio da estrada e decidimos seguir por dentro do mato, um atrás do outro; de vez em quando víamos um tronco e a gente pensava que era um morto, para depois

constatarmos o engano. Não demorou muito e saímos numa estrada. Sabíamos que, à direita, estava a 4ª Companhia. Lá começou o tiroteio; o Comandante da minha Companhia, Capitão Manoel Inácio de Souza Lima ainda não era o Comandante, estava em outra missão. Antes, comandava a Companhia o 1º Tenente. O Capitão Souza Lima, valente,já no comando, saiu gritando: "Ah! vamos salvar a 4ª Companhia!" Saímos correndo pela estrada, meu Grupo de Combate, comigo na frente e os homens atrás. No fim não era nada, um soldado se assustara e atirou.

Dormimos na estrada, naquela noite, e assim passamos cerca de quinze dias sem acontecer nada. Uma única coisa ocorreu no dia em que o meu Pelotão serviu de vanguarda e fui escalado como ponta. Ponta de vanguarda é um Grupo que fica à frente de todos; o restante do pelotão permanecia formado na retaguarda. Eu já tinha sido esclarecedor à frente, lá no meio, bem longe do outro esclarecedor, passava a informação que tivesse para a retaguarda. Com um esclarecedor na frente, ficava no meio, bem longe dele. Depois o Grupo inteiro e uns carros mais atrás. Os esclarecedores, num determinado momento pararam e deram sinal para mim. Vi uma casa de fazenda e um alemão, cheio de armas, sentado. Fiz sinal para o Tenente que ia atirar. Dei um tiro, não sei se pegou na porta, o alemão deitou e não saiu ninguém da casa, nenhum movimento nem nada. Mandei um cabo atirar com uma granada de bocal e não houve reação do inimigo. Fomos chegando para ver o que tinha acontecido e, já próximos da casa, vimos que o alemão estava seco, não sei como é que morreu e o deixaram naquela posição, não sei quantos meses ele permanecera ali. Já era setembro, o inverno começava em janeiro e fevereiro, o corpo já estava há meses naquele lugar e ninguém o tirou. Bem, esse foi o primeiro tiro que dei.

O III Batalhão chegou quinze dias depois a uma região onde fizemos contato com os alemães. O I Batalhão ficou com uma outra zona do Vale do Sercchio e combateram em Massarosa, Camaiore, três ou quatro dias depois após terem entrado na região. Nós não, só estávamos andando para encontrar os alemães que recuavam. Soubemos, no local, que havia um vale e uma estradinha estreita; de um lado o desfiladeiro e do outro, montanha; só dava para passar pela estradinha ou pela montanha. O Capitão mandou, primeiro, fazer uma incursão na cidade: o Sirigato e o sargento Onofre, orientador. O Onofre mais tarde, por ato de bravura individual, foi promovido a 2º Tenente. O Sirigato conduziu-se bem na missão que se desenvolveu na parte da manhã. Quando regressou, o Capitão soube que a cidade estava ocupada pelos alemães, mas o Sirigato informou que, ao chegar à praça, um Italiano denunciara a presença dos alemães que já haviam saído. Em seguida, o Capitão mandou um soldado avisar aos outros para retornarem, porque, mais tarde, a Companhia embarcaria. Na hora em que os soldados foram chegando à cidade, um italiano subiu na torre da igreja

para tocar o sino e avisar à população. A população tinha medo dos alemães. Os alemães atiraram no italiano, nós nos reunimos e observamos que havia metralhadoras no morro e que de lá dava para ver a praça toda. Com aquele tiroteio, o Sirigato recuou. Ao recuar, uma bala ricocheteou e acertou-lhe a perna, fez um corte. Sirigato brincou e confessou que a bala não era nada, só escamara a pele. E eu falava: "Você está rindo? Como é que você consegue? Você está cheio de sangue". No fim das contas ficaram dois soldados, um que depois recuou e o outro que tinha ficado com ele. Um italiano os puxara para dentro de uma casa: um deles havia tomado um tiro, um gaúcho, mas dava para ver que era apenas um corte. O outro disparo fez um furinho, varou um capacete de aço. O capacete voou para tudo quanto era canto, se o tiro tivesse sido certeiro poderia até pegar na cabeça do soldado.

Quando chegou a noite, o Capitão mandou me chamar para fazer uma patrulha. Até hoje me arrepio, porque ele mandou levar um soldado do outro Grupo e deu mais uma metralhadora para nós. Pegamos o fuzil metralhador; o sargento Onofre foi junto comigo, levando uma padiola e o Capitão deu a ordem: "Vocês se desloquem e quando chegarem à entrada da cidade, em determinado ponto, a Artilharia vai atirar no morro e os morteiros também. Quando cessar o fogo, mais ou menos umas oito horas, vocês entram na cidade". Fizemos isso e deu tudo certinho. Entramos numa rua, chegamos à casa e pegamos o rapaz que estava na cama, colocamos na padiola e quando estávamos chegando naquela estradinha estreita os alemães, já desconfiados, começaram a atirar de morteiro mais para trás e aí nos abrigamos numa valeta e lá ficamos nos protegendo. Dali saímos aos pouquinhos, porque os alemães sempre atiravam na frente e atrás, enquadrando o alvo com seus morteiros. Depois de mais de uma hora, um italiano me disse: "Olha, quando chegar àquela curva, há uma estrada pelo meio do mato que conheço". Eu disse: "Então vamos sair rastejando". E rastejamos até encontrar a estrada.

Saímos antes das vinte horas, ao atingirmos as nossas posições, eram duas horas da manhã, porque demos uma volta longa. Os outros dois foram para o hospital. A missão fora cumprida. No outro dia deram ordem para atacar, mas os alemães já haviam se retirado e nada aconteceu. Recuaram para outras posições, mais acima. Sempre retraíam para uma posição de onde tivessem comandamento de vistas e fogos.

Aí seguimos, chegamos a Pescara e entramos em posição. Houve troca de tiros. O Comandante da Companhia ordenou que meu Pelotão e outro voltássemos para a base de partida. Não encontramos mais soldados alemães e nos deslocamos para outra cidade mais à frente que se chamava Fabbriche.

Em uma das missões, o Capitão pegou uma carta e me disse: "Olha! Você vai para essa cidadezinha, aqui em cima, bem à frente de Fabbriche. Saindo agora, três

horas da tarde, vai chegar às quatro ou quatro e trinta horas, para falar com o chefe dos "partisans". Estes eram patriotas italianos que, às vezes, iam na frente das tropas americanas e brasileiras. "Lá eles vão te indicar onde estão os alemães". Após a ordem do Capitão, organizei uma patrulha; levei metralhadora *Thompson*, que era muito boa. Ao chegar lá, quase às cinco horas da tarde, o "italianão" chefe falou: "Vocês estão muito atrasados, os alemães agora estão lá na frente; é aqui perto, à noite vêm patrulhar na cidade". Ele me levou ao local, mostrou todas as posições, onde estava isso e aquilo, deu até o nome da Unidade alemã e muito mais. Tomei nota daquilo tudo e depois fiz um croqui; coloquei no bolso e logo escureceu. Em conversa com o italiano, ele achou melhor que dormíssemos na cidade. Olhei para os meus companheiros, o cabo e os soldados e concordamos ser melhor permanecer, porque se encontrássemos uma patrulha inimiga durante a noite, a mais de seis quilômetros, sem estradas, sem nada, seria muito arriscado. Depois tomamos banho em uma cachoeira porque fazia muito tempo que a gente não achava uma oportunidade para isso.

Os italianos arrumaram um bar, um local de festa que não estava funcionando; os soldados arrumaram uma metralhadora de cada lado do balcão; se a porta se abrisse haveria saída pelos lados e pelos fundos. À noite fui à casa de outro italiano, deixei o bar com o cabo e mais tarde voltei para lá. A sorte é que não apareceu alemão algum. Se veio patrulha não andou naquela rua em que estávamos. Quando chegou a madrugada, saímos de lá, antes de clarear o dia.

Em Fabbriche o Capitão já estava com o Pelotão pronto para verificar o que tinha acontecido. Preparou um Pelotão para nos procurar, mostrou aborrecimento, mas eu disse: "Deixe-me contar a história". Mostrei-lhe o croqui, ele pegou um *Jeep* e foi para o Batalhão. Naquele dia mesmo, uma Companhia deslocou-se para cima. Passamos ali mais dois dias e fomos descansar em Coreglia que já havia sido tomada pelo Batalhão. A cidade era toda murada, uma das saídas era do lado alemão; do outro, onde estava o meu Pelotão, permanecia um Grupo durante a noite, como segurança.

Dormimos em casas, foi a primeira vez no *front* que dormimos em casas.

Prosseguindo, em um mês e meio, passamos por Luca, Pistóia, subimos a Serra de Pistóia e paramos nas proximidades de Porreta Terme, onde seria o PC do Comandante da FEB. O III Batalhão foi a primeira tropa a chegar a Porreta Terme. O deslocamento se deu a dois de novembro. Passamos por várias cidadezinhas, as pessoas levavam flores para os cemitérios; no dia três ficamos em Porreta, no dia seguinte seguimos, à tarde, em caminhões, na direção do *front*.

Chegando nas cercanias de Marano, começamos a receber tiros de Artilharia pesada; nesse bombardeio morreu um soldado do 3º Pelotão; os estilhaços iam muito

longe e tínhamos que ficar todos deitados. Quando escureceu, melhorou um pouco, mas, ao retomarmos o movimento, já tinha chovido muito: enquanto permanecemos na estrada, tudo bem, mas depois da chuva tivemos que seguir pelo campo e encontramos tudo encharcado. Chegamos antes dos demais e estavam lá o General Zenóbio e o General Mascarenhas que passavam e cumprimentavam os soldados: "Como é que estão? Estão firmes?" Dali se dirigiram ao Comando da Companhia, cumprimentaram os tenentes, cada um em seu Pelotão. O nosso Tenente chamou os três comandantes de Grupo e os informou que deveriam permanecer ali, porque não dava para subir o morro onde ficava a Torre de Nerone. Quando se começava a andar, vinha um escorregão e estava tão escuro que não se via nem o mato para segurar. Disse ainda: "Deixa que eu me entendo com o Tenente Comandante do Pelotão que está lá no alto (era americano) e tentaremos de madrugada. Nessa noite houve mais um bombardeio da Artilharia alemã; nos recostamos, tentando dormir.

Dormi, quando chegou a madrugada, galgamos o morro. Um sargento falava sem parar, só queria saber onde estavam os tedescos: "quero a localização dos alemães". Foi o pior lugar em que estive no *front*. O Pelotão passou os meses do inverno naquele local.

O inverno começou em dezembro e aí deu-se a estabilização da frente. Providenciamos a segurança do Grupo, cada um tinha o espaço determinado, toda noite armadilhávamos as granadas e colocávamos os *very lights* (iluminativos) nas árvores. Ligávamos um arame próprio às granadas; se alguém viesse e pisasse, desarmava tudo, era um tiroteio danado. Mais para frente um pouco ficava o Posto Avançado, adiante do lugar onde estávamos. Passamos vários dias assim, só troca de tiros.

Certa noite, explosões; acordei no meu abrigo, porque dormia sozinho; disparos; saí correndo para junto do Grupo de Tiro e também atirei; acendeu o *very light* clarão e não víamos ninguém; o próprio soldado do Posto Avançado havia recuado. Quando a madrugada chegou, fui ao local, antes de clarear, porque à luz do dia seria alvo certo. Com o cabo e outros, ajudando, procuramos, mas não achamos nada. Na outra noite, antes de uma hora chegou um soldado que veio me acordar. O soldado exclamou: "Sargento! sargento!" Perguntei: "O que houve?" Ele respondeu que estava chamando o cabo Santana, Geraldo Martins de Santana, mas ninguém respondia e estava sentindo cheiro forte de pólvora. Fui verificar e ao colocar a mão, toquei o capacete, que caiu, mostrando um crânio esfacelado e ensangüentado, sujando-me de sangue. "É, um está morto". Não sabia quem era, entrei no buraco e fui procurar o outro, Eurípedes Nascimento, do Paraná. O cabo era mineiro. Encontrei o outro todo quebrado. Tiramos os dois e disse a um soldado: "Avisa ao Tenente que temos dois mortos aqui e é para chamar os padioleiros". Não demorou muito chegaram o

padioleiro e mais dois soldados. Tiramos os corpos colocamos na padiola, mas eles despencaram ao descer o morro; briguei com o padioleiro, porque a gente fica nervoso; depois, no outro dia, chamei o rapaz para justificar-me, retratando-me, por estar muito tenso. Ambos tinham sido vitimados por uma granada de morteiro que caiu dentro do buraco, uma toca mais ou menos grande, que servia para dois homens. Eu até gostava de dormir sozinho naquele lugar. Foi a primeira vez que tive medo, pela manhã sempre encontrava covas conseqüência de arrebentamentos da Artilharia, de morteiros; toda a noite cavava mais um pouco no abrigo para me proteger. Eu tinha medo e acho que todos eles, também.

Dois dias depois, estava distribuindo a ração para o pessoal, caixa com as *scatolettas*. Uma vez ou outra, quando estávamos na cidade, recebíamos ração quente. Durante o dia não se podia nem tirar a cabeça fora do buraco, porque nos tornávamos visíveis para o alemão que se encontrava a menos de cem metros. De repente, senti que a terra levantou não muito longe de mim, procurei deitar, mas perdi o equilíbrio e rolei, sentindo uma pancada nas costas. Pensei que fosse uma pedrada, porque quando explodia uma granada no solo, voavam cacos de pedras para todo lado. Achei que fosse uma pedrada, mas era um estilhaço. Então, quando começou a doer, pedi ao soldado que tirasse a minha blusa, ele olhou e disse: “Ah, sargento, aqui só tem um furinho”. Falei: “Está bom, então vai avisar ao Tenente que estou ferido”. O Tenente entrou em contato com o Comandante e este perguntou se dava para eu me deslocar até o Comando da Companhia, que estava a mais ou menos uns trinta ou quarenta metros. Teríamos que passar na frente dos alemães e foi a hora em que mais corri, corria e deitava, meio sem jeito porque o braço doía. Consegui chegar, e o médico do Batalhão, Doutor Valério já estava me esperando. Examinou-me e o Capitão, olhando o ferimento, disse: “Ah! foi só de raspão, hoje ele dorme aqui e amanhã volta para a posição”.

Tinha sido ferido às 6 horas e durante toda a noite o Tenente não conseguiu chegar ao objetivo. Tinha que retrair. Passei a noite ao lado do soldado telefonista; vinha um enfermeiro, de duas em duas horas, aplicar-me uma injeção para passar a dor, pois doía o corpo todo. Depois das injeções, quando passava a dor, tirava uns cochilos. De madrugada o Tenente chegou num jipe, com um café quente; bebemos e fomos até o Posto de Saúde do Batalhão. Dali em diante, em cada lugar que chegava, tiravam o curativo, davam outra injeção; mais tarde segui de ambulância e, pela última vez, na Divisão, enviaram-me até Pistóia. Havia um outro ferido, na ambulância, estava na parte de cima, gemia, chorava e gritava. Eu perguntei ao enfermeiro quem era e ele disse que o rapaz tinha 42 perfurações no corpo, porque pisara numa mina; então não posso nem abrir a boca, pensei. Chegamos ao hospital,

mais ou menos a uma hora da tarde, e às duas e pouco já estava sendo operado, para tirar o estilhaço do corpo. Disse o médico que por pouco não chegara a um centímetro do pulmão. Fiquei em Pistóia, num Hospital de Campanha bem equipado. Dormi em cama de campanha, passei uma semana tomando penicilina de três em três horas, após a operação. Mas um dia acordei meio fraco e fui mandado para outro hospital, em Livorno, para completar o tratamento e me restabelecer.

Quinze dias depois, o ferimento já estava cicatrizado. Minha sorte é que podia mexer o braço e passei a fazer exercício com os dedos. Para terminar, passados quase três meses, já me achava bem, mas o médico queria me mandar de volta para o Brasil; eu não queria, estava com 21 anos feitos em janeiro, quase três anos como sargento; permaneci no hospital até receber alta, pois me sentia com saúde.

O Capitão Comandante da Companhia disse-me para ficar por ali, arrumar um lugar até me recuperar. Nessa recuperação passei todo o mês de fevereiro e o começo de março, mais de um mês sem fazer nada. Ainda havia neve, mas já estava acabando. O Capitão veio falar comigo e perguntou: “O senhor não foi chefe das oficinas? O senhor não quer ir para o Pelotão de Transportes?” Respondi que queria, já estava cansado de não fazer nada e fui para o Pelotão de Transportes.

Bem, acabou a guerra, fiquei no Pelotão de Transportes, no Norte da Itália, até meados de julho, quando veio ordem para o Pelotão seguir com o Regimento. O pessoal dos pelotões de Transportes e de Manutenção deslocou-se em caminhões. Descemos a serra, seguimos o litoral tirreno até as proximidades de Roma.

Quando chegamos a Roma, paramos e consegui dar um passeio pela cidade, porque o Major Comandante do Batalhão acertara com o Comandante da CCS: quem estivesse à toa poderia passear. Entrei no jipe, o Major atrás, visitamos o Coliseu, o Vaticano e tudo mais, passamos outro dia em Roma e depois seguimos até perto de Nápoles. Acampamos em Francolise. Tratava-se de um acampamento muito grande, que os americanos organizaram. Tinha até iluminação. Ali permanecemos até o dia 6 de julho, quando nos deslocamos para Nápoles e embarcamos no *Gen Meighs*. Fizemos a viagem de volta, aliás muito diferente da vinda, porque havia até cinema. Inicialmente, cinema só para os oficiais; depois ficou mais à vontade. Durante a noite, já se podia espairecer no convés e a alimentação era servida três vezes por dia e não duas. Além de tudo, já não existiam mais ameaças de submarinos. Chegamos ao Rio no dia 18 de julho de 1945 e nos dirigimos para a Vila Militar, onde fomos para os alojamentos no Capistrano.

A gente não gosta de falar mal, mas o Exército, naquela oportunidade nos decepcionou. Ao descermos do navio, recebemos um sanduíche da LBA, perto do meio-dia; à noite, quando chegamos na Vila Militar, serviram uma comida ruim, só

carne seca com arroz e feijão. Houve briga; os mais exaltados até viraram panela, isso no dia da chegada. Eu, um pouco mais sabido, convidei os companheiros: "Vamos para Madureira". Conhecia um bar em Madureira onde se comia bem. Quando chegamos, falei ao dono do bar: "Olha, nós não temos dinheiro mas queremos comer". O proprietário respondeu: "Vocês aqui são nossos convidados". E não demorou muito já começou a chegar mais gente. Quando fomos indagar a despesa, não nos cobraram nada. Voltamos de madrugada.

Passados alguns dias, o Batalhão se deslocou para São Paulo. No dia do embarque, tinha saído de manhã e não sabia da viagem, só tomei conhecimento quando voltei e já estava todo mundo pronto na estação para ir a São Paulo. Ainda antes, na Itália, eu fora transferido para a 2ª Companhia, a fim de vir, como Comandante de Grupo, junto com o pessoal. Como o Comandante da Companhia não me conhecia bem e eu não estava na hora da chamada para a viagem, ele disse: "Enéas, você vai ficar aí, porque você não estava pronto para o embarque e agora não tem jeito". O trem que ia para São Paulo foi embora e fui parar numa estação, cujo o nome não me lembro mais, onde a gente tomava o noturno que ia direto a São Paulo. Não era a Estação Dom Pedro II. Cheguei em Caçapava, às 4 h da manhã. Naquele mesmo dia, à tarde, fui a capital e fiquei com a turma, só não fiz o desfile, mas passei por lá. Quando voltamos a Caçapava, houve uma grande festa, e permaneci uma semana. Regressei ao Rio, a fim de saber qual era minha situação militar.

Na Vila Militar, o 2º RI se encontrava de prontidão. Perguntei a um sargento o que estava acontecendo. Ele me disse: "São os ex-combatentes que estão no Capistrano. Ninguém sobe essa estradinha que vai para lá; eles atiram de tudo quanto é jeito, porque estão com armamento". Eram paranaenses, catarinenses e gaúchos, nenhum tinha dado baixa ainda, não foram para o Sul, ficaram no Rio e já fazia mais de uma semana que estavam esperando condução. Resolvi subir, já de noite e segui pela estradinha. De repente, muitas lanternas em cima de mim e um elemento gritou: "Alto lá!" Aí eu parei, fui reconhecido e um deles falou: "É ex-combatente, esse aí pode passar". Fui para trás, onde havia vários alojamentos e, então, perguntei o que eles ainda estavam fazendo ali. Responderam-me que não havia sido providenciada qualquer condução e o Regimento já havia seguido há bastante tempo. Também não liguei, entrei e dormi. Quando chegou de manhã cedo, apareceu um Tenente-Coronel no alojamento, perguntando: "Quem é a maior autoridade aqui?" Levantei, estava só de cueca e falei: "Bem, eu não sei, sou Terceiro sargento". Ele disse: "Ah, sargento! Está bom, vai lavar o rosto, troque de roupa e apresente o pessoal para mim". Troquei de roupa, fiz a apresentação e ele falou que o pessoal embarcaria naquele dia e indagou se eu também era gaúcho. Respondi que

não, que era de Caçapava. Ele pegou a lista, verificou e disse: “Olha, com você o negócio é diferente, quando for à tarde, vá a repartição do pessoal do Ministério da Guerra e veremos o seu caso. Mas ajuda aqui a reunir esta turma”. Ajudei, mas às 9 horas, quando estava indo para a cidade, o pessoal do Sul já saía para tomar o trem. Deram-me um ofício a fim de me apresentar ao 6º RI e regularizar minha situação. Nas minhas alterações não consta isso, registraram só que fui para São Paulo. Bom, então acabada a minha guerra, retornei a Caçapava são e salvo e com a missão cumprida; continuei a carreira militar até 1965. Só que antes me casara, fora para Joinville e, em Joinville, promovido a Oficial, fui transferido para Curitiba. Passei mais oito anos em Curitiba e depois passei para a reserva.

Gostaria de dizer ainda que sempre transmiti, mesmo como sargento, todo o conhecimento que tive da guerra aos soldados, e até mesmo aos oficiais. Como Oficial, sempre fazia palestras, nas datas comemorativas da FEB, quando convocado pelos comandantes para falar. É fundamental que todos os oficiais da ativa, hoje em dia, tomem conhecimento da história da FEB, contada em muitos livros. Diversos oficiais escreveram livros e até um sargento meu conhecido, lá de Santa Catarina, escreveu várias obras sobre a FEB. A literatura é pouca em relação a muitos outros conflitos, mas existe esta, importante para que saibam e conheçam os padecimentos e agruras dos brasileiros que lutaram na Itália.

Antonio Gonzales*

É paulista de Ribeirão Preto, com 78 anos de idade, casado, tem um filho e quatro netos. Fez a guerra como soldado armeiro da Companhia de Manutenção da FEB. Foi condecorado com a Medalha de Campanha.

* Soldado armeiro da Companhia de Manutenção, entrevistado em 29 de junho de 2000.

Fiz o Tiro de Guerra em 1939, o 546º TG, que ficava na Rua do Carmo. Era reservista de 2ª categoria e, em 1943, houve a convocação da classe de 1922. Apresentei-me no 38º Batalhão de Caçadores (BC), situado no Parque Dom Pedro. De todos que se apresentaram, uns foram deslocados para Caçapava, outros para diversas Unidades. Fui destacado para a Alfredo Pujol, na época o 4º BC, (4º Batalhão de Caçadores). Permaneci lá até ser enviado para o Rio de Janeiro, a fim de realizar mais exames médicos, porque já tínhamos feito alguns no Hospital Militar de Cambuci, não tão rigorosos. No Rio passaríamos por exames mais apurados e muita gente, não obtendo aprovação, imediatamente seria liberada.

Antes que eu seguisse para o Rio, um cidadão chamado Jorge Farah, que viria mais tarde a ser meu sogro, pediu que levasse uma carta e uma fotografia para um sobrinho, Capitão Médico Elias Farah, no Rio de Janeiro. A fotografia era necessária porque eu não conhecia o Capitão, a quem deveria me apresentar. Acreditava meu futuro sogro que ele, como médico, me dispensaria. Mas nada disso me interessou, porque desgostoso e triste com a perda de minha mãe, queria ir embora, não como voluntário mas simplesmente ir embora. Se não passasse no exame médico, muito bem. Mas ao chegar ao Rio não procurei o Capitão Elias Farah; não quis saber, fui aprovado nos exames e embarquei no *General Meighs*.

Vou relatar a versão de uma história sobre esse navio, *o General Meighs,* especializado no transporte de tropas. Até hoje não encontrei ninguém que tenha feito comentários em revistas ou em algum jornal. Não afirmo ser verdade e sim uma versão: era um transatlântico italiano de nome *Conti Grande*. Na época, um navio de passageiros. O navio foi aprisionado e a tripulação, sem que ninguém soubesse, pôs concreto nas máquinas para não entregá-lo funcionando. Quando verificaram, o cimento já estava endurecido e naturalmente as máquinas não operavam. Na época, os americanos, sabendo que o barco poderia servir para transporte de tropas, rebocaram-no até os Estados Unidos e o reformaram para as novas destinações. Os camarotes foram transformados em alojamentos com beliches, para alojar tropas. Esse navio e o *General Mann* serviram para transportar os brasileiros.

No Rio de Janeiro, embarquei no *General Meighs* e chegamos à Itália após 13 dias de viagem. Em Nápoles, todo mundo no convés, pudemos ver como se encontrava aquela cidade. No porto, um pouco baixo e na cidade, mais alta, viam-se o efeito dos bombardeios e prédios destruídos.

Antes, ao chegarmos a Gibraltar fomos comboiados por dois destróieres e um cruzador. De Gibraltar a Nápoles, o Mediterrâneo estava todo minado, um navio “caça-minas” seguia à frente dos outros, porque possuía um dispositivo para

detectar as minas que estavam no Mediterrâneo. Havia também o perigo de bombardeio por aviação.

Os alemães deixaram as praias na Itália totalmente minadas. Com a utilização de detectores, elas eram localizadas e cercadas com arame farpado, como alerta para os desavisados.

As minas marítimas, camufladas, magnéticas, que ficam flutuando, explodem ao menor contato, destruindo os maiores navios. Alguns "caça-minas", cujo casco é de madeira, podem neutralizá-las e abrir caminho para outras embarcações.

Os italianos ficavam com os barquinhos lá embaixo, esperando que o militar jogasse cigarros, tocos de cigarros no mar. Eles se lançavam na água para apanhar as "guimbas". Pegavam o fumo, secavam-no e vendiam para os outros italianos que tinham dinheiro. Depois de Nápoles fizemos uma viagem para Livorno, em barcaças que levaram vinte e quatro horas entre as cidades. Todo mundo ficou ruim, porque a comida era em latas, fria. O pessoal, com fome, comeu sem saber da viagem que iríamos fazer. As barcaças eram muito rápidas e jogavam bastante na água, não houve um que não se sentisse mal, todo mundo enjoou e vomitou, jogou para fora o que tinha comido.

Enfim, quando chegamos a Livorno, já estava escuro; saímos em caminhões do Exército e fomos para San Rossore, que ficava nos arredores de Pisa e ali instalamos o acampamento precariamente, porque estava escuro. Foi dada a ordem para cada um armar a sua barraquinha, em torno das quais deveríamos cavar canaletas, por causa da chuva, e evitar que entrasse água. Justamente o que aconteceu. Durante a noite caiu um pé d'água que foi uma lástima; a água invadiu tudo, encharcou as mantas que pusemos no chão. O pessoal saía das barracas xingando, com a roupa inteiramente molhada. Essa foi a nossa primeira noite. Permanecemos trinta dias nos arredores de Pisa e, de vez em quando, a gente ia visitar a cidade, que estava arrasada, porque também fora bombardeada. Só salvaram a torre, a igreja e o batistério, pois parece que havia qualquer tipo de arranjo para não destruírem aqueles prédios, patrimônios históricos da humanidade. Muitas casas com as paredes semi-destruídas. Da rua enxergávamos os móveis no seu interior porque não havia nada de pé, e pouco restou. De lá fomos para Stafoli, que é uma cidadezinha da Região da Toscana, onde já estavam preparados campos para instruções; lá eram feitas as manutenções na retaguarda.

De toda a tropa que já tinha chegado a Stafoli, os primeiros que seguiram não tiveram chance de receber instrução; depois, com mais tempo, os pelotões que se apresentavam eram instruídos durante quinze dias, antes que fossem para a linha de frente. No treinamento utilizavam munição real. Todos foram advertidos para que

tomassem cuidado com os movimentos, porque poderiam sair feridos da instrução. Em uma delas, na de maneabilidade, o Pelotão deitava no solo; a 1.500 metros havia uma linha de metralhadoras fixas na parte mais alta do terreno, a mais ou menos meio metro de altura. Se a pessoa progredisse direito não existia risco. A ordem para o Pelotão era sair de lá rastejando até junto da metralhadora; em seguida o pessoal passava para trás da arma e então ficava de pé. Se alguém levantasse um braço ou outra parte do corpo, certamente seria atingido porque a metralhadora atirava sem parar. Depois de quinze dias fazendo exercícios desta natureza o combatente ia para a linha de frente, sem se assustar com o barulho porque já se acostumara a ouvi-lo.

Quando estava no sexto ou sétimo dia de instrução, ouvi a chamada nominal para alguns saírem de forma, antes de iniciar a instrução e fui um daqueles convocados. Era para ser armeiro, mas eu não tinha curso correspondente. Um grupo de 17 e desses 17 só três possuíam o Curso de Armeiro. Os outros, não sei porque, foram escolhidos. Talvez porque nas nossas fichas constasse que trabalhávamos em mecânica, qualquer coisa assim, não sei se esse foi o critério.

Bom, fui armeiro junto com mais 16 colegas e nossa função começava quando os pelotões chegavam de manhã: distribuíamos para cada soldado um tipo de arma e eles iam para a instrução. Só as metralhadoras ficavam no campo de treinamento. No fim do dia, lá pelas seis ou sete horas os pelotões devolviam as armas. Nossa função era desmontá-las, lavar, secar e lubrificar, porque, no dia seguinte, tinham que estar no ponto para serem usadas outra vez. Havia um americano que fiscalizava, pegava uma arma de cada tipo e olhava se estava bem, não examinava o resto. Inspecionava por amostragem; mas era assim, de maneira que exerci a função de armeiro na Itália durante toda a guerra.

Em Stafoli mantínhamos nossos toldos embaixo dos pinheiros para que ficassem bem camuflados.

O armeiro fazia a manutenção das seguintes armas: *Springfield*, o Mosquetão, a Bazuca, as metralhadoras .30 e .50 e os morteiros 60 e 81mm.

Chegamos também a utilizar armamento alemão, inclusive a famosa metralhadora “Lurdinha” e uma outra que chamavam de “Costureira”. Inutilizávamos as armas porque poderiam ser roubadas, mesmo as imprestáveis. O armamento que não tinha recuperação era amontoado em caixotes, levado a um barranco e dinamitado. Até os italianos procuravam armas. Para evitar o roubo, realizávamos o mesmo trabalho.

Como armeiro, recebi instruções de um americano, bastante prestativo, que vinha explicar como utilizar as armas de tipos diferentes. Ele se comunicava com um italiano meio arranhado, então a gente se entendia.

Havia muitas peças de reposição; mas o americano procurava trocar o conjunto e não somente uma pequena peça. Quando a arma emperrava era logo substituída por outra.

Durante o dia, sempre trabalhávamos um pouco. Praticávamos algum esporte, pois dispúnhamos de tempo para isso. À noite a labuta era maior. A partir das 19 horas varávamos a madrugada, até concluir tudo e manter em condição as armas que tinham sido usadas. Durante o dia podíamos descansar. Essa era a nossa responsabilidade. Um companheiro comentou, certa vez, que sem o pessoal da retaguarda a coisa não andaria. No trabalho em equipe todos são importantes.

O nosso Comandante foi o Coronel Mário Travassos. Chefiou o escalão que transportou o Depósito. O responsável pelo material era o Tenente Antônio Ladeira.

Fora isso, os 17 armeiros, por haver falta de combatentes, faziam parte de patrulha para escoltar prisioneiros alemães até o Porto de Nápoles, onde iriam trabalhar. Os prisioneiros alemães ficavam descarregando navio, fazendo caixotes. Cumpriam tudo que era determinado sempre comandados por oficiais alemães. Os americanos transmitiam as tarefas a cumprir para estes últimos; não ficavam dando as ordens assim “faça isso”, “faça aquilo”, não, os americanos pediam para os alemães, até por questão de ética, porque entre os oficiais sempre há respeito.

Para escoltar prisioneiros alemães, fui escalado duas vezes: freqüentemente em trajeto curto; o mais comprido durou cinco dias. O trem parava em todas as estações, em cada uma descarregavam e carregavam coisas. Havia vagões só para isso e outros só de prisioneiros. Parávamos em cada estação de cinco a seis horas e levávamos cinco dias de Monte Cassino a Nápoles. Os prisioneiros não faziam nada, quem trabalhava era o civil italiano. Os alemães ficavam dentro dos vagões do trem, no máximo saíam do vagão para tirar uma fotografia, recebiam comida, não lhes faltava nada: ganhavam caixas daquelas rações, até cigarros etc... Enfim, não eram maltratados.

Em Nápoles, trabalhavam no porto, durante o dia dormiam em alojamentos. Os próprios alemães, geralmente oficiais os comandavam.

Quando estávamos no acampamento de Pisa, no primeiro mês na Itália, assistimos a um bombardeio, à noite, na Cidade de Livorno. A gente via os holofotes – de Pisa a Livorno a distância é pequena. Livorno era uma cidade rodeada de balões de barragem, cujas alturas de ascensão eu desconhecia. Os aviões tinham que passar por cima, porque os alemães evitavam aqueles obstáculos. Livorno tinha porto, aeroporto, armamentos e galpões para depósito de armamentos e munições. Era importante para o inimigo bombardear aqueles objetivos, mas, tinham que passar por cima dos balões de barragem, por isso o bombardeio perdia precisão.

Estava uma vez em Livorno e perguntei a um enfermeiro se conhecia o Capitão Médico Elias Farah; respondeu que sim e assentiu que o Capitão trabalhava ali. Eu disse que gostaria de conhecê-lo, mas de vista, porque era a pessoa que eu deveria ter procurado no Rio de Janeiro. O enfermeiro me levou a uma sala, apontou-o de longe, passei pertinho, mas não me dirigi a ele. Depois voltei com o Cap Farah no mesmo navio e também não falei com ele. Só fui me dirigir ao médico, em São Paulo.

Acredito que não tenha nada especial sobre a linha de frente para contar, embora pela nossa função, também fosse lá, não como combatente. Nosso interesse eram as armas: normalmente íamos recolhê-las. Em duas ocasiões estive na Cidade de Porreta Terme. Localidade perigosíssima até de se passar perto, porque a estrada que cruzava o meio da cidade era muito estreita e não havia outro caminho. Os alemães, abrigados nas casamatas, entrincheirados nos montes, e a Cidade embaixo. Quando passava uma viatura, tinha que acelerar para evitar ser bombardeada, pois a cidade de Porreta estava sob observação inimiga.

Aconteceram também muitos acidentes; nem todos morreram na linha de frente. Mesmo andando pelos bosques, encontravam-se armadilhas deixadas pelos alemães, os *booby traps* como chamavam: isqueiros, lapiseiras e canetas que atraiam os soldados. Estes tinham orientação para não mexer, porque ao bulir com elas poderiam explodir, inutilizando o homem. Isso também acontecia com os civis... As minas ocultas representavam outro perigo, principalmente à noite quando era necessário seguir uma trilha previamente aberta.

Os elementos feridos levados para Livorno, eram tratados no hospital e, dependendo da gravidade, recebiam alta e não regressavam imediatamente para a linha de frente. Transportados para o acampamento de Stafoli para convalescer, permaneciam lá uns dias, até que tivessem condições de voltar para o *front*. Alguns queriam ir para a linha de frente, de uma vez, porque os camaradas estavam lá. Desde o início estavam juntos. Um tipo de solidariedade especial.

Cada combatente tinha duas placas de identificação. Em caso de morte, uma das plaquinhas era colocada na boca do cadáver e a outra era guardada e enviada para a família. Na plaquinha de identificação constavam o brasão, o nome, o RG e a categoria, a classe, a que pertencia e o tipo sangüíneo.

Os americanos, ao atacar uma cidade, empregavam a Artilharia maciçamente, para quebrar a resistência do inimigo. Só aí a Infantaria entrava. Dizia-se que os brasileiros não procediam dessa forma. Bombardeavam, utilizando menor massa de fogos; a Infantaria encontrava maior resistência e sofria mais baixas. O americano costumava dizer que formar um soldado levava vinte anos. Por isso não poderiam

perdê-lo assim à toa. Eis porque os americanos arrasavam as posições inimigas, não economizavam Artilharia.

O Brasil entrou na guerra, não porque os americanos precisassem de tropas, afinal já possuíam o suficiente. O que interessava mesmo para eles eram a base de Natal e a borracha brasileira. Nosso Ministro do Exterior, na época, Osvaldo Aranha, tinha muita influência no governo. Foi para os Estados Unidos, quando o Brasil tinha declarado guerra e lá ultimou os acertos para o envio de tropas. Comentava-se que Getúlio não sabia nem tinha dado autorização para combinar o envio de expedicionários para a Itália. Então já estaria tudo consumado.

Para alguns, no Exército americano o negro não lutava junto com o branco, combatiam numa faixa da frente separada. O negro americano gostava do brasileiro. Quando viam um brasileiro queriam pagar tudo. Diziam que o negro americano não estava ali de boa vontade. Contavam que, quando a coisa ficava muito feia, largavam tudo, deixavam a frente e iam para a retaguarda; no entanto gostavam muito de nós por não termos preconceito racial.

Outra coisa que tenho ouvido e ninguém confirma é que, quando da chegada do primeiro escalão, o Comandante da FEB, General João B. Mascarenhas de Moraes, foi avisado de que a Força não iria combater, e sim permanecer como tropa de ocupação, isto é, os americanos tomariam uma cidade e deixariam um contingente nosso, ocupando a cidade. Mas ele não concordou com isso e falou que se ele levasse uma tropa seria para combater, não para servir como elemento de ocupação, senão ele traria a tropa de volta.

Após o termino da guerra, nossos conhecimentos pessoais se restringiam àqueles com quem convivemos de perto na Itália. Muitos perguntam: “Você não conhece o fulano?” Na verdade, seria muito difícil num efetivo de 25 mil, total da FEB.

Depois que terminou a guerra, em maio, ficamos na Itália mais quatro meses até embarcar e as instruções não pararam. Para os pelotões continuaram normais. O pessoal pensava, mas por que insistir? Nesses períodos tivemos a chance de conhecer um pouco a região, porque, como éramos 17, nosso Comandante, o Tenente Antônio Ladeira, dispensava três ou quatro, no máximo quatro por vez, conseguia um jipe para nós, com autorização, e íamos para o Norte da Itália, já que nos encontrávamos no centro da Região da Toscana. Assim, terminada a guerra, conheci quase todo o país.

No regresso ofereceram-nos empregos públicos, mas não me interessei, porque já possuía a mecânica. Recebíamos muitas ofertas na telefônica e em outras repartições que encaixaram muitos expedicionários, pois alguns chegaram sem emprego. Éramos jovens de 22 anos e muitos tiveram a chance de conseguir uma colocação no setor público.

Em conversa, tenho dito que há uma grande diferença entre a época em que éramos jovens e os moços de hoje. A guerra acarretou alguma melhora, serviu para a gente aprender um pouco de igualdade. Observávamos que os uniformes dos oficiais e praças americanos só apresentavam diferenças nas insígnias. De costas os dois eram iguais. Os brasileiros usavam fardas distintas em certos detalhes. Havia tecidos de diferentes qualidade. Nos ranchos americanos os oficiais, na fila, poderiam seguir atrás de um praça, para pegar a refeição. Em nossos ranchos havia uma fila para oficiais, outra para sargentos e uma fila de praças.

A nossa apresentação, hoje, melhorou 200%. Conversando com os soldados, digo a eles: "Vocês estão com uma 'roupinha' bem boa, precisavam ver a nossa, o quepe, a túnica e umas polainas que machucavam as pernas. Assim, era nossa farda".

Fui convocado para combater na Itália, mas dei muito serviço antes de seguir: serviços de patrulhas aos domingos no campo de futebol do Pacaembu, serviço no Hospital Militar, nas dependências do Cambuci, no CPOR etc. Trabalhamos igual a um soldado que estava ali só para cumprir serviço.

Aprendemos coisas úteis e convivemos com os companheiros de outras nações: ingleses, americanos, indianos e uma parte do Exército italiano que combateu ao lado dos aliados. Os brasileiros aprendem rápido e se deram melhor com os italianos. Os americanos não se esforçavam para falar muito o idioma local. Na realidade somos versáteis e sempre dávamos o já conhecido "jeitinho".

Eu diria que o jovem de hoje não tem consciência do valor dos ex-combatentes e da importância da FEB para o Brasil. Quando tomam conhecimento do que aconteceu realmente, sentem orgulho da gente. Observamos isso em certas ocasiões, até nas escolas em que levávamos algum material de nosso acervo, para exposição. A gente apreciava aquela gurizada das escolas, desde os pequeninos até os maiores, a quem explicávamos o que desejassem, até sobre Hitler e coisas assim. Também demos autógrafos. Emocionava a todos o que sentimos. E, de vez em quando, recebemos algumas homenagens, o que nos torna muito felizes e gratificados.

O Brasil foi o único País da América do Sul que participou da Segunda Guerra Mundial. Ensinamos ao jovem amar a Pátria, que nos dá tudo o que precisamos e é nosso dever respeitá-la e resguardá-la sempre.

Inicialmente, os inutilizados de guerra não tiveram o amparo necessário. Quem tinha família para sustentar, merecia uma casa para morar e sustento para a família. Os que voltaram com saúde não precisavam de nada, porque somente fomos cumprir o nosso dever. Quem regressou com problemas de saúde, inutilizado para a vida, deixou de receber a devida atenção. Essa é a nossa mágoa, porque não recebemos amparo para nosso inutilizado de guerra, já que temos um grande País.

Daniel Lacerda*

É paulista da Cidade de Birigüi, tem 79 anos de idade; viúvo, possui dois filhos e seis netos. Fez a guerra como 3º Sargento do III Batalhão do 6º RI, Regimento Ipiranga, na função de sargento-auxiliar do Pelotão de Morteiros 81mm. Condecorado com a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra. Retornando ao Brasil, deu baixa do Exército como a maioria de seus companheiros e 12 anos após a guerra, emigrou para os Estados Unidos onde viveu por 26 anos, regressando ao País, em 1983.

---

* Sargento-auxiliar do Pelotão de Morteiros 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, entrevistado em 8 de junho de 2000.

Bom, minha experiência começa com a convocação. O meu Comandante de Companhia, aqui em São Paulo, no III do 4º RI, era um Capitão que dava dois de mim na altura, era um tremendo de um homem e eu baixinho, pequenino. Na ocasião que estavam formando a FEB, cada Unidade estava sendo indicada para enviar alguns de seus homens. Então, escolhendo os sargentos daqui e dali, o Capitão disse: “Olha, Lacerda eu tenho que mandar três ou quatro sargentos para a FEB. Vou mandar você, mas não se preocupe não, você vai acabar não indo, porque é muito baixinho”. Mas acontece que na hora escolheram a mim e ao Samuel, meu companheiro do mesmo Grupo e mais um outro que depois morreu. Bom, acontece que na hora em que fizeram os exames médicos e fiquei incorporado à FEB, nessa ocasião estava sendo organizada a Força Aérea Brasileira; e pediam que o Exército mandasse alguns dos seus sargentos para se incorporarem à FAB.

Isso aconteceu em 1944, mas quando pedi ao meu Capitão Comandante para me deixar ir ele disse que não dava, porque eu já tinha sido designado para a FEB e não poderia ir a lugar algum. Ficamos ainda uma temporada aqui em São Paulo, em treinamento, pois já estávamos sendo preparados; em seguida fomos mandados para Caçapava e depois para Pindamonhangaba, junto ao III Batalhão.

Mas demorou bastante conseguirem completar os efetivos, porque, de cada grupo de convocados que ia para exame médico, parte não estava dentro dos padrões ideais de guerra; estava difícil conseguir formar uma tropa e por isso retardou muito.

Fomos para Pindamonhangaba, permanecemos uma temporada e depois para o Rio, onde prosseguiram os preparativos, até que chegou o grande dia em que ninguém acreditava, havia muita gente que não acreditava que o Brasil fosse à guerra. O nosso embarque foi de madrugada, no Rio; chegamos ao cais do porto quando estava escuro. Tínhamos dois sacos para viagem, os sacos “B” e “A”, que levávamos conosco; o saco “B” foi transportado. Todo mundo chegou e entramos em fila por um para embarcar. Quando vi o navio de não sei quantas mil toneladas pensei comigo: “Caramba! Isso é para valer”. Era um navio enorme, o *General Mann* que nos transportou para Nápoles. Mas quando chegamos e entramos na fila e o pessoal foi embarcando, ficaram alguns sacos no chão, abandonados. Homens que deixaram os sacos e se mandaram. Desertaram na hora de embarcar. Tudo aconteceu no dia 29 de junho. Ficamos três dias a bordo do navio esperando para zarpar.

Saímos em 2 de julho e chegamos no dia 16, foram 14dias de viagem, direto do Rio de Janeiro até Nápoles. No caminho havia exercícios de tiro para a tripulação do navio. Aquilo assustou na primeira vez, pois ninguém estava esperando e,

de repente, aqueles canhões todos atirando, pensamos que a gente poderia estar sendo atacado. Mas esclareceram que se tratava de exercício. Esse tiro era previsto contra outros navios inimigos, se aparecessem, e contra a aviação usariam metralhadora .50 antiaérea.

Chegamos a Nápoles e fomos logo para o acampamento, na cratera do Astronia, um vulcão extinto há milhões de anos. Ficamos ali pouco tempo, porque o 6º RI chegou e logo seguiu para completar a preparação e receber o equipamento. Eu ainda participei de um estágio com os americanos antes de entrar em combate. Outros sargentos e oficiais nossos fizeram estágios com os que estavam combatendo. Eu fiquei uns dias com os americanos, já próximo ao *front* e dali a pouco tempo começamos a combater.

Cada expedicionário viveu a sua experiência e guarda lembranças diferentes. Uns tiveram as dolorosas, outros não; posso garantir uma coisa, graças a Deus era do Pelotão de Morteiros. Para os alemães chegarem à nossa base, teriam que passar pelas metralhadoras e havia ainda os fuzileiros à nossa frente. Teriam que romper as nossas linhas, porque o morteiro faz o apoio da retaguarda e dificilmente poderia acontecer isso. Só se houvesse, como houve, um caso em que o 11º substituiu-nos na posição que ocupávamos e uma das suas subunidades, sob contra-ataque inimigo, recuou sem controle. Isso porque eram ainda inexperientes, o pessoal era meio recruta, com medo, o que é natural, e quando os alemães perceberam que haveria uma substituição, atacaram a frente; o pessoal largou tudo, correndo, e isso provocou gozação. Mas depois entraram em combate e participaram de feitos heróicos, fizeram a parte deles em Monte Castelo, em Montese e mostraram o valor do soldado brasileiro.

O 11º também participou em Monte Castelo; o 6º, o 11º e o 1º. Eram os três que estavam lá, mas, em Monte Castelo, a história é bastante longa, porque começamos a atacá-lo bem antes de dezembro de 1944. Nos primeiros ataques já estava nevando, fazia muito frio e o primeiro foi desencadeado pelo o 6º RI sozinho. Tentaram, porque o Comando foi temerário e até afoito; achava que soldado tinha que lutar e se tivesse que morrer, morresse. Já o americano não topava muito esse negócio não, se havia inimigo que estava defendendo uma posição e poderia sacrificar muita gente, primeiro mandava a Aviação e a Artilharia arrasar com tudo antes de mandar os infantes de peito aberto. O primeiro ataque que realizamos contra os alemães bastante fortificados, instalados há bastante tempo foi feito sem apoio da Artilharia, sem nada. Portanto tiveram tempo de organizar o terreno para o combate e estavam muito bem preparados. Nesse primeiro ataque o meu Capitão, que era um grande Oficial, ficou gravemente ferido, bem como o Tenente, meu Comandante

direto. A Companhia era a CPP/3. O Capitão se recuperou bem e muitos anos depois saiu General, após a guerra, mas na ocasião passou mal.

Agora uma coisa que gostaria de salientar: quando havia ferimentos graves em soldados, os nossos médicos não dispunham dos devidos recursos para assistir a essa classe de ferimentos, e atender da maneira mais adequada. Tanto é que se muitos de nossos homens estão bem hoje, não estão aí completamente deformados, devemos aos hospitais mais bem aparelhados, se o ferimento era muito grave e requeria tratamento mais especializado, punham os doentes nos aviões e os mandavam para os Estados Unidos. Muitos de nossos companheiros ficaram nos Estados Unidos bastante tempo. Faziam, não só apoio em recursos materiais, mas em pessoal também. Alguns médicos brasileiros também pecavam pela inexperiência, embora devotados; e a própria organização hospitalar brasileira, naquela ocasião, não possuía o avanço que tem hoje. Tais situações de trauma muito grave, de grandes deformações ou ferimentos profundos, tratados aqui, acabariam levando à morte; devido ao tratamento prestado nos EUA, graças a Deus, alguns salvaram-se. Muitos foram com o rosto deformado, com estilhaços, tiros e voltaram perfeitos.

Outra coisa que desejo ressaltar, é que a nossa tropa se saiu muito bem em combate, muito embora fôssemos recrutas inexperientes em matéria de guerra, como todos os ex-combatentes podem testemunhar. Os próprios americanos reconheceram isso e nos deram os diplomas de conduta, assinados pelo General Crittenberger. Nós temos os diplomas de combatentes membros honorários do V Exército americano e os elogios para nossa tropa foram incisivos. Um pequeno grupo, mas que deu trabalho para o alemão.

A minha função não era de patrulha, felizmente. Os que faziam patrulhas eram os fuzileiros e segundo os depoimentos dos que foram lá e não morreram, os que eram designados para as patrulhas, reuniam os companheiros para fazer o testamento: "Pega isso aqui e o senhor manda para fulano, beltrano". Porque geralmente numa patrulha, se ia uma dúzia, três ou quatro ficavam. A patrulha atua na terra de ninguém, ou seja, não é uma zona garantida, pode encontrar o inimigo, minas ou armadilhas em qualquer lugar.

Mas posso dizer que passei por grandes perigos reais, também; o nosso Pelotão estava sempre acompanhando a 7ª Companhia, em apoio direto, com as metralhadoras e depois com os morteiros. Em toda a progressão sempre estávamos na cola da 7ª Companhia, as metralhadoras em segundo plano, depois os morteiros; atiramos muito, todas as vezes que eram pedidos tiros de morteiro. Os observadores eram os próprios fuzileiros, que primeiro detectam o alvo e depois regulam o tiro, a fim de obter eficácia na concentração.

Nossas comunicações eram muito boas, utilizávamos *walkie talkie* e telefone. Tínhamos os mapas da região e conduzíamos todos os tiros por eles; davam-nos o objetivo e chegávamos lá.

Possuíamos uma tabela para dar o ângulo; por essa tabela atirávamos. A primeira coisa que a gente fazia, quando aparecia um objetivo, a fim de corrigir o tiro, era mandar uma granada fumígena, para aparecer bem. Depois pelo telefone, corrigia-se a posição tantos graus à direita, acima, abaixo, a gente introduzia a correção uma vez e lançava outra granada até que alcançasse o objetivo. Na Guerra tem que ser prático e rápido, não há tempo para pensar muito porque o inimigo sai do lugar e furta-se à nossa ação.

Mas há a parte boa da Guerra também, que não se conta muito porque podem falar que a gente foi passear. Foi boa, mas não para todo mundo. Os fuzileiros que estavam na frente, não tiveram isso, mas quem estava na retaguarda teve. É muito natural que sempre que aparecesse, mesmo fugazmente, uma oportunidade em lugares protegidos, alguém pudesse comer um queijinho, tomando vinho com um italiano.

Lembro muito bem que certa ocasião estávamos numa posição e as peças de morteiro se encontravam ao lado de uma casa. Nós das guarnições abrigados dentro dela; fazia um frio danado mas havia uma lareira e castanhas; a gente tomava vinho e comia castanhas. Enquanto isso, as peças estavam todas prontas para serem empregadas. Numa dessas situações tivemos que entrar em ação rapidamente porque estávamos na parte baixa e os alemães, no alto; tivemos que fazer uma série de tiros porque os alemães estavam com metralhadoras no topo do morro e batiam a nossa tropa.

Lembro-me, ainda, que a peça de morteiro é dividida em três fardos, para o transporte: a placa base, o reparo bipé e o tubo. Não que fosse muito pesado, mas é incômodo e havia dificuldade para se carregar a placa base com aqueles dentes, com mais de vinte quilos, num terreno cheio de neve e com lama, mas a nossa sorte é que havia o jipe. Subia montanha, com chuva e lama, ou em qualquer lugar que a gente tivesse que ir e só descarregava na posição mesmo. Eu era o sargento-auxiliar do Comando do Pelotão e havia mais dois sargentos que eram Comandantes de peças. Eles escolhiam o lugar exato do morteiro, para que a placa base ficasse bem firme. E depois há uma outra coisa que se costumava fazer e que firmava bem a placa base: é com o tiro, porque a placa afunda um pouco. Então, para que na oportunidade do tiro real ficasse bem firme, antes de dispará-los a gente dava uns tiros na terra de ninguém, para a placa base assentar no terreno. Depois de dados alguns tiros, ficavam bem firmes e aí seria possível regular o tiro com precisão sobre determinado

alvo. Eu não me lembro de ter visto alguma rachadura em placa base porque o material era forte e pesado; onde não pudesse ser transportado com jipe, era carregada nas costas e havia até um fardo que a gente usava como uma mochila.

Acho que o nosso momento mais difícil na guerra ocorreu ao entrarmos em combate. Tínhamos no nosso Pelotão um Tenente que era muito cauteloso e precavido. Não queria que o pessoal se abrigasse nas casas; quando entramos em combate, logo nos primeiros confrontos, chovia muito. Estávamos num local onde existia uma casa abandonada e um soldado pediu ao Tenente para a gente se abrigar naquela casa, e ele não deixou. Talvez fosse excesso de cautela, mas deve ter pensado em nos defender porque as casas, normalmente, são alvos para Artilharia, ou poderia estar armadilhada.

Mas isso foi no começo, porque depois de alguns combates, ele acedeu e nunca mais ficamos desabrigados. Sempre que ocupávamos uma posição, se houvesse alguma casinha abandonada, a gente entrava e ficava lá. O meu Pelotão, antes do ataque final a Monte Castelo, ficou uma boa temporada em alguma casinha, mais de um mês, porque a frente estava estabilizada, era inverno e o alemão se encontrava nas alturas da elevação. Ficávamos com as peças normalmente em local aberto e os homens dentro da casa, abrigados. Nunca vinha nada, era difícil o alemão nos alcançar, era mais fácil a Artilharia conseguir, porque o disparo da Artilharia era mais potente, mas de morteiro era muito difícil alcançar onde estavam as nossas peças.

Chegamos a receber tiros de contrabateria e, por sorte, não caíram em cima de nós, mas explodiram perto, até pensamos que esses tiros poderiam não ser do alemão, poderiam ser tiros curtos da Artilharia amiga. O alemão não podia nos ver, porque estávamos bem abrigados e, de vez em quando, detonavam umas granadas bem próximas. Não dava para saber se eram de Artilharia porque, com a explosão, nem sempre se sabe se é de obus, canhão ou de morteiro, mas que caíram as granadas, caíram; e a gente ficava ali na angústia, será que vão nos atingir? Os infantes, às vezes, queixavam-se de que o tiro que deveria passar por cima da tropa amiga e cair sobre o inimigo, acabava despencando sobre nossas posições. Por erro técnico, é claro, às vezes por desestabilização do local de tiro. Também diziam que a Artilharia americana não era muito precisa.

E outra coisa que lembro bem sobre esse episódio é que fazia tempo que a gente não tomava banho e no local, onde estávamos, encontramos uma dessas tinas, um vasilhame idêntico aos que os italianos costumavam encher de uvas, para pisar descalço e fazer o vinho. A gente entrava dentro daquilo, podia tomar banho sossegado, porque mesmo com o frio a madeira protegia. Eu estava dentro de uma dessas tomando um banho quando ouvi uma explosão. Que susto!

Outro episódio que, ao falar sobre ele, muito me emociona. Eu e o Samuel, da metralhadora, estávamos em uma posição e havia uma casa, onde conversávamos com os italianos, uma família com uma garotinha talvez de uns dez ou doze anos; na hora do jantar os italianos estavam à mesa, sentados. O alemão começou a atirar com Artilharia, mas o triste é que uma granada explodiu no quintal, uma partícula pequena de estilhaço entrou pela janela e atingiu a menina, matando-a e não pegou em mais ninguém. Mais uma vítima inocente da guerra. Houve muitas coisas, mas essa ficou gravada e eu já tinha conversado com a garotinha, já tinha até brincado com ela e de repente... a morte!

Qual a experiência que a gente tem de uma guerra? Há muita gente que pergunta o que é uma guerra. O que você faz? Eu digo que a nossa guerra foi contra o alemão, mas felizmente tínhamos um grande aliado a nosso lado, que era o americano.Certas pessoas até hoje falam que o americano fez isso, fez aquilo, que jogou uma bomba em Hiroshima, outra em Nagasaki. Está certo; há aqueles que não sabem o perigo que o mundo correu, se os alemães e os japoneses tivessem dominado o mundo. Outra coisa quero salientar: diversos ex-combatentes, depois da guerra, foram abandonados, ficamos trinta anos desassistidos. Houve muita gente que morreu à míngua, a grande parcela dos ex-combatentes. Eram pessoas muito simples; mandaram buscar caboclo do Mato Grosso, Minas e de outros lugares, porque na ocasião quem tinha alguma influência, algum conhecimento, caía fora e fugia da guerra. Na hora de ser incorporado dava um jeito, fazia tudo o quanto era possível para não ir à guerra. A tropa comum, só com o pessoal que estava servindo não dava, não havia efetivo suficiente. Tiveram que convocar gente e, por causa disso, muitos pobres coitados, depois da guerra, não tinham profissão, não eram profissionais de coisa alguma, alguns eram até mutilados ou doentes. Nem todos eram apenas fisicamente mutilados, mas também mentalmente, porque regressaram com traumas psíquicos. A guerra acabou em 1945 e só começaram a dar uma pensão na década de 1960; para as viúvas primeiro, não era para todo mundo e depois de muito batalhar é que estenderam essa pensão militar para os ex-combatentes.

Não sei se foi porque eu morei nos Estados Unidos, mas sempre que falo sobre isso o pessoal me chama de gringo.

Hoje, o Exército mudou muito, graças a Deus e graças à FEB. Mudou inclusive o tratamento entre soldados e oficiais. Com o passar do tempo os dispositivos regulamentares mudam. Não era o que se vê hoje.

Nosso rancho, na Itália, a exemplo do que acontecia no Brasil, deveria prever locais para oficiais, sargentos, cabos e soldados, correspondentes aos círculos regulamentares. No entanto, na Itália, durante a guerra, seguindo costumes do Exército

dos Estados Unidos aquela separação não existia. Aliás, devo ressaltar que a comida servida lá no tempo da guerra era uma comida muito boa, isso se pode dizer, fome ninguém passou. Comíamos muito bem e com fartura, sem problema algum de alimentação, nem de abrigo e roupa, nada disso. E era tudo suprido pelo americano. Grande parte da vitória, em qualquer tipo de guerra, deve-se ao apoio logístico, que é tudo isso, remuniciamento, alimentação, assistência etc. Quando é eficaz, facilita a vitória. Ao contrário, foi uma das grandes causas da derrota dos alemães, cujos meios foram-se esgotando, já não tinham mais muita coisa e, graças a Deus, a guerra foi vencida pelos aliados.

E muito embora hoje eu pense: como é que esses países que foram derrotados, a Alemanha por exemplo, o Japão, a Itália e até a França, depois se levantaram e estão aí hoje dando as cartas para o mundo inteiro e o nosso Brasil ainda está caminhando com dificuldade?

Mas fora isso, graças a Deus, está tudo muito bem. Depois da guerra fui para os Estados Unidos e fiquei lá vinte e seis anos, onde trabalhei muito, inclusive meu trabalho era bem simples, mas era importante, porque dirigir um táxi em Nova York é um trabalho muito importante. Eu agradeço a oportunidade de fazer esta narração e reitero minha confiança no futuro de minha Pátria.

Doutor Epapharol Silveira*

Paulista da Cidade de José Bonifácio formou-se em direito pela Universidade de São Paulo – USP. É 1º Tenente R1 e membro honorário do IV Corpo de Exército dos EUA. É um ferido de guerra, sem medalha. Por ocasião do conflito integrou o 6º Regimento de Infantaria e atualmente é o responsável pelo Museu Histórico da Associação dos Ex-combatentes do Brasil, Seção de São Paulo, tendo sido seu idealizador e organizador.

---

* Chefe da Seção de Morteiros 60mm do Pelotão de Petrechos Leves da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria, entrevistado em 14 de março de 2000.

O meu Regimento, que era o 4º RI, não iria para a guerra. Então, pedi transferência para o 6º RI, pois por convicção achava que o Brasil deveria participar, ativamente, daquele conflito mundial. Estava na hora de o Brasil participar, não fiz mais que minha obrigação de brasileiro, dediquei-me e esforcei-me, não me arrependo do que fiz. A situação exigia, o País precisava, a Pátria pedia e era a nossa obrigação.

Vou falar do primeiro escalão, no 6º Regimento de Infantaria. A travessia marítima durou 14 dias, mais ou menos, com constantes preparativos para abandonar o navio. Uma vez, houve um preparativo muito longo, de umas quatro horas mais ou menos e alguns anos depois, fiquei sabendo que estávamos ameaçados de receber um ataque da aviação alemã, isso quando estávamos no Mediterrâneo. Escapamos graças à aviação norte-americana do Norte da África que interceptou a alemã. Ficamos umas quatro horas em frente aos botes salva-vidas, no exercício de abandonar o navio que não acabava nunca.

Bem, chegando à Itália o civil italiano nos confundiu com prisioneiros alemães, já que o nosso fardamento era mais ou menos parecido. Ao ver desembarcar uma tropa desarmada numa época em que isso era comum com prisioneiro de guerra, acharam que também éramos prisioneiros e levamos algumas pedradas dos italianos.

Esclarecido o problema, nos deslocamos cada vez mais, próximo ao setor de guerra e tive a honra de ser escalado para fazer um estágio com os norte-americanos, no *front*. Fiquei uns quatro ou cinco dias lutando ao lado deles, participando de patrulhas, aprendendo como é que se faz uma guerra, e eu reconheço que não sabia nada e fui aprender por experiência própria.

Quando fomos para o combate, tivemos uma sorte tremenda, porque, vamos confessar, eu era muito molenga e o alemão estava com suas posições defensivas preparadas mais uns metros à frente. Aí, nós atirávamos de morteiro, causávamos algumas baixas e avançávamos.

Chegamos a um local em que havia uma estátua de um lavrador com uma enxada na mão. O alemão tirou a enxada e colocou um fuzil, um capacete e um capote. A estátua ficou representando uma sentinela. A gente foi avançando e como ali não era para ter mais inimigo algum, atirávamos e o alemão não estava nem aí. Resolvemos usar a Artilharia para derrubá-lo. Chegando lá, descobrimos que era uma estátua.

Um dos combates mais sérios de que participei, foi uma missão que pouca gente ou quase ninguém fala sobre isso, foi antes do 2º e do 3º escalões chegarem. Era uma cidadezinha onde os alemães haviam matado todo os seus prisioneiros de guerra, e por ser uma região muito rica eram obrigados a mantê-la em seu poder. Nós recebemos ordens e a minha Companhia teve a sorte de conquistar a posição; a 2ª e a 3ª Companhia não conseguiram, tiveram muitas baixas. Fizemos alguns prisionei-

ros e ficamos lá no alto daquele morro isolados, sem saber o que estava acontecendo à direita e à esquerda.

Depois, os alemães resolveram se retirar daquele local. Completávamos a primeira parte da operação. O inimigo, porém, decidiu desfechar contra-ataques destinados a nos afastar; os fizeram, disparando rajadas de metralhadora de mão, gritando e lançando granadas na gente, mas nossa sorte foi que não reagimos ao primeiro ataque deles. Paramos por alguns segundos e eles pensaram que iria ser moleza. Conseguimos rechaçar aquele ataque e depois de uns quinze minutos partiram para outro. Atacaram com mais fúria, tentando nos desbordar, fazendo-nos recuar. A munição começou a faltar porque só tínhamos o pouco que levávamos para aquela missão e o serviço de remuniciamento não funcionou.

O último ataque inimigo foi, meio engraçado. O nosso atirador de metralhadora .30 chamava-se Assis e não atirava, estava duro no pé da metralhadora, não se mexia de jeito algum. Então, eu falava: “Atira, Assis, atira!” E saíam aqueles “elogios” do momento, o que sempre acontece. Quando o Assis começou a atirar, a cadência do tiro, aquela cadência maravilhosa de metralhadora era como uma música para mim. Falei: “Escuta, senhor digníssimo, por que você não atirou no começo?” Ele respondeu: “Não, sabe o que é, sargento? Acho que para gastar menos munição, esperei chegar mais perto”.

O último ataque que eles fizeram, um *big* de um alemão estava com uma pistola na mão fazendo gestos, gritando, puxando a tropa e a gente escutando “Holf – Holf – Holf”, coisa que ninguém entendia. Percebia-se porque a gente estava na crista do morro, observando aquela figura impressionante, e a turma ao lado dele avançando contra nós. Atiramos e o que restava de munição foi em cima dele, que caiu. O seu grupo, perdendo o líder, não atacou mais; desistiram e recuaram.

A Companhia recebeu ordem de retrair, e eu gritei aos homens para preparar, pois iríamos nos retirar.

Depois que todos saíram de lá do morro, em ziguezague, lembro-me de que eu havia recebido aqui no Brasil, no Rio, um pacote de doce-de-leite Embaré, muito bom mesmo, de uma namorada. Coloquei-o no bornal e por causa do retraimento saí correndo, ocasião em que o doce-de-leite saltou do meu bornal e caiu no capacete de um soldado que estava correndo a uns trinta metros abaixo de mim. Só mais tarde, lembrei-me dos doces, quando um soldado disse: “Acabou a munição do alemão, porque naquele combate atiraram até doce-de-leite em nós”.

Essa foi a primeira experiência séria de combate, pois, em Massarosa, tivemos uma sorte tremenda de conquistar a posição sem dar um tiro, desbordando a metralhadora que estava ajustada sobre o caminho. Ficamos lá por muito tempo e é um

assunto que merece uma crítica: descobri que houve uma abertura no *front* inimigo e ficamos naquele mesmo morro. Não entendi por que não mandaram uma segunda Companhia, para penetrar na fortaleza, pois evitaria o ataque frontal posterior, quando se perdeu muita gente.

Voltando um pouco atrás, lembro-me de que não fui convocado para a guerra. Fui sorteado para o serviço militar, como era o sistema de alistamento naquela época, e apresentei-me. Não me deixaram mais sair, só depois que terminou a guerra. Eu tinha a impressão de que o sorteio era por município. Um determinado município era sorteado e todos os cidadãos nascidos naquele ano e naquela cidade eram obrigados a prestar o serviço militar. Eu tinha vinte e dois anos; quando fui para a guerra já tinha quatro ou cinco anos de Exército, já era profissional; estava estudando e voltei a estudar depois que terminou a guerra. Era solteiro e, após o retorno, tive a sorte de encontrar uma mulher que me apoiou muito, porque voltei meio "lelé da cuca".

Assim que voltei para o Brasil, em vez de ir para São Paulo, preferi uma fazenda no Rio, onde fiquei me recuperando.

Lembro-me ainda da ocasião em que me acidentei, no dia 29 de abril; estávamos cercando aquela Divisão alemã, a 148; havia outra Fascista.

Depois que terminou a guerra, comecei a brigar no hospital, porque achei que não estava sendo atendido como devia. Era meu estado nervoso; desentendia-me com "meio mundo" e pedi para ir embora. O médico disse que eu não estava preparado para sair. Pior foi quando tive que subir no caminhão, para me levarem para o Depósito do Pessoal. Era só me colocarem na viatura que ficava nervoso. Aquele peso psicológico acompanhou-me por muito tempo; passei momentos difíceis nesse combate.

Houve, também, o episódio da ação em força, quando recebemos ordem para trazer um prisioneiro (vivo ou morto), a fim de saber qual era a Unidade que iríamos combater. Felizmente ou infelizmente, meu Pelotão não foi indicado, mas ajudei a chegar, pois sabia ler os mapas. Quando o Tenente Comandante do Pelotão foi distribuir as missões de cada Grupo, meus companheiros olharam-me com uma certa inveja, porque eu não recebi missão alguma. Eu disse: "Não, a guerra é minha e eu vou com vocês". Foi uma situação muito difícil, porque fui enquadrado por um morteiro e desapareci naquela nuvem de pó e fumaça. Quando o vento clareou a situação, vi um monte de gente caída ao meu lado. Tentei pegar um companheiro, enfiando a mão no seu cinto de guarnição e puxá-lo. Chamava o padioleiro, que não apareceu. Andei uns quarenta metros, mais ou menos, até o Posto de Socorro. Ao chegar, o enfermeiro disse que ele estava morto e fiquei chocado, muito chocado mesmo. Foi um momento difícil.

Quando começou a chover granada, tive que rastejar para trás e o Exército não havia ensinado esta prática. Ao se rastejar para trás, a tendência da perna é abrir e a virilha vai batendo em tudo que é pedra no caminho. Acho que tal exercício deve fazer parte do treinamento militar; na ocasião, tive que aprender por mim mesmo.

Em relação à preparação para a guerra, considero essencial o aspecto psicológico. Devíamos saber bem o que iríamos fazer, condição básica para o bom desempenho da missão, ainda que o treinamento fosse o melhor possível.

A guerra é uma sucessão de fatos isolados e as grandes batalhas são vencidas, no movimento de cada soldado, sua guerra particular, e é muito desigual. Uma guerra é uma briga de armas, é uma briga particular mesmo.

Quanto ao treinamento físico, em Santos e São Paulo, fizemos um exercício de entrar e sair de posição, armados e equipados. Fomos de Santos a São Paulo a pé, inclusive subindo a Serra do Mar.

O tempo de preparação para a guerra foi insuficiente, deveria ter sido maior. Parece-me que nos quartéis, hoje em dia, há uma preparação individual: o cuidado que cada um tem que ter consigo próprio.

Quando fui fazer um estágio com os norte-americanos, estava numa casa muito grande, dentro da qual deveria instalar uma metralhadora. Ao chegar lá embaixo, havia gente demais. Fui para o terceiro andar, onde não havia ninguém e me espalhei todo. Tirei o capacete, usado como travesseiro, e comecei a notar que a nossa Artilharia estava muito ativa, atirando desesperadamente. Percebi que era granada que caía em volta da casa. Eu não tinha experiência alguma daquilo e, quando desci, estava muita confusão lá embaixo. Há certas coisas que os soldados precisam saber e que os instrutores esquecem de ensinar, como por exemplo, que o andar de cima é o mais vulnerável. Somente então fiquei sabendo disso.

Outra coisa: se você ver alguém com um capacete cheio de barro na estrela, não lhe fale que o capacete está sujo, pois o barro é proposital, a fim de evitar os tiros dos *snipers*, que geralmente caçam o Comandante, o líder. Realmente era uma situação difícil e só podia tapar com barro.

Sobre a viagem marítima para a Itália, havia ameaças de submarinos, mas nós estávamos devidamente escoltados. Quando o radar acusava qualquer coisa, saía um destróier ou outro navio no encalço, mas descobriam que eram baleias. Quanto a enjoar em alto-mar, havia vários casos e, inclusive, um soldado que andava sempre com um balde dependurado no pescoço, de tão mal que passava. Não me lembro de ter enjoado, pois meus cartões de rancho foram todos furados, sinal de que consegui alimentar-me.

Lembro-me de um entretenimento, propiciado por um *punching ball*, para treinar um pouquinho de boxe, mas a maior diversão era ver o americano soltar balão e depois tentar acertar com a metralhadora. Nem sei quantos tiros eles davam para acertar um balão daqueles!

No que se refere à alimentação em campanha, quando havia possibilidade, recebíamos "bóia" quente, que era de bom sabor. Caso contrário, tínhamos a ração do dia: duas latinhas, aquela coisa medonha.

Quanto ao armamento individual, na maioria era o fuzil *Springfield*. O fuzil *Garand*, que era para ser de dotação completa de nosso Regimento, parece que andaram desviando para outras Unidades e nos sobraram os *Springfield*. Esses têm aquela dificuldade de disparar tiro a tiro, perde-se tempo e capacidade de fogo. Estávamos acostumados com o *Mauser* modelos 1908 e 1926. O *Springfield* era mais novo que aquele modelo, de maneira que houve um choque entre um armamento e o outro, isso em termos de fuzileiro. Uma arma mais sofisticada foi a bazuca, que ainda não conhecíamos, pois não existia no Brasil. Tínhamos também o morteiro 81mm e lá tomamos contato com o morteiro 60mm, que era de precisão absoluta. O morteiro é muito bom para quem atira e muito ruim para quem recebe seus fogos. A granada de canhão sibila e o soldado se joga no chão. Já o morteiro, não se escuta e só se percebe quando explode. Morteiro é uma arma muito perigosa e ingrata para a gente. Além de outros armamentos havia pistolas, que eram boas, mas nunca foram armas de combate. Havia armas de guerra que tinham de ser usadas de perto, para se obter precisão, e nós tínhamos dotação de pistola. Vi um companheiro atirar de pistola, mas duvido que ele tenha acertado o alvo. Eu não tinha problema algum com o material ou armamento. Era um monte de nomes, o armamento era quase todo igual, mas não nos causaram problemas. Um Tenente, ao usar em combate uma granada brasileira que explodiu, desmaiou. Então, os alemães o capturaram e falaram: "Vocês são loucos, o melhor soldado é o alemão. Vocês estão servindo apenas com coragem".

Outra coisa difícil era o "sopro" das explosões, derrubava qualquer um. Eu tive esse desprazer, essa sensação desagradável; dá uma contração na barriga, que você fica apertado.

Sobre o clima, especialmente o inverno, houve alguns pontos negativos. Depois de sair do *front*, embaixo de neve, era uma sinfonia de tosse nos soldados, a noite toda. Naqueles postos à retaguarda, todo mundo tossindo. Uma velhinha esquentava uma espécie de tijolo, embrulhava em um jornal e ia pondo no peito de cada soldado brasileiro para aquecer. Ela fazia isso por puro espírito humanitário. Eu me lembro de que ela esquentava, porque o italiano tem um processo engraçado de fazer pão, põe umas rodelas de argila no forno e esquenta; depois pega aquela massa redonda que

parece uma pizza e põe entre duas argilas. Assam com o calor daquelas pedras de argila. Quando pegava aquelas pedras quentes, embrulhava no jornal e botava no peito do soldado que estava tossindo, nós a chamávamos de *mamma*.

Ainda sobre operações, recordo-me de um partisan, o soldado desmobilizado italiano, que ficava trabalhando com a gente, que era muito bom e que conhecia o terreno muito bem, os caminhos desenfiados. Um belo dia ele sumiu e achamos que tinha fugido de medo. Passaram-se muitos anos, e uma vez retornamos à Itália, na visita que fizemos a cidade daquela região, encontramos alguma coisa sobre ele na prefeitura: foi fuzilado pelos alemães, junto com a mulher e o prefeito. Nós tínhamos feito mau juízo dele, como se tivesse fugido, como fosse um desertor.

Na guerra há atos de heroísmo e atos de covardia também, é do ser humano, a pressão psicológica é muito grande.

Com relação ao problema de congelamento dos pés, conhecido como pé-de-trincheira, eu ouvi comentários a respeito, mas não vi ninguem com esse problema. Nós embrulhávamos os pés em jornais, o que os esquentava, evitando o pé-de-trincheira. Como somos um País pobre, a gente tem que se “virar”, ser criativo e mostrávamos para eles que tudo podia ser aproveitado.

Lembro-me também de que houve um fato interessante no combate, um soldado gritou para o seu Tenente: “Tenente, acabou a munição, o que eu faço agora?” O Tenente respondeu: “Pega o fuzil pelo cano e dá na cabeça do primeiro inimigo que chegar”. E o soldado disse: “Sim, Senhor”. E ele não abandonou a posição mesmo sem munição. Esse soldado chamava-se Maldi, o primeiro nome não me lembro. Então deveria pegar no cano do fuzil e bater com a coronha na cabeça do primeiro alemão que aparecesse.

Quando nós chegamos à Itália, fomos avisados pelos americanos para tomar muito cuidado com os italianos, porque eles roubavam mesmo, o que era uma necessidade na miséria da guerra. Havia para eles falta de comida. A prostituição era fato gravíssimo, ocorrendo casos de pessoas que ofereciam na rua as mulheres da família, pois havia desaparecido o moral do povo.

O soldado brasileiro era conceituado como normal: não éramos melhores nem piores. A lamentar, o caso de um soldado brasileiro que matou um casal e estuprou a filha. Ele foi condenado à morte e fuzilado.

Já os alemães, acho que eram fanáticos. Estavam muito bem-adestrados. Em situação de combate o alemão dava um lanço, deitava e ficávamos esperando que se levantasse, mas ele saía de outro lugar; estava muito bem-treinado... Não sei se era coragem ou fanatismo. Eu não entendo o comportamento alemão para com os judeus. Não entendo isso, não. Não consigo colocar na cabeça uma posição como essa

do ser humano para com seu semelhante, que não fez nada que pudesse justificar esse tratamento desumano, de prisão e morte. Isso não entra na minha cabeça.

Já a vitória final dos aliados, eu soube pelo jornal, porque estava no hospital. Fui ferido, a poucos dias do fim da guerra.

Mas eu queria ressaltar um episódio em umas das situações difíceis que vivi. Eu estava passando e olhei para trás e vi um sinal de *flash light*, próximo ao inimigo. Então, marquei a casa e, assim que pude, fui ver. Havia quatro jovens ali dentro, e um deles estava doente. Revirei a casa procurando por algum sinal de comunicação e não achamos nada. Foram presos e levados para a retaguarda, onde foram atingidos por uma granada e morreram. Eu nunca fiquei sabendo se eram espiões ou não; isso me entristeceu bastante, pois fiquei muito traumatizado.

Após a guerra, o Exército de Caxias mudou bastante, há uma maior aproximação entre o Oficial e o soldado, o que não era concebível naquela época. Houve influência do soldado americano, que valoriza o ser humano e isso acabou tornando-se benéfico para o tratamento dispensado ao soldado.

Como conseqüências da guerra, hoje existem foguetes, bombas atômicas, armas espaciais, melhores remédios e a liberação da mulher, porque quando o homem foi para a guerra, a mulher teve que sair de casa e assumir as vagas de motoristas, operárias, artesãs etc. Eu sempre falo: “Elas saíram de casa e esqueceram de voltar!” Outra vantagem foi a união do povo.

Sobre o reconhecimento da Pátria pelo sacrifício de seus soldados, acho que a Pátria não deve nada a ninguém, pelo contrário, nos é que devemos para ela. E ninguém deve ficar reclamando, porque nós é que temos obrigação para com a Pátria.

Ao chegar no Brasil, eu que já tinha problema de nervos, resolvi ficar no Rio mesmo, não vindo para São Paulo participar do desfile e dei baixa lá mesmo. Mais tarde, no interior, distraí-me pescando e quando pedi baixa estava com a cara muito inchada pelo ferimento.

Sobre esse ferimento, foi um acidente que aconteceu quando estávamos cercando a 148ª Divisão alemã. O nosso caminhão despencou morro abaixo, saltei, porque aquele veículo não tinha porta, e me feri. Depois que dei baixa, propuseram-me ser reformado como incapaz; mas não era esse meu objetivo de vida e a duras penas, eu venci.

Eu me sinto satisfeito de prestar esse depoimento e sempre prezo pelo que nós fizemos por obrigação. E quem reclamar da Pátria não passa de um mercenário. A Pátria não deve nada a ninguém.

Gostaria de concluir, externando a minha esperança de que não exista mais a necessidade de se passar por uma experiência desta natureza.

Ewaldo Meyer*

Tem 74 anos, é natural do Rio de Janeiro e já foi diretor cultural da Associação dos Ex-Combatentes – seção de São Paulo. Foi convocado com 18 anos de idade e já tinha curso de desenho técnico, o que provavelmente o recomendou para o trabalho no Quartel General, considerando-se sua já adquirida habilidade em lidar com mapas, cartas e outros documentos importantes em face do seu nível intelectual. Tem também o curso de Administração de Empresas. Teve a oportunidade única de servir durante a FEB no Quartel-General na 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, ao lado do então Tenente-Coronel Humberto de Alencar Castello Branco que no futuro seria presidente do Brasil.

Recebeu as Medalhas de Campanha da FEB e a Medalha de Guerra, por sua participação na Segunda Guerra Mundial.

* Auxiliar da 3ª Seção do QG/1ª DIE, entrevistado em 11 de abril de 2000.

É com muita satisfação que eu estou prestando este depoimento e também me sinto na responsabilidade histórica de relatar o que se passou diante de meus olhos. Na ocasião, fui convocado logo após o juramento à Bandeira, com 18 anos. Três meses após o juramento à Bandeira fui convocado para servir numa unidade antitanques, lá no Rio de Janeiro, a qual posteriormente foi dissolvida porque as armas logo se tornaram obsoletas diante do quadro da guerra. Daí, fui transferido para o Batalhão de Guardas e após uma sucessão rápida de acontecimentos fui requisitado pelo Quartel General, inicialmente para o Quartel-General do General Zenóbio da Costa, que embarcou com o 1º Escalão.

Durante os dois primeiros meses de guerra, servi, portanto, sob o comando do General Zenóbio, mais especificamente com o Cel Braga, que era o chefe da 3ª Seção. Começamos por Massarosa, no Vale do Sercchio, depois disso a Divisão foi transferida para a área do Reno e foi completada com os três Regimentos de Infantaria. Até aquele momento, enquanto estivemos no Vale do Sercchio só estavam o 6º RI e algumas unidades complementares de Engenharia, Saúde, etc.

Uma vez completada a Divisão, começou então a história da FEB no Vale do Reno. Ali eu fui servir na 3ª Seção do Estado-Maior, com o TC Humberto Castello Branco. A 3ª Seção era a seção central da atividade da FEB, porque lá mantínhamos contato com o IV Corpo do Exército americano, e os comandantes das unidades estavam sempre circulando em nossa seção.

Tive a oportunidade de conhecer o Cel Elbert, um oficial americano, que servia na nossa seção e o Major Walters, que veio como Oficial-de-Ligação do V Exército recepcionar os generais do Brasil. Durante esse período, a partir do Vale do Reno e até o final da guerra os acontecimentos se sucediam.

A experiência de já sentir o inverno, coisa que desconhecíamos e todos os problemas que a neve trazia para nossas unidades, que se preparavam e que já travavam combate, além das diversas situações que ocorriam com as nossas tropas, de se colocar em uma boa posição, em defensiva, ou pior ainda, os ataques, pois os alemães se colocavam sempre nas alturas, em posições muito bem defendidas, porque já vinham com uma experiência de guerra da África, por isso já eram especialistas.

Falando em especialistas, a Divisão de Infantaria Ligeira alemã, que esteve praticamente todo o tempo em frente às nossas unidades até o final da guerra, renderam-se em Fornovo e vieram cair nas nossas mãos, todos aqueles famosos combatentes da Divisão Afrika Corps, comandada pelo General Rommel. Muitos deles ainda tinham o emblema da Afrika Corps no punho, pois eram seus remanescentes. Essa Divisão foi muito famosa, porque teve feitos militares brilhantes na campanha militar alemã na África, sobretudo quando era comandada por Rommel. Começaram pela Líbia e foram

até quase o Egito. Tomaram praticamente todo o território da África e, no final, terminaram a guerra combatendo e sendo derrotados por brasileiros.

Agora, com relação à minha experiência, eu queria dizer que no QG se organizavam em seções. Então, tínhamos mais contato com a 2ª Seção do Estado-Maior, de informação e contra-informações, com a 4ª Seção, que era logística.

A propósito, posso citar que surgiu com o Major Walters a história de fazer um desenho com uma cobra fumando, que seria o símbolo da FEB. Falava-se muito em cobra fumando e ninguém sabia por quê, de onde era, de onde vinha, aí o Major Walters chegou para mim e disse: "Sargento Meyer, que história é essa de cobra fumando?" Eu disse: "Bom, é que o nosso pessoal apelidou assim, a situação de combate etc. E aí ele falou: "Vocês precisam fazer um emblema. Todas as unidades de combate americanas que atuam na guerra têm um emblema."

Falei com o TC Castello Branco e depois com o General Mascarenhas, para fazer um emblema. Ele me falou para fazer o desenho de uma cobra, assim na hora. Então, eu lhe disse que não era artista e sim um técnico, mas fiz uma cobra mais ou menos de pé, como é hoje a de nosso emblema, sem muitos detalhes artísticos e dei para ele e ele disse: "Mas cobra fumando de pé? Está bem."

Ele falou que iria mandar para o Walt Disney e realmente depois veio e eu vi o desenho com a assinatura do Walt Disney embaixo. Uma cobra com dois revólveres nas mãos, que não tinha muito a ver com a nossa história, que era mais simples. Parece que o General Mascarenhas não gostou, não sei, eu não tinha autoridade para discutir o assunto, morreu ali a minha parte e um belo dia apareceram nossos emblemas de ombro, já bordados, distribuídos para todos nós, com aquela idéia inicial, discutida com o Major Walters. Isso é pouco conhecido, porque a guerra é uma sucessão terrível de vários acontecimentos, em que a gente está fazendo uma coisa e vai para outra.

Outro detalhe que pouca gente sabe é que as nossas viaturas eram identificadas com um Cruzeiro do Sul dentro de um círculo, que é o símbolo do Exército Brasileiro. Os americanos tinham uma estrela no teto das viaturas, para serem identificados pela aviação ou em qualquer outra situação. Ele também me pediu que fizesse um Cruzeiro do Sul e ele mesmo disse: "Faz um Cruzeiro do Sul que eu vou mandar para o chefe da 4ª Seção, para ficar tudo marcado, porque, às vezes havia dúvida em certas áreas para identificação das viaturas." São aquelas coisas que foram sendo criadas para se organizar e se enquadrar ao sistema de combate dos americanos. Isso também surgiu assim, para identificar as viaturas.

Tive a sorte, também, de ter presenciado o último ataque ao Monte Castelo, porque os outros ataques a gente via mais à distância, mas o ataque final, que foi o

vitorioso, em 21 de fevereiro de 1945, a aviação brasileira passava rasante por sobre as posições alemãs. Eram seis aviões em fila indiana, descarregando primeiro as bombas, quatro bombas cada um e ainda os foguetes, com seis em cada asa e depois metralhando tudo que se movimentava lá por trás.

A gente sabia que a situação era crítica, um pelotão que atacara pela esquerda em Monte Castelo; ouviam-se pelo rádio os pedidos de socorro: "Comandante, meus homens estão morrendo!" Aquela coisa dramática, a gente ficava vendo e não podia fazer nada.

Naquele instante, o comandante geral do IV Corpo do V Exército ocupava uma casinha meio escondida, mas estava próxima dos inimigos e caso nos localizassem, todo mundo poderia ser atingido. De posição por trás do Monte Castelo, atiravam em cima de nós com um canhão de 180 mm, que fazia um barulho danado e estourava tudo. Mas a gente mantinha posição num vale, na contra-encosta, sujeitos às vistas e fogos inimigos.

Em relação à preparação para a guerra, ela foi intensa. Como estava tudo em cima da hora, acho que o Brasil tinha compromisso de remeter a divisão num prazo que talvez tenha sido abreviado, pela velocidade com que os fatos aconteceram na África e na invasão da Itália. Acho que por isso, então, nosso treinamento era intensivo, muitas horas por dia, aos sábados e domingos. Eu tinha feito Tiro de Guerra, que não foi muito, mas era aquilo, só para o gasto, depois completando lá em Gericinó com o treinamento de subir em navio, abandonar navio e aquelas cordas, os exercícios de educação física, atravessar debaixo de rede e, pouco tempo depois, começamos a receber instrução de armas.

Eu acho que na época estava sendo substituído o armamento brasileiro. Estávamos com o fuzil Mauser 1908, de repetição. Atiramos com os mesmos no início, porém foram substituídos e entrou o armamento americano. Mas fui transferido para o Batalhão de Engenho AC, atrás do Regimento, que usava um canhãozinho 37, para atirar em tanque. Mas eles suspenderam o uso daquele canhão, porque na África não se tinha mostrado eficiente. A blindagem dos carros de combate alemães já era uma blindagem que resistia relativamente bem, mesmo ao tiro direto de canhão 37mm. Os americanos substituíram o canhão AC 37mm pelo AC 57mm, que já era mais rápido, e também pela bazuca. Os tanques americanos não agüentavam o suficiente, porque havia muito campo minado e, se passassem por cima da mina, incendiavam.

Quanto à informação sobre a guerra, não houve essa ligação entre as necessidades do combate e o objetivo, pelo menos na minha parte. Nos quartéis faziam muitas preleções, mas ninguém dava muita importância, estavam preocupados com a convocação para a guerra, com exceção daqueles que foram voluntários. Já os que

foram convocados estavam preocupados com a vida e com a família, mas a missão tinha que ser cumprida e lá aquele sentimento se intensificou. Todo mundo era unido em torno do comando, que foi bastante eficiente.

Não era fácil para uma tropa daquelas combater, principalmente em termos de conduzir o combate dentro da técnica que os americanos estavam acostumados. Mas nós nos adaptamos rápido e não deixamos nada a desejar. Muito pelo contrário e isso é histórico, não é opinião, os feitos da FEB, as constantes vitórias e a penetração nas linhas ofensivas inimigas fizeram com que se abreviasse em última instância o fim da guerra.

Os brasileiros demonstraram coragem acima de tudo. A coragem do cidadão brasileiro foi indiscutível, porque não tínhamos experiência e as unidades americanas estavam ao nosso lado e eles não se mantinham em posição, abandonavam suas posições.

Havia uma tropa de pretos, onde só os oficiais eram brancos. Uma vez, conversando com alguns deles que estavam abrigados perto de onde a Divisão de Montanha subiu o Monte Belvedere, perguntamos aos combatentes o que estavam fazendo lá e vimos que eles tinham abandonado a posição. Companheiros nossos do Grupo de Combate chegaram para fazer a rendição num Posto Avançado e a posição estava abandonada, estavam jogando baralho. Uma vez, relatei isso a um repórter e, lamentavelmente, ele escreveu e houve até uma crítica, algo constrangedor, mas foi verdade o que eu disse, não só por mim, mas também pelos outros.

Se houve alguma falha de nossos homens, dependeu do nível cultural da pessoa, do seu conhecimento que, lamentavelmente, era fraco, o nível que nós tínhamos em 1944. Em 1941 ou 1942, o Brasil começou a se preparar para a guerra e não tínhamos aquele progresso que temos hoje. Havia muito mais analfabetismo, pouca comunicação, saúde precária. O pessoal era recrutado do Mato Grosso, do Sul e na minha Unidade havia soldados do Paraná e de Santa Catarina, onde poucos falavam português correto, mas eles cumpriram a missão direitinho, como os outros brasileiros que foram distribuídos para outras unidades.

No que se refere à travessia marítima, embarcamos no Rio com o 1º Escalão, de madrugada, no navio *General Mann*, que foi um dos navios que fez o nosso transporte. Desembarcamos 14 dias depois no porto de Nápoles. A travessia foi tranqüila e segura. Nós fomos comboiados, primeiro por navios brasileiros e americanos até Gibraltar e depois por navios ingleses, pelo Mediterrâneo adentro. E foi somente aí que tomamos conhecimento de que iríamos desembarcar em Nápoles.

Os alemães tinham uma contrapropaganda muito eficiente, anunciavam coisas sobre a FEB que a gente não sabia. Anunciaram que íamos para Nápoles,

mesmo antes de nós sabermos, eles já sabiam, ou pelo menos estimaram isso. De uma maneira geral sabiam, tanto que afundaram um submarino alemão três dias depois que saímos da barra do Rio de Janeiro, para ver como estávamos sendo observados. Fomos para o porto de Nápoles, mas antes todos se perguntavam se seria África ou Europa.

Depois de Nápoles, fomos para um lugar chamado Bagnoli, uma área vulcânica extinta. Aquela história de barcaças foi no 2º Escalão. Eles pegaram as tais barcaças de Nápoles para Livorno e sofreram muito nessa viagem. Nós descemos em Nápoles e fomos para a região do extinto vulcão Astrônia, onde recebemos instrução de armamento. Lá havia uma área de instrução, mas não participei do treinamento. Era um negócio muito bem feito, o treinamento de identificação do canhão 88mm, e de metralhadoras alemãs era muito bem-feito. Um combatente da figuração, parecendo-se com o alemão, surgindo de surpresa, e atacando. Após este treinamento, o pessoal foi distribuído pelas unidades.

Referindo-me, ainda sobre o porto de Nápoles, aquilo estava tudo destruído e a primeira impressão que eu tive foi de que tudo estava arrebentado, navios virados, nada em ordem. Havia até aqueles balões cativos, contra ataques aéreos. Na segunda noite os alemães bombardearam o porto, então dava ver os aviões, que mergulhavam como se fossem bolas que caíam na vertical, iluminados por faróis e a gente vendo tudo dali, daquela posição longe e segura. Tínhamos a bateria antiaérea, que chegava a vibrar o chão quando atirava, estávamos a uns 6Km, portanto, fogo antiaéreo em cima deles era visto por nós. Eles soltaram as bombas em cima dos navios, acho que tinham informações dos italianos, mesmo na nossa área, pois as coisas pareciam acontecer porque alguém informava. Obtinham informações pela infiltração junto à população, usando técnicas especializadas. Esse era o papel deles e eram bons nisso, porque quando chegamos ao *front*, eram 4 horas da tarde e às 6 horas já estávamos recebendo uma barragem terrível de 180mm e todo mundo teve que correr para abrigos. Fomos recebidos assim.

Tínhamos problemas, em primeiro lugar a alimentação americana, que era uma comida completamente diferente da nossa, muito doce, aquilo dava um enjôo danado dentro do navio. Eu, particularmente, nem comia, os outros nem se fala. Acho que ninguém falou sobre a latrina do navio, mas é importante dizer. Em cada nível onde se localizavam os compartimentos, situados abaixo da linha de flutuação do navio, havia essas latrinas que eram comuns, um arco enorme, a latrina e sem nenhuma separação. Existia no navio um encarregado de fazer limpeza, porque era muito grande. Alguns não sentavam, estranhando o uso de uma latrina assim, difícil de imaginar, mas tinha que ser, porque o navio transportava muita gente.

Além do mais, tínhamos que nos colocar em posição durante os constantes treinamentos de abandonar o navio. Havia bastante exercícios de tiros dos canhões antiaéreos dos navios, que também parecia que estávamos dentro de um tambor de aço com um sino batendo, um barulho que ecoava dentro do navio, fora os tiros de canhões de longa distância. Foi assim até Nápoles.

Depois fomos de trem até uma pequena não tínhamos ainda o contato com a instrução de guerra, tudo havia sido destruído, locomotivas viradas e casas arrasadas. Na ocasião, o TC Castello Branco me chamou e fomos visitar o centro de Nápoles, onde não havia nada de pé, estava um mal cheiro de animais mortos, chovia, mas fazia um calor muito forte. Eu ainda não tinha visto a cidade e ele me mostrou uns recantos de Nápoles que, na época, tinha bondes e alguns estavam virados. O TC Castello Branco era um homem sério e não conversava muito, mostrou-me o Teatro de São Carlos, que ele tinha freqüentado muito, era um teatro famoso. Ele tinha estudado na França, onde fez o curso de Estado-Maior e nas férias acho que passeava por lá com a esposa, inclusive me disse que tinha um filho da minha idade.

Posteriormente trabalhei com o Capitão Meira Mattos, fazendo o mapeamento da área. Ele era uma pessoa de muita coragem, um homem da confiança do TC Humberto Castello Branco, prezava sempre o seu serviço como a missão mais difícil. Além de tudo era bem modesto, o seu valor é fantástico.

Sobre o inverno, foi uma novidade para quase todos os brasileiros. Certa vez, ao cair da noite, já estava um luar, às 21h eu acabara de sair de serviço, quando olhei para fora e vi que tinha caído neve, a notícia correu. Quando saí em direção ao Monte Castelo, a gente já via aquele lençol branco no chão, muito bonito e brilhante, as casas cobertas de neve, em outras áreas próximas de onde estávamos havia mais de um metro de neve e então era um deslumbramento, uma surpresa para nós. O problema é que podia ser perigoso para a saúde, pois existia o risco do pé de trincheira, bronquite, gripe e tosse, tínhamos que nos cuidar muito bem. Uma grande quantidade de companheiros sofreu bastante, sobretudo aqueles que estavam em abrigos individuais na linha de frente e que ficavam de três a quatro horas de serviço em terreno gelado.

Para agüentar firme, a refeição era sempre quente e tínhamos chocolate, que é rico em caloria ou geléia, coisas assim, sendo que havia uma dieta calórica, eles sabiam quantas calorias havia no almoço e no jantar. Tínhamos também a refeição fria para as áreas de combate que eram a ração "C" e a "K", era um pó de café e um leite que, misturados com água quente, fazia-se um café com leite para se alimentar.

Para se esquentar, o combatente fazia um foguinho, desde que tivesse um galho ou graveto, com álcool sólido da ração de combate. Em nossas áreas não

tínhamos este problema, sempre tínhamos comida quente, a não ser quando éramos transferidos ou mudávamos de posição. Quando saímos de Belvedere para o Vale do Reno, que era uma caminhada longa, recebemos a ração fria, não dava para fazer comida quente. Bebida alcoólica para esquentar não havia, a não ser quando se comprava algum vinho italiano, mas também não dava para esquentar não.

Um fato interessante aconteceu quando o Capitão Meira Mattos assumiu uma Companhia do 1º Batalhão do 11º RI, porque houve um recuo de um Batalhão do 11º e o TC Castello Branco mandou o Capitão Meira Matos para reorganizar o pessoal dessa Companhia e ele mesmo estava numa posição bem lá em cima, lá na frente. Através do rádio ele pediu que levássemos um barril de grapa lá para cima. Quando o pessoal saiu da posição, ninguém reconhecia, inchados, estavam todos agasalhados e com aquelas galochas, era impressionante. Só para lembrar, para quem não conhece, a grapa pode ser considerada a cachaça italiana, uma bebida forte, um destilado feito de uva, mas que fica branquinha também como a cachaça e é mais forte ainda que esta.

Então, o Capitão Meira Mattos pediu e o pessoal também procurava comprar os seus litros, trocando seus pacotes de cigarro e chocolate etc. E sempre arrumava alguma coisa.

Gostaria de falar agora sobre o problema de precisão da Artilharia. Nós utilizávamos canhões 105 e 155 mm, que eram armas bem modernas e trabalhavam com um Observador Avançado para corrigir os tiros, embora na área em que a 1ª DIE atuou, durante quase seis meses, fosse difícil realizar o tiro. Isto porque havia uma cadeia de montanhas enormes na frente e o inimigo possuía um aparelho de detectar chamas ou coisa assim e eles observavam bem. Mas, o problema para acertar os alemães era a montanha. É lógico que eles se colocavam em posição de defesa como nós, pois estávamos cobertos por um morrinho e, às vezes, os tiros passavam por cima e caíam no nosso quintal, incendiavam a grama, o mato, mas não nos pegavam. Inclusive a viatura do General Mascarenhas ficava bem encaixada ali numa gruta.

Então, o problema de precisão do tiro era muito sério, com risco de ser atingido até por fogo amigo. Quanto aos tiros deles, o nosso observador só via o tiro de bem próximo e eles tinham canhões bem escondidos, difíceis de localizar, e de longo alcance; eram esses que nos atingiam, talvez a uns oito quilômetros de distância do nosso ponto. Quando a aviação descobria, caía em cima e atirava.

Sobre o tiro individual, dependia muito da pessoa, do estado físico e emocional do atirador. Eu sei de companheiros que, no golpe de mão dos alemães, atiravam em cima e começaram a acertar enquanto outros disparavam a esmo, porque a surpresa, o susto era grande, era impossível saber o que ia acontecer.

Quanto ao tiro de bazuca, eu sabia pelo treinamento que não era fácil atirar com a mesma, porque a cinqüenta metros, se não tivesse muito treinamento, não iria acertar em tanque algum. Sem contar que o tanque não fica parado e emite cortina de fumaça para dificultar a pontaria. Os tanques geralmente no Norte da Itália ficavam escondidos, enterravam o tanque, só deixando a torre de fora, usando-o como uma plataforma de tiro. Eu lembro de ter visto uns quatro ou cinco tanques que depois foram destruídos e havia uma Unidade americana de reconhecimento encarregada de atuar contra esses tanques.

Quanto ao valor dos soldado inimigo, sem dúvida eram excelentes combatentes. Alguns italianos haviam aderido aos aliados, outros não, havia um pessoal da Divisão Santa Rosa e parece que os alemães colocavam esses italianos em posições de iscas, então eles diziam: "Eu tenho mãe e filhos!" E vinham se entregar.

Com relação aos tanques aliados, eram todos americanos, os que estavam ao nosso lado e eu tive a oportunidade, já no final da guerra, em Colecchio, de ver um acidente com o tanque de um Major americano, de uma Unidade de reconhecimento, que passou sobre uma mina e explodiu, deixando-o bastante ferido. A ambulância americana que o socorreu passou sobre outra mina também, eram 5 horas da tarde e tive que ficar com ele até mais ou menos 4 horas da manhã do dia seguinte. Ele quebrou a espinha, a perna estava dilacerada e sangrando, gemia e perguntava onde estava. Eu falava um pouco de inglês, então lhe dizia quem eu era e não sei se ele morreu, deixei-o perto da porta da casa onde estava sendo socorrido e fui para o outro canto, era noite e eu estava cochilando e não agüentava mais o choro do homem, quando meu comandante veio me buscar. Isso foi um dos fatos que me impressionou. Além disso, naquela área tínhamos poucas unidades e que estavam sendo usadas para cercar 14 mil homens e o TC Castello Branco me mandou para essa missão, não era minha, mas tive que a cumprir.

Quando do final da guerra, recordo-me que eu tinha o teletipo do IV Corpo de Exército, ligado à G3, que era a 3ª Seção do Estado-Maior. No dia 3 de maio, lembro-me de agora que recebemos pelo teletipo uma mensagem dando conta que cessariam as atividades de combate. Eu a guardei, geralmente esse tipo de mensagem era incinerada e a guardo até hoje.

Com relação à data de encerramento de combate, esta ainda durou uns dias, de 15 a 20 dias e foi quando surgiu o problema do major americano ferido. Nós fomos parar em Alessandria, onde ficou o QG da Divisão.

Depois fui escalado para fazer uma inspeção no subsolo de uma escola que estava cheio de armamento alemão, metralhadoras com o cano entortado e se existiam *booby traps* ou armadilhas. Lá havia sido o QG do General Kesley, comandante

alemão de toda a área, ele tinha sido comandante da aviação, foi posto como comandante das forças da Itália quando a guerra já estava sendo perdida, depois foi requisitado pelo Hitler para a Normandia. Lá, achei um carimbo do comando de general da aviação, que é um objeto histórico.

Nós acabávamos de ser transferidos para o Vale do Rio Reno. Eu estava sozinho com minha arma, esperando transporte e nisso chegou o Tenente Brás, da nossa PE, com esse camarada na mão, berrando sem parar. A praça onde estávamos tornou a ser bombardeada; havia uns tanques americanos que estavam lá embaixo. O alemãozinho berrava, berrava em alemão e eu achava que ele queria me intimidar ou intimidar os oficiais que viriam buscá-lo e acabou levando um bofetão, indo ao chão. O Tenente Brás grampeou o alemão e o levou para o jipe que acabara de chegar, algemou-o e levou-o onde provavelmente estaria o Coronel Kruel, que era o G2 e que o interrogaria.

Ele era um nazista e estava muito preocupado, já que muitos criminosos de guerra foram julgados e fuzilados. Após o julgamento, os condenados passavam na frente da tropa formada e eram fuzilados, porque tinham cometido crimes de guerra. O resto não sei, porque não testemunhei os detalhes, mas fiquei pensando por que aquele alemão fez todo aquele barulho? Talvez porque me viu sozinho e como eles, também, fuzilaram não se sabe quantos brasileiros. Naturalmente sabiam que alguns não seriam perdoados e acho que ele ficou com medo, por isso fazia aquele barulho todo para escapar.

Eu fiquei sabendo anos depois que um repórter brasileiro chamado William, do *Estadão*, autor de um livro sobre a FEB, desmoralizando-a, uma vez, escreveu um artigo sobre um alemão e fui testemunha do fato que ele contou. O alemão disse que escapou da morte, sobreviveu graças à bofetada que ele recebeu de um brasileiro, porque se fosse o inglês não teria perdoado, então ele ainda agradeceu.

Como eu servi na 3ª Seção do Estado-Maior, foi primordial mapear posições, e os mapas eram coloridos de acordo com as cotas. O cálculo que é feito é muito técnico, de maneira a mostrar as posições da tropa. Esses documentos todos eram assinados pelo TC Humberto Castello Branco e integravam a parte escrita e seguiam com as Ordens de Combate.

Os calcos de operações são secretos e mostram também os objetivos, as nossas posições, a direção de ataque e os limites com as unidades vizinhas. Eram confeccionados na escala 1:25.000, que é a escala de mapas de guerra.

O TC Castello Branco junto com o Major Morais, que era o Oficial-de-Ligação com o I Corpo de Exército, elaboraram um livreto sobre a FEB, no qual eu também colaborei, fazendo o mapeamento na escala de 1:25.000, um mapa grande que de-

pois foi reduzido. Naquela época tudo era feito em *off set*, era fotografado e passava por um processo de impressão que reduzia bastante. O Major Morais era quem datilografava numa máquina de escrever. As seções possuíam "maquininhas" que eram muito comuns, todas as unidades militares tinham essas "maquininhas", não havia máquina elétrica, tanto que as primeiras correções foram feitas à mão, pois elas não tinham acentuação.

O que mais me impressionou e a todos os companheiros da FEB, foi a facilidade com que os americanos dispunham dos meios de combate, a riqueza de meios que eles tinham, coisa que nós não conhecíamos. Em áreas de combate, ao longo de quase seis quilômetros, pilhas de munição de metralhadora, de morteiro, de canhão e de todo armamento em pontos estratégicos para serem usados em caso de emergência, por exemplo. Havia gasolina à vontade, porque eles sabiam que era prioridade, havia caminhões-tanques com três mangueiras em cada lado, quem precisasse de gasolina era só encher o tanque. Terminada a guerra, acabou a fartura, mas durante a guerra era só riqueza de meios, eles não poupavam.

Inclusive me parece que houve uma crítica, depreciativa, mas sutil, de um Oficial americano com relação a uma Unidade de nossa Artilharia, por não ter usado todos os tiros disponíveis. Mas no final o Brasil pagou tudo que foi usado, o Brasil pagou todo o equipamento, munição e armamento que usou na guerra. Nada foi de graça, nós fizemos por merecer tudo aquilo, mesmo assim, isso impressionou muito os nossos soldados e oficiais, que ficaram boquiabertos ao ver as facilidades de suprir qualquer necessidade.

Isso que acabei de relatar, pode ajudar a quem for estudar a logística, que é muito importante na guerra. A guerra é algo muito caro, e para se pensar em uma vitória, além da bravura do soldado e de planos de combate muito bem elaborados, para ser bem-sucedido na guerra é importantíssimo uma boa estrutura logística que, no nosso caso, o americano colocou à nossa disposição, para que não nos faltasse nada.

Então isso é importante de se destacar e talvez tenha sido um dos motivos das grandes vitórias americanas nas guerras de que eles têm participado. Desde o tempo de Napoleão nós sabemos como é importante esse apoio logístico, a começar pela boa alimentação da tropa, um bom apoio de saúde e uma boa rede de suprimento.

Aqui deixo o meu depoimento em homenagem aos meus companheiros que serviram comigo na 3ª Seção, oficiais e sargentos, com quem me correspondia enquanto eram vivos e que hoje estão mortos, atualmente só tenho um companheiro vivo da 3ª Seção. Sempre me correspondi com eles.

Uma vez eu me encontrei com o TC Castello Branco na esquina da Rua São Bento, lá no Largo São Bento, uns dias antes da Revolução de 1964 e falei com ele

assim: “Oi coronel, como é que vai o senhor? Ele deu um passo para trás e disse: “Eu sou General agora”. Ele tinha ido comprar uma bomba para o poço do seu sítio. Mais tarde, tornou-se Presidente do Brasil.

Para terminar, como mensagem, eu gostaria de dizer aos jovens brasileiros que tenham em mente que, acima de tudo, está a nossa Pátria e agradecer naturalmente essa oportunidade de poder deixar gravado para a posteridade um pouco do que eu vi e vivi.

Doutor João Ferreira Albuquerque*

Nascido em 8 de setembro de 1919, é paulista de Pirassununga e atual vice-presidente da Associação dos Ex-Combatentes, Seção de São Paulo, capital. Casado, tem dois filhos. Licenciado em Línguas Estrangeiras, é bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Possui as condecorações Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

---

* Chefe da Seção de Transmissão da Bateria Comando do III Grupo de Obuses, entrevistado em 28 de março de 2000.

Gostaria, inicialmente, de relembrar como fui convocado para a Força Expedicionária Brasileira. Eu havia terminado a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na seção de línguas estrangeiras, quando me chamaram juntamente com cem estudantes, isto é, em cujas fichas de mobilização constavam como estudantes. Eu fizera o Tiro de Guerra em Pirassununga, com apenas 16 anos de idade. Convocado em janeiro, tive que me apresentar em fevereiro, o que cumpri, então, no 4º RI; e lá ficamos todos sabendo que iríamos para o Rio de Janeiro, a fim de nos juntar a mais uma centena de estudantes daquela cidade e cinqüenta de Belo Horizonte, para fazer um curso de transmissões denominado B1. Esse curso seria especial, na Vila Militar, e, quando o terminássemos, poderíamos até ser promovidos a 2º sargento.

Recordo-me de um fato que aconteceu nessa época. Foi baixado um Aviso do Ministro estabelecendo que aquele que tivesse curso superior poderia ir para o CPOR ou mesmo quem tivesse o 2º Grau ou Colegial. Quando um tenente encarregado desta parte administrativa verificou, todos estavam incluídos, menos um, que só tinha o 1º Grau. Então, veio um outro Aviso suspendendo aquele primeiro e tivemos que continuar na Escola de Transmissões, atualmente Escola de Comunicações. Fizemos o curso e, quando o terminamos, fomos distribuídos para várias Unidades aqui em São Paulo. O pessoal de São Paulo veio para a capital e fui incorporado ao III Grupo de Artilharia de Campanha, cujo Comandante era o Cel Sousa Carvalho, que, diga-se de passagem, foi um excelente Comandante. Eu, ainda jovem, fui promovido a 2º sargento e fiquei encarregado da Seção de Transmissões do Grupo, na minha área, onde o chefe era o Cap Paulo Carneiro Thomaz Alves.

Depois de certo tempo embarcamos para a Itália. A nossa Unidade seguiu com o 2º escalão, ao passo que o 1º já se encontrava lá havia dois meses, e empenhado na linha de combate. Nós embarcamos em setembro e chegamos no começo de outubro, mas como não tínhamos a informação sobre nossa rota, ouvíamos boatos que iríamos para a África e só quando estávamos a caminho da Itália é que tivemos certeza de nosso destino. A nossa missão era lutar naquele país.

Muito bem, depois de 14 dias de viagem, com ameaça de submarino ou não, exercícios de abandonar o navio e outras coisas que a gente fazia, chegamos a Nápoles. Cada navio transportava seis mil homens, além da tripulação, e como havia dois navios, perfazia um total de 12 mil homens. Chegando à Itália, fomos no dia seguinte transferidos para umas barcaças de transporte, LCI, que eram usadas durante a guerra, no transporte de soldados americanos e também de prisioneiros de guerra. Essas barcaças comportavam cerca de duzentos homens cada e levaram 36 horas para sair de Nápoles e chegar a Livorno, no meio de tempestades e de três trombas d'água. Por isso, chegamos a Livorno bem mareados com essa viagem. Em

seguida, fomos transportados em caminhões até o acampamento que os americanos tinham montado para receber justamente as tropas que estavam em trânsito, em Tenuta di San Rossore, perto de Pistóia.

No acampamento, as Baterias foram separadas de um modo geral e tivemos que armar as barracas. Infelizmente, as barracas deixavam a chuva penetrar. Era uma coisa lastimável e até os americanos que estavam ali na área nos acompanhando e ajudando diziam-se surpresos com o material tão ordinário de nossa dotação. Isso tenho a impressão de que era sabotagem de alguém da retaguarda, no Brasil, pois havia gente da Quinta-Coluna trabalhando contra nós. Ficamos mais uns dias lá, debaixo de chuva, reclamando, como sempre: chegava para o oficial e ponderava, como também fiz junto ao Tenente das Transmissões: “Tenente, nós estamos tomando chuva e não podemos resolver nada, mas o senhor está com uma barraca grande.” Ele respondeu que tinha tido sorte, porque os americanos lhe deram a barraca para oito pessoas, onde não chovia, mas de vez em quando também vazava água.

Bem, ficamos lá por uns três ou quatro dias e recebemos roupas mais apropriadas, como jaquetas, casacos, capas de chuva e botas para neve. Fomos nos adaptando ao clima e, nesse meio tempo, chegou um pedido para cada Unidade indicar três praças graduadas ou oficiais a fim de fazerem um curso de minas, em Nápoles, na Escola de Engenharia, dirigida por ingleses e americanos. Resolvi me oferecer para ir; afinal fomos eu, outro sargento, que também era das transmissões, e um Capitão cujo nome não me lembro. O curso durou dez dias, debaixo de chuva e sob uma “nevezinha” leve que já estava caindo, embora Nápoles estivesse no Sul da Itália.

Foi um curso muito bem ministrado, montagem, desmontagem de minas e demolição de pontes. No último dia havia uma prova: deveríamos passar num campo minado, sob fogo real de metralhadoras, avançando abaixados, cutucando o solo com a baioneta. Eu, por infelicidade, bati numa mina; era uma daquelas que saltam, que pulam e quando chegam a um metro de altura explodem. Tive sorte, pois quando a mesma me bateu, atirei-me para trás e o petardo explodiu no ar. Assim mesmo sofri uma fratura exposta na mandíbula, que se deslocou. Fui levado para um hospital americano em Nápoles, onde era o único brasileiro. A minha salvação é que falava inglês e logo me dei bem com os americanos, pois os soldados e oficiais eram muito legais, solidários com todo mundo e então fiquei fazendo o tratamento, usando uma aparelhagem na boca e com regime de líquidos. Em determinado tempo, recebi a ordem chamada de “Bilhete Azul”, do Coronel médico diretor do hospital, dando-me alta. Havia em Nápoles um centro de triagem, para onde fui levado. Recebi um uniforme novo, porque o meu estava todo ensangüentado e de lá fui devolvido à minha Unidade, sem passar pelo Depósito do Pessoal.

A regra era que, ao sair do hospital, seguisse para o Depósito do Pessoal e depois fosse devolvido para a Unidade. Mas consegui ir diretamente, porque o Coronel Comandante se responsabilizou e assinou o recibo de declaração de dívida, do que havia sido gasto comigo. Tudo aquilo foi pago depois pelo Brasil, toda a despesa. Muita gente pensa que não, mas o que os brasileiros gastaram na Itália como armamento, fardamento, remédios, etc, tudo foi registrado e depois ressarcido. Então, ele me entregou um ofício para eu me apresentar ao General Comandante da 1ª Divisão Expedicionária Brasileira. Fui até a minha Unidade entreguei o ofício para o Coronel Comandante.

A Unidade já se encontrava em Lizano e Belvedere, em descanso logo após a queda de Monte Castelo. O IV Corpo de Exército estava começando a transferir a Divisão brasileira para a esquerda, deixando-a justamente para repousar. A Divisão tinha sido empenhada em combate e merecia uma parada. Tivemos uma semana mais ou menos para reaparelhamento e troca de experiências e, em seguida, já começamos a fazer rocadas e saímos de manhã daquela posição para uma outra, apoiando sempre as unidades de Infantaria. Chegou um momento em que os alemães começaram a recuar, e nossa Infantaria não conseguia alcançá-los nem entrar em combate com eles.

Então, o Comandante da Artilharia Divisionária, o General Cordeiro de Farias cedeu todos os caminhões e viaturas disponíveis para transporte da Infantaria, permitindo que a tropa acelerasse o avanço. Quando passávamos perto dos infantes já nas viaturas caçoávamos: “E aí, saco B!” Porque eles nos chamavam de artilheiros do saco B. De Monte Castelo não participei, pois estava no hospital, e quando saí o combate já terminara. Havia apenas escaramuças, mais para limpeza do terreno.

Quando chegamos a uma determinada posição mais ao norte, a situação começou a mudar um pouco e a Artilharia recebia normalmente tiros de contrabateria. Recebemos bastante tiro naquela parte de Lizano. Estávamos mais ou menos protegidos, embora também tivéssemos sofrido um ataque de meia hora só de canhão 88mm mas não houve baixa alguma. Seguimos para a frente, e, quando chegamos a Fornovo, o nosso Grupo foi todo acantonado em um prédio de uma escola.

Os alemães estavam a uma distância de uns vinte quilômetros e a gente ouvia as metralhadoras e morteiros atirando, tanto de um lado como do outro, mas não havia idéia de que era uma Divisão inimiga que ali se encontrava. As informações que recebemos é que os primeiros elementos da Infantaria tinham entrado em combate com eles. Então, foi deslocada a Bateria da nossa Unidade para apoiar uma Companhia de Infantaria brasileira. Até então estávamos combatendo ao lado da 10ª Divisão de Montanha, que era uma Grande Unidade especializada, americana, que

havia feito todo o treinamento de combate nas Montanhas Rochosas dos EUA. Eram soldados altos e fortes, contrastando com o nosso brasileiro mais baixo, mas eles sofreram grandes baixas. Nós tivemos em Zocca grandes bombardeios pesados da Artilharia alemã que era muito precisa, muito mais precisa do que a americana.

De Montese me recordo bem: estava um frio danado, fazia uns cinco graus acima, mas caía uma chuva miúda, que não havia jeito, a gente ficava todo ensopado. Estávamos ali aguardando alguma coisa porque nós das transmissões éramos obrigados a dar um serviço de quatro horas no rádio, em vez de duas, quer dizer, a turma estava sendo sacrificada todo tempo; além de levar os fios até o Observador Avançado, a nosso PC avançado, ou até Infantaria. Recordo-me de que fui encarregado de levar os cabos telefônicos até uma Bateria, cujo comando estava numa posição em Montese.

Aí a vida era um inferno, uma mistura de infante brasileiro, americano e europeu. Recebi ordem para ir com uma equipe e seguir o mapa para entrar no meio dos dispositivos deles, porque se houvesse algum problema, eu resolveria. Felizmente não houve e o pessoal olhava espantado a gente passar e os tiros “comendo”. Os alemães atiravam tanto, mas tanto, que falei para um cabo: “Cabo, por que você deitou?” E ele respondeu: “Espere um pouco, sargento, que o senhor vai ver.” Não demorou um minuto e deitei no chão também, porque as balas vinham em cima mesmo. Foram noites e dias terríveis em que a nossa Infantaria penou bastante para vencer em Montese.

De Montese fomos para Collecchio e Fornovo. Estávamos todos ali perto do inimigo, chegando cada vez mais junto deles, mas a ordem era deixar primeiro a vanguarda da Divisão empenhar-se em combate; somente uma Bateria da nossa Unidade e uma do 6º RI (Obuses da Infantaria) é que estavam realmente atirando. Foi mesmo uma coisa memorável, um tiroteio daqueles, essa experiência que vivemos. Depois que terminou, veio a rendição da Divisão alemã. Nós admiramos a maneira como eles capitularam, com disciplina; chegavam, um a um, jogando a arma no lado previsto. Era impressionante e houve um oficial que subiu numa mesa e fez uma arenga em alemão, não sei o que foi falado.

Terminada a operação fomos para o outro lado e, de rocada em rocada, chegamos até Piacenza, com a nossa Unidade. O grupo não estava empenhado em combate, mas os infantes estavam fazendo a limpeza e não houve necessidade de Artilharia e nem de morteiros, porque os alemães e italianos que restavam por lá já estavam se entregando.

Quando nos encontrávamos em Piacenza, não muito longe de Milão, terminou a guerra na Itália, em 2 de maio. Aí houve uma formatura de despedida, no dia 8 de

maio, quando a Alemanha se rendeu e fomos distribuídos, com outras unidades, em várias cidades e regiões, para atuar como tropas de ocupação. Não havia outro objetivo porque, inclusive, para uma possível limpeza, era desnecessário, pois os alemães tinham que se entregar e os italianos se misturaram com compatriotas civis; ficamos em vilas e em cidades pequenas, aquartelados. Tínhamos a notícia de que iríamos ficar na Itália como tropas de ocupação porque era o que os italianos desejavam: preferiam os brasileiros, já que os americanos não lhes davam muita importância. Os brasileiros falavam um pouco de italiano e eles entendiam um pouco de português, preferiam mil vezes ter contato com os brasileiros.

Quando estávamos em Montese, vieram dois infantes à nossa Unidade, não me lembro se eram do 11º RI, com três soldados alemães prisioneiros. Deram cigarros e chocolate para os alemães, tinha acabado a guerra, nós os tratamos bem.

Então entenda o nosso comportamento: no combate, a turma era dura e da pesada, mas quando um prisioneiro alemão se entregava, ficava um "anjinho". Um Oficial deles, um Tenente que também passou por lá e não falou comigo, mas conversou com um oficial nosso, disse que eles preferiam se entregar aos brasileiros porque éramos uma tropa regular. O Exército Brasileiro era uma força organizada, não como outras que estavam por lá, sem a mesma respeitabilidade dos brasileiros. E isso não é uma crítica, apenas uma exposição de fatos.

Quando chegamos a Lizano e Belvedere, fomos substituídos por uma Divisão de negros americanos. Eu conversava com um Capitão deles que achou estranho um sargento negro brasileiro dando ordem para um soldado branco. Respondi que não era problema porque no Exército Brasileiro não havia preconceito. Se fosse um cabo negro podia comandar um soldado branco; acrescentei que num curso que fiz de transmissões existia um Oficial de cor, um capitão, que ministrava aula e sem qualquer problema. Ele falou que estava espantado, porque na sua Divisão, de Major para cima, só podia ser branco. Ficaram admirados de nos ver brincando, entre nós não havia nada de mais.

Na Itália éramos bem recebidos pela população, sempre que podíamos ajudávamos as crianças e o que sobrava de mantimentos distribuíamos para elas. Tanto assim que uma vez houve uma despedida antes de nos retirarmos para Nápoles, uma solenidade em que as professoras levaram os alunos e entregaram a todos os soldados, a cada um de nós, um papel agradecendo aos valorosos heróis brasileiros.

Bom, de lá fomos para Francolise, onde permanecemos aguardando o retorno para o Brasil. Reafirmando certos pontos, relembro que fazia parte de uma equipe de comunicações da tropa de Artilharia, mais precisamente da Seção de Transmissões da Bateria Comando do Grupo. Como tal, tive a oportunidade de vivenciar a guerra

do lado da Artilharia e também da Infantaria, porque havia os observadores avançados que iam junto com os infantes, inclusive levavam os fios telefônicos até a frente de combate, perto do inimigo. Quando esses fios arrebentavam, a missão constante era restabelecer as comunicações e, às vezes, correr os trajetos com os dedos no fio, até sentir um espetão no dedo, para constatar que o fio tinha rompido e isso no inverno com 15°C abaixo de zero; era muito penoso. Além disso, praticamente, o pessoal de transmissões não usava arma, a não ser para defesa pessoal. Sabemos que um companheiro das transmissões foi feito prisioneiro de guerra.

Quanto ao desempenho do soldado brasileiro, foi bom. Minha opinião é um pouco mais restrita, porque não participei de um ataque organizado ou de uma patrulha de combate, embora cumprisse algumas missões de acompanhamento de patrulhas com a finalidade de fazer prisioneiros. Mas o que pude observar, de um modo geral, é que, ao chegarmos, estávamos psicologicamente despreparados. Notava-se no soldado certa ansiedade e, às vezes, até um pouco de receio, sem saber exatamente o que iríamos fazer na guerra. Assim, alguns falavam que estavam vivos naquele momento, mas que pouco depois poderiam estar mortos. Mas, de um modo geral, a gente se adaptou em poucas semanas e começamos a entrar na linha, porque a disciplina foi imposta e acatada.

Desenvolveu-se grande respeito e solidariedade entre os expedicionários, sempre um preocupado com o outro, dessa forma em qualquer situação ajudava o companheiro.Nós, do grupo, artilheiros, não recebemos tiros de morteiros, mas sempre de contrabateria. Havia alguns soldados que, no começo, se amedrontavam, descontrolavam-se e a gente precisava ficar ao lado, ajudando sem levar ao conhecimento do Comando, porque era uma situação de momento. Até que o medo foi vencido.

O efetivo de nosso grupo somava cerca de novecentos soldados, número correspondente, mais ou menos, a um Batalhão de Infantaria. Dessa forma na Artilharia o controle sempre foi mais fácil porque havia menos soldados.

Outro aspecto crítico foi a questão do uniforme que recebemos inicialmente, chamado “Zé Carioca”, que não servia para o clima da Itália. Um outro parecido com o do inimigo, pois tinha a mesma cor que o uniforme do alemão, às vezes, ocasionava confusão. Era verde e mais grosso, porém bom. Quando recebemos novos uniformes, aconteceu uma coisa meio estranha com a mistura das peças, incluindo *combat boot* americano, calça normal verde-oliva, “gandola” em estilo inglês etc.

Numa ocasião, quando nos encontrávamos no Norte da Itália, o Capitão Paulo determinou que se fizesse um baile só para os soldados e cabos. Acima de cabo não podia entrar. Incumbiu-me de ficar tomando conta e não deixar penetrar ninguém, além de soldados e cabos. O pessoal dançava e tomava refrigerante, porque não era

permitido vinho, só "tapeando" passava alguma coisa, mas surgiu um militar com uma farda meio esquisita, meio cáqui, meio não sei o quê, um gorro que não era bem o nosso, nem o americano e nem o inglês; ele falou comigo e eu respondi em italiano e ficamos trocando palavras em italiano. Perguntei-lhe o que fazia por ali e quem era. Respondeu-me que era brasileiro e estava fantasiado como se fosse italiano. Já havia acabado a guerra.

Ainda no tocante à disciplina e valor combativo, sempre tive informação, proveniente daqueles oficiais que estiveram na frente de combate, de que os nossos soldados eram valorosos, dotados de iniciativa, criatividade e disciplina em combate. Por vezes, improvisavam armadilhas engenhosas para surpreender os alemães, como armar um dispositivo com uma granada amarrada a um cordel ou arame de tropeço, para detonar com a aproximação do inimigo.

Os alemães que nos combateram reconheceram o valor do soldado brasileiro. Em Montese, a nossa tropa achou uma cruz com uma inscrição, assim, em alemão: "Três Heróis Brasileiros". Reconheceram o heroísmo de homens mortos em combate. Também em Montese um soldado brasileiro, um negro, exemplo de coragem e estoicismo, ficou dentro do buraco e atirando até morrer, mas não se entregou.

Já o soldado alemão era preparadíssimo, ainda mais que ocupava posições preparadas em planos elevados, como na Linha Gótica nas montanhas dos Apeninos, dominando com vistas e fogos o que a gente fazia lá embaixo. Eles eram realmente disciplinados. Mas quando se entregavam ficavam submissos. Lutavam até onde dava e quando percebiam que estavam sendo derrotados, entregavam-se. Eram excelentes soldados, na minha opinião; naquela época os melhores na guerra, tanto que combateram contra, praticamente, o resto do mundo.

Ao chegarmos a Tenuta de San Rossore, perto de Pisa, havia prisioneiros alemães trabalhando. Conversei com um deles que me falou ter dado graças a Deus por entregar-se. Era um polonês combatendo pelos alemães; disse que não agüentava mais os soldados alemães, que o atormentavam tanto que foi melhor se entregar.

Quanto à população local, de um modo geral, acolheu bem os soldados brasileiros; apenas com o primeiro escalão houve um certo constrangimento, porque o uniforme se parecia muito com o do alemão. O que havia era um pouco de preconceito por parte deles, com receio dos negros brasileiros, porque havia aqueles boatos de que comiam criancinhas. Foi a propaganda alemã que também espalhava que os brasileiros não respeitavam as mulheres. Mas, fora isso, fomos bem recebidos, conversávamos com eles e os ajudávamos dando chocolate, cigarro e outras coisas da ração.

Quando terminou a guerra, fomos homenageados pela população, e, em todo lugar que íamos, éramos bem recebidos. Nas vilas e lugarejos conquistados os soldados

eram vistos como libertadores. Mas sempre fazíamos alguma doação, o nosso Coronel era muito humano, sempre com energia e disciplina, mas muito amigo. Eu lembro que um dia tínhamos conseguido uma lata de picadinho americano, aliás de paladar ruim, acho que nem mesmo americano comia. Levamos para uma menina que estava com anemia e nem bem eu estava chegando e já tinha um outro brasileiro levando a ração, porque sabíamos que criança não tinha culpa de coisa alguma e merecia ser ajudada.

Lembrei-me agora de algo que foi interessante mesmo. Depois do término da guerra, estávamos em uma estação de águas termais, onde havia um salão de danças. Eu estava tomando um refresco e perto da minha mesa havia um moço, um rapaz, acho que de uns dezessete anos, mais ou menos, e o convidei a tomar qualquer coisa e ele agradeceu e começamos a conversar. Eu perguntei o que achava do Mussolini e ele me respondeu que antes a Itália era temida, todo mundo respeitava o país e que agora não iriam respeitar mais. Concluí que a propaganda fascista tinha sido muito forte, estavam dominados ainda pelo pensamento fascista.

Ao término da guerra, fui desmobilizado. Quanto a isso cabe uma observação. Nós, quando chegamos ao Rio, ficamos numa Unidade de Artilharia Antiaérea. Mais tarde, num determinado dia as Baterias foram reunidas e entregaram os certificados de reservista, mas perguntavam, antes, quem é que queria continuar no Exército, falando das vantagens que poderíamos ter. Então essa queixa que muitos ex-sargentos faziam que saíam despreparados e obrigados, foi mentira e nesse ponto eu defendo as autoridades militares da época, porque pelo menos naquela oportunidade foi dito claramente que quem quisesse continuar poderia, e havia até mesmo a possibilidade de cursar a AMAN.

O trauma de guerra não teve muita influência sobre mim, embora o pessoal dissesse que eu andava muito nervoso; a gente sonha muito, tem pesadelo e lembra de outras coisas, mas isso é natural.

Creio que não tivemos apoio adequado do governo, quando chegamos estávamos no Estado Novo. Durante o embarque, o Presidente Getúlio Vargas veio a bordo desejar boa viagem e pouco falou, uma palavra só, uma coisa assim bem formal e foi embora. Ficamos meio sentidos com isso e quando cheguei, fui desmobilizado em setembro, como era professor, só iria lecionar no ano seguinte, então dava aulas particulares em cursinho.

Quando vi que havia vaga para professor na Cidade de São Paulo fui ao Departamento de Educação e a resposta foi do tipo: Olha, vocês têm direito mesmo, mas essa vaga foi ocupada por um parente não sei de quem. E eu tentei outro, mesmo no interior. Então, tive logo depois que começar a dar aula em colégio particular, porque não recebemos apoio de quem quer que seja.

Mais tarde, foi fundada a Associação dos Ex-Combatentes e fui presidente até 1978 ou 1980, mais ou menos. Havia inúmeros ex-combatentes que também se dirigiam à Associação para pedir auxílio, pois, às vezes, não estavam ganhando nada, encontravam-se desempregados e não tinham nem como se sustentar. A Associação bancou por muito tempo essa situação, inclusive com mantimentos. Isso foi um ponto positivo da Associação, mas havia também gente que queria mundos e fundos; não se podia comparar a Associação dos Veteranos de Guerra com a similar americana, porque os americanos tiveram de tudo, auxílio financeiro, casa, uma porção de coisas, os EUA são os EUA. Assim mesmo, acho que uma parte dos ex-combatentes foi abandonada, sobretudo o pessoal que não tinha muito preparo.

Outro dia estava comentando que tínhamos instrução, não precisava nem ter curso superior, o colegial bastava, resistíamos muito mais à pressão da guerra, pois o coitado que estava indo para lá sem saber porquê, veio da roça e não sabia nem ler, não entendia nada. Quando cheguei ao Grupo, o Capitão falou: Você é professor. Temos uns quatro ou cinco soldados que são analfabetos é bom que os alfabetize! E isso numa Unidade de Artilharia, em que todo combatente tem que ter um certo conhecimento devido ao emprego da Arma, que é bastante técnica. Então, o que o pessoal sofreu mesmo, do efeito da guerra, não foi somente do combate, mas pela situação psicológica de alguém que não consegue reagir a isso. Eu, graças a Deus, não sofri problemas psíquicos embora, de vez em quando, não controle umas explosões, mas explosões temperamentais.

É sempre bom e justo destacar as figuras de personalidades, para mim, bastante marcantes durante a guerra. Tenho, quase todos nós temos, razões para parabenizar o nosso Comandante, o Coronel Sousa Carvalho, um excelente Comandante. Também o nosso Capitão de Bateria, o Capitão Paulo, que não sei se ainda está vivo, mas chegou a General-de-Divisão. Ele era excessivamente rigoroso, mas era uma personalidade única, isso também faço questão de destacar. Era um homem voltado para a vida militar, uma dessas pessoas para quem tudo devia ser feito pelo regulamento, no cumprimento da obrigação.

Entre os nossos companheiros não me lembro especialmente de um, todos eram especiais, o nosso Grupo possuía muitos universitários. Éramos alegres e fazíamos brincadeiras nas horas de folga. Uma vez, estávamos em Lizano e um canhão 88mm alemão começou a atirar em nós; corremos até uma casa ali perto, onde havia um depósito de granadas 105mm, tudo amontoado lá. Um soldado começou a dizer: “Tantos metros à direita ou à esquerda, está chegando perto!” E estava mesmo caindo perto de nós, tivemos que sair.

Lembro-me também do Alberto, que era do Paraná, ele falava inglês e durante o curso nos dávamos muito bem. Um Tenente de Engenharia americano, nosso instrutor, um Oficial bem legal e bastante firme, perguntava como eu tinha o curso superior e era praça. Respondia que no nosso Exército era assim mesmo, não tem nada a ver com curso superior. Ele dizia que lá era diferente e que poderia indicar-me para fazer um curso de Oficial. Eu estava conversando com o Tenente e ele viu o Alberto a mais ou menos cinqüenta metros e disse: “Olha, você sabe de uma coisa, sargento, esse uniforme de vocês é bem perigoso, porque dessa distância aqui você vê que o capacete de fibra não é muito diferente do capacete do alemão, então a gente olha daqui e não sabe distinguir se é alemão ou não”.

O Alberto era um sujeito muito bom e, no final da guerra, quando pedi notícias dele fiquei sabendo que tinha se acidentado ao manusear minas desmontadas e uma delas explodiu; ele foi feito em pedaços, que ficaram em cima de uma árvore. Isso aconteceu no final da guerra, não tinha nada a ver com a história e ele encontrou a morte dessa maneira, um rapaz excepcional. Também os outros companheiros eram bons camaradas.

Estávamos ainda na região de San Rossore e aí chegou o Tenente das Transmissões, cujo pai era General e disse para irmos até Florença, onde havia um hotel só para oficiais. Mas o Tenente tirou o seu casaco e mandou-me colocá-lo para poder entrar. Chegamos até lá e quando entramos dei logo de cara com o Silva Prado, que era Tenente R/2 e ele até me cumprimentou como se me conhecesse. Depois, quando o calor aumentou, falei: Olha, Tenente, o senhor vai me desculpar, mas vou pegar já o menu e fazer o pedido. O que o senhor quer? O garçom chegando, eu vou pedir e vou embora, porque não agüento ficar de casaco, não posso tirá-lo, se eu o tiro aqui a PE me leva.

Essa é, portanto, a minha história.

Joaquim Carlos de Oliveira*

É mineiro de Bom Jesus do Galho, localidade próxima a Caratinga e tem 78 anos de idade. Fez a guerra como infante do 11º Regimento de Infantaria, Regimento Tiradentes. É casado há 48 anos, tem dois filhos, uma filha e oito netos. Condecorado com a Medalha de Campanha.

* Soldado Observador da Companhia de Comando do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, entrevistado em 18 de maio de 2000.

Residia em Belo Horizonte, quando fui convocado para a guerra. Inicialmente servi no 12º RI; depois fui transferido para o 11º RI, Regimento previsto para completar o efetivo de guerra.

Nasci em 1922 e fui convocado em 1942. Tinha vinte anos, era solteiro. Na ocasião minha mãe ficou muito triste e meu pai, bastante abalado. Minha mãe morava no interior de Minas e eu estava em Belo Horizonte, a fim de procurar trabalho. Fiz o Tiro de Guerra, para poder obter quitação com o serviço militar. No Tiro de Guerra, entretanto, fui mobilizado, quer dizer, não exatamente uma convocação. Naquela condição, mandaram-me para a caserna, assim como aconteceu com os integrantes do CPOR, que também foram mobilizados mas já convocados como aspirantes e promovidos a Tenente. Daí seguimos para a Itália.

A preparação no Brasil começou em São João Del Rei. Um treinamento meio precário, pela falta de experiência de guerra. Mais tarde o Regimento foi transferido para o Rio, na Vila Militar, onde preparavam umas instalações provisórias, para abrigar a Unidade. Era um quartel feito de tábuas, no Morro do Capistrano, bem em frente à estação de trem da Vila Militar. Iniciamos o treinamento; no local havia um pessoal do Exército americano nos orientando. Fui o primeiro a atirar com a bazuca, o Lança Rojão 2.36, lá no Campo de Instrução de Gericinó, onde os exercícios eram realizados. A bazuca podia perfurar todo tipo de blindagem dos carros de combate.

Em Gericinó, quando atirávamos em uma chapa de aço de meia polegada, o projetil furava a chapa. Éramos instruídos para atirar na lagarta dos tanques inimigos, porque destruindo a lagarta o tanque ficaria imóvel e neutralizado.

Nessa fase eu ainda não pertencia ao Grupo de Observação, ainda integrava o Pelotão de Remuniciamento. Assim permaneci de São João Del Rei até a Itália. Quando chegamos à Europa, em Pisa, fui transferido para o Grupo de Observação.

Os alemães eram bons soldados, lutavam muito bem; precisávamos nos preparar psicologicamente para enfrentá-los.

Durante a viagem marítima, caso o navio fosse torpedeado, a gente tinha um ponto exato para se dirigir e pegar um bote, a fim de abandoná-lo. O bote iria ficar vagando no mar e a gente teria que saber como sobreviver, aguardando naturalmente ser socorrido. Aprendemos que havia determinado peixe cuja carne possuía grande quantidade de água, teríamos que comer aquela carne crua para matar a sede, mas graças a Deus, isso só foi treino, não precisou não.

A alimentação na viagem era razoável; toda americana, a gente estranhava o gosto, mas sabia ser alimentação muito nutritiva. Sentimos falta do feijão com arroz.

Uma coisa muito desigual: de manhã todo o pessoal tinha que subir ao convés e ficar lá o dia inteiro, para permitir a limpeza dos alojamentos nos porões, pois

somávamos muito mais de cinco mil homens no navio. Os soldados que subiam primeiro arrumavam lugar para sentar ou se encostar no tombadilho e não saíam mais dali. Os outros ficavam andando para lá e para cá ou sentados no chão, embora obstruíssem a passagem.

O rancho era à tarde, quase à noite, tomávamos o lanche e íamos para o alojamento.

No escurecimento, apagavam todas as luzes do navio, ficava tudo vedado para impossibilitar a atuação de um submarino inimigo. Aquilo era um drama, eu sofria um pouco de claustrofobia e me sentia muito mal. Peguei um lugar embaixo do navio, eram vários andares, alguns cheios de beliches. Se fôssemos torpeados não haveria salvação. O último porão, para um claustrófobo é o pior, terrível. Ainda hoje sou um pouco, porque é incurável.

A minha história talvez não seja assim tão ilustrada. Desembarcamos no dia 1º de outubro de 1944, na cidade de Livorno e de lá fomos para Pisa, onde fizemos um pequeno estágio, num Centro de Instrução americano onde adquirimos maior conhecimento e experiência da guerra. O estágio foi realizado no Campo de San Rossore e durou até o começo de dezembro. Em seguida nos deslocamos para os Apeninos, onde iríamos combater. Recebemos armas novas, aprendemos a atirar com a bazuca; eu mesmo fui um dos primeiros soldados a atirar com ela.

Terminado aquele período, subimos a serra até Porreta Terme e entramos em combate no dia 4 de dezembro de 1944, numa localidade chamada Casa de Bombiana.

Aí houve o primeiro ataque a Monte Castelo, que não foi bem sucedido. Dentro de uma casa corri bastante risco de vida: o General Zenóbio ficou dentro de meu PO, Posto de Observação e passou a transmitir ordens para o pessoal que já tinha começado a subir o morro. Ele estava um pouco confuso e permaneceu naquele local por uns vinte minutos. Quando saiu, os alemães derrubaram umas toneladas de bombas sobre a gente, dentro da casa. Uma parede caiu em cima de mim e de um outro companheiro, que se feriu, mas tive muita sorte mesmo. Várias vezes passei por um mau bocado e sempre saí ileso, felizmente.

Em fevereiro de 1945, no ataque final a Monte Castelo, atuamos como Unidade de apoio. O Regimento Sampaio subiu, ficamos lá embaixo, esperando o que poderia suceder, se a gente precisaria subir também. Afortunadamente não foi necessário, porque os aliados fizeram uma preparação muito bem-feita. Um bombardeio bastante violento em cima dos alemães; quando a turma subiu não encontrou muita resistência, estava tudo destruído, acabaram com quase todas as fortificações que eles possuíam. Encontraram certa resistência mas foi pouca e não houve necessidade de nosso reforço. Até aviões da FAB colaboraram bombardeando as fortificações de Monte Castelo.

Na preparação do ataque, o bombardeio começou mais ou menos às 4 horas da manhã e foi até às 7 horas. Parecia uma chuva de bombas. Às 7 horas, a tropa partiu e quando foi mais ou menos 4 horas da tarde, o objetivo já estava conquistado e hasteada a Bandeira Brasileira lá em cima. Foi uma glória.

Depois, ressalto Montese; fomos tirar os tedescos da cidadezinha, um vilarejo pequeno, talvez naquele tempo com dois mil ou três mil habitantes.

Mas a luta foi dura; combate fantástico, porque a região tinha importância estratégica. A resistência foi encarniçada e houve muitas perdas humanas.

A missão coube ao 11º RI; ali fomos nós que pegamos o boi pelos chifres.

Depois de Montese, corremos atrás dos alemães, que se deslocaram para o Vale do Pó. Culminou com aquelas belas jornadas que todos conhecem. Chegamos a Collecchio, depois Fornovo, aprisionamos a 148ª Divisão com uma grande quantidade de armamento. A luta vinha sendo, bastante penosa, porque o inimigo estava operando com tenaz resistência. Talvez soubessem que a FEB estava atrás deles, possuíam muito equipamento, muita arma, muitos homens, mas se renderam porque nossa tropa cortou-lhes a retirada, bloqueando-os em Fornovo. Já estávamos próximos da vitória, mas no Norte da Itália ainda havia resistência. Por isso seguimos em frente. Quando chegamos a Alessandria, a guerra terminou, bem como nossa odisséia.

Esta é, mais ou menos, a minha história. Como disse antes, não muito longa. Exercia a função de Observador; tinha feito um curso de topografia militar e a minha arma era uma luneta monocular de (1x50), eventualmente binóculos e uma carta topográfica. Normalmente, quando se instalava um PO, enviavam um telefone para comunicação, pois tudo que se observava, deveria ser informado imediatamente. A responsabilidade era muito grande, porque a localização do PO era determinada pelo Comando. E importante o entrosamento entre as Unidades, quer dizer, os três PO's tinham que atuar sobre o centro do campo, por isso, o que um PO transmitia os outros dois também deveriam informar, para fazer a confirmação. Caso ocorressem movimento e ação suspeitos, a Artilharia bombardeava o inimigo.

Éramos seis nessa missão e, às vezes, somente três. Saíamos, íamos descansar e outro nos substituía, pois a observação não poderia ser interrompida. Permanentemente, havia movimento de tropas ou viaturas inimigas e tínhamos que comunicar tudo.

A noite era bem difícil, por falta da luz do Sol as condições ficavam péssimas, nos orientávamos mais ou menos pelos ruídos. A observação noturna naquele tempo era executada mais pelo som na frente de batalha. Hoje existem equipamentos que permitem a visão noturna, como binóculos infravermelhos e outras parafernálias que, mesmo à noite, permitem a observação contínua com a mesma precisão obtida

durante o dia. Naquela guerra usava-se de uma certa tecnologia, mas em comparação com os dias atuais, não era nada.

Meus binóculos aumentavam dez ou doze vezes e a luneta que, para alvos próximos não era muito boa, melhor ficava de um quilômetro para frente, pois aumentava cinqüenta vezes.

No cumprimento da missão, para relatar movimento de tropa e transmitir imediatamente para o Comando, pelo telefone, a gente dava coordenadas, conforme a carta topográfica, inclusive para possíveis alvos de nossa Artilharia. As coordenadas eram remetidas do Posto para o PC; como tinham a carta, também, locavam nela o ponto cujos dados fornecíamos, e então atiravam. No meu caso, era o falecido General Orlando, naquele tempo, Major Orlando Gomes Ramagem, Comandante do II Batalhão do 11º RI.

Na Itália, quando a neve caiu e o *front* ficou estático, a guerra resumia-se no movimento de patrulhas e nos tiros de Artilharia. Às vezes, acontecia algum emprego de metralhadoras e movimento de tropa que precisasse se deslocar de um lugar para o outro. Mas o forte era a utilização de patrulha.

Entretanto a missão de observação continuava, mas, a cada dia se tornava mais difícil; o inimigo também usava véstia branca para confundir com a neve. O americano não utilizava roupa camuflada; hoje todos os exércitos do mundo possuem. Mas os alemães, já naquela época conheciam sua utilidade.

Comuns eram as redes em cima dos canhões e viaturas, para disfarçar. Uma camuflagem perfeita, prática, mas não no inverno, porque tudo ficava branco. Sofremos muito com o clima frio, até morreu soldado congelado e houve os que tiveram pé-de-trincheira.

Felizmente dei um jeito e depois vi muita gente fazendo igual, mas acho que fui um dos primeiros: tínhamos uma galocha para o barro, porque havia muita lama. As viaturas misturavam a neve com a terra e virava uma lama danada. Era necessário o uso da galocha para andar naquele lodaçal. O calçado americano que chamavam de *combat boot*, um "troço" grosseiro e pesado, deveria ser usado dentro da galocha, que era larga. Mas nós pegávamos um cobertor, rasgávamos em tiras de mais ou menos uns quinze centímetros de ponta a ponta do cobertor, enrolávamos o pé, fazia aquela trouxa grande e enfiávamos dentro da galocha, sem a bota. Foi uma boa solução para não dar pé-de-trincheira e as mãos mantidas sempre enluvadas, mas mesmo assim esfriava para danar.

O frio e a neve judiaram muito da gente; vou contar algo incrível, as pessoas podem até não acreditar mas a gente molhava o cabelo de manhã para pentear e se demorasse cinco minutos para passar o pente congelava a água. Às vezes, ficávamos

em volta da fogueira com os italianos, comendo castanhas e bebendo vinho. Em muitas ocasiões nos recebiam em suas casas com as famílias. Tal hábito era comum.

O relacionamento do soldado brasileiro com a população local era muito bom. Se bem que apareciam só para pedir, não tinham nada, principalmente comida, as mulheres apareciam querendo roupa para lavar, a fim de ganhar algum dinheiro; todo mundo dava. Elas eram honestas, preparavam a roupa e a traziam direitinho, em um espaço curto de tempo, pois estávamos sempre nos locomovendo. Elas ganhavam alimento também, dávamos-lhes o que nos sobrava, assim, como cigarros.

A ração "K" era uma caixa com alimentos: para a manhã havia *breakfast*, outra para o almoço e mais uma para o jantar. Cada caixa vinha com quatro cigarros; quem não fumava, às vezes vendia. Na zona rural os italianos não tinham dinheiro, mas na urbana já possuíam algum.

O soldado brasileiro tinha muita coragem, era uma coisa fantástica, eu presenciei isso, mas não cheguei a ver combate corpo-a-corpo. Os alemães utilizavam uma metralhadora apelidada de "Lurdinha" com grande cadência de tiro; o seu alcance era curto. Muito soldado brasileiro foi morto pela "Lurdinha", porque se aproximava muito do inimigo. Era uma metralhadora leve e eficaz.

Empregávamos as metralhadoras .30 e a .50. Esta última era fantástica, derrubava até avião. E atirava contra os alvos terrestres, pois quando se descobria uma casamata do inimigo, ela era a que se usava. Já a "Lurdinha" era uma metralhadora para combate aproximado, com uma cadência de 1.200 tiros por minuto. Nos museus militares do Rio de Janeiro e de Curitiba existem exemplares. A missão mais perigosa era a patrulha, especialmente, na terra de ninguém.

Fui escalado algumas vezes na patrulha, devido ao conhecimento que tinha da região. Ao fazer observação, conhecia ponto por ponto a área onde estávamos. Perdi alguns amigos, vitimados por minas e armadilhas. Um sargento foi entrar na casa e assim que abriu a porta, a mina explodiu e a parte de cima do prédio caiu em cima dele. Ele sobreviveu e vive até hoje, embora esteja completamente deficiente.

Era um risco fazer patrulhas na terra de ninguém, sujeito a encontrar não só inimigo, como também minas e armadilhas que eram deixadas para recepcionar a nossa tropa. Nesses transes em que a gente se fere, quando se vêem companheiros feridos, corpos despedaçados, até perna arrancada, ou qualquer coisa assim, é muito importante a confiança na nossa tropa de saúde, no apoio de saúde. Este, muito eficiente, não deixava um soldado ferido sem socorro no campo, os padioleiros iam ao local e o buscavam custasse o que custasse. Assisti várias vezes soldados caindo e, de repente, lá estava o pessoal da Cruz Vermelha vindo buscar o ferido. O Corpo de Saúde era muito eficiente.

Já religião não se tinha quase. Quando entrei em combate, não tivemos evento religioso. Havia assistência para o pessoal de retaguarda, talvez até para o pessoal de Artilharia. Mas na frente, não tínhamos. Contam que o Frei Orlando morreu no cumprimento da sua missão, num acidente. Um jipe começou a patinar no barro, eles colocaram umas pedras para o jipe sair do barro. Alguém pegou um fuzil e foi bater numa pedra com a coronha da arma para firmá-la. Aconteceu um disparo acidental. Hoje ele é o Patrono do Serviço Religioso. Frei Orlando morreu na frente de combate em missão religiosa, mas eu não tive contato direto com ele, cheguei a conhecê-lo só de passagem.

Um grupo de soldados alemães, que foram aprisionados em Collecchio, foi colocado dentro de uma igreja. Fui um dos escalados para guarda daquele pessoal. Isso aconteceu de manhã, começaram a chegar por volta das 8 horas; fiquei de guarda, mas já falava um pouco de italiano e eles também. Houve troca de cigarro, troca de *souvenir*. Tenho uma medalha alemã que um deles me deu, no meio há uma cruz suástica, banhada em prata. O inimigo depois de capturado, procedia assim, a gente se entrosava. Inimigos até o momento em que eram feitos prisioneiros, depois deixavam essa condição, quase considerados normalmente como irmãos. À tarde, quando chegou o transporte para levá-los para o campo de concentração, já não tinham mais ressentimentos com quem quer que fosse. Lá na frente, porém, prevalecia o salve-se quem puder, éramos nós, ou eles.

Não dei um tiro sequer na guerra, pois na minha função ficava mais dentro do PO. Participei do conflito durante o período de 4 de dezembro de 1944 até o dia 8 de maio de 1945. Durante todo esse tempo permaneci à disposição de meu Comandante. Não tive nenhuma falha, não deixei meu posto por motivo de doença e nem por nada. A única vez que tive de voltar para a retaguarda foi para tomar banho, porque cheguei a ficar dois meses sem isso. De 4 de dezembro de1944 até o dia 28 de fevereiro de 1945 não tomei banho, eis as datas que guardei. No dia 28 de fevereiro fui a Porreta, onde havia uma estação termal, tomei banho quente e tirei o atraso.

No dia 8 de maio, mais ou menos pelas 11 horas da manhã, perto de Alessandria, chegou o Comandante do meu Grupo e falou-me: “Pessoal, terminou a guerra!” Todo mundo ficou meio estranho, naquele momento, todos sofreram um impacto e não sabiam o que falar, não sabiam como reagir.

Era uma notícia tão inesperada que eu mesmo não soube como extravasar a minha alegria. Mais tarde, seguimos para um quartel desativado em Alessandria, e lá o pessoal fez uma festinha. Ficamos uma temporada, vários dias, aguardando ordem de retorno a fim de vir para perto de Nápoles, onde tomaríamos transporte para o retorno, em Francolise, a uns sessenta quilômetros mais ou menos.

No início de setembro, embarcamos e chegamos ao Rio de Janeiro, já no fim do mês. Uma coincidência, embarcamos em setembro de 1944 e desembarcamos, de volta, em setembro de 1945.

Regressando ao Brasil, a tropa foi muito bem-recebida no Rio de Janeiro, mas ainda na Itália demos baixa. O Comando mandou o formulário para agilizar o processamento. Quando chegamos ao Rio de Janeiro, estávamos fardados e ainda desfilamos, mas já éramos civis. Portanto, caso eu quisesse ter ficado na caserna, não tinha condições, pois já estava dispensado. Se nos dessem opção para continuar, talvez prosseguisse no Exército, porque tinha o curso de topografia militar e, com um pequeno aperfeiçoamento, podia até ter-me graduado.

A participação na guerra não atrapalhou a minha vida pessoal, porque quando fui convocado, não tinha perspectiva alguma, preparava-me para procurar emprego. Quando voltei fiquei na mesma situação, sem qualquer horizonte. Fui procurando e achei um jeito de viver, com tranqüilidade porque me especializei na metalurgia. Eu me estabilizei, graças a Deus, é assim que vivo até hoje.

Doutor José Alfio Piason*

Fez a guerra como 2º Tenente de Infantaria, integrando o I/6º RI. É natural de Campinas, tendo nascido em 18 de fevereiro de 1917. Formou-se em Medicina, pela USP. Exerce a profissão de médico há mais de 60 anos, como ginecologista obstetra.

Casado, tem oito filhos, 21 netos e um bisneto.

Por seu desempenho na Segunda Guerra Mundial, foi condecorado com as Medalhas de Campanha e Guerra.

---

* Chefe da 2ª Seção do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, entrevistado em 2 de maio de 2001.

Com muita satisfação, narro as minhas impressões sobre a época que considero, hoje, uma das mais felizes da minha vida, apesar dos percalços iniciais que tive. Também creio que comentar o quanto possível a respeito do esforço da FEB na Europa é muito importante para um Brasil que já não atribui valor não somente a este fato como a muitas outras coisas importantes.

Estou certo de que minhas palavras servem, principalmente, para incrementar na nossa juventude o amor à Pátria; demonstrar que, mesmo nas atividades estranhas à nossa profissão, procuramos fazer o máximo que podíamos em prol dela, com a certeza de que soubemos honrar a missão que nos foi confiada.

Nasci em Campinas, onde fiz os estudos primário e secundário; depois a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, graduando-me em 1940. Fiquei dois anos na capital do Estado e, naquele tempo, não possuía residência própria para fazer a especialidade e começar um trabalho. Em 1942 fui para a terra de uns parentes meus, onde havia três médicos, mas nenhum ginecologista e obstetra.

Um ano depois já estava muito bem na profissão, pois os próprios colegas me prestigiavam muito. Então fui convocado para a FEB, em 1943. Levei um choque emocional muito grande e, no começo, não me conformei.

Eu não fizera o Tiro de Guerra porque no meu tempo de ginásio queria me preparar para ingressar na melhor faculdade de São Paulo. Depois, para poder ter o meu Certificado de Reservista, tive que fazer o serviço militar em São Paulo, estudando e cursando o CPOR, enfrentando as madrugadas frias de São Paulo.

Como não queria seguir a carreira militar, esqueci o CPOR e soube depois de um tempo que, após ter recebido a espada, caso deixasse de fazer um estágio numa Unidade do Exército, seria rebaixado a sargento. Fiquei até satisfeito, porque só desejava o Certificado de Reservista; eu já tinha o meu e pronto.

Mas, coincidência ou castigo, logo depois fui convocado obrigatoriamente para estágio no III Batalhão de Infantaria, aqui em São Paulo. Então, de aspirante passei a 2º Tenente.

Logo depois do estágio no III Batalhão de Infantaria, fui promovido a 2º Tenente. Passei a trabalhar no interior do Estado de São Paulo. Os outros médicos me prestigiavam muito; como ginecologista e obstetra, trabalhava bastante.. Por isso minha convocação fora um impacto muito forte. Era médico e já exercia a profissão. Ser convocado para o serviço ativo do Exército, na arma de Infantaria, não foi facilmente absorvido.

Mas de qualquer jeito conformei-me, mesmo porque não tinha outra solução. Designado para o 6º RI, em Caçapava, fui recebido pelo Coronel Bahia, que me designou para o I Batalhão do 6º RI, acantonado em Taubaté. Os II e III Batalhões ficaram em Caçapava.

Aí começamos a trabalhar, fazendo os nossos plantões e outros serviços de caserna, procurando cumprir os deveres precípuos. Só tive satisfação, nessa fase, porque todos os oficiais, da reserva e da ativa, sempre nos consideravam muito e isso era um consolo que me ajudou na adaptação e a esquecer aquele início meio difícil.

Fiquei morando em Taubaté e lá começamos o nosso treinamento inicial, travessia de rios e outras instruções, como subalterno da 3ª Companhia.

Eu era Comandante de Pelotão, mas freqüentemente exercia as funções de Subcomandante e até de Comandante de Companhia, por causa das mudanças de oficiais. O Comandante do Batalhão era uma pessoa excepcional, Major Celso Lobo de Oliveira, que nos considerava e prestigiou muito. Bastante inteligente, era engenheiro e isso ajudou muito no nosso entrosamento.

Fizemos o treinamento dentro do possível, com o sentimento de que a primeira Unidade a ser enviada para a guerra seria o 1º RI, do Rio de Janeiro; mas o 6º RI começou a demonstrar melhor preparo. Éramos muitos oficiais da reserva, só no meu Batalhão havia seis ou sete médicos.

Mas aí progredimos bem, o Regimento acabou designado para o 1º Escalão e viajamos para o Rio de Janeiro, onde terminamos a nossa preparação e embarcamos para a guerra.

Durante esse prazo pedi permissão ao Exército para me casar, porque já namorava e estava noivo há muitos anos. Ainda no começo de 1943, sem saber que iria para a guerra ou quanto tempo iria demorar, casei e fui morar no Rio de Janeiro, onde conhecemos ótimas pessoas, alguns oficiais que depois ficaram nossos amigos.

Continuamos os preparativos até o momento do embarque, e nele, todo mundo já sabia que a FEB ia para Europa, pelo menos a 5ª coluna tinha conhecimento. Afinal o *General Mann*, aquele navio de mais de quarenta toneladas estava no porto do Rio de Janeiro e não dava para esconder, se bem que nós iniciamos o deslocamento ferroviário, à noite, saindo da Vila Militar. Ainda permanecemos uns dois ou três dias no Rio, a bordo do navio, quando, então, partimos. Fizemos uma travessia muito boa, sem maiores problemas.

Por coincidência, depois de muitos anos, caçando no Mato Grosso, encontrei um alemão que trabalha na Bosch; ele era da tripulação de um dos submarinos que estavam na costa da África com a missão de, se possível, interromper a viagem da Força Expedicionária Brasileira.

Navegamos e chegamos a Nápoles numa bela manhã; desembarcamos, a população pobre nos assediava e pedia cigarros, esmolas. Esse, o nosso primeiro encontro com o continente europeu, para começar a campanha na Itália.

Nas viagens sempre há os que passam mal e enjoam, mas como existiam equipes de médicos, do navio e da própria FEB, não fui chamado para ajudar, não tive essa oportunidade, eu vivia mesmo a situação de combatente. De qualquer maneira nenhum problema de enjôo é bastante sério. Eu sofri, mas muito pouco, só no primeiro dia, na saída do Rio de Janeiro, naquela bela baía, numa manhã muito agradável e depois não tive mais nada. Mas houve soldados que não saíram da cama praticamente durante toda a viagem. A única coisa que a gente podia fazer era ir à cozinha pedir alguma fruta, porque era o alimento que eles ainda toleravam; ficavam deitados porque se levantassem, vomitavam.

Muitos passaram muito bem e sem problema algum, mas os que tiveram mal de enjôo receberam toda assistência do Serviço Médico, medicação e nada faltou durante a viagem.

Havia rigorosa disciplina a bordo, as regras impostas pela tripulação americana sempre muito rígidas, inclusive exercícios diários. Duro mesmo era tirar plantão no andar de baixo do navio, aquele barulho das ondas a noite inteira, uma coisa impressionante. De qualquer forma chegamos à Itália muito bem.

Após o desembarque, em Nápoles, no mesmo dia, fomos deslocados para um lugar onde fizemos a primeira parada: a cratera de um vulcão extinto, o Astrônia; lá tivemos a oportunidade de dormir a primeira noite, ao relento.

A FEB deveria ter levado as barracas, mas não o fizeram em virtude de um mal-entendido. Por isso dormimos ao relento e já estava meio frio.

Mas não houve problema algum; naquela noite ouvimos os sons do primeiro bombardeio, curto, que os alemães despejaram sobre o porto de Nápoles. Ouvimos só as explosões das granadas. O Astrônia fica distante da cidade vários quilômetros, mas de qualquer jeito deu para acordar e assustar.

De lá prosseguimos até a pequena localidade de Vada, onde recebemos nosso equipamento pesado, os fuzis, os canhões, as viaturas. Depois subimos para outro local, onde iniciamos o treinamento com os novos armamentos e aí já começaram as primeiras baixas. Um dos soldados de Campinas, num exercício, pisou numa mina, perdeu uma perna, ficou inválido e teve que voltar para Campinas, mas não morreu, ainda viveu muitos anos naquela situação. Mas não consigo me lembrar do nome dele.

Depois, perto de Tarquinia, houve um treinamento com o Regimento inteiro e o General Mark Clark foi inspecionar a tropa. Um exercício de vários dias foi comandado pelo General Zenóbio. O 6º RI cantou a música “Deus Salve a América”. Foi muito bonito e deve ter impressionado bem os militares americanos, porque o “Deus Salve a América”, subentende-se, deve ser uma canção referente às três Américas, do Norte, Central e a do Sul.

Prosseguimos o treinamento até sermos deslocados para o Sul de Florença; mas ainda na área de Roma, tivemos a oportunidade de tomar conhecimento da saída dos aviões DC-3 do aeroporto desta cidade para o desembarque no Sul da França. Centenas de DC-3 rebocando planadores saíam em direção à França para fazer a junção com a tropa que já havia desembarcado. Era um contingente de nisseis, americanos, isto é, descendentes de japoneses.

Nós fomos para o Sul de Florença e eu um dos oficiais designados para freqüentar o primeiro estágio junto à tropa americana que estava ao sul do Rio Arno. Entretanto, desde o Rio de Janeiro, o Comandante do Batalhão me designara para uma função pouco comum na ocasião: S2, Oficial de Informações da Unidade. Recebi aqueles livros americanos com funções e todas as instruções para os observadores de Batalhão. Estagiei como S2 numa organização militar dos EUA, ao sul de Florença, onde tive a oportunidade de participar de uma patrulha.

Mais tarde, fomos subindo, antes de entrar em ação, passamos por Pisa, na direção de Viareggio, na parte oeste do território italiano, onde havia possibilidade de passagem das tropas alemãs. Acredito que essa nossa primeira missão traduziu-se em ficar ao lado de uma tropa americana, que guardava uma passagem, para que o dispositivo aliado não fosse infiltrado pelos alemães.

Aí então fomos deslocados para o Sul de Camaiore, primeira operação de guerra da FEB na Itália, liderada pelo Comandante da 2ª Companhia, o Capitão Ernani Ayrosa da Silva; a Companhia saiu da linha de partida e ocupou uma cidadezinha à beira de um lago e depois partiu em direção a Camaiore.

Entramos lá, sem resistência direta, mas sob forte bombardeio dos alemães que estavam nos montes ao redor. Camaiore fica na parte baixa, ao lado de um lago, mas já no sopé dos Apeninos.

E de lá os alemães bombardearam a cidade recém-ocupada pela tropa brasileira.

Foi a primeira grande localidade que a FEB ocupou, o I Batalhão sempre estava presente nessas operações maiores. Foi o primeiro que entrou e o último a sair, pois parte da Unidade se deslocou para lá e permaneceu em posição. Na frente de Camaiore havia um morro muito grande, o Monte Prano, e quem ficou na principal linha de frente foi a Companhia do Ayrosa; ali ocorreu a primeira morte de um sargento, numa patrulha para fazer prisioneiros, operando num morro muito alto que foi conquistado em várias etapas; nesse episódio perdemos o experiente sargento Cabral, uma baixa muito lamentada.

Ficamos nessa região um tempo, até sermos deslocados para outro eixo, em direção a Bologna, pela estrada 64; progredindo, passamos em Porreta Terme, onde mais tarde ficou o Comando da Divisão, do General Mascarenhas.

Permanecemos ao longo da estrada 64; a nossa Companhia ocupou posições na primeira linha; deram-se alguns dos primeiros combates da FEB, as primeiras refregas importantes, porque ali havia um conjunto de elevações e, embaixo, um maciço grande chamado Soprassasso. Um saliente dominava todo o Soprassasso, e as nossas companhias ficavam em áreas isoladas, separadas umas das outras, às vezes por vários quilômetros e sem apoio mútuo, não havia uma linha de frente contínua.

E esses núcleos eram dia e noite vigiados pelos alemães, que estavam em posições dominantes. Os nossos soldados não podiam nem tirar a cabeça fora dos abrigos porque eram mortos por atiradores de tocaia que lá de cima dominavam toda a região.

Portanto, era preciso tomar muito cuidado; alguns homens foram feridos. Era uma região que os alemães conheciam muito bem; eles desciam todas as noites em pequenas patrulhas de informações ou em grandes para tentar fazer prisioneiros.

Saliento nessa oportunidade um lugar que ficou muito afamado por causa do que aconteceu lá. Nesse local sempre permanecia um Pelotão que, ao subir pela primeira vez, sofreu vários ataques noturnos; num deles retraiu e aí o jornalzinho da FEB contou a história do que acontecera naquela noite: o Pelotão desceu, mas no dia seguinte o cabo e o soldado da metralhadora viram que estavam isolados lá em cima. Duas ou três noites depois, na substituição daquele mesmo Pelotão, os primeiros que desceram foram o cabo e o soldado da metralhadora e aí o jornalzinho publicou: *"Heróis por um dia"*.

Depois de duas "descidas" dessas o Major João Carlos Gross, que era o Comandante do Batalhão, resolveu chamar um oficial em quem depositava bastante confiança. Apesar da sua modéstia, devo citar o nome: Tenente Gonçalves, que se encontrava em outra parte. Ele se deslocou com seu Pelotão, tenso, naturalmente, porque um Pelotão já tinha voltado duas vezes, com Comandante e tudo. Então ele foi para lá, mas antes passou na frente do PC do Batalhão. Eu era o S2 e estava no Posto de Comando, quando ele apareceu. Aí disse:

– Ei Gonçalves, essa mamata vai acabar!

Ele se virou e seguiu xingando durante uns quinhentos metros. Subiu com um sargento que tinha tomado parte nas duas vezes em que o outro Pelotão descera e tornava, dessa feita, a subir com o Gonçalves para mostrar as posições. Chegaram lá à noite, depois de ter passado por nós, à tarde. Aí o sargento explicou:

– Como já está tudo certo agora, vou descer.

O Gonçalves então ameaçou:

– Você fica aqui comigo, senão vai morrer.

O sargento ficou aquela noite, correu tudo bem e no dia seguinte retornou. Naquele perigo, o Gonçalves ficou lá e não desceu, não estou bem certo, mas creio que permaneceu lá quase um mês, naquela tensão. A lição que se aproveita é que na

guerra, sobretudo os Comandantes têm que tomar, por vezes, atitudes bastante enérgicas, até mesmo drásticas, para que, em última análise, possa ser cumprida a missão.

Se deixasse um descer, outro e mais outro, acabaria o Pelotão, mesmo que a maioria não estivesse com essa intenção; mas ver um companheiro recuar ou mostrar-se amedrontado, gera quase uma psicose coletiva que contagia os demais. Nessa hora o Comandante tem que ser realmente firme, como ele foi.

Naquela região as patrulhas eram feitas com muita freqüência, inclusive durante o inverno, que passamos na última linha, bem em frente aos alemães, nos Apeninos. Passando os Apeninos, mergulhava-se de frente na direção do Rio Pó. Passando para o lado de lá os alemães não teriam mais condições de defesa, a não ser nos Alpes. Por isso as posições foram defendidas com unhas e dentes pelo inimigo, com patrulhas fortes e outras medidas, de maneira que se tornou uma zona importante na guerra. Era a chamada " Linha Gótica".

Nessa mesma região em que nos encontrávamos, o II Batalhão ocupava a torre de Nerone. Era um local de onde já dava para ver o Vale do Pó e que era bombardeado dia e noite. O II Batalhão ficou lá até o fim, até receber ordens para outros avanços, em Monte Castelo, Castelnuovo etc... Depois houve outros movimentos secundários antes de chegarmos, por exemplo, ao eixo Barga – Galicano. O I Batalhão sempre estava em primeiro lugar, ocupou Barga, em seguida houve uns ataques de que as Companhias participaram, mas tiveram que retrair porque sofreram contra-ataques dos SS.

Como Oficial de Informações já tinha prevenido a todos os Comandantes de Companhia e do Batalhão sobre a existência de elementos SS em reserva, para o caso de alguém conseguir atingir aquela linha de alturas. Nessa passagem por Barga, como médico, até pude prestar meus serviços. Uma vez, numa praça da Vila, sob um bombardeio muito grande, um cabo nosso foi atingido na perna por um estilhaço de granada; eu vinha um pouco atrás no jipe do S2 e notei que ele estava ferido. Parei a viatura ao lado, peguei um galho de árvore que tinha ali perto, coloquei a perna no lugar, passei a atadura e telefonei para o Serviço de Saúde ir buscá-lo. Era o cabo Nardi que fazia essa parte de primeiros socorros; ele foi levado para a retaguarda e, não sei por que, no primeiro curativo, sofreu uma ruptura da artéria e morreu. Afinal foi um serviço que pude prestar como médico a um praça que sabia ser excelente e filho único. Sua morte entristeceu-nos. Conhecer essa face da guerra tem o seu lado positivo para que não pensem ter-se tratado de um passeio.

Para reforçar a afirmação de que a FEB não foi passear na Itália e que, pelo contrário, foi valorosa a sua atuação na guerra, também gostaria de salientar que na volta da tropa, depois de Barga, ao deixarem as colinas mais ao norte, as Companhias saíram de manhã, caminharam o dia inteiro e chegaram ao destino sob fogos inimigos,

em zonas completamente expostas, de pouca vegetação; enfrentaram uma subida íngreme e só à noite atingiram os pontos determinados, ocuparam as posições, a tropa inimiga recuou, mas os SS contra-atacaram e aí os nossos homens lutaram até esgotarem a munição. Combateram sem terem tido tempo para organizar o terreno e construir os abrigos. Numa das casas próximas ao cume estavam o Comandante da 3ª Companhia, Capitão Aldenor, e um Tenente que ficara muito meu amigo, o Duarte. Ele estava acompanhando a Companhia e determinou que seu pessoal recuasse porque a munição estava no fim e não havia como reabastecer à noite. Ficou lá até à última hora, foi o último a sair. Por isso levou um tiro na perna que atingiu uma artéria e morreu. O Comandante da Companhia tentou arrastá-lo para um lugar desenfiado. Enquanto isso, ele pedia:

– Vá embora Capitão, eu vou morrer!

Era um homem enorme e o Capitão viu que não tinha condições de retirá-lo dali naquele momento; então foi procurar alguém e verificar a possibilidade de voltar com uma patrulha para resgatá-lo, mas antes amarrou a perna do Tenente, fez um garrote para não sangrar muito e desceu.

Quando chegou lá embaixo proibiram o Capitão Aldenor de voltar, porque seria muito risco para alguém retornar àquele lugar, com a presença das tropas SS que haviam ocupado a posição.

O Tenente Duarte morreu naquele local e não pôde ser socorrido. O Capitão fez a única coisa possível, procurar um socorro e tentar voltar, mas isso foi proibido pelo General, porque iriam arriscar muitas vidas sem nenhuma chance. Tratava-se de uma pessoa admirável, recém-casado com uma filha que ele adorava; vivia mostrando a fotografia da menina, que sempre trazia no bolso. Ficamos verdadeiramente chocados. Nessa noite caiu a primeira geada. Era o começo do inverno.

Quando acabou a guerra, a primeira coisa que o Capitão Aldenor fez foi procurar o corpo do Tenente e achou, pois era o mês de maio e já ocorria degelo. O corpo ainda estava conservado. Foi trazido para o local onde o Batalhão se encontrava em descanso e todos reconheceram que realmente era ele.

Na volta para o Brasil, eu que era seu amigo, tive que ir ao Paraná (eles eram de Santa Catarina, uma família de origem alemã), contar o acontecido para os parentes que pensavam ter ele sido feito prisioneiro pelo inimigo, porque os alemães anunciaram naquela rádio deles que tinham capturado o Tenente Duarte, mas era mentira.

Eles pegaram os documentos do Tenente e declararam que ele era prisioneiro e e todos ficaram acreditando que ainda estivesse vivo. Mas eu sabia a verdade e fui lá; causei um choque para a família, um drama terrível.

Uma coincidência: certa vez fui passear no Rio de Janeiro e visitar o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, onde se encontram os restos mortais

dos expedicionários; procurei identificar os nomes de alguns soldados, inclusive o dele. No túmulo estava a grinalda de noiva da sua filha. Depois conversando com a Carolina, a esposa dele, ela me disse:

– Ela casou naquele dia e a primeira coisa que fez foi levar a grinalda para o pai.

Por isso reafirmo que a FEB não foi só passear.

Na minha função de S2, tomava conhecimento praticamente de tudo e contava com o apoio incondicional do Major Gross, do Capitão Ayrosa, que também ficou muito meu amigo. Pude, por diversas vezes, acompanhar os avanços, porque o pessoal dos postos de observação dos Batalhões de primeira linha o faziam e eu junto com eles, logo atrás da linha de contacto. Os nossos observadores iam o mais à frente possível, de maneira que de todo o meu pessoal , eu só guardo boas recordações, gente de muita coragem, nenhuma covardia.

A guerra para mim, como médico, foi uma coisa muito importante, porque eu aprendia a psicologia do homem em perigo. Porque vi alguns que aqui no Brasil eram valentões e quando chegaram lá cometiam alguns atos de covardia. Um deles, no Rio dava bastante alteração, bebia, vivia preso, era o valentão, batia em todo mundo, se envolveu numa briga e esfaqueou um sujeito. Mas na guerra se acovardou. O comandante dele, o Capitão Aldenor, reuniu a Companhia e na frente de todo mundo disse:

– Você vai ficar na cozinha, seu covarde!

Já aqueles “mocorongos” do Mato Grosso, quase analfabetos, quietinhos, agüentavam firmes; alguns eram até voluntários para patrulhas, parece mentira que alguém pudesse ser voluntário para aquele tipo de missão bastante perigosa, deslocamento noturno, com as capas brancas no inverno, progredindo na terra de ninguém. Acarretaram muitos atos de bravura e isso é preciso assinalar.

Como a gente já sabe, houve quem quisesse difamar a FEB, há até um livro escrito por um descendente de um General alemão dizendo que a FEB não era nada e que ninguém sequer a conhecia. Ora, querer conhecer a procedência de uma Divisão de Infantaria numa guerra daquela com milhões de pessoas, só poderia acontecer em circunstâncias muito especiais ou por acaso. Isto é, quem com ela deparasse em operações. Esse elemento foi aos Estados Unidos procurar documentos para desvalorizar a FEB. Escreveu um livro medíocre, infelizmente muito elogiado por desavisados, distorceu os fatos, apreciando-os, sempre tendenciosamente, pelo lado negativo, sem o benefício do contraditório.

Houve muitos defeitos e deficiências, não há dúvida; aqueles homens de nossas tropas jamais tinham participado de uma guerra, não possuíam experiência, por isso foram injustiçados com tais tentativas de desvalorização. Acho importante pensarmos um pouco, não mais em nós mesmos e, sem falsa vaidade, mostrar que, realmente, a

tropa brasileira cumpriu a sua obrigação, não fez milagre, não fez conquistas mirabolantes, mas venceu cruentas batalhas e comportou-se com dignidade.

Quem olha o mapa da Itália, vê Montese, onde o 11º RI combateu encarniçadamente e ultrapassou um obstáculo difícil; conquistou uma vitória honrosa que redimiu algumas condutas vacilantes, quando ainda inexperiente. Creio que dos nossos combates, foi o mais violento, talvez até mais que o de Monte Castelo.

Monte Castelo foi a prova da capacidade da FEB, porque plena de sacrifício, em terreno difícil, sem a proteção de cobertas e abrigos, com uma vegetação muito rala e o inimigo muito bem postado em posições dominantes. Ainda havia o Belvedere ao lado, mais alto do que o Castelo, também ocupado pelos alemães. Durante os ataques ao Monte Castelo, a tropa brasileira recebia fogos de frente e de flanco.

A única maneira de ocupá-lo foi empregar, simultaneamente com a tropa brasileira, a Divisão de Montanha americana para atacar o Monte Belvedere, impedindo o inimigo de hostilizar os nossos atacantes, por se encontrarem engajados com os elementos da infantaria americana.

Em Castelo morreu muita gente. Apesar de não o termos conquistado nas primeiras vezes que investimos, foram praticados inúmeros atos de bravura, o que deve ser destacado.

O I Batalhão do 6º RI foi o primeiro que entrou em combate, tomou parte nas refregas de Camaiore, Barga etc... e terminou em Castelnuovo, ao lado do Soprassasso. Possuo um mapa muito bonito que mostra o deslocamento do nosso Batalhão e também do Regimento, até cercar os alemães que estavam retraindo. A tropa brasileira cercou a 148ª Divisão alemã e a Divisão Itália, chegando até Fornovo de Taro, que foi ocupado pelo I Batalhão do 6º RI, aliás recebido de frente por tiros de bazuca dos alemães, na estrada que dava para Fornovo.

Aí ocorreu um fato com o Ayrosa que é oportuno esclarecer: os tanques americanos estavam em Fornovo para dar cobertura e acompanhar as tropas de Infantaria na perseguição aos alemães. Eles se deslocavam pela estrada e aí começaram a receber tiros diretos de bazuca. Quando cheguei a Fornovo, os americanos estavam querendo a presença de algum brasileiro para comunicar-se com as guarnições dos tanques, como intérprete, e não encontravam quem quer que fosse. Como era o S2, fui designado pelo Ayrosa para ir. Nesse ínterim os tanques receberam um ataque direto de tiros de bazuca e recuaram.

Foi aí que o Ayrosa, num momento de desespero, resolveu sair pela estrada em direção aos alemães e nesse movimento passou por cima de uma mina com o jipe; ele estava guiando a viatura, ao lado ia um soldado, a mina explodiu do lado do "carona" onde sentava o praça que morreu. O Ayrosa ficou largado na margem da estrada durante muitas horas, sofreu um ferimento no tórax, padeceu muito.

Quando os alemães resolveram se entregar, os primeiros, que vieram para tratar da rendição, entraram no PC do I Batalhão do 6º RI. Eu os recebi: três, conduzindo bandeiras brancas. Levei-os imediatamente ao Comandante do Regimento, que a essa altura já não era mais o Segadas Viana e sim o Coronel Nelson de Melo. Quem os trouxe foi o Tenente Keler, que, na linha de frente, acolheu-os e os conduziu até o S2. Por isso disse antes que 1º/6º RI começou e terminou a guerra.

Guardo comigo documentos de rotina, como partes de S2, algumas sigilosas, como é normal. Também o discurso do Getúlio Vargas, no navio, quando de nosso embarque, que talvez tenha pronunciado muito a contragosto.

Possuo, ainda, outros documentos pessoais: a FEB foi preparada para ir ao Norte da África; não sei se era verdade ou se era uma maneira de despistar, porque realmente não fomos para lá. Normas orientando como se comportar dentro do navio, além de outros documentos pessoais, como as minhas folhas de alterações no Exército, desde o começo até o fim. A minha carta de motorista da FEB, só podia guiar quem tivesse essa carta.

Coleciono, também, fotografias, como as da região de Camaiore, onde o sargento Cabral participou de uma patrulha e morreu; um cartão do Ayrosa; e um outro documento que contém alguns conselhos de como proceder na guerra.

Muito interessantes eram as instruções aos chefes e à tropa e que diziam o seguinte:

“Número 1.
– O combate é a reunião de um grande número de ações individuais simultâneas. Você desempenha um papel importante nessas ações, embora a sua missão pareça pequena. Cumpra a sua missão e faça isso bem.

Número 2.
– Você é um chefe, esteja certo da sua responsabilidade.

Número 3.
– Seja agressivo.

Número 4.
– Erros ocasionam mortes.

Número 5.
– Bravura não é loucura.

Número 6.
– Esteja preparado para o imprevisto tanto quanto para o previsto.

Número 7.
– A sua missão exige bom senso, discernimento tático e espírito combativo.”

São palavras atuais. Até hoje, em qualquer empreendimento e sobretudo fora da guerra, com as devidas adaptações, servem para alcançar o sucesso.

Mantenho comigo um Relatório de Patrulha; as patrulhas sempre que voltavam da missão tinham que apresentar um relatório ao S2, pois elas eram talvez a maior fonte de informes, além dos Relatórios dos Postos de Observação.

Devo esclarecer porque voltei ao Brasil antes dos outros. Logo que terminou a guerra, uns dois ou três dias depois, recebemos um memorando do Tenente-Coronel Castello Branco, onde ele perguntava se desejávamos continuar no serviço ativo do Exército. Pura e simplesmente isso, sem nenhuma condição desfavorável ou favorável e muita gente aceitou.

O pessoal do Regimento, que também recebeu esse convite, se reuniu. Nós, que não pretendíamos continuar no serviço ativo, combinamos procurar o Tenente-Coronel Castello Branco para dizer que desejávamos ser liberados, uma vez que assim havíamos decidido. Mas ele ficou muito bravo, disse que nós estávamos abandonando a tropa; um companheiro que era advogado respondeu:

– Não, Coronel, o senhor está enganado. Nós não estamos abandonando a tropa, nós fizemos a nossa obrigação e agora estamos parados, a guerra já acabou e como o senhor mandou perguntar, a nossa resposta é que não queremos ficar.

O coronel ainda bravo bradou:

– Retirem-se daqui!

Nos retiramos e 48 horas depois recebemos outro memorando:

"Deveis estar preparado para regressar ao Brasil, devendo se apresentar em tal lugar para ir a Nápoles e tal e tal..."

Foi um castigo muito bom. Regressamos, atravessamos o Atlântico, arribamos em Natal, ficamos lá um dia, depois seguimos para o Rio de Janeiro. Chegamos num sábado à cidade, cerca de 12 horas. Não havia ninguém para nos receber, mais de vinte oficiais da reserva que não queriam permanecer no Exército. Alugamos um táxi e fomos nos apresentar no Quartel-General, junto à estação D. Pedro II. Lá o oficial de dia falou:

– Não posso fazer nada, vocês têm que ficar aí até segunda-feira.

A minha mulher já tinha dado a luz ao meu primeiro filho quando ainda estava na Itália, então peguei o trem noturno e fui embora. Só voltei para me apresentar depois de uns 15 dias e não fui repreendido. Por isso voltei da guerra antes dos outros.

A zona de operações em que a FEB atuou era uma região montanhosa, de relevo bastante acidentado, própria para emprego de tropa de montanha; a FEB teve que adaptar-se e enfrentar todas dificuldades.

Quanto ao serviço da 2ª seção, vale a pena lembrar que diariamente o S2 fazia uma parte do que acontecia e o datilógrafo organizava um arquivo dessas partes diárias. No final restou um volume bastante expressivo desses documentos, que voltou para o Brasil com 6º RI: a pasta do S2 do I/6º RI que se encontra no Regimento. Depois eu soube que o Ayrosa aproveitou as do S3, ele era S/3, e as do S2 para dar aulas na Escola Militar. Eu nunca mais ouvi falar das pastas, algo que gostaria de saber, porque foi meu trabalho pessoal.

Ainda guardei os panfletos que eram jogados em nossas linhas por aviões americanos e pelos nossos, mas muito sugestivos, depois de um ano na guerra. Próprio da guerra é a extensa panfletagem, como parte da ação psicológica; se amiga serve para levantar o moral da tropa, se é guerra psicológica do inimigo, para tirar a vontade de combater do opositor.

Outra contribuição nossa, minha e do soldado Vidigal (mais tarde Desembargador-Geral), sob o ponto de vista psicológico, foi um jornalzinho que editamos desde a viagem de ida no navio; o primeiro que a tropa começou a receber, ainda antes de entrar em ação. Inicialmente era distribuído em cinco ou seis cópias, uma para cada Comandante de Companhia que repassava aos soldados. Estes ficavam sabendo dos acontecimentos ocorridos, as piadas etc. Esses primeiros números eram reimpressos depois quando estávamos perto de cidades grandes, em descanso ou em reserva. Inclusive aquela história do soldado que foi herói por um dia; os versos do Barbosa, sargento que mais tarde foi promovido a Tenente e faleceu numa patrulha. Escrevia versos muito bem.

Eu já havia regressado ao Brasil, mas os soldados que o faziam continuaram, mesmo no navio, a imprimi-lo. O primeiro número foi impresso em Tarquinia, no dia 17 de agosto de 1944, ainda nem tinha chegado o 2º Escalão, nem o Serviço Social da FEB.

Isso mostra também o espírito um pouco rebelde de um oficial R2. “O jornalzinho já impresso, direção: Tenente Piazon, redação: soldado Vidigal”, com uma frase sempre citada pelo Major Gross e que foi publicada::

“É fácil conduzir homens livres, basta indicar-lhes o caminho da honra e do dever.”

O jornalzinho, depois, acrescentou ao seu título, não lembro direito em que número, a seguinte frase:

“O único jornal brasileiro não registrado no DIP.”

Isso era uma crítica ao Departamento de Imprensa e Propaganda, que era órgão da ditadura getulista.

Interessante, porque isso serviu para levantar o moral da tropa. E esse pensamento de liberdade da FEB, logo depois de seu retorno, contribuiu para que o País voltasse ao regime democrático, que era a aspiração da Nação brasileira.

Mais uma vez afirmo que presenciei atos de bravura de nossos soldados que cumpriram o seu dever. O exemplo de covardia que citei foi uma exceção, uma lamentável exceção. Os nossos soldados cumpriram todas as missões recebidas, das mais fáceis às mais difíceis, morreram quase quinhentos e outros tantos foram feridos, não foi brincadeira não.

Precisamos valorizar o esforço dos nossos homens. Campinas foi a cidade do Estado de São Paulo que mais deu combatentes, porque a maioria dos soldados convocados era daquela região e posso dizer que dentre os convocados de Campinas não houve um caso de covardia.

Ao relatar tudo isso faço-o com satisfação, pensando ter contribuído um pouco para que a memória da FEB permaneça viva em nossa História. Para o Exército, acho que também é importante saber como se desempenharam seus homens presentes à Segunda Grande Guerra. Minha grande satisfação, um dos maiores orgulhos que tenho é o de ter tomado parte na FEB. Não fiz nada de heróico, mas posso dizer que cumpri a minha obrigação para com o Brasil.

Desejo, também, manifestar minha gratidão aos oficiais da ativa pelo tratamento cordial, carinho e prestígio com que nos distinguiram durante todo o tempo em que estivemos na guerra. A última prova disso é que, no regresso da tropa, o Major Gross e o Capitão Ayrosa saíram do Rio de Janeiro e foram a Campinas me visitar, me dar um abraço. Guardo até hoje um prato de madeira com uma dedicatória do Ayrosa, que prosseguiu sua brilhante carreira.

"Ao Piazon, ideal companheiro de guerra, os abraços do Ayrosa."

Esse é um agradecimento aos oficiais da ativa do Exército, que foram exemplares.

Bacharel José Gonçalves*

Tem 87 anos de idade, é paulista da capital. Formado em economia, cursou o CPOR de São Paulo e se diplomou na 3ª turma. Participou dos combates da revolução de 1932, na graduação honorária de 2º sargento. Atualmente é proprietário de uma gráfica de embalagens em Alphaville. Fez a guerra, como oficial, nos postos de 2º e 1º Tenente.

---

* Comandante do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria, entrevistado em 16 de março de 2000.

Fui convocado em dezembro de 1942. Estava no posto de 2º Tenente, com estágio para 1º Tenente, tendo sido promovido logo nos primeiros meses após a nossa volta para o Rio de Janeiro. Designado para o 6º RI, de Caçapava, servi no 1º Batalhão que estava destacado em Taubaté. Um Regimento com efetivo de guerra não cabia no quartel de Caçapava; por isso o 1º Batalhão estava em Taubaté, o 2º em Caçapava e o 3º em Pindamonhangaba.

Permanecíamos lá, em instrução, preocupados com a guerra que estava acontecendo, pois até então o Brasil não tinha entrado na conflagração. Até que o dia chegou e o 6º RI foi escalado para compor a FEB. Ficamos em Taubaté fazendo exercícios, muita maneabilidade, muita educação física e muita instrução de combate, dentro da doutrina que a gente seguia, a escola francesa; depois tivemos que adotar o sistema americano. Estávamos naquela vida de acordar cedo todos os dias. Às vezes íamos à Caçapava, para exercícios conjuntos, e eram organizadas muitas marchas para Pindamonhangaba e outros cidades.

Eis que surgiu a ocasião em que o Comando da FEB resolveu reunir as suas Unidades, o 6º RI de Caçapava, o 1º RI do Rio de Janeiro e o 11º RI, de São João Del Rei, mais os Grupos de Artilharia e outras que se juntaram no Rio de Janeiro, na Vila Militar. Teve início, também, grande número de exercícios: muita maneabilidade, trabalho físico pesado, execução de tiro real, daqueles em que se saía de uma trincheira, enquanto uma metralhadora atirava por cima da tropa, protegida por uma rede de arame, para que ninguém se levantasse e fosse atingido por uma rajada. Lembro da prática de abordar navio, usando cordas, subir por um lado e descer pelo outro, numa disputa para saber qual o pelotão que fazia mais rápido, essa coisa toda. Havia, também, um programa de pista de obstáculos onde existiam muros para subir e aquela escada horizontal na qual a gente usava só o braço e quem não agüentasse caía na água; outra atividade na qual se passava por dentro de um cano, e coisas assim; correr, pular muro, tudo que vivenciamos.

Acho que isso me valeu muito, porque passei um ano na guerra sem ter um resfriado sequer, mesmo com o rigoroso inverno da Europa e tomando muita chuva, era “chuva no lombo” mesmo. Descia pelo corpo, a gente pisava e a água saía pela bota; marchávamos um dia inteiro para determinado lugar para saber se havia alemães naquele ponto, tomando chuva, saindo de madrugada e permanecendo até ao cair da noite para ver se constatava a presença do inimigo.

Isso foi logo no começo e depois, então, chegou o tempo em que a gente fazia muitas patrulhas. Acho que fiz a primeira patrulha da FEB, guardo o papel, redigido naquela ocasião, com o nome dos homens que a compunham. Isto ocorreu logo na substituição dos americanos em Pilépoli, quando chegamos à Itália, no dia 15 de

setembro de 1944. Dia 15 fizemos a substituição de uma Divisão americana que estava ali, naquela frente toda. Felizmente não houve dificuldade, porque havia oficiais americanos de origem portuguesa, e podíamos nos entender; assumi mais ou menos às 8 horas da noite, e, por volta da meia-noite, quase no dia 16, recebi a ordem de fazer uma patrulha, dois mil metros à frente.

Era uma patrulha de reconhecimento, num lugar que eu não havia visto nem de dia nem de noite e, portanto, uma região inexplorada. Lembro que a gente não pisava, a gente vagava, com medo de calcar uma mina, particularmente, quando se percebia terra fofa embaixo do pé, que podia ser um mal sinal; felizmente, fomos e voltamos sem que nada tivesse acontecido e, no dia seguinte, partimos para outra missão. Coube ao meu Pelotão tomar uma aldeia em Bozzano. Quando chegamos lá, os alemães não estavam mais. Tomei aquela aldeia e passei a ser o dono; até o padre me procurou para pedir mudança no horário de blecaute, das seis para as 8 ou 9 horas, porque o horário era muito apertado para o pessoal e, assim, concordei com ele e autorizei a mudança; nós mandávamos, éramos os donos da cidade, os chefes absolutos daquele local.

Meu pelotão conquistou Bozzano, outro conquistou Massarosa e o 3º Pelotão conquistou Chiezza. Tomamos as três localidades e, daí por diante, prosseguimos a marcha e estivemos em Camaiore, onde a coisa, também, não foi brincadeira; de Camaiore fomos para uma montanha, Monte Pedroni, onde começava a Linha Gótica dos alemães. Ali, rompemos a linha e subimos, até encontrarmos com os alemães para valer mesmo, já em fins de outubro, em combate pesado e cerrado.

Antes disso, travamos outro combate importante, em outubro, acho que no dia 20; perdemos um oficial que havia saído numa patrulha nesse dia. O Tenente Barbosa, que se deslocara com o Pelotão, não acreditava no alemão; era muito disposto e, assim, partiu para a missão sem muita preocupação. De madrugada, perto do lugar onde a gente se encontrava, ainda emprestei a ele a minha túnica, pois ele não queria levar nem o capacete, porque não acreditava no inimigo; com muita insistência, aceitou o capacete e, numa localidade chamada Cassio, transpôs as nossas linhas avançadas. O Nilton também estava ali comandando um Pelotão, bem como um outro tenente, da reserva também. Quando o Barbosa passou, ele disse que o alemão estava por ali e completou: “Cuidado, não vai desse jeito.” Mas o Barbosa era afoito e saiu, deixando atrás aquela trilha, como se não houvesse ninguém e se reuniu a dois *partisans*, civis italianos que aderiram àqueles movimentos de reação contra os alemães. Alguns eram corretos, mas um bom número não valia nada; eles se enfeitavam muito, enrolavam a bandeira italiana no pescoço, era um verdadeiro arsenal ambulante de granadas de mão, de fuzis, metralhadoras; usavam cabelo com-

prido, calção curto, eram coisas incríveis. Então, o Tenente Barbosa levava dois italianos desses e transpôs o ponto que deveria alcançar e avançou mais um pouco; era domingo e encontrou um bando de italianos que vinham de uma missa e disseram: “Não avança mais, porque os alemães estão aí.” Mas ele não estava percebendo que os alemães já haviam pressentindo a chegada deles, abriram caminho e deixaram que a Patrulha penetrasse. Quando ele, à frente dos seus homens, avançou bastante com o Pelotão todo, recebeu rajadas de metralhadora pelos dois lados; correu para uma casinha ali no campo e ficou impossibilitado de sair. Em uma determinada hora, pôs a cabeça para o lado de fora e acertaram um tiro na testa dele, o seu corpo foi recolhido e nem deu para reconhecer. Nessa encrenca, perdemos de quatro a cinco soldados prisioneiros e morreram mais alguns. Foram as primeiras baixas que sofremos lá: o Tenente Manoel Barbosa da Silva foi o primeiro que morreu.

Mas a guerra continuara e recebemos missões muito mais difíceis, em terreno montanhoso, em tempo de chuva; o mês de outubro na Itália é um mês de muita garoa, gélida, uma espécie de gelo moído, que cai em cima do pano da barraca e escorre para dentro, atingindo as nossas costas. Assim, com muita dificuldade fizemos uma progressão até Barga, que já tínhamos conquistado com o III Batalhão, do Coronel Silvino Castor da Nóbrega, um ótimo oficial.

A 1ª Companhia ultrapassou e deslocou-se para uma posição mais à frente, não se via ninguém, mas eles estavam lá. Os alemães tinham a sua base em Castelnuovo de Garfagnana. Nós nos aproximamos muito daquele lugar, encontrando os postos avançados deles.

No lado de São Macorona, o terreno era muito movimentado, tínhamos à nossa frente uma ravina profunda de uns trezentos metros e depois um aclive de cerca de setecentos metros até o lugar que iríamos atacar. Essa missão estava marcada para o dia 30 às 7 horas da manhã, mas a chuva que estava caindo nos impediu de chegar às 7 horas; só chegamos às 8 horas, e lá estava o Coronel Chefe do Estado-Maior do General Zenóbio, o Coronel Freitas, louco da vida, dizendo que estávamos com medo. O Capitão Tavares, Comandante da minha Companhia, ao ser pressionado daquela maneira, identificou o objetivo, com a ravina na frente, tendo que subir o aclive para conquistar a cota 906. Para sair e chegar corretamente, tinha que me valer de pontos de referência, para não me desviar do rumo; o 2º Pelotão tinha a missão do lado esquerdo, no intervalo com uns 200 metros, portanto, muito aberto e do lado direito estava o pelotão do Perez, o Pelotão de Petrechos, do qual fazia parte o Epapharol.

Então, avançamos pois era necessário fazer aquela marcha; no princípio, andávamos por caminhos, mas, quando começamos a subir, nós os abandonamos; foi

muito bom ter feito isso, a progressão levou cerca de duas horas, até chegarmos ao objetivo, uma distância talvez de dois quilômetros.

Atravessamos um curso d'água lá em baixo, em cima de uma tábua, deveríamos subir, mas estava escorregando, pois era tudo lamacento e havia muita pedra; assim, a gente escorregava e levava muito tombo, mas fomos subindo, e quando percebi que estávamos chegando em cima disse: "Ninguém vai pelo caminho, todo mundo vai pelo mato, nada de caminho, pelo mato!" Ao chegarmos lá em cima, de repente, um de nossos homens grita: "Alto!, Alto!" Era o inimigo aparecendo por ali. Paramos o camarada, um sujeito grandão, com o capacete cheio de folhagens na cabeça como camuflagem, essa coisa toda. Levantou os braços, era um italiano, da Divisão Monte Rosa; eu perguntei: "Quantos vocês são?" "Somos sete", ele respondeu. "Onde é que estão os outros?" "Estão aí, por aí". E ficamos ali, em um canto, esperando os outros, até que pegamos os sete sem dar um tiro. Foram feitos prisioneiros.

Já o 2º Pelotão, do Carrão, teve que brigar para pegar os camaradas. Nós éramos uma ameaça tremenda para o inimigo, pois logo ali estava o Castelnuovo de Garfagnana. Nós nos avizinhamos do que era o objetivo dos brasileiros, chegar a Castelnuovo, mas os alemães estavam entrincheirados. Então, chegamos, tomamos as posições e ficamos muito alegres por termos feito alguns prisioneiros; avisei ao Capitão, por telefone, daquela conquista. Ele ficou lá atrás, não veio, não partiu com a Companhia, mas ficou com o Pelotão do Barbosa que estava com muitas baixas; o Capitão ficou com o Pelotão na base de partida, distante e ainda separado por uma ravina. Era necessária a sua presença para elevar o moral dos homens do Pelotão.

O interessante é que ele ficou tão alegre que arranjou um sanfoneiro, que tocava e dava para nós ouvirmos. Devia estar vivendo uma situação muito desfavorável, pois em nossa barraquinha de um ou de dois estávamos "em quatro": eu, o Perez, o ordenança dele e o meu. Ali, com o telefone no ouvido para acompanhar o desenrolar dos acontecimentos, ficávamos desesperados tendo que ouvir ele tocar aquela música para nós.

Assim, passamos a noite e, já de madrugada, soubemos que os alemães tinham contra-atacado na frente do III Batalhão, de maneira violenta. O PC da Companhia estava "embutido" em uma casa, dessas que ficam em barranco, com uma entrada em cima e outra em baixo, saídas por um lado e pelo outro. No PC do Capitão estavam ele, o Aldenor, que era o Comandante da 3ª Companhia, o Atratino, um brilhantíssimo oficial, e o Tenente dele, o José Maria Pinto Duarte, um atleta, sujeito bem disposto; mas havia mais alguém lá, de repente os alemães estavam andando em cima deles, no andar de cima, e eles tinham que fugir.

Entretanto o inimigo já tinha "atravessado" a Companhia, já tinha feito prisioneiros e aqueles oficiais, oficiais importantíssimos, estavam naquela situação; então aconteceu que o Atratino pulou e o Pinto Duarte com uma metralhadora não deixava o alemão intervir; depois que pulou o Atratino, foi a vez do Aldenor, que era o outro Capitão, e, por último, foi a vez do Pinto Duarte, porque não havia mais ninguém; mas ele levou uma rajada que quase lhe decepou a perna. O Capitão voltou e quis levá-lo nas costas, mas tratava-se de um homem muito forte, e não foi possível, não havia mais jeito; então o Capitão deixou-o escondido em um lugar ali perto onde o Tenente acabou morrendo. A primeira coisa que o Atratino fez, assim que acabou a guerra, foi pegar um jipe e ir até aquele lugar procurar o corpo; encontrou-o e levou-o para o cemitério.

Isto foi o que aconteceu com a 3ª Companhia, bem no nosso flanco esquerdo, bem distante. Estávamos em uma larga frente, com intervalos de quinhentos metros e, com essa distância, não dá para fazer apoio mútuo entre os pelotões; havia, pelo contrário, um vazio.

Pois é, então o que aconteceu? Ouvi a conversa no telefone e fiquei sabendo o que houve com a 3ª Companhia. A preocupação dos homens, na hora, era que a 1ª Companhia fosse ser atacada. Quando percebi isso, eu e o Carrão tratamos de preparar o pessoal; o terreno era difícil para cavar com a pá pequena, fazer buraco para um homem ficar ali dentro, só com a cabeça de fora, era penoso. Ninguém queria cavar, todos achavam que era melhor correr risco de vida do que fazer isso, mas acabaram se convencendo e foi a salvação deles todos.

Ocuparam os abrigos; quando passou a manhã, os alemães desencadearam um bombardeio na nossa posição e atiraram em nossa retaguarda, para evitar que viesse reforço. Por volta das 2, 3 horas da tarde, os alemães irromperam nossa frente gritando, jogando granadas de mão e atirando de metralhadora portátil. Era um pessoal que não usava capacete de aço e sim um boné de lã na cabeça, onde se via aquela caveira da SS. A gente estava na posição e a coisa foi violenta mesmo; eu estava com o meu Pelotão todo e o Perez também. O Carrão, que estava do lado esquerdo, tinha chegado depois, porque estava muito longe, e eu precisei "brigar" com o Capitão para que ele desse ordem ao Carrão para juntar-se mais a mim, porque, com aquele intervalo, o alemão entraria por ali rapidamente.

E foi a sorte, o Carrão mal chegou, não deu tempo nem de fazer o abrigo dele, porque os alemães atacavam lá de cima. Eu atirava de "bazuca", pois estava mais alto, e aquilo foi um negócio incrível, uma coisa tremenda; o combate durou cerca de uma hora e meia. Nesse período estávamos preocupados com a munição e o Tavares me chamando; só que, para pegar o telefone, tinha que sair do abrigo de baixo de

bala, para ir até o local onde estava o aparelho e falar com ele. Certa hora, na segunda vez em que ele me chamou, respondi: "Capitão, por favor, o senhor não me chame mais porque não vou atender ao telefone; o senhor, de onde está, não comanda a Companhia, o senhor não pode dar uma missão, não pode mandar reforço, não pode mandar coisa nenhuma, e como já tinha dito, não me chame, porque toda hora em que saio para atendê-lo, corro risco."

Houve o segundo assalto dos alemães, depois que se refizeram do primeiro. Nós tínhamos que atirar para matar mesmo, não atirar à toa não, era para matar, deixando eles chegarem mais perto. Era a ordem que tínhamos dado. Para matar, acertava o camarada a uns 10 ou 15 metros, e eles sempre caiam quase em cima da gente. Não perdemos um homem, combatemos até acabar a munição. Um soldado se arrastou até onde eu estava e perguntou: "Tenente, o que eu faço, não tenho mais munição." Eu respondi: "Sabe o que você faz? Pega no cano do fuzil e dá de coronha no primeiro que chegar." Foi o que falei para ele na ocasião e essa frase está numa revista inglesa, porque um repórter inglês soube o que eu falei e publicou.

Aí se vê como é o homem, está lutando, vendo o inimigo lá em cima e a munição está acabando; o que vai acontecer? Apanhar de chinelo?

Era isso que estava esperando, não tinha mais nada e não vinha a ordem de retrair, até que, finalmente, ela veio, quando os alemães já tinham mandado a terceira vaga. O comandante deles era um camarada grandão que na terceira vaga, trazia, com, os braços abertos, uma pistola na mão, gritando: *Holf, Holf, Holf, Holf*. Apareceram, vindos da parte mais baixa, tomando aquela crista, até que levaram várias rajadas de todo o lado e esmoreceram, completamente desarticulados; a munição deles parece que também terminou, ficaram com medo da gente e começaram a recuar.

Interessante é que, mesmo naquela situação, um soldado teve espírito para fazer uma brincadeira, falando: "Eu quero o número do último "filho da...?! que chegar lá embaixo." "Quem vai ser o último a chegar lá embaixo?" Estavam achando que o alemão não ia largar a gente. Quando descemos, estávamos dando as costas, para o alcance perfeito do tiro deles, porque achávamos que eles estavam esperando a gente subir, para nos matar por trás, mas não aconteceu isso, já que eles também retraíram.

Foi um milagre, e agora creio que aqueles que combateram (éramos três pelotões, 150 homens) mereciam a Cruz de Combate; todo mundo merecia, mas ninguém recebeu. O Marechal Mascarenhas, no seu livro, narra o que aconteceu com a 3ª Companhia, que perdeu um oficial e deixou prisioneiros. A minha Companhia não perdeu ninguém. O Ayrosa estava do lado direito, com a 2ª Companhia,

que também tinha avançado junto com a 3ª Companhia. Ao contrário da primeira, que ficou em Macorona, o Ayrosa não chegou a combater aí, porque, na nossa frente, acabamos com os alemães. Eles chegaram a atacar a frente da 2ª Companhia, e isso eu descrevo, naquele depoimento dos oficiais da reserva; trato o episódio com muita minúcia.

Há um livro onde se encontram os depoimentos de vários oficiais combatentes sobre a Força Expedicionária Brasileira; é um livro de edição limitada, feito com grande sacrifício e esforço, por seus autores, em sua terceira edição. Ele resgata uma das verdades históricas dos acontecimentos da FEB. Fui um dos autores do livro, onde aparecem outros, todos febianos, como a enfermeira Benta Morais, Clóvis Garcia, que penso ser Tenente, Demócrito Cavalcante de Arruda, que juntou os documentos todos e foi o responsável pelo livro. Há, ainda Eduardo, Currier e Emílio Varole que também foi feito prisioneiro em combate; diziam que ele tinha sido o único oficial brasileiro prisioneiro, mas o Ayrosa também foi preso muito ferido no último dia. Há, também, o Gustavo Carlos Alexandre Estal, de Artilharia, e José Alfio Piazom, de Campinas, que é um médico famoso naquela cidade, José Góes de Andrade, o padre Manoel Inocêncio Santos, Mário Amaral. E, completando a relação, Massaki Kutihara (também combatente), Paulo do Mangim Santos, médico e combatente, Rogério de Carvalho Monge, brilhante advogado, Túlio Campelo Souza, que perdeu a perna em combate, era do 3º Batalhão e Ubirajara do Laço Mendes (criou um serviço de contra-espionagem, mas, depois do fim da guerra, foi retirado dessa missão).

Além do livro, que é uma relíquia cuja relação de autores acabei de relacionar, tenho outras, como cartas operacionais, fotografias, como a da primeira missa para os febianos em terras italianas. Estágios em subunidades americanas, estágios que fizemos antes de entrar em combate. Os brasileiros fizeram estágios junto às tropas americanas, já experimentadas na guerra justamente para pegar algumas "dicas" sobre o que os aguardaria. Elementos da primeira patrulha que atuou na frente e anotações dos integrantes da primeira patrulha realizada pela FEB, da qual fiz parte, na madrugada do dia 16 de setembro de 1944. Fotografia maior foi tirada em Camaiore, no dia 22 de setembro de 1944; isso aqui era um quintal onde uma família italiana tinha uma fiação de tecido; quando os alemães tomaram a cidade, a família fugiu e foi para a montanha; a localidade se chamava Esfolate. A família morava na casa, as moças muito bonitas; os alemães não viram as moças pessoalmente, mas viram as fotografias delas, e numa das vezes que o pai foi lá espiar de fora da casa (ele não podia nem entrar na casa) olhou para ver o que estava acontecendo; o alemão o reconheceu, e chamou-o e o comandante perguntou: "Onde estão as suas filhas?" "Estão nas montanhas", ele respondeu. "Então traga-as para cá"; o italiano concor-

dou. Não tinha como dizer não. Porém, não as trazia com medo de fazerem qualquer mal contra as jovens. Sabem o que aconteceu? Ele ficou muitos dias sem aparecer por lá e quando surgiu seguraram-no. Por que não trouxe as suas filhas? Amarraram dinamite nele e detonaram.

Quando recebi uma missão de guardar uma estrada muito importante ali na região, cheguei lá, bati na porta e falei que estava precisando ocupar a casa; a mulher, temerosa, disse que tinha quatro filhas. Eu falei que nada iria acontecer com as filhas dela, que podia ficar sossegada porque eu nem iria à sua casa; o pessoal dormiria embaixo dos escombros, ao lado. Era guerra e aquela posição era muito importante; no decorrer daqueles quatro dias em que permanecemos lá, tivemos um comportamento muito correto e a senhora ficou muito agradecida. De madrugada, saímos sem dizer até logo, porque aparecia transporte a qualquer momento, mas depois, mais adiante eu a visitei Já no Brasil voltei umas dez vezes à Itália e possuo, ainda, amigos daquele tempo; quando estive lá, perguntei a ela: "E as filhas onde estão?" "*Soni tute emaritate*", estão todas casadas.

Visitei essa família durante muito tempo. Olha, posso dizer com certeza, que nenhum embaixador nosso, ninguém do Brasil tem na Itália um conceito tão positivo como a FEB. Isso é muito importante, porque mostra como o brasileiro tem bom coração e respeita os outros, mesmo nas situações mais adversas. No final da guerra, obteve o reconhecimento do povo italiano, que até hoje permanece.

Em maio, devo ir visitá-los. Acho que esse convívio foi uma satisfação muito grande, porque o soldado dividia a sua comida com algum italiano, às vezes arranjava farinha, arranjava um pouco de manteiga, um pouco de feijão, café e açúcar, porque eles não tinham isso; não adiantava ter dinheiro porque não havia o que comprar, não havia comércio, não havia nada. Os nossos médicos que eram combatentes, Piazom era um deles, o Massaki era outro, atendiam o pessoal italiano; imagina em que coisa boa, que relacionamento bom.

Como disse, guardo muitas lembranças, fotos, alguns documentos pessoais. Como uma ordem que o Capitão Tavares redigiu para mim: "*Subir mais um pouco a elevação e fazer um serviço de vigilância. Contra infiltrações de patrulhas, segundo as informações de três alemães presos...*". Eu só lembrei para falar de uma ordem de combate, do comandante da 1ª Companhia aos seus tenentes, para atacar, no dia 30 às 7 horas as elevações da cota 906, a sudoeste de Larroquete e o ponto 18,8 - 075. É interessante observar que as ordens de combate, a não ser em nível divisionário, eram documentos muito simples e objetivos e não havia tempo e nem condições de elaborar ordens de operações como mandam os padrões de nossas escolas; então talvez, só em nível muito alto, onde havia recursos, é que existiam ordens de opera-

ções datilografadas, detalhadas, com cabeçalho. Acredito que, nos menores escalões, a maioria era verbal e às vezes até por telefone.

Servi na Companhia de Fuzileiros até fins de fevereiro e depois fui transferido para a Companhia de Obuses. Naquele tempo, na organização do Regimento, havia uma Companhia de Obuses 105mm; posteriormente, foi absorvida pela Artilharia. A Infantaria não dispõe mais de obuses, mas, naquele tempo, eles integravam os Regimentos de Infantaria.

Os infantes preferiam pedir tiros para Companhia de Obuses da Infantaria a fazê-lo para Artilharia, porque o tiro era imediato, era rápido. Dava um tiro, via onde caía e acertava no segundo; assim, nada de central de tiro, nada dessas coisas. Havia muita presteza da resposta no apoio de fogo dado pelos obuses da própria infantaria, em apoio aos seus pessoal. A central de tiro era a coisa mais complicada. Até tenho um elogio do Coronel Souza Carvalho, porque me prezo muito por ser infante, e esse elogio veio de um artilheiro. Eu fiz observação para o III Grupo no ataque a Montese; estava num Posto de Observação que depois passou até a ser do General Mascarenhas.

Pistóia foi cemitério, agora é um monumento. Pistóia foi a terra italiana que abrigou o cemitério dos mortos brasileiros na FEB, cujos restos mortais foram trasladados para o Brasil e hoje estão no Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Aterro do Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro.

Miguel Pereira, é um subtenente, único brasileiro a não voltar á Pátria, porque constituiu família lá na Itália, uma belíssima família; é uma pessoa muito dedicada e muito ligada às coisas do Brasil. Ele era o encarregado da administração do cemitério de Pistóia, e mesmo depois ele continuou lá, porque ficou o monumento, com os restos mortais do soldado desconhecido brasileiro. Acho que encontraram mais um e colocaram lá.

Há, portanto um monumento aos heróis brasileiros mortos em defesa da liberdade, da democracia, em terras italianas e que estiveram sepultos, por algum tempo, em Pistóia, depois trasladados para o Brasil, ficando o monumento comemorativo daquele marco histórico.

Lembro-me de Boscássio: era um ponto avançado das linhas brasileiras que, praticamente, estava no meio de posições alemãs, na contra-encosta, do lado de lá; ainda estávamos sob as vistas deles, porque eles dominavam a montanha de Soprassasso, e, lá de cima, tinham observação completa sobre nossa posição; durante o dia, não era possível movimentar-se e a comida só podia chegar à noite; os alemães, todas as tardes, antes de escurecer, saíam de Precáia e vinham molestar a gente em Boscássio, dando rajadas de metralhadora lá de cima. Depois, passados de

15 a 20 minutos, davam outra mais próxima e depois, outra mais próxima ainda, dando a impressão que iam atacar a posição. Naqueles momentos os homens do 1º Pelotão corriam para suas posições de combate, a fim de enfrentarem qualquer situação que pudesse surgir. A posição nem era da 1ª Companhia, era da 2ª Companhia. Os alemães a atacaram pondo para correr quem estava lá. Era um Tenente sem experiência de combate, que foi mandado para Boscássio, um lugar superperigoso; ele não conseguiu controlar a situação e, quando se deu o ataque, todo mundo correu; ele acabou respondendo a Conselho de Guerra, aqui no Brasil. Isso aconteceu no dia 2 de janeiro de 1945, quando as tropas alemãs estavam vencendo em algumas frentes e fizeram o derradeiro esforço, porque vinham sendo derrotadas seguidamente, mas tiveram sucesso nas Ardenas e em outros lugares, declarando que o Brasil não ia ficar sem o presente de Natal.

No dia 2 de janeiro, eu estava tranqüilo lá no posto, quando recebo a ordem de me deslocar com o Pelotão para uma estrada lá embaixo. Fiquei sabendo que aquela posição não tinha ocupantes, então incumbiram o Batalhão. Do Batalhão à 1ª Companhia e desta para o meu Pelotão seguir para o local; aqui lembro a ordem do Cap Ayrosa: *"Deveis providenciar, com a máxima urgência, uma tropa que deverá se deslocar a fim de ocupar Boscássio. Pra que não se repita o que aconteceu com o primeiro, esse grupo deverá ser formado pelo Tenente Comandante do Pelotão e o senhor terá que descer até Boscássio, quando a tropa se encontrar instalada na montanha."*

O que aconteceu? Segui para lá e no caminho me avisaram que a própria Companhia, a 2ª, tinha conseguido voltar, logo eu não precisava mais mandar todo o meu Pelotão, bastava mandar um grupo. Fiquei num outro lugar no meio do caminho, esperando. Mandei o grupo que ele pedira; chegando próximo do local, encontrou-se com alguns homens da 2ª Companhia, que já se encontravam lá, correndo numa disparada tremenda, sem parar para dizer porque o faziam, razão pela qual o meu pessoal correu também.

Tratava-se de uma posição de sessenta homens, lá em Boscássio. Subi com 17 homens. Mas tive o cuidado de não misturar, não deixar o pessoal que ia comigo começar a correr na hora do pânico; não permiti e, me dirigindo àqueles que tinham corrido, perguntei: "Quem tem condições de subir comigo?" Três soldados se apresentaram e fomos subindo; chegando lá em cima na posição, já estava escurecendo, vimos coisa mais assustadora que se podia presenciar: uma posição coberta de neve, cano de metralhadora, cano de fuzil, marmita, assim por cima, munição esparramada para todo lado, outras armas abandonadas e logo na entrada da posição duas enormes manchas de sangue de dois alemães que ali tinham morrido e que já tinham sido levados.

Com esse quadro, ao chegar numa posição dessas, ao cair da noite, me dirigi a uma casinha de sapê, localizada na contra-encosta, dei de cara com sete alemães que vinham subindo de capa branca, em linha; eu tinha um sargento da 2ª Companhia, o sargento Camargo que, ao ver os alemães, não teve calma para esperar e deu uma rajada de metralhadora, denunciando nossa presença ali. Talvez pudéssemos pegar os sete, mas ele atirou e os alemães passaram a saber que ali havia tropas brasileiras; imaginem o que poderia acontecer quando os vi progredindo; a nossa posição ficava entre eles e o precipício logo adiante.

Estávamos esperando ficar ali um dia ou dois e ficamos uma semana. Os homens ficaram todos abatidos, esperando a rendição. Aquela era uma posição em que não se dormia e ninguém queria comer. A alimentação só chegava de madrugada, mas tínhamos que telefonar primeiro, para saber se estava tudo calmo. Então, as mulas subiam, conduzidas por civis italianos, com as marmitas térmicas no lombo dos animais; o sargento da cozinha acompanhava a operação. A comida ficava lá, porque ninguém tinha vontade de comer; era uma macarronada, nunca me esqueço, toda dura por causa do frio e podia ser cortada em fatias.

Eu cheguei a um ponto sem saber mais o que inventar para levantar o moral do pessoal e fiquei preocupado. Então, resolvi fazer algo: chamei o sargento ao meu PC, um buraco maior, cavado em um barranco, e uma gaveta para eu entrar dentro dela; eu deitava na gaveta e punha o pé no chão, soltava o cinto, tirava o cantil e a pistola, colocava a cabeça dentro do capacete e dormia com o pé para fora, pronto para atender a qualquer eventualidade; as nossas metralhadoras não incomodavam, mas se fosse metralhadora alemã, ficava alertado e me punha logo de pé, me equipava e saía.

Mas, o pessoal estava assustado com os alemães; chegou a um ponto tal que mandei cercar a posição de *booby traps* (armadilhas). Coloquei uns fios, pendurei umas granadas iluminativas e cerquei toda a posição.

Numa noite eles chegaram na posição e esbarraram nos fios, a granada detonou, acendeu, e o sentinela, que estava ligado naquele dispositivo, já disparou uma rajada de metralhadora e o inimigo se foi. Ao mesmo tempo em que eles tentaram entrar, no lado contrário, do outro lado da posição, demos, também, uma rajada de metralhadora contra os alemães e ficamos na expectativa; mais tarde, localizamos manchas de sangue.

Eu estava preocupado com o moral do pessoal, estava assustado e com medo daquela posição; aí, chamei os sargentos e disse: Olhem aqui, acabei de receber um aviso de que não haverá substituição alguma, não há ninguém para nos substituir; então, voltem lá para seus grupos e digam aos soldados que tratem de se munir de

coragem e de boa vontade, porque não vejo outro jeito, a não ser topar o desafio. Levantei o moral do pessoal dessa maneira, e acabamos saindo de lá sem ter combatido, exceto aquelas escaramuças.

Numa das ocasiões, também, senti que os alemães estavam se aproximando e eu estava sem ligação com a Companhia, sem telefone e sem rádio; pensei que o nosso fim seria naquela noite, mas inesperadamente, cai na frente da posição um bombardeio, dos nossos morteiros 81, que foi uma coisa tremenda e dispersou os alemães. Pela manhã já estavam restabelecidas as comunicações. Liguei para o Simões, que percebera que eu estava sem comunicações, sem telefone e sem rádio e disse: "Depois eu dou uma carteirada" para o Gonçalves lá! Bom, era assim que a gente fazia, vou dar uma carteirada.

Ainda gostaria de lembrar de mais um fato marcante, sobre um herói, um subordinado o meu soldado 278 Francisco Gomes de Souza. Nós estávamos dando um golpe de mão sobre uma posição alemã, uma coisa muito difícil, um golpe de mão em pleno dia, às quatro horas da tarde, no dia 21 de dezembro de 1944. A ordem era fazer prisioneiros em uma determinada posição inimiga, um lugar onde, mesmo abrigado, não podia colocar a cabeça de fora, porque eles tinham meios para acertar. Então, num lugar desses, às quatro horas da tarde, com Sol, tínhamos que ir para a base de partida, na cota 702 de Soprassasso.

Já estava combinado, às quatro horas menos dez, vai começar o bombardeio da posição e, quando terminar, a ordem imediata era de atacar o reduto. Foi o que aconteceu, a gente ficou ali, um bombardeio tremendo, porque bombardear é um sinal de que vai acontecer alguma coisa; parti com os homens bem dispersos, porque, se vão na frente, desaparecem; assim, espacei todos os homens e mandei ao meu ordenança ir até a ponta dizer para o sargento que não deixasse ninguém para trás; todo mundo tem que se apresentar, você vai lá, diga e volte até aqui. Ele foi, e quando voltava, os alemães desencadearam um bombardeio maciço com uma cortina de fumaça à nossa frente; paramos no meio do caminho e tivemos que rastejar para a base de partida de novo. Nesse bombardeio, o meu soldado Francisco foi ferido com um estilhaço e morreu.

Com essa narrativa termino meu depoimento e agradeço a oportunidade de ter aqui comparecido.

José Maria Rodrigues*

Foi inicialmente cabo de rancho, logo após a sua incorporação em Pindamonhangaba e transferência para Caçapava, mas, por ocasião da guerra, era cabo escrevente da CCAC, Companhia de Canhões Anticarro do 6º RI, dotada do canhão anticarro 37mm. Tem um filho, quatro netos e dois bisnetos; é natural de São Luiz do Paraitinga-SP, cidade da área do Vale do Paraíba, tendo nascido em 28 de agosto de 1923.

* Cabo Escrevente da Companhia de Canhões Anticarro do 6º Regimento de Infantaria, entrevistado em 29 de maio de 2000.

Fui incorporado a 4 de dezembro de 1940, no II Batalhão do 5º Regimento de Infantaria, na cidade de Pindamonhangaba. Posteriormente, fiz parte da guarnição do litoral em São Sebastião e Caraguatatuba.

Em Caraguatatuba aconteceu um fato interessante. Eu havia passado a pronto da tesouraria, onde trabalhava, e fui para a 5ª Companhia. Mas em determinado dia, ao passear em Caraguatatuba, o Tenente Pessoa, que era o tesoureiro, perguntou se eu queria voltar para a tesouraria. Falei: "Dei umas alterações na tesouraria e por isso me passaram a pronto". Ele disse: "Pode deixar que eu vou resolver esse problema". De fato, no dia seguinte, ocorreu a minha volta para a tesouraria e para Caraguatatuba.

Quando terminamos a nossa missão no litoral, imediatamente fomos enviados para Lorena, para o 5º RI. Lá, como o Regimento não tinha acomodação para muita gente, a minha Companhia ficou alojada em um grupo escolar situado na estrada que fazia ligação com o Estado do Rio. Bom, por um mês pertenci ao 5º Regimento de Infantaria e, passado esse tempo, eu e mais quatro companheiros fomos transferidos para Caçapava. A data exata, não me lembro, só sei que foi em março. Transferido de Lorena para Caçapava como cabo de rancho, mas eu pertencia à Companhia de Canhões Anticarro. Só me lembro, afinal, que ao embarcarmos para o Rio de Janeiro, era o dia 12 de março de 1944.

No Rio de Janeiro fui matriculado no Centro de Instrução do Exército, o CIE. O boletim publicou minha matrícula, mas fiquei preocupado porque o subcomandante estava de olho em mim e podia atrapalhar minha ida para o CIE. Procurei o Comandante do CIE, Capitão Fernandes Vilela, contei-lhe minha história e ele me disse que podia ficar por ali, pois estava matriculado.

O privilégio da turma que foi matriculada no CIE era não dar serviço, não dar plantão, não responder à chamada no Regimento e comparecer todas as tardes, das 13 às 15 horas, para ter instrução. Sendo assim, não tive instrução de campo, nem lá, nem no Rio de Janeiro. Em Gericinó, não fiz sequer uma instrução. Nem o exercício de desembarque do navio eu fiz.

Lembro que em 30 de junho de 1944, a minha Companhia tomou posição ao longo da Estrada de Ferro Central do Brasil; entramos no comboio sem saber para onde íamos e nesse mesmo dia, embarcamos no navio. Passamos o dia 1º de julho dentro dele e no dia 2, às 6 horas da manhã, zarpou do cais do porto e enquanto se avançava para o oceano, olhávamos para trás, a fim de ver a cidade que ia desaparecendo. Fomos escoltados pela Marinha de Guerra do Brasil até Natal. A partir da Cidade de Natal, foi uma escolta norte-americana que nos protegeu. Durante a travessia lembro que tive a oportunidade de perguntar quantos metros tinha o nosso transporte, qual a sua largura e foi dito que o mesmo tinha 157 metros de compri-

mento por trinta de largura, enorme. Fiquei sabendo que era um antigo navio de transporte alemão, que fora aprisionado pelos norte-americanos. Nele havia, de cada lado, uma Bateria de canhões que disparavam todos os dias, como exercício. Quando chegava a hora, tocava uma sirene para que todos, já arrumados, subissem para o convés com os ouvidos protegidos por algodão, a fim de assistir a execução dos tiros de canhão, medida preventiva contra qualquer inimigo que pudesse atacar. Terminado o exercício, voltávamos para o nosso compartimento; o meu ficava bem embaixo. Depois havia a casa de máquinas; lembro-me que, quando podíamos, subíamos ao convés para tomar ar e, na volta, era difícil achar onde ficava nosso alojamento. Levávamos um tempão para encontrá-lo perguntando aqui e ali, até chegar lá.

Recordando a travessia, ficávamos preocupados no navio, as ondas vinham e pegavam no casco bem na frente. Diziam que o navio não faria manobra se alguém caísse no mar, mas não havia perigo, porque nos apoiávamos num alambrado e ficávamos olhando para baixo. O navio não iria buscar quem quer que fosse, pois não havia como recuperar alguém que caísse no mar. Pois bem, passaram-se 14 e quando chegamos no Estreito de Gibraltar, a escolta americana foi substituída pela escolta inglesa e, nessa ocasião, o Comandante do navio pronunciou um discurso elogiando a nossa tropa, a primeira que ele transportou.

Pouca gente sabe, mas no navio havia um intérprete que dava todas as instruções à tropa sobre como proceder a bordo. Era o cabo Simão (só depois fiquei sabendo quem era ele), um rapazinho todo pintadinho, sardento, que falava muito bem inglês, francês, italiano e também era intérprete no Rio de Janeiro. Adido ao Quartel-General, na guerra permaneceu junto ao V Exército norte-americano, como intérprete brasileiro; além dele havia outros.

Não sei se esse é o termo mais adequado, mas há um fato interessante que aconteceu em Montese, a mais sangrenta batalha de todo o conflito. Os escreventes do 6º Regimento de Infantaria foram convocados para identificação dos cadáveres dos soldados mortos na batalha. Fomos mandados até lá, era uma imensa barraca onde estavam os corpos, que se encontravam em estado de putrefação, cobertos com cloro ou formol, para evitar propagação de mau cheiro. Então, só fui até a metade da barraca, porque o odor era nauseante e não consegui ficar. Não pertenciam ao meu Regimento, eram todos do 11º RI. Diante disso não me restava nada a fazer a não ser retornar e eu me lembro de que todos nós, que entráramos na barraca, ficamos com o cheiro dos cadáveres impregnado no nosso uniforme. Isso aconteceu às dez horas da manhã; às 11 horas nos dirigimos ao rancho daquela maneira.

Em Porreta Terme, onde a gente ficou a maior parte do tempo, me lembro que deixávamos um pouco de comida na nossa marmita para dar aos italianos que fica-

vam adiante esperando com um prato, uma vasilha qualquer, onde despejávamos a nossa sobra para eles comerem.

Ah, quero contar também que conheci um combatente gaúcho, o Sargento João Moreira Alberto, que tive a infelicidade de ver numa tarde quando uma viatura chegou com ele e com o soldado Benedito Patrício; os dois feridos mortalmente.

Voltando atrás, no tempo anterior à guerra, devo dizer que a minha vida sempre foi complicada, estava procurando, na ocasião, morar só, viajava nos fins-de-semana e depois regressava. Quando aconteceu a convocação para a guerra já estava no Exército, na graduação de cabo e naturalmente vi-me selecionado. Fui voluntário para prestar o serviço militar mas não para a guerra. A baixa de cabos e soldados foi suspensa, porque o Brasil tinha declarado guerra à Alemanha. Minha convocação não provocou reação alguma por parte da minha família.

Como escrevente, tive a incumbência de colocar em dia toda a escrituração militar dos elementos da minha Companhia. Essa atribuição, que recebi, outros escreventes também tinham. Tomei nota de todos os dados do pessoal da subunidade, das identidades, onde nasceram e o que faziam, para que as fichas deles fossem completas e depois, quando a gente voltasse não houvesse problemas de nomes e sobrenomes. O pessoal da minha Companhia, aqueles que tinham algum problema, logo que dispunham da informação correta, a traziam para que eu pudesse, depois, anotar no livro de alterações a informação exata sobre eles. O que acontecia na guerra, com cada integrante de minha Companhia, e era publicado no boletim eu anotava. Lembro-me que apontei a morte em combate de dois gaúchos e um paranaense: Vital Fontoura, Arnaldo Cândido Raulino e Celso dos Santos foram os três de minha Companhia que morreram. Eu conferi nas placas se o número registrado coincidia.

A Companhia de Canhões Anticarro era comandada pelo Capitão Edgar Heckel de Abreu, e se ele estivesse vivo, seria General-de-Exército. Na ocasião, o Subcomandante era o Tenente Rosalvo Eduardo Jansem, que passou para a reserva como General, também. Havia ainda o Tenente Adhemar da Costa Machado, que fez uma despedida muito emocionante aqui no 6º RI, ao passar para a reserva como General. Lembro-me bem desses nomes e havia outros oficiais, como Henrique de Figueiredo, que, parece, foi promovido a General-de-Exército. Nossa CCAC não usou os canhões anticarro (já que os alemães não tinham mais tanques), mas foi empregada como Companhia de Fuzileiros; também foi formado um Pelotão de Minas. O soldado Arnaldo Cândido Raulino morreu ao tentar desarmar uma mina antitanque. Esse Pelotão não chegou a lançar minas, só desativá-las ou abrir brechas para os veículos. Nas estradas havia os avisos em alemão *Achtung Minen*, (Cuidado, Mi-

nas), em inglês tínhamos *Atention Mines*, em italiano, *Atenzione Mine*, avisando à turma que não entrasse ali.

Sobre Fornovo di Taro não sei muito porque estava em Porreta Terme. Fornovo di Taro era mais longe, mas soube que um cabo foi atingido por uma rajada de metralhadora abaixo da cintura, não sei se ficou sem as duas pernas ou até mesmo se está vivo.

Quero também registrar um episódio que aconteceu numa tarde, o dia não me lembro. Bem próximo de onde a gente se encontrava, o alemão lançava uma granada e a gente escutava o barulho característico até ela explodir. Lembro que um petardo desses detonou no Pelotão de Transportes, perto de nós. Ali morreu o cabo Basílio Zechim Junior, atingido por um estilhaço da granada. Eles também ouviram o ruído; o Tenente Campelo e o cabo Basílio se deitaram para se proteger. A granada bateu na quina do telhado, veio rasante e pegou um estilhaço no peito do cabo, e o Tenente, que na ocasião levantou uma das pernas, teve-a decepada e, mais tarde, amputada nos Estados Unidos. O Tenente acabou reformado como Coronel e ainda reside em Pindamonhangaba. É o atual Coronel Túlio Campelo de Souza.

O nosso soldado foi extraordinário, porque, apesar do despreparo com que seguiu para a Itália, saiu-se muito bem. A 10ª Divisão de Montanha norte-americana, tomou Belvedere; o soldado brasileiro com o preparo bem diminuto que recebera, cumpriu, com denodo, a mesma missão da 10ª Divisão de Montanha. A nossa tropa não estava adestrada, como a deles, mas o combatente executou idêntica tarefa, com o igual desempenho e brilhantismo, ao conquistar Monte Castelo, com bravura, coragem e iniciativa. Acho que o americano deve ter tido uma impressão muito boa, quanto à valentia do soldado brasileiro.

Inicialmente, não nutria simpatia pelos americanos, mas depois que os conheci tornei-me seu fã incondicional. Quanto ao Exército inimigo, tive a impressão de que o soldado alemão era muito agressivo, valente e mesmo com parco material de que dispunha executava suas tarefas muito bem. Era fantástico no combate; muito bem preparado. Lembro-me que utilizava um tablete branco, que parecia açúcar, para esquentar o café.

Eu não vi, mas um colega de *front*, José Alves dos Santos, que infelizmente já morreu, apelidado de Saci, me contou sobre um colega dele que encontrou algo vermelho, muito bonitinho, parecendo um ovo; pegou, ouviu um zunido, mostrou para o Alves Santos e falou: “Olha que bagulho bonito!” E o Alves Santos aconselhou: “Joga isso fora”. Mas o soldado não obedeceu, continuou andando, de repente, mais longe, estendeu o braço. Parece que apertou o objeto. Era um *booby trap* que explodiu e decepou a sua mão. Os alemães eram especialistas em *booby trap*, conse-

guiam colocar explosivo em tudo que era objeto: chaveiro, relógio, caneta. Ninguém desconfiava dos *booby trap* que andaram mutilando e matando muito combatente aliado, inclusive brasileiro.

Muitos compatriotas foram atingidos por nossas próprias granadas; o Tenente Mauro Francisco dos Santos foi ferido em combate por um estilhaço de morteiro. Ele se deslocava próximo a umas árvores e foram feitos alguns disparos. Uma granada bateu na árvore, explodiu ferindo-o gravemente nas costas e o estilhaço foi tirado pelo peito. Infelizmente, o infante que vai à frente sempre se transforma na maior vítima, seja dos tiros inimigos, seja dos erros dos amigos. A precisão dos tiros em combate não é uma coisa absoluta, eu acredito que os próprios americanos foram feridos por fogos de sua Artilharia, seja na pontaria, no acerto dos elementos de tiro, seja por deficiência da munição: são muitos os fatores, nem sempre é erro, mas as próprias condições meteorológicas influem, a observação errada de quem passou a informação sobre a localização do alvo inimigo, estado da pólvora, das estopilhas, do material que deve queimar e eventualmente vem com algum problema. Com isso, encurta a distância e em vez de sair tiro por sobre a tropa inimiga, sai tiro em cima da tropa amiga.

Outra coisa interessante diz respeito às nossas posições próximas do *front*. O alemão lá do alto observava toda a nossa retaguarda. Então, o que fazer? Os americanos possuíam um aparelho de fumaça artificial (neblina artificial) para impedir a visão do inimigo.

Lembro a primeira vez que vi neve: foi na véspera do Natal, no dia 24 de dezembro de 1944. A gente achava bonito e saía à rua, contemplava aqueles flocos que caíam e na manhã seguinte abríamos as janelas e olhávamos o italiano fazendo a remoção da neve acumulada; tudo estava branco. Usava-se uma proteção para andar sobre ela, porque, mais tarde acabava virando gelo. Usávamos um *combat boot* e o galochão com travas anti-gelo e mesmo na retaguarda tinha que andar com a galocha, não só com essa finalidade como para nos protegermos do frio. Usava-se a galocha, muitas vezes, forrada com palha, feno ou jornal, para evitar o pé-de-trincheira. Para mim não adiantava muito, pois sempre tinha mãos e pés gelados, noite e dia, só que a gente era mais feliz, porque, quando íamos dormir, nos dirigíamos à casa de um italiano, que possuía uma lareira central, onde nos aquecíamos a fim de conciliar o sono. Se fôssemos para a cama sem fazê-lo, não conseguíamos dormir. Nós que estávamos na retaguarda desfrutávamos desse conforto, ao contrário do que acontecia lá na frente.

Os italianos, eram um povo muito acolhedor, mas recordo que, ao descermos do navio, em Nápoles, nos dirigimos para Agnaro, onde existia a cratera de um

vulcão extinto. Os italianos nos chamavam de “tedescos”, porque o nosso fardamento era parecido com o dos alemães. Depois, embarcamos num trem onde os italianos vendiam frutas deliciosas. Estava escrito no vagão do trem, *no scupa terra*, isto é, não cuspa no chão. Permanecemos em Agnaro, numa situação precária, pois não havia ração quente e eles a substituíram pela ração arroz e feijão enlatados, uma coisa horrível. Recebíamos as latinhas, fósforo, cigarro que para mim não tinha utilidade, porque não fumava.

Quando no navio foi comemorado o dia de Ação de Graças, tradição dos norte-americanos, o Comandante do navio mandou dar para cada soldado um pacote de cigarros norte-americanos. Os cigarros eram das marcas *Chesterfield*, *Pall Mall*, *Camel*. Recebíamos também chocolate, que eu passava para alguém, por achar enjoativo. De manhã nos davam o mesmo chocolate, cigarro e um “capacete” de nozes, às vezes, avelãs ou amêndoas, aquelas frutas de Natal. O café da gente era pão com manteiga norte-americana e a geléia que a gente passava no pão e, como tinha oportunidade, aquecia o pão.

É oportuno comentar que o Exército americano era farto de material, tanto que o nosso Regimento tinha 21 Companhias, cada Companhia recebeu três fogões de campanha. Além disso, depois que o soldado tomava sua refeição, ele pegava sua marmita e utilizava três recipientes com água: um com detergente, o outro com água já usada e o terceiro com água limpa mesmo. A marmita era mergulhada nos três.

Finalmente, gostaria de rememorar o nome do soldado Vital Fontoura que pereceu em combate. No dia anterior, estivera comigo em Porreta. Foi o único soldado de minha Companhia que vi em Porreta Terme, não sei o que ele foi fazer lá. No dia seguinte morreu e isso me chocou bastante.

Houve ainda um soldado que saiu da fila de embarque do navio e foi embora. Não lembro o nome dele, mas sei que tornou-se um desertor. Muito bem, mais tarde se arrependeu, voltou no terceiro escalão e foi para o Depósito de Pessoal. Deu-se um claro no *front* e ele foi chamado. No dia em que ele entrou em combate, morreu, uma das fatalidades da guerra. Saiu da fila do navio, desertou, depois se arrependeu, foi novamente incorporado, removido para o *front*, no dia em que participou pela primeira vez, morreu.

Ao soldado brasileiro que venha a incorporar ou já esteja incorporado, que honre a farda que envergar, porque ela orgulha a todos nós. Eu que tive a satisfação de pertencer ao 6º Regimento de Infantaria, acho que todos os que integram essa Unidade do nosso Exército devem se sentir vaidosos também. Saibam que servem numa organização militar que foi a primeira a entrar em combate no Teatro de Operações da Itália.

Júlio do Vale*

Tem 80 anos de idade, é paulista da capital, foi casado com a Dona Elza do Vale durante 53 anos, tendo sua esposa falecido recentemente. Tem um filho, uma neta e uma bisneta.

Por ocasião da Segunda Guerra Mundial serviu no 1º Batalhão de Saúde, exercendo a função de padioleiro. Ao término da guerra e retornando ao Brasil, foi licenciado do Exército Brasileiro e dedicou-se a uma carreira no comércio até a sua aposentadoria.

É detentor da Medalha de Campanha da Força Expedicionária Brasileira.

---

* Padioleiro do 1º Batalhão de Saúde, entrevistado em 2 de maio de 2000.

Eu servi em São Paulo em 1939, no 4º RI, Parque Dom Pedro e depois de licenciado voltei para o Exército em 1942, quando fui convocado novamente, desta vez para Quitaúna. Lá fiquei vários meses, então fui transferido para o Cambuci, naquela época chamava-se Formação Sanitária. Nessa Formação tivemos vários soldados já praticamente formados. Tínhamos um médico que se chamava Paulo Cantom. Era soldado, estava ali como soldado e era praticamente um médico, pois já estava no 5º ou 6º ano de medicina, tanto que depois da guerra foi ser o dono do Hospital Anchieta, aqui na Vila Mariana. Era uma pessoa muito recomendada.

Depois de passarmos vários meses no Cambuci, fomos todos transferidos para Marquês de Valença, no estado do Rio de Janeiro, e lá então se formou um Batalhão de Saúde, com três Companhias. O mesmo era composto de militares de vários estados do Brasil, quase todos oriundos das formações sanitárias. Um dia recebemos ordem de que a 2º Companhia, que era a minha, seria transferida para o Realengo e fomos para a cidade do Rio de Janeiro.

E, com o passar dos dias, tivemos quase todas as noites atividade de entrar em vagões de trem e o trem nos levava até o cais, depois voltava, sem embarcar. No dia seguinte, acontecia a mesma coisa, mas chegou um dia em que embarcamos realmente num navio transporte de tropa e, quando percebemos, já estávamos em alto-mar.

Já era realidade. Fomos para a Itália, desembarcamos em Nápoles e acantonamos perto de um vulcão extinto, onde havia uma poeira tremenda. Quem fazia o serviço de policiamento eram os guardas civis de São Paulo e de outros estados que formaram a MP, que era a PE daquela época. Depois, com o passar do tempo, ficamos recebendo instrução ali e já fomos para uma outra cidade, que se chamava Camaiore.

Aproximando-se do *front*, a minha Companhia recebeu o batismo de fogo na cidade de Barga, que aparece no roteiro da FEB e onde transportamos vários feridos. Havia uma ponte inclinada que atravessava a cidade e ali era difícil passar porque o alemão estava a poucos quilômetros e, às vezes, ele a varria com metralhadora. Os americanos lançavam granadas fumígenas e a gente conseguia trazer os feridos para o lado de cá em uma ambulância. Passamos algum tempo naquele local, depois fomos substituídos pelos americanos e nos levaram direto para Porreta Terme, já próximo a Monte Castelo.

Estávamos praticamente no inverno, já com a neve caindo e, ao irmos para lá, infelizmente deve estar na história, os brasileiros quando atacaram Monte Castelo foram rechaçados. Essa é a história que todos sabemos, inclusive eu que estava num Posto Médico, que era comandado por um Tenente ou por um Capitão, mas quase sempre era um Tenente.

E ficávamos ali e quando havia alguém ferido na frente, na 3ª Companhia do 6º RI, ou o que fosse, ligavam para o Posto Médico e nós íamos buscá-lo. Nós não ficávamos junto com os infantes, só íamos pegá-los, quer dizer, era mais arriscado do que ficar lá, porque se você fica em uma trincheira você está protegido, agora se você vai e vem, está sempre se arriscando, e os infantes viviam dizendo que não trocariam de posto nem que eu quisesse, não queriam ser padioleiro de jeito algum, eu já preferia ser.

Bem, cada um tinha suas obrigações. Uma noite, sentimos um ambiente assim meio carregado e percebemos que alguém vinha descendo, passava por ali e falava para o Tenente para a gente recuar, que tinha ordem para recuar. Aconteceu quando foram conquistar Monte Castelo e foram rechaçados. Quando estávamos preparando nossas coisas, o Tenente que comandava o posto falou: “Nós seremos os últimos a sair daqui, ninguém vai embora até passar o último soldado.” E, concluindo: “Vamos ficar aqui porque essa é a nossa missão, de ficar e pegar os feridos que estiverem no caminho.”

Graças a Deus não havia ninguém e descemos até Porreta a pé e já era de dia quando chegamos. Houve até uma passagem naquele dia, quando chegamos ao acampamento. O Tenente que era o Comandante da minha Companhia falou: “Cadê o material?” “Mas que material?” “A padiola, mas vocês deixaram tudo lá. De que jeito que vão pegar?” “Eu vou mandar acionar vocês e irão responder por isso.” E a gente saiu dali e foi falar com o Capitão Comandante, já não era o Paulo Machado, mas um outro Capitão que foi para a Itália. Então nós fomos os quatro, ele na frente, explicar para o oficial comandante da 2ª Companhia o que tinha havido. Ele falou para o Tenente: “Bom, é o seguinte, você quer o material, então vá lá buscar”, e depois virou-se para nós e falou: “Vocês aí estão dispensados.” E ficou nisso mesmo. Às vezes, o camarada queria mostrar algum serviço, sabe como é. Na época do inverno, quase não houve escaramuças e ficou um *front* estabilizado.

A neve era muito intensa, havia lugar que chegava até a cobrir, mais ou menos, uma pessoa. A gente afundava na neve e quase não dava para sair.

Naqueles dias antes do Natal, tivemos ordem para nos arrumar, porque iríamos ter uns dias de licença na cidade de Florença, lá falávamos Firenze. Íamos passar uns dias nessa bela cidade. Fomos para lá e ficamos juntos com os negros americanos. Tudo fora preparado antes porque nós do nosso lado tínhamos uns negros também, e eles na época da guerra não se misturavam, “exército branco” e “exército negro”. Ficávamos juntos e eles se abismaram de ver. Sabe o que nós fazíamos? Havia um negrinho apelidado de Chocolate e eu o punha nas minhas costas e fazia cavalinho, e os americanos botavam os olhos em cima e

ficavam admirados por essa nossa brincadeira. A gente se divertia, brincava, nada por maldade.

E voltamos novamente para o *front* e estivemos mais uma vez em Monte Castelo. Em fevereiro, quando foi a tomada de Monte Castelo e Soprassasso, os brasileiros venceram todos. Eu sei porque fui acompanhando com a padiola, sempre vai ferido, vem ferido, era assim. Às vezes, falavam assim: "Olha, você segue o fio do telefone e vai chegar até ele." E a gente o levava para a retaguarda onde um jipe estava esperando, que o conduzia até a estrada. Aí a ambulância pegava e caso não estivesse, continuava de jipe.

Esse era o nosso sistema de socorrer. Eu sabia aplicar plasma, porque recebemos uma bolsa com dois vidros, um era plasma e o outro, água destilada. Então, como havia uma agulha, misturava, chocalhava e virava plasma, e a gente aplicava nos feridos que estavam muito graves. Apliquei uma vez ou duas, mas era o médico que aplicava. Era um socorro de muita emergência, se a pessoa estivesse bastante mal para agüentar até ser atendida pelo médico, num lugar chamado Posto de Triagem, de onde era encaminhado para o Hospital.

Nunca mais os vi depois de tê-los socorrido, mesmo depois da guerra, pois a maioria deles ia se tratar em hospitais dos Estados Unidos. Sim, muitos feridos eram mandados para os Estados Unidos, os casos mais graves, qualquer ferimento tido como grave, inclusive todos aqueles que tiveram os membros perdidos, só voltaram para o Brasil quando já tinham uma prótese, pernas mecânicas, qualquer coisa que eles colocavam lá. E alguns ficaram quase oito meses depois da guerra nos Estados Unidos, em hospitais, tratando-se.

Naquele tempo a medicina no Brasil não estava tão adiantada como hoje, uma vez que atualmente se faz aqui quase tudo que a medicina do primeiro mundo faz. Mas há meio século não era assim, e sobretudo esse trabalho de próteses e membros amputados tinha que ser feito nos Estados Unidos. Muitos ainda devem ter alguma prótese da época, na Associação dos Ex-Combatentes há um cujo queixo é todo artificial. Ele levou um tiro no queixo, que se esfacelou, e o reconstruíram nos Estados Unidos, onde ficou oito meses e depois voltou para o Brasil.

Eu lembro um caso que aconteceu quando estávamos na cidade de Sassuolo, onde à noite a gente fazia um baile; tínhamos um Tenente médico que tocava harmônica para dançarmos, tocava em um teclado, como se estivesse tocando piano, e passávamos a noite bem alegre.

Certo dia, fomos transferidos para Chiesa e à noite pegamos a ambulância e fomos ver as namoradas que lá deixamos, mas na volta o soldado motorista da ambulância se perdeu, e fomos parar em Spézia, distante do nosso *front*. Eram os

ingleses que estavam lá e nos aprisionaram, foi muito difícil convencê-los de que éramos brasileiros, aliados. Só por intermédio de um italiano que sabia falar um pouco de português entramos em acordo. Ligaram, passaram um telegrama para Porreta para confirmação. Eles me deram uma carta para entregar ao comando. Bom, o Comandante até hoje está esperando a carta. Soldado velho, praça velha, eu falei para os colegas: "Deixa eles procurarem, se perguntarem pela carta a gente pega e dá", mas não falaram nada. Se a carta estivesse guardada até hoje para comprovar, seria muito interessante, mas como foi perdida, é uma pena.

E outro documento que também perdi foi o que recebi como padioleiro, uma carta que nos proibia de carregar mortos, nós não podíamos de jeito algum carregar o morto e para isso havia o Pelotão de Sepultamento que fazia esse serviço. Nós não fazíamos, a nossa missão era socorrer enquanto estivesse vivo, essa era uma ordem que recebíamos. Quem vai sacrificar quatro vivos por um morto? São quatro vidas se arriscando para carregar um morto. As equipes de padioleiros sempre eram compostas por quatro, mas em certos lugares era obrigada a carregar dois, porque era muito estreita a passagem.

Estivemos em uma cidade que, infelizmente, não me lembro o nome, onde fomos socorrer um sargento que saiu numa patrulha antes do amanhecer. Depois voltaram e disseram que havia um sargento da patrulha que estava ferido em determinado local. Era o sargento do Pelotão de Reconhecimento, e fomos buscar o sujeito, grandão, bem forte, até que conversamos um pouco. Ele tinha recebido um tiro na garganta que saiu atrás, mas não pegou uma parte vital. Perdera muito sangue e falou: "Por que vocês vieram aqui? Deixem-me aqui que eu me viro." Quando voltávamos de lá, a poucos metros, também passaram quatro alemães carregando um ferido, eles para lá e nós para cá. Nenhum ligou para o outro, porque o nosso interesse era igual, carregar o ferido, já os alemães tinham, como hoje no futebol, uma faixa para ver quem é o primeiro do time, com uma cruz grande no peito e nas costas, também, uma cruz vermelha para evitar ser confundido com os combatentes, e a nossa era só a braçal e o capacete, que possuía uma cruz vermelha.

No fim da guerra, fomos para a cidade de Alessandria, porque o último combate foi em Montese, depois progredimos em uma imensa planície e então recebemos ordem para voltar, quase todos os soldados do Corpo Médico, para Montese, até que retornamos para Alessandria no Norte da Itália. Ficamos até o regresso para o Brasil, mais ou menos durante um ano.

Bom, tenho outras lembranças, muitas lembranças que a gente tem da Itália, mas são fatos que vão passando e esquecem-se. Já são 55 anos que se passaram e eu com oitenta anos, esqueci também algumas coisas.

Depois da guerra, o Batalhão de Saúde foi extinto, e não existe mais o 1º Batalhão que se chamava Batalhão Expedicionário, meu número era 281. Durante todo o meu tempo no Exército tive só um número, desde que entrei até quando saí foi sempre o mesmo número.

Mas lembro-me do clima frio no inverno italiano, que maltratou bastante os combatentes. O pé-de-trincheira, preocupou bastante, porque, infelizmente, se você estava em um *fox hole*, e ficava parado, o pé ia congelando. E o que recebemos dos americanos foi uma galocha grande que ia até mais ou menos à canela, toda de borracha, tirávamos a botina, enchíamos de palha, aquela palha de arroz, calçava e conseguia segurar bastante, mas não podia ficar parado. No inverno, recebemos um capote americano, e foi o que nos salvou, era um capote muito grande, pesado, também nos deram meias de lã, meias grossas e luvas. Tínhamos dois tipos de luvas, um gorro que punha por debaixo do capacete, chegava até o pescoço, o capacete de aço que quase ninguém usava, aquilo servia mais era para lavar as mãos, como pia. Era assim, a gente vai aprendendo, a própria guerra nos ensina. Quando sentíamos uma granada, ela antes de explodir sibila, então o que se fazia? Deitava-se no chão, e o capacete, aquele que era por fora do outro, sem ser o de fibra, fazia barulho. Mesmo quando se abandonava, a gente o sentia fazendo barulho, então dava uma impressão falsa.

Ainda bem que todo infante, quando saía para uma patrulha, ia sem o capacete de aço, eles não o levavam, queriam estar com os ouvidos mais apurados. Sentiam aquele barulho de bomba e deitavam. E o capacete de aço poderia atrapalhar a percepção, fazendo barulho, é o que eu soube.

Agora uma coisa que tenho orgulho de falar e falo sempre, e vou dizer até o fim de minha vida. Jamais vi um brasileiro covarde, nunca vi um soldado se recusar a qualquer coisa, a ir para uma patrulha, ir para um ataque, ou o que for, pegávamos os feridos onde eles estivessem. Nunca senti medo em meus companheiros, porque, às vezes, a gente trocava de padiola, eu nunca ouvi eles dizerem não, eu não vou, estou com medo, nada disso. É claro que aquele que disser que não tem medo é mentiroso, todos têm. Quem não tem medo?

A morte fica voando sobre a cabeça e temos que enfrentá-la, se você não o fizer a coisa é pior ainda. Nunca escutei que um soldado brasileiro foi covarde, e jamais abandonavam os companheiros feridos, estivessem eles onde estivessem.

Eu apoiei uma Companhia do 6º RI num lugar em que cuidei de um soldado ferido. O próprio Comandante me pediu para eu cuidar daquele soldado. Sabe por quê? Porque se ele fosse para o Hospital, quando ficasse bom ia para o Depósito de Pessoal. E do Depósito vinha outro para substituir aquele e ele, para não

perder os colegas, colegas de anos que serviram juntos, claro que ninguém quer sair de uma Companhia, não ia, ficava ferido, mas não queria ir para um hospital. Fiz-lhe curativos e ajudei-o em tudo que pude.

Nós, como soldados brasileiros, podemos dizer com toda a sinceridade e orgulho que estivemos na guerra e presenciamos de tudo. Éramos muito amigos uns dos outros.

Por vezes, havia algum desentendimento, mas era passageiro. E até a marmita era dividida com os italianos, que se tornaram amigos dos soldados brasileiros. Eles sabiam que estariam amparados sempre ao nosso lado.

Como soldado de Saúde, tive oportunidade de socorrer também gente da população civil. Nós os socorremos várias vezes. Fazendo nosso Posto Médico Avançado, sempre tínhamos vários medicamentos que eram para dar aos italianos que iam lá e fazíamos curativos nas crianças e nas outras pessoas que precisavam.

Até vou contar agora um caso que aconteceu. Nós estávamos na cidade de Chiesa e ficamos lá muito tempo, você sabe como é soldado, a gente procurava a casa de um italiano para beber vinho. Quando fazia frio, toda a casa italiana tinha algo de barro que eles chamavam de Caldine, dentro havia umas brasas, e quando fazia muito frio as mulheres ficavam com o objeto no colo para esquentar. E eu escutei um gemido e perguntei o que era. Era um homem que estava com o braço machucado e me perguntou se eu não queria trazer um remédio, falei: “Claro!” E no dia seguinte levei sulfa, que era o que a gente usava, em pó. O coitado do italiano estava com o braço bem inchado, ele disse que escorregou, caiu e infeccionou o braço. Não tinha nada com o que curar e eu passei sulfa, mas vi que não dava em nada. Fui até a Triagem e falei com o Doutor Paulo Cantom, que era o médico dono do hospital daqui, o Hospital Anchieta, de fraturas. Contei para ele e ele disse: “Traz o velho aqui”. Fui lá no dia seguinte, levei o velho com o braço todo inchado.

O doutor olhou, passou iodo no braço do velho, cortou, tirou o pus e passava uma gaze de lá para cá por dentro, como se estivesse engraxando um sapato. Eu nem quis olhar. Disseram que quando ele saiu dali resmungava tanto de dor, levou bastante medicamento. Quando acabou, o médico falou que enquanto a gente estivesse ali dava um jeitinho de fazer um curativo ou qualquer coisa, e tanto é que eu fiz. Fui embora daquela cidade e quando paramos na estrada já em cima dos caminhões que nos levariam para outro lugar, a família toda daquele italiano estava na estrada e o velho chorava. Isso é uma realidade da mais pura verdade, que eu posso contar para vocês, foi exatamente o que aconteceu. Infelizmente, o Doutor Cantom faleceu já faz bastante tempo, mas, sempre que nos encontrávamos aqui no seu hospital, íamos comer umas pizzas, eu comentava isso com ele; e o italiano? Como

ficou o seu italiano? Coitadinho, nós viemos embora, nunca mais o vi, não tivemos mais notícias. Deu-me assim uma certa alegria por ter visto o velhinho convalescente, chorando e acenando para nós.

Eu acho que a nossa missão na Itália foi muito bem realizada e hoje nenhum exército do mundo é tão querido na Itália como o Exército Brasileiro. Já se passaram 55 anos, e toda aquela turma que estava lá, todos eles, já se foi, também a maioria era de pessoas de idade, só ficaram as de vinte anos como nós.

Sobre a situação das companheiras brasileiras que vestiram fardas e foram lá também, não tenho muito a dizer, pois não tive contato com as enfermeiras brasileiras, porque trabalhavam mais à retaguarda, elas ficavam nos hospitais e nós à frente, quer dizer, quase nunca nos víamos. Tínhamos um contato breve, em uma cerimônia qualquer, estavam lá. Mas não que tivéssemos contato no trabalho rotineiro.

Quanto aos nossos oficiais de saúde do Batalhão, praticamente não tiveram muita atividade, pois sendo médicos do Batalhão de Saúde, sua função era mais de administrador. Já os médicos das companhias, aqueles que estavam sempre no *front* e davam o primeiro atendimento, era o Tenente ou o Capitão, muito pouco capitão, mas Tenente era imprescindível, porém todos eram bastante atuantes.

Uma vez eu me defrontei com o General Mascarenhas de Morais, uma vez só. Estávamos num Posto Médico Avançado, e veio se aproximando num carro blindado, era um carro grande com rodas de borracha. Ele parou na porta do Posto Médico, daí um bocadinho desceu aquele baixinho e quando vimos que era o General ficamos até paralisados, apresentamo-nos e ele perguntou para o Tenente: “Está tudo bem aqui, como é que está?” E o Tenente respondeu: “Está tudo ótimo. Não há problema”, então “felicidades!” Subiu no carro e foi embora. Ele corria, não era General de ficar à retaguarda, ficava sempre incentivando a tropa na frente de combate, eu só o vi uma vez.

A maior incidência de ferimentos em combate nos soldados era nas pernas, devido às minas. Já os estilhaços de granada ninguém vê, o estilhaço se separa em pedaços e é tão violento que se pega alguém corta, porque vem assim, rodando e dá a volta e fere terrivelmente. Há estilhaços grandes e alguns minúsculos, que fazem o mesmo mal. Quando pequeno, vem com mais violência que uma bala de revólver.

Eu nunca dei um tiro na Itália, porque só fui lá para ajudar a salvar vidas, fui padioleiro e andava sempre com a padiola nas costas, a minha missão era aquela.

Os exércitos modernos, quando vão em combate, temos como último exemplo a Guerra do Golfo, os soldados vão para o combate todos com coletes à prova de balas, provavelmente, se tivesse isso na FEB, evitaria muito ferimento, muita baixa. E são coletes leves e fortes, agüentam até tiros de fuzil.

Naquele tempo, ouvi falar que um enfermeiro de uma Companhia que tinha o capacete com a cruz recebeu um tiro de fuzil bem no meio da cruz, entrou um furinho e saiu um rombo, tendo morte instantânea. São os atiradores que ficam amoitados em qualquer lugar, com uma luneta e vêem, "bom vai ser aquele". Isso que a turma calculou que tenha sido, porque uma bala de fuzil é perigosa, mas para pegar bem no meio da cruz, deve ter sido um atirador de elite e de tocaia. Havia gente má dos dois lados e tivemos um colega que tentou agarrar uma moça na Itália, mas isso foi um caso isolado, nós não permitimos que ele fizesse nada, as moças da Itália adoravam os brasileiros, mas também não iríamos permitir que agarrassem uma mulher no meio da rua. Nem todos são iguais, sempre há aquele que é pior e faz isso aí mais para se mostrar.

Os casos mais graves eram submetidos à Corte Marcial. Lá no Batalhão de Saúde, o motorista quebrou o câmbio da sua ambulância, mas não era de medo, é que ele não queria ir porque tinha uma namorada, preferia ficar com ela, então o que fez, quebrou o câmbio, porque quebrá-lo é a coisa mais fácil que existe, aí a viatura não anda mais. Ele deu parte do que havia ocorrido, e o nosso Comandante não acreditou, abriu sindicância e descobriu. Dali do Batalhão de Saúde foi para o Depósito, mas não sei se foi julgado, em todo caso houve a anistia. De qualquer maneira, só a punição de ter de abandonar a guerra, os companheiros e voltar dessa maneira inglória é uma coisa tão triste. Não que ele fosse covarde, não, tudo isso foi por causa da namorada. Uma irresponsabilidade.

Eu só sinto uma coisa, só sinto mesmo que hoje sou uma pessoa de idade e não tenho mais condições de ser nada, mas se eu fosse jovem não sairia do Exército, porque creio que as Forças Armadas apuram e estimulam tanto o caráter, como a dignidade, a personalidade e a coragem do ser humano, tornando-o um verdadeiro cidadão. Para mim, o Exército foi e é uma boa escola, principalmente uma escola de brasilidade.

Quando fui para Quitaúna havia um escrito assim nas paredes: "Aqui se aprende a amar e defender o Brasil."

Para mim, essa é uma mensagem que bem resume o papel do Exército Brasileiro.

Lauro Sawaya*

É mineiro de Passos, tem 80 anos de idade. Viúvo, tem quatro filhos e três netas. Fez a guerra, inicialmente, como soldado do 11º RI, Regimento Tiradentes. Foi condecorado com a Medalha de Campanha e citado nominalmente em Boletim Interno pelo Comandante da FEB, Gen Mascarenhas, por atos relevantes durante a guerra. Atualmente, o senhor Lauro Sawaya é industrial aposentado, residindo em São Paulo.

---

* Motorista do QG/1ª DIE, entrevistado em 25 de maio de 2000.

Fui convocado, em 1942, para o 11º RI. Participei da "manobra da fome", em Minas, no Vale do Rio das Mortes. Havia chovido tanto que as viaturas com alimentação não chegavam. Com um amigo, era responsável pela guarda das mesmas. O rio transbordou e não tínhamos possibilidade de passar. Naquele transe tive a oportunidade de ajudar num parto natural. Vi um senhor sem braço, carregando uma criança e, no cavalo, uma senhora que estava dando à luz. A criança foi lavada na água barrenta do Rio das Mortes. Recebeu o meu nome e mora em São João Del Rei.

De São João Del Rei, após um período de preparação, fui transferido para o Rio de Janeiro. Eu integrava a 4ª Companhia, a primeira a embarcar em São João Del Rei, nas gôndolas da Estrada de Ferro até Barbacena, onde baldeamos para outro trem que nos levou até o Rio. Um dos grandes túneis no trajeto para o Rio estava obstruído pela chuva, por isso o atravessamos com todo o material da Companhia no ombro.

Chegando à Vila Militar, fui mandado para o CIE (Centro de Instrução Especializada) fazer um curso de telefonia, taquigrafia e radiotelegrafia. Ao todo freqüentei 12 cursos em dez dias. Eu não tinha interesse de ser promovido, porque meus dois irmãos estavam em idade militar. Um estudava medicina. Existia uma portaria do Ministro da Guerra, pela qual o soldado febiano não podia ter um irmão convocado. Quando perguntavam: "Que aparelho é este? Você conhece aquele?" Respondia: "Não Senhor." Com notória má vontade. Meu objetivo não era deixar de ir à guerra, apenas não queria ser promovido. Continuavam: "O que você fazia? Estudava? Aonde?" "Em São Paulo." "E não conhece esse aparelho?" "Não Senhor." "Você não sabe como funciona?" "Não." "Pois é, você estuda em São Paulo e não sabe o que é um telefone, e passa com nota dez." Depois não fui promovido, mas passei no curso.

De Gericinó, onde acampamos, fui transferido para o QG da DI, do General Mascarenhas. Já pertencia à tropa especial do QG, sob o comando do Coronel Armando de Moraes Ancora, mais tarde General. Não me apresentei porque havia um Capitão que falava: "Você não quer ir?" Retruquei: "Não Senhor, não tenho nada lá, não sei o que é." "Então não vai". Veio uma viatura me apanhar. Procurei o Coronel Delmiro Pereira de Andrade e disse: "Não. Eu não quero ir." "O soldado não tem o que querer, você tem que obedecer a ordem superior." Sem solução, me apresentei ao Estado-Maior. Enquanto na tropa os meus companheiros conviviam com soldados, cabos, no máximo, sargentos, de vez em quando um Tenente ou Capitão, eu lidava com oficiais superiores e generais. Soube depois que minha convocação para lá foi providenciada por meu professor, de São Paulo, Reinaldo Ramos Saldanha da Gama, designado para comandar o serviço especial da Força Expedicionária. Ao chegar, ele me abraçou e explicou que não sabia da minha condição de militar. Entrou no gabinete do General Mascarenhas e disse: "General, vou apresentar ao senhor um homem de minha absolu-

ta confiança, assino em cruz por ele." Então o General falou: "Ótimo, meu filho. Ô, meu filho, faça uma ligação para o Ministro da Guerra, o telefone está aí." Daí para a frente, trabalhei com os senhores oficiais Humberto de Alencar Castello Branco, Amauri Kruel, Braga, Floriano de Lima Brayner, além do próprio Gen Mascarenhas. O primeiro serviço que me deram foi conferir as placas de identidade. Na minha havia a seguinte inscrição: "Brasil, Lauro Sawaya 4G 835740E 44".

Fui vacinado e verifiquei o meu sangue: "O". Ajudei a fazer o serviço postal da FEB. Na ocasião fomos os primeiros a usar o código de endereçamento postal. O CEP do QG era 250. Se alguém escrevesse Lauro Sawaya 250 FEB, a carta chegava lá.

Cooperei na organização do correio coletor, no Largo das Barcas, Rio. Dessa forma começava a entregar a correspondência dentro dos quartéis. À tarde, vinha o pessoal da tropa. Eram mensagens sigilosas e pessoais, às vezes.

Ocorreu um fato que passo a narrar, por oportuno. Um Subtenente foi acidentado, fraturou a perna e o Major Subchefe da 1ª Seção disse: "Precisamos de um Subtenente, o primeiro Subtenente que aparecer aqui." Surgiu o Subtenente Lauro Soares, a quem disse: "Olha, o Major quer falar com o Senhor." "Mas o que ele quer comigo?" Respondi: "Pois é, ele está querendo falar com o senhor, o senhor entra lá." Então ele se ajeitou e foi. Aquele homem logo depois foi vacinado. As vacinas eram a pior coisa do mundo, tomava-se de oito a dez injeções de uma vez. Vinha uma reação terrível. O cartão de vacina valia a sua vida. Se a pessoa perdesse aquele cartão, tomava tudo outra vez.

Eu soube a data do embarque antes. Havia um meio de os covardes se furtarem à emoção. Um deles, que fez isso, pagou caro. Pegou blenorragia, contaminou os olhos e ficou cego. Morreu há uns oito anos atrás.

Embarcamos no navio *General Meighs* que transportava seis mil homens aproximadamente, mais a guarnição. Fazíamos a primeira refeição às 5 horas da manhã e quem não trabalhasse não comia, só receberia o lanche à noite.

Recebemos um cartão que o americano picotava quando entrávamos na fila para o rancho. Não havia a possibilidade de arranjar outro cartão. O colete salva-vidas era incômodo, mal cheiroso. Imagine seis mil homens vomitando no navio, como deveria estar o ambiente. Não usávamos água potável para tomar banho, e sim, estritamente, para beber. Água salgada havia, quente e fria, mas deixava cheiro de sal. Acabei porteiro do cinema; a minha função era fiscalizar na porta, entravam oito, saíam oito. Seção contínua, o mesmo filme, jogo, lutas de boxe. Por esse encargo no cinema, tive a sorte de receber almoço e, às vezes, até umas frutas.

Tornei-me amigo de um americano que gostou de uma moça do Rio de Janeiro. Perguntou onde era Bangu, eu expliquei, aí ele disse: "Quando for ao Rio, vou

procurar o senhor." Respondi: "Tudo bem, o senhor me procura depois da guerra, que estarei lá." Então ele me dava uma maçã, foi assim. O melhor doce, o melhor pão que comi na vida foi o dos americanos, não só no navio, como na Itália.

Em campanha o americano montava uma padaria em vinte minutos. Instalava rapidamente um hospital, como o que puseram em Pistóia. Num bosque, trouxeram as máquinas e organizaram um hospital para atender de três mil a quatro mil feridos, dentro de barracas, com todos os recursos. Não simpatizo muito com os americanos, mas reconheço que se não fossem eles nossas dificuldades seriam imensas. Isso pode ser constatado no livro do General Floriano de Lima Brayner, *A verdade sobre a FEB*. Uma comissão de oficiais foi aos Estados Unidos a fim de estudar o uniforme e acabou fazendo-o igual ao do alemão. Chegando a Nápoles, fomos confundidos com os inimigos. Em Bagnoli, a quarenta quilômetros de distância, os italianos gritavam "tedesco, tedesco!" Era assim "prisionere", "prisionere". Mas que prisioneiro? O americano nos deu inclusive um *field jacket* para evitar confusão. Mas recebemos até tiros dos americanos, em Monte Castelo. Um dos nossos tombou, infelizmente, e passamos a usar o *field jacket*.

Nos preparativos para entrar em combate, fui com uma turma fazer o curso de minas em Caserta. Não falo nem português correto, mas um pouco de inglês, alemão e um árabe de casa.

Recebemos uma profusão de material e outros bens que jamais havíamos visto: limão em pó, ovo em pó, muita coisa. Logo que recebemos o armamento, um soldado me disse: "Olha aqui, Sawaya, olha que óleo esquisito nos deram para limpar o fuzil." Eu falei: "Quem te deu isso?" "Aquele sargento." Estava escrito *tomato juice*, era suco de tomate. Estávamos limpando o fuzil com suco de tomate. Quem falava inglês era de extrema utilidade. Fiz o curso de minas só para praticar. E mina não admite erro, errou, morreu. Estou vivo até hoje, graças a Deus.

Quando chegamos a Nápoles, ficamos acampados em um castelo velho. Vi um relógio lindo e, então, pensei: esse relógio tem mina, olhei, examinei, coloquei um colchão e puxei com um arame; ele caiu no chão e não explodiu. "Ótimo". Estava travado e havia três parafusos no fundo. Tirei as borboletas da corda. A faca que eu tinha não entrava na fenda, para remover os parafusos. Peguei uma gilete, quebrei uma, duas e três, machuquei o dedo. Apanhei o relógio, pus no bolso e falei que ia ficar com ele para mim. Ninguém reclamou. Carreguei-o junto comigo, dentro do Estado-Maior, com toda aquela oficialidade. Eu com capote e o dito cujo no bolso.

Visitei Nápoles com um amigo e mandei consertar o relógio numa relojoaria de um velho chamado Pepe. Ele disse: "O relógio é bom, pode deixar que eu vejo."

Eu ia deixar pago. “Quanto é que custa?” “Setecentos e cinqüenta e nove.” “Toma”. Lira, para nós, era lixo e não havia o que comprar. Passados um mês, dois meses fui buscar o relógio. Encontrei o prédio todo destruído, inclusive a loja que era no térreo. Havia relógios pelo chão. Perguntei ao homem do bar onde eu almoçara naquele dia: “Ali não era a relojoaria do senhor Pepe?” “Sim. Um companheiro seu trouxe um relógio que ao ser desmontado explodiu e trinta e duas pessoas morreram.” Não tenho remorso, porque tentei desmontar o relógio, expus-me àquela armadilha; se soubesse não teria dormido com ele.

Depois fui levar a correspondência do QG para o Grupo de Caça “Senta Pua”. Estive em Pisa, na Tenuta San Rossore, parque de caça do Rei. Havia bichos, uma estrada, um campo e baterias antiaéreas inglesas para proteção da área. Além dessas baterias se encontrava o Grupo de Caça. Andei a pé mais uns cinco quilômetros, uma volta imensa. Uns dois quilômetros de onde estava existia um campo. Quando fui atravessar não vi uma placa escrita em alemão, *Achtung Minen*, atenção minas. Da minha posição não conseguia ver as tabuletas, deitadas no solo. Os ingleses começaram a gritar: “Pára, pára” (*stop, stop*). E eu não compreendia bem, não ouvia o que falavam. Aí ele escreveu mina (*mine*). Eu já tinha caminhado uns 180 metros; para sair tive de executar “O balé do cisne agonizante”. As maiores utilidades de campanha foram o capacete de aço e a faca. O capacete de aço servia para lavar frutas e poderia ser usado como recipiente de modo geral. A faca que trazia na perna serviu para picar o chão. Vinha para cá, voltava para o lado de lá, fui rastejando, removi oito minas e, sobrevivi. Levei oito horas para sair de lá. Em Caserta aprendi a identificar aquelas minas, usando detectores; de ebonite, cerâmica que não eram acusadas pelos detectores, utilizava-se a ponta da baioneta.

Lembro-me bem dos *sfollati* civis que atravessavam a linha inimiga e chegavam famintos, as mulheres e crianças vinham às dezenas. Um dia, apareceram duzentas pessoas que necessitavam de alojamentos e comida. Eu procurava ajudar. Era um dos poucos que tinham acesso ao lado externo do quartel; podia ir e vir quando quisesse. Havia senha e a contra-senha. Foi um absurdo, mas o alemão que nós prendemos sabia a senha e a contra-senha que iria entrar em vigor às 18 horas. Como conseguiu não sei.

Em Porreta, onde funcionava o QG, o quartel estava abrigado da Artilharia alemã, que não dava sossego, era um inferno. Às seis horas da manhã o padre na igreja tocava o sino e cinco minutos depois começava o bombardeio. Um soldado brasileiro, o Davi, tinha pertencido à *Scotland Yard*. Era filho de ingleses e começou a anotar as pancadas. Traduzi em código morse aquele dim dom. Toda vez que ele tocava a Ave-Maria, às 6 horas, na igreja, se saía uma tropa daqui era bombardeada

naquele local e se saísse a cinqüenta metros, também era bombardeada. Incrível! Fomos à missa e falei com padre, um velhinho. Alertei antes: não vamos mexer com esse negócio de igreja, Deus assim não abençoa a gente. O que narro é expressão da verdade; além do mais é um fato pitoresco. O anjo, que segurava o castiçal, era um tubo, com um rádio transmissor e uma antena. O sino confirmava as nossas saídas. O padre não era padre. O resto, deixa pra lá porque não sei o que fizeram com ele.

O serviço de espionagem era um perigo. Havia uma moça que atravessava a linha e ia entregar ovos para sua avó. Era uma beleza de mulher, lembra muito essa moça da novela *Terra Nostra*, a Paola. Freqüentemente levava e trazia ovo, às vezes frutas, com uma cestinha. Certo dia, num bombardeio, teve que ficar no nosso serviço. Como eu era chefe precisei arrumar lugar para colegas que chegavam de viagem querendo alojamento.

Bom, o Davi conversava conosco e com um sargento, chamado Werneck, que já faleceu. Este agarrou um ovo daqueles, começou a jogar para cima e pegar de volta. A moça ficou preocupada, muito nervosa. Desconfiados, verificamos que, quebrando o ovo, havia uma película. Ao cozinhá-lo, quebrava-se a casca e ficava uma membrana branca, onde se encontrava a mensagem. Procurei saber como se fazia isso: pegava-se o ovo, passava-se um cotonete com ácido acético, desenhando ou escrevendo nele o que quisesse. Punha-se o ovo no vapor e o ácido passava para a membrana. Perfeito, não ficava nada para o lado de fora. Como a tinta invisível que se vê com ferro quente.

Quando se pegava um prisioneiro, daqueles *sfollati* que vinham do lado alemão e passavam para o nosso lado, era preciso tomar cuidado. Já no fim da guerra, com a rendição daquela Divisão alemã, encontramos um moço, muito jovem, da mocidade de Hitler. Pessoal da SS, tropa especial alemã, como a Gestapo. Eram tatuados com a cruz suástica debaixo do braço. Quando homens de quarenta ou cinqüenta anos eram tranqüilos; os mais novos de 14 ou 16 anos mostravam-se fanáticos. Por isso ficavam separados: e enviados para os campos de concentração, para depois responderem por crimes de guerra.

Por fim, a campanha felizmente transcorreu bem. Fomos treinados, embarcados, transportados e entramos em combate para enfrentar homens com seis anos de tarimba; lutamos contra um Exército moderno, potente, que dispunha de ótimas armas. Nós brasileiros, vindos de toda parte do território, tivemos pela frente um inimigo ferrenho e decidido, no maior conflito de toda a humanidade.

E houve outros problemas: o frio, as moscas. Insetos medonhos, atrevidos, entravam no nariz, no ouvido, até dentro do maço de cigarros, era incrível. Comíamos geléia muito gostosa que os americanos forneciam, de maneira que no meu

bolso tinha bastante geléia de laranja, pois não se podia comer em paz que vinham as abelhas aos montes, e como picavam! Tudo isso, mais neve e barro.

Certo dia, chegou uma comissão de médicos americanos querendo saber por que o brasileiro não sofria do "pé de trincheira". Problema de saúde que os afligia demais. Eu vinha chegando da frente, eles disseram: "Esse aí veio de lá, está sempre nesse vai e vem.

Fiquei um pouco assustado, cheio de oficiais americanos falando comigo. "O que o senhor deseja?" "O senhor veio do *front*?" Eu falei: "Eu vim, sim senhor". "Você vive lá?" "Não, não vivo lá, mas duas ou três vezes por dia tenho que ir, depende dos serviços." "Então tire a sua bota". Já havíamos concluído que se usássemos o *combat boot*, mesmo com os pés cheios de meia não estaríamos bem protegidos. Melhor, então, pegar as meias, colocar pena de galinha, jornal, que era o melhor, palha, feno, qualquer um desses materiais mais secos. Todos os dias, à noite, trocava por outro e deixando o usado secar. Como tínhamos rolos de papel higiênico, aos montes, então nós os usávamos para enrolar os pés; depois púnhamos uma outra meia grossa por cima para segurar o papel, que era frágil e não suportava o atrito.

Isso tudo fazia o papel de isolante térmico, para proteger o pé e evitar o congelamento. E agora, pensei, quando o americano vir que eu estou com essa bota cheia de papel? Perguntado o que fazia, expliquei: "Estou me protegendo, qual é o problema?" "*Congratulations*, vocês estão nos dando uma lição, lição para nós." Os brasileiros vindos de um país tropical, não conheciam a neve, o frio é terrível. Eu tive congelamento da perna, fiquei três horas e pouco dentro de um *fox hole*, nevando, a temperatura de 15 a 18º C abaixo de zero. Quando tentei levantar, sair do buraco e andar, o pé doía e quase o tive amputado.

A necessidade ensina artimanhas que o soldado deve usar. A latinha onde estava a ração comum, uma vez que não se podia sair para atender às necessidades, com o frio que fazia, a gente utilizava para urinar. Era preferível isso do que por a cabeça para fora. Pouco a pouco aprendia-se. O *fox hole* era simples, com um dia, dois dias já tinha até prateleira, um lugar para guardar cigarro; fomos nos adaptado.

Ninguém vai à guerra para matar, como também não vai para morrer. Mas chega a um ponto em que o indivíduo vê seu amigo dilacerado e se transforma quase numa fera e mata.

Às vezes, atravessar uma ponte, era um verdadeiro suplício, porque o alemão observava lá de cima quando passávamos com o jipe e atirava, com morteiro. Eles usavam, também, o canhão 88mm; jamais vira nada igual. Era como um tiro de fuzil, se apontasse na viatura acertaria em cheio. Era uma coisa terrível!

Sempre fui bom atirador no 11º RI. Meu avô era proprietário de uma oficina mecânica; limpava armas e eu atirava com elas. Foi assim que aprendi. Chegamos a uma cidade, onde havia uma casa de campo. Lá se encontrava o cadáver de um italiano degolado e pendurado no paiol. Resolvemos enterrá-lo. Eu e tenente tínhamos antipatia recíproca e até cordial. Pois ele mandou ajudar a sepultar o homem. Jamais recusei qualquer missão, graças a Deus. A minha folha de serviço estava "batuta", mas na hora de tirar o homem lá de cima, com um tanto de língua para fora da boca, e cheirando mal, refuguei; o colega, responsável pelo sepultamento, apelou: "Diga ao Sawaya, que é bom de tiro, para arrebentar a corda". Então, atirei com minha carabina, o corpo caiu e saíram de dentro do corpo, pela boca, quatro baratas grandes. Aí corri de medo. Para todos os efeitos, para meus colegas eu estava correndo do defunto e não das baratas, porque se soubessem que era delas, cairiam de gozações em cima de mim.

"Não sou homem perto de uma barata. Mas outro dia vi uma que se aproximava de minha neta. Como estávamos sós, eu a matei. Para mim fui um herói. Liquidei o inseto. Lembrei-me do episódio que narrei antes.

Presenciei muitas cenas comoventes: Estava na escolta de um comboio, transportando granadas de morteiro de um depósito que ficava perto de Pistóia; tínhamos que trafegar numa serra. Ao descer, quase chegando a Porreta, passava um avião com a cruz suástica e lançou uma bomba. A bateria antiaérea estava desativada.

Mas o avião parecia em chamas, foi até as montanhas e se espatifou. Ajudei a fazer o levantamento da queda que atingiu vários civis: vinte e tantas pessoas morreram, inclusive crianças. O avião largara a bomba em Porreta Terme, a quatrocentos metros do QG onde o General Mascarenhas estava. Mas tinha sido atingido porque já vinha soltando fumaça. Depois de lançar o petardo, caiu.

Fui ferido em Porreta Terme. Quando estava dormindo, abrigado num bar, chegou o Subtenente Francisco Iêro. Eu dormia numa mesa de bilhar e do meu lado dormia o sargento Francisco de Assis Bezerra de Meneses, que morreu há alguns meses atrás. Morava em Barretos e era um advogado brilhante. O Subtenente queria apresentar-se ao chefe e eu disse que, naquele momento, não dava para ir até o QG, que ficava a uns trezentos metros mais ou menos. Já eram quase seis horas da manhã, o alemão começaria a atirar. Eu era soldado raso e falei: "Aqui é cada um por si, o senhor pode dormir na mesa de bilhar, no meu lugar, por volta das três horas da manhã vai chegar o sargento Francisco de Assis e vai dormir do seu lado, é boa gente." Dei o meu lugar para ele, fui deitar num canto onde havia uns cobertores. O alemão já havia bombardeado a casa anteriormente. Às cinco horas da manhã o teto não agüentou o peso da neve, vieram quatro andares em cima de nós, o subtenente

faleceu. Tiramos doze caminhões de escombros. Só fiquei ferido porque uma viga me protegeu, bem como ao Maurício Castello Branco, sobrinho do Ten Cel Castello Branco, que foi nosso presidente. Consegui salvá-lo e foi por essa razão que ganhei a citação. Não seria preciso, apenas cumpri meu dever e não sabia que estava ferido. Não tenho a Medalha de Sangue, porque fugi do hospital. O hospital era terrível, não pela falta de recursos, porque era excelente. Mas quando dava o toque de silêncio, pela morte de um colega, era um negócio muito difícil para a gente suportar.

Depois da guerra, no regresso ao Brasil, viajamos no navio *Pedro I*. Eu já perdera o primeiro embarque. O Comandante era o Armando de Morais Ancora. Já havia racionamento de água e de comida. Começava tudo de novo. Nós deixamos lá atrás muita miséria, como um pai vender a filha por um prato de comida.

Fomos à guerra porque nossa honra tinha sido atingida pelos afundamentos dos navios com tantas mortes de irmãos inocentes: tenho os relatórios dos comandantes de alguns desses navios, *Anibal Benévolo, Araraquara, Rio Grande do Sul e Minas Gerais*, um punhado de navios mercantes que transportavam tropas para Recife, desarmado, só para transferência de guarnição.

Mas pagaram caro por isso. Éramos 25 mil e morreram 450, mas aprisionamos praticamente 21 mil alemães e italianos e 2 generais que vi pessoalmente. Tenho uma medalha de um deles: eu de guarda, ele sentado no carro esperando a rendição, que tinha que ser feita por um oficial, ou seja, o General Falconière. Eu fumava e perguntei ao General alemão se ele desejava fumar: ele não só aceitou o meu cigarro, como também me ofereceu como *souvenir* a única medalha que trazia no peito. E disse: *“Ein Deutch souvenir”*. Uma lembrança alemã.

Chegamos ao Brasil com a certeza do dever cumprido. Contribuímos para que o mundo pudesse viver livremente. Peço a Deus que não, mas se o Brasil precisar, estarei pronto, dentro das minhas possibilidades, para defender a Pátria, porque é minha. Enquanto a gente viver não vai ser de ninguém, de bandeira vermelha, de bandeira roxa ou azul, nada disso, e sim verde e amarela.

Newton La Scaléia*

Paulista da capital, com 79 anos de idade, é casado e tem dois filhos.

Fez a guerra como 3º sargento chefe de peça de morteiro 81 mm, da CPP 1 do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria.

Por sua participação na Segunda Guerra Mundial, recebeu as seguintes condecorações: Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra.

* Chefe de Peça de Morteiro 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, entrevistado em 19 de setembro de 2000.

Quando fui convidado a dar uma entrevista sobre minha participação como integrante da Força Expedicionária Brasileira, relutei em aceitar, porque os roteiros e os combates efetuados durante a passagem da tropa brasileira na Itália devem estar registrados minuciosamente, ou, pelo menos, deveriam estar registrados nos anais da história do nosso Exército. Mas, como me convenceram da importância do Projeto História Oral para a memória do Exército, resolvi contribuir com a narração dos fatos que traduzem a minha experiência naqueles episódios que a História não registrou.

Mesmo antes de a Força Expedicionária Brasileira desembarcar na Itália, todos sabiam que enfrentariam um inimigo que, mesmo debilitado, era ainda um adversário temível.

A Alemanha começou a perder a guerra quando foi obrigada a abandonar a África. Posteriormente foram invadidas a França e a Itália. A essa altura os alemães já sabiam das imensas dificuldades que enfrentariam em todas as frentes. Era um país que se habituara ao estado de beligerância: na Primeira Grande Guerra, de 1914 a 1918. Depois, na década de 1930, participou da Guerra Civil espanhola, assessorando uma das facções e realizando testes de armas e táticas, em seu próprio benefício.

Na Segunda Guerra Mundial, os alemães tentaram corrigir os erros cometidos na Primeira. Apresentaram novidades, naquela época: uma tropa motomecanizada leve de grande mobilidade e uma blindada de grande poder de fogo e também bastante móvel. O principal objetivo da Alemanha era derrotar a Inglaterra e a França. A Inglaterra dominou o mundo desde o século XIX até meados do século passado. A França era um país da alta hierarquia militar mundial. Neste último caso, comprovou-o nosso País, adotando na década de 1920 a assessoria de uma Missão Militar francesa para o Exército Brasileiro.

Quando a Alemanha desencadeou a Segunda Guerra Mundial, estava, como se diz na gíria, "na ponta dos cascos", havia passado por muitas experiências e evoluído na estratégia e na tática.

E o resultado foi aquele que assombrou o mundo na época. Ocupou a Theco-Eslováquia e a Polônia em dois dias, dois países que tinham e têm uma indústria pesada considerável. Ocupou a Holanda, a Bélgica e finalmente a França, potência européia e colonialista à época e que havia se preparado por mais de dez anos, construindo a famosa Linha Maginot com vários quilômetros, na extensão de sua fronteira com a Alemanha.

Essa linha de defesa poderosa possuía até linha ferroviária subterrânea, onde havia casamatas blindadas e canhões colocados espaçadamente. Era uma obra-

prima de defesa, considerada avançadíssima para a época, bem como inexpugnável. Todo esse aparato bélico não resistiu sequer a duas semanas de ataque do poderoso Exército alemão.

Essa era a Força que nós, brasileiros, iríamos enfrentar!

Ela estava derrotada?

Estava.

Ela estava debilitada?

Estava, mas ainda era forte em armamento e com combatentes experientes.

E o que era a Força Expedicionária Brasileira? Uma Força medianamente preparada fisica e taticamente, usando material desatualizado e sem qualquer condicionamento psicológico. Se não existisse nenhum motivo para que o ex-combatente fosse reconhecido, somente esse fator já seria o suficiente para que os participantes da Força Expedicionária Brasileira fossem admirados, respeitados e reverenciados, como fizeram todos os outros países, principalmente pelos países que foram derrotados.

Correram rumores de que na véspera do embarque houve ordem para que todos os militares incorporados à FEB, internados nos hospitais, recebessem alta, ainda que doentes.

O resultado dessa ordem teria sido o embarque até dos que tivessem lesão nos pulmões, doença pertinaz e fatal. Posteriormente, os comentários falaram em repatriamento..

O brasileiro sempre foi carente no que se refere à saúde, evidentemente, se fossem submetidos a um exame mais rigoroso, não apresentariam condições físicas para enfrentar as agruras e sacrifícios que uma guerra impõe. Esses fatos poderão ser constatados ou não, através de uma retrospectiva que se faça nos arquivos dos hospitais militares daquela época. Se quiserem proceder a um levantamento, acho que encontrarão os registros nos devidos lugares.

Outro fato interessante ocorreu com o soldado André. Parece-me que ele era do 11º RI, não sei direito, ele foi no 2º escalão. Míope, usava uns óculos com lentes grossas. Hoje, a miopia através da cirurgia pode ser corrigida, naquele tempo não havia essa possibilidade.

E era fator de inabilitação para o serviço militar.

Ele trabalhou na Associação no tempo em que existia um casarão velho, ficou lá como caseiro e me contava a sua situação. Logo nos primeiros dias de combate foi preso e só foi solto no final da guerra. Comentando o ocorrido ele dizia que o Tenente pediu que ele verificasse o cabo telefônico, pois, como tinha havido um bombardeio no local, talvez os fios estivessem partidos.

A fim de cumprir a missão, começou a acompanhar o fio andando em determinada direção. No começo não tínhamos rádio, depois, já no final da guerra é que apareceram uns rádios. Ele pegou o fio e foi andando para localizar o ponto em que tinha se partido.

Assim, com o fio nas mãos, subia e descia elevações, até que, finalmente, na sua mão apareceu a ponta do fio partido. No momento em que se abaixou para pegar a outra parte do fio, viu dois pares de botas. Como ele era franzino, míope, abaixado olhando para cima viu dois alemães que pareciam dois gigantes e sentiu que havia outro atrás, por estar sendo suspenso pelo cangote.

O diálogo que se estabeleceu entre eles para nós hoje é até cômico, mas para ele naquele momento foi terrível. Os alemães que estavam na frente gritando, rindo, enfiavam cano da metralhadora na sua barriga e o que estava atrás procedia da mesma maneira, colocando o cano da metralhadora nas suas costas, brincando com ele. O alemão falando em sua língua e ele respondendo em português.

Da forma que ele me contou, acho que os alemães estavam falando – isso é uma suposição minha:

– O que você está fazendo aí, malandro?

A resposta dele foi:

– Cuidado!

Ele punha a mão nos canos das armas e falava:

– Cuidado com esses canos de metralhadora, senão vocês me matam.

Ora, nós todos sabemos que numa guerra a única coisa que se faz o tempo todo é tentar matar o inimigo. Eles estão do lado de lá sem saber por que e nós estamos do nosso lado, também sem saber por que, mas o fato é que se você não matá-lo, ele vem e o mata.

Portanto, o diálogo deve ter sido interessante e digno de nota; citei esse fato porque ele não poderia nem ser convocado.

Mas, considerando as possibilidades e condições de sobrevivência dos alemães, ele foi até bem tratado; comia na maioria das vezes uma sopa de batatas. Os perigos que correu, como prisioneiro, foram grandes, por estar sob o fogo da nossa Artilharia, bem como nos deslocamentos que os alemães faziam e eram perseguidos pela aviação aliada, que, ao verem movimentos de tropas, não queriam saber se eram prisioneiros ou não, bombardeavam mesmo. Felizmente ele sobreviveu e foi solto no final da guerra.

Os alemães sabiam que a guerra estava perdida e atuavam sempre defensivamente; enquanto podiam se mantinham à frente das posições que pretendiam defender, a fim de garantir espaço suficiente para manobrar, desgastar o adversário e depois contra-atacar.

Essa era a tática preferida dos alemães, naquelas circunstâncias e curiosamente todos os reveses da FEB, com sérias conseqüências, decorreram desse procedimento. Só através de contra-ataques, como uma ação dinâmica da defesa, efetuados quando o atacante estava perdendo a impulsão ou encontrava-se enfraquecido em determinado setor. Neste ponto e momento sobrevinha o contra-ataque.

E foi exatamente isso. O 6º RI sofreu, algumas vezes, as conseqüências dessa ação do inimigo. Duas delas ficaram gravadas na minha memória. A região de Barga – Samocolonia – Montese era considerada de importância vital para a defesa alemã, tanto é que essas alturas só caíram quase no final da guerra, no arranque final para o Vale do Pó. Parece que eles tinham ali depósitos de munição, era entroncamento de estradas, uma região muito importante para seu esquema.

Na medida do possível vou tentar descrever como se desenvolveu essa batalha. Recebemos ordens de acompanhar uma das companhias do 6º RI em sua progressão no terreno. Como o inimigo recuava e oferecia pouca resistência, fomos avançando. O terreno era acidentado, cheio de elevações, tempo chuvoso, uniforme molhado, mudando de posição a todo instante, com material pesado, placa e tubo do morteiro 81 mm, metralhadora, reparo de metralhadora, cunhete de munição, isso durante dois ou três dias. Estávamos todos exaustos e o pior, com munição escassa. Quando comunicávamos esse fato aos nossos superiores, recebíamos resposta evasiva.

Lembro-me do sargento que falou durante um contra-ataque alemão que a munição havia acabado e o Tenente disse para ele usar a coronha do fuzil e se defender. O fato é que, no momento e em razão das condições da nossa localização, não era possível efetuar o remuniciamento, pois ali só se podia chegar se fosse em lombo de mulas. E estávamos sob as vistas do alemão, que ocupava sempre os pontos mais altos.

Os alemães, experientes na arte de guerrear, estavam oferecendo alguma resistência e recuando propositada e lentamente, para que a nossa tropa ficasse cada vez mais desgastada. Quando atingíamos, com muito sacrifício, a região que eles queriam, as nossas armas pesadas, metralhadoras e morteiros, estavam todas assinaladas. Eles ofereciam resistência, nós atirávamos com morteiro, eles localizavam as posições de nossas armas; de repente aparecia uma estrela em cima das nossas posições, uma estrela azul, verde, vermelha ou laranja. Eram eles assinalando as posições, porque já sabiam, por exemplo, onde se encontrava o morteiro 81mm, uma metralhadora, morteiro .60, eles sabiam tudo.

A tropa alemã que vinha recuando, fazia um alto, oferecendo resistência mais acirrada e, ao mesmo tempo, abria uma brecha para outra tropa vinda da

retaguarda avançar. Era a tropa do contra-ataque, nem precisavam de muita gente, todos com armas automáticas, descansados e especialmente preparados em contra-ataques dessa natureza.

Sabendo que estávamos desgastados, a tropa de contra-ataque alemã formava um "triângulo" com um vértice voltado para frente; a tropa que estava resistindo abria uma brecha, eles passavam por ali, naturalmente na faixa mais favorável, em relação ao nosso dispositivo e às condições do terreno.

No momento da abertura da brecha, numa manobra rápida, atacavam numa faixa estreita de nossa linha de contato, no flanco direito ou no esquerdo. Investiam e arremetiam sobre o lado maior da frente. O grupamento menor da nossa tropa era assim isolado, sem qualquer possibilidade de reação. Eles penetravam a retaguarda de nosso dispositivo já dissociado e desorganizavam tudo.

Em síntese: investiam sobre um quarto da frente, abriam a brecha, dividiam a tropa atacante e, mudando de direção, atacavam os restantes três quartos.

Evidentemente, ninguém ia esperar uma reação de uma tropa que vinha recuando por vários dias, praticamente sem oferecer resistência e, de súbito, recebe um ataque violento, explorando a surpresa.

Era difícil resistir e, em alguns casos, o desfecho foi trágico para nós. Sem poder retrair ordenadamente, via-se um recuo quase descontrolado. Eles começaram o contra-ataque em direção às armas pesadas; naquela oportunidades poderiam até fazer outra opção, se achassem que seria o melhor. Mas naquele momento vieram em direção às nossas metralhadoras e morteiros que já haviam sido localizadas. Eram as armas de proteção da Companhia de fuzileiros à nossa frente.

Quando eles romperam as nossas linhas, foram pela direita e por trás, em direção ao Posto de Observação da nossa Subunidade, localizado numa elevação. Era uma construção em ruínas, toda arrebentada. O nosso pessoal estava em retirada, o cabo Gomes e um sargento, cujo nome não recordo, já tinham pulado a janela em direção a um declive. No momento em que o Tenente Pinto Duarte saltou, foi atingido por uma rajada de metralhadora na região da barriga, ele ainda conseguiu rolar em direção ao declive, mas veio a falecer. Em seguida saltou o Capitão Atratino, que se machucou também, mas não foi ferido, só se contundiu na hora em que pulou. O Capitão Atratino Cortes Coutinho, anos depois, foi promovido a General. O Capitão, auxiliado pelo sargento e pelo cabo, arrastou o Tenente Duarte para uma espécie de caramanchão e aplicou nos seus ferimentos os curativos individuais. O Tenente já não falava mais, estava agonizando e instintivamente levava a mão à barriga toda ensangüentada, em direção ao coldre, procurando sua pistola .45, e balbuciando suas últimas palavras, pediu ao Capitão para matá-lo.

Por ser um homem de porte avantajado, medindo cerca de 1,85m, pesava mais de 80Kg, tornando impossível o transporte de seu corpo naquele momento. Ele foi deixado no mesmo local e, à noite, o Capitão formou uma pequena patrulha para resgatar o seu corpo, o que não foi possível realizar, pois a área estava totalmente sob controle dos alemães.

Pouco depois caiu a neve, a guerra prosseguiu e só após mais ou menos três meses, no degelo, é que o corpo do oficial foi resgatado no mesmo local em que havia sido deixado; o corpo estava conservado pela neve.

Um outro contra-ataque foi efetuado da mesma forma e ficou marcado pelo fato da chegada recente, na verdade um dia antes, de um oficial, Tenente Adão Hernandes, para estagiar na nossa Companhia. Depois de recuar para a posição anterior, eu estava sentado, bebendo água quando ele chegou e disse:

– Que dia hein! Quase que morro em meu batismo de fogo.

O Tenente Adão, depois da guerra, foi designado para o contigente que foi enviado para Suez. A última vez em que o vi foi na Rua Conselheiro Crispiniano, nas imediações do antigo Quartel-General. Ao me reconhecer, me chamou, abraçamo-nos e fomos tomar um café. Já era Coronel e alguns anos, após a sua reforma, faleceu.

Num determinado momento, não lembro quando, houve um alvoroço na nossa tropa; corria a notícia que as forças alemãs vindas do Adriático, após abrirem uma brecha (portanto, atuando da mesma forma), tentaram isolar as Forças Aliadas, cortando a bota da península italiana à nossa retaguarda. Eles sempre atuavam assim, abriam uma brecha e se infiltravam na retaguarda. O interessante é que nem a tropa brasileira, nem a americana tinham uma tropa de reposição imediata em reserva.

Como seria um ataque de grande envergadura, não estavam em condições de executá-lo; na época, comentaram que quase tiveram êxito.

O risco de vida que toda a Companhia corre, do soldado ao capitão, é igual quando o combate é generalizado, mas quando há necessidade de uma patrulha de reconhecimento, que entra na “terra de ninguém”, ou uma patrulha de combate com a finalidade de destruir uma casamata ou um ninho de metralhadora etc... o risco de vida do soldado ou sargento é evidentemente muito maior.

A perspectiva que um sargento tem da frente de combate restringe-se ao seu limite de visão. Somente ao que pode divisar. Em um Regimento, com seis mil homens, que entra em operações, em determinados momentos, fica-se sozinho, perde-se o contato com outros elementos, fica-se isolado no Pelotão ou no grupo.

A maneira pela qual os alemães executavam suas manobras e táticas eram, inicialmente, desconhecidas para nós. Só fui perceber muito tempo depois, quando a frente se estabilizou, no período do inverno.

Eu estava no comando de uma Seção de Morteiro 81mm, numa daquelas elevações, onde o frio era intenso, atingindo os 19° negativos. A neve é uma beleza quando se está bem abrigado, próximo a uma lareira, olhando pela vidraça da janela. Bem diferente de quando a vemos enfiados em um buraco, com aquela temperatura de 19° negativos, é mortal. Os habitantes da região afirmavam que fazia anos não se registravam temperaturas tão baixas.

Quando podia, sempre fazia uma retrospectiva do que havia acontecido conosco. Não me conformava com as perdas que tivemos, considerando que o Exército alemão estava no fim de sua resistência.

Numa das inúmeras verificações num mapa que eu havia conseguido, constatei que os alemães sempre procediam da mesma maneira, recuando, resistindo e contra-atacando e sempre pelos flancos. Lamentei, na ocasião, constatar que falhamos em não nos adequarmos taticamente àquelas situações. Ainda não tínhamos adquirido experiência suficiente, enquanto eles, por anos a fio, vinham executando os mesmos truques.

Mas, o brasileiro é um povo extraordinário, dada a facilidade com que se molda às situações adversas. Quando os fatos são favoráveis, deixa de aproveitar as vantagens que poderia usufruir, mas quando a situação lhe é desfavorável, ele sempre se supera.

E foi o que aconteceu. Eu, um simples sargento, enxerguei além do meu ângulo de visão, não sei se realmente foi isso que sucedeu, mas acredito que tenha sido. E creio que com todos os meus companheiros tenha se dado o mesmo e a prova disso é que perdemos 470 homens, tivemos quase dois mil homens feridos e desaparecidos. A maioria dessas perdas ocorreu nos primeiros combates de que a FEB participou. Dali para frente o brasileiro já era um veterano e isso ficou provado, do Vale do Pó até o final da guerra.

Aprendemos fazendo a guerra, aprendemos no combate propriamente dito, vendo companheiros morrerem, vendo o modo de operar do inimigo.

No final da guerra nossas perdas foram reduzidas. Mas no início tivemos pesadas baixas, como em Monte Castelo, nos primeiros combates.

As baixas que tivemos, no meu entendimento, foram exageradas e poderiam ter sido evitadas, pelo menos em parte. Pagamos pelos nossos erros, infelizmente foi um preço muito alto que poderia ter sido minimizado.

Para manter três mil ou quatro mil homens na frente de combate é preciso outro tanto à retaguarda, tratando do reabastecimento, remuniciamento e outras coisas, um suporte logístico adequado, além de ter uma tropa na reserva para qualquer eventualidade.

É preciso relatar a experiência da guerra para os atuais militares, que ainda são jovens e vão viver trinta ou quarenta anos mais, o nosso País está numa fase de transição e não sabemos o que vai acontecer amanhã.

Em 1942 eu era sargento, hoje quando eu passo por um quartel e vejo o sargento Comandante da Guarda, parece que sou eu que estou ali e já se passaram 58 anos...

Um exemplo de emprego precipitado de tropa ainda inexperiente é o do 6º RI que, depois de mais ou menos dois meses de combate ininterrupto, foi substituído por outra Unidade do 2º escalão. Esta, logo em seguida, sofreu um ataque violento e foi necessário que elementos do 6º RI, que estavam em descanso, retornassem urgentemente ao combate para retomar as condições anteriores.

Quando chegamos à Itália, depois de algum tempo de adaptação, recebemos armamento para treinamento, metralhadoras, morteiros 60 e 81mm, fuzil metralhadora e o velho fuzil 1908. Essas armas já eram conhecidas nossas. Esse problema os americanos também enfrentavam, uma vez que o armamento bélico alemão era superior, imagine que a nossa metralhadora dava 350 tiros por minuto, a deles dava 1.200 tiros por minuto. Era três ou quatro vezes mais, quando ela disparava era possível cortar o galho duma árvore, na rajada não dava para distinguir um tiro do outro, era muito rápida.

Fazendo a conta, 1.200 tiros por minuto, são 20 tiros por segundo.

Nós tínhamos a pistola .45, eles tinham a Luger e a P-38, ambas armas alemãs muito boas.

A P-38 é automática ou semi-automática, com um botão selecionava-se qualquer uma das funções e ela possui trava. Quando precisava de um tiro com maior precisão usava a função semi-automática.

Mas acho que não era tanta vantagem, porque uma arma automática precisa de muita munição e quando se aperta o gatilho, saem logo três tiros ou mais e nem sempre são necessários tantos disparos de uma vez só, por isso acho que não era tanta vantagem, mas o fato é que assusta o adversário.

Está provado que, sobretudo em metralhadora de mão, em se fazendo a pontaria correta, o primeiro tiro da rajada tem a tendência de acertar ou passar perto do alvo, mas os outros dispersam. Por isso, se usa munição traçante em metralhadora para conferir a pontaria, para poder ver onde está acertando. Porque, durante a rajada, a metralhadora puxa para o lado e com a bala traçante o atirador pode corrigir a pontaria.

Normalmente a cada dez cartuchos é colocado uma traçante no carregador ou na fita.

Tinha também a Browning, uma pistola belga, cujo aço é muito bom; quando a Alemanha invadiu aquele país, tomou a fábrica para ela. Eu possuo uma Browning que tem na tampa da culatra o símbolo nazista: esse é o valor dela atualmente, na cartucheira de couro cru também existe gravado o símbolo nazista; é uma arma histórica.

Quando voltei da Itália, trouxe uma Beretta, uma Luger e a Browning. A Beretta e a Luger eu vendi, não precisava de três armas. Já pedi a meus filhos que, após a minha morte, façam doação dessa arma ao Exército, mas enquanto viver ficarei com ela e com o cinturão, quer dizer, com a fivela, por que, não sei o que deu na minha cabeça, aproveitei o couro do cinturão noutra coisa, era um couro bonito, mas a fivela está lá e tem escrito nela: *"God me"*, Deus comigo.

Mas o que chamava a atenção era a diferença entre o material e equipamento da tropa americana e o da tropa brasileira. O brasileiro, após os primeiros combates, passou a atuar numa área montanhosa, onde a luta é completamente diferente. Além de treinamento específico exige equipamento especializado.

Os americanos usavam botas que se ajustavam ao terreno, mochilas justas no corpo – equipamento da 10ª Divisão de Montanha –, cordas habilmente enroladas e presas no cinturão, facas especiais e roupas próprias para enfrentar o inverno, além de veículos adaptados para circular em montanha, em qualquer terreno seco, chuvoso ou na neve. Nós tínhamos o velho jipe com uma corrente que rompia a toda hora, era uma desgraça; aquela corrente destruía as estradas, depois que passava um, não passava mais ninguém.

Para lutar em região montanhosa, os americanos treinaram nos Estados Unidos uma Grande Unidade por mais de um ano, a conhecida 10ª Divisão de Montanha. . As Forças Brasileiras tiveram uma grande ajuda dos *partisans*, todos alpinistas de Unidade Alpina italiana.

Parte do Exército italiano era contra os nazistas, e a invasão das Forças Aliadas pela Sicília foi facilitada pelos italianos, que tomou conta do Sul do país. Quando os alemães souberam, foram naquela direção e se encontraram em Monte Cassino, que foi a maior batalha na Itália, onde os americanos perderam muitos homens.

Os brasileiros não estiveram em Monte Cassino, chegamos depois, quando as operações de guerra estavam se realizando além de Pisa. Monte Cassino foi palco de uma luta terrível.

Para lutar em região montanhosa, o homem tem que possuir físico privilegiado e ainda realizar treinamento específico para adquirir maior senso de direção, noções de distância perpendicular e horizontal.

As únicas montanhas que eu tinha visto no Brasil, e de longe, foram o pico do Jaraguá, em São Paulo, e o Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro. E, de repente, me vi lá no meio dos Apeninos, naquela vastidão de elevações enormes, enfrentando o começo de um inverno rigoroso. Nas tardes de chuva, só as nuvens negras já amedrontavam e tornavam o panorama trágico.

No nosso treinamento, ainda no Brasil, nunca se falou em combate em montanhas, e essa foi mais uma falha grave de quem sabia, antecipadamente, que as nossas tropas iriam atuar naquela região.

O preparo psicológico numa guerra é muito importante, principalmente no seu início, quando o soldado está experimentando o batismo de fogo.

Como controlar os nervos, como controlar o inimigo que quer matá-lo, de perto, de longe, às vezes a quilômetros de distância por um atirador solitário ou sob o fogo de metralhadoras, morteiros, artilharia pesada e nos combates em localidade.

O combate em localidade é muito peculiar: a população também pode comportar-se como inimigo; as mulheres são massacradas, judiadas, violentadas, estupradas pelos combatentes. É o pior lugar para guerrear, sobretudo quando a população local não foi evacuada. Vimos o que aconteceu no Vietnã com os americanos, eles guerrearam contra os vietcongs e contra a população.

A história, mesmo narrada, contada, transmitida, escrita, ainda assim pode ser deturpada. Quem conta o faz de uma forma; quem ouve, às vezes, entende diferente; podem ocorrer omissões ou acréscimos.

O meu relato, jamais feito anteriormente, se assemelha à história de índio. O pai conta para o filho; o filho para o neto; o neto para o bisneto e assim por diante. Portanto, se em minha narração houver algo que deva ser aproveitado, certamente será difundida para outra pessoa e assim sucessivamente.

Lamentavelmente, muitos jovens que foram além-mar defender a Pátria, compondo a nossa gloriosa Força Expedicionária Brasileira, foram relegados a um segundo plano, sem que fossem atendidas as suas necessidades mais prementes, em decorrência da guerra. Cinqüenta e seis anos que o tempo se encarregou de empurrar rumo à poeira do esquecimento.

Os participantes da FEB têm a satisfação, o orgulho, a honra e o privilégio de terem nascido numa época que lhes possibilitou a participação na Segunda Guerra Mundial em defesa da Pátria.

Voltando às coisas mais amenas, naquela época não existia camelô em São Paulo. Até mais ou menos 1920 ou 1925, 70% da população de São Paulo era de estrangeiros, a maioria portuguesa e depois italiana.

Antigamente, antes da guerra, quem se apresentava em São Paulo para servir ao Exército acabava em Mato Grosso, e quem era do Mato Grosso vinha servir em São Paulo. Quando chegavam no 4º RI, na hora do rancho, deixavam as malas no pátio do quartel. O soldado é bicho danado, quando *os recrutinhas* iam mexer em suas malas, os mais antigos gritavam:

– Cuidado com a cobra! Olha a cobra!

O recruta ia pegar alguma coisa na mala e ficava o quartel inteiro gritando:

– Pega a cobra! Olha a cobra!

Tudo por causa do pessoal que chegava à Praça da Sé com a mala da cobra, colocando cigarro na boca da cobra, fugitivos do rapa; portanto, associaram o perigo com a cobra e daí quando havia uma situação difícil, um combate mais duro, o pessoal falava:

– A cobra vai fumar!

Penso que foi isso, matutei muito nesse assunto e não encontrei outra explicação.

O nosso embarque foi uma coisa fantástica, um verdadeiro mistério. Realmente não tínhamos idéia de quando seria. Cada noite saía um Batalhão; fui um dos primeiros homens a entrar no navio, era da CPP/1 do meu Batalhão. Foi emocionante, a gente sabia que ia para a guerra, aquela neblina e aquela navio gigante no cais, aquilo mexeu com a gente.

Mandaram todas as embarcações que estavam no porto ficarem circulando na Baía de Guanabara, numa operação de dissimulação. Mas ficou pior ainda, pelo contraste, pois apareceu um "monstro" daqueles de sessenta mil toneladas, com um canhão de cada lado, transportando bombas anti-submarino, e tudo mais. O navio que embarcamos, o *General Mann*, era maior que o *General Meighs*, que tinha mais ou menos 200m; o *General Mann* deveria ter uns 250 metros, um navio do tamanho de três quarteirões de comprimento, não dava para esconder.

Quando chegamos à Itália estava tudo desorganizado... Eu, por exemplo, enjoei muito durante a viagem.

Numa ocasião, antes do embarque, fui a um bingo organizado para angariar fundos para a Legião Brasileira de Assistência, as mulheres nos convidavam e eu fui, em Paquetá. Fui de barco até a Ilha, mas enjoei bastante. Já imaginava como seria a viagem...

Ainda comprei uma porção de sal de fruta, mas não adiantou.

Quando o navio saiu do porto do Rio, quatro destróieres brasileiros o acompanharam, isso até as alturas da Bahia, sem que nada de extraordinário aconteces-

se. Quando o navio saiu para o alto-mar, quatro destróieres americanos e um cruzador nos comboiaram. Até aquele momento a gente não sabia se iria para a França ou para a Itália, nós não sabíamos, mas o Comando deveria saber.

Enjoei muito e não comia quase nada, mas como o navio era enorme, eu ficava andando pelo convés e de vez em quando eu me alimentava, apenas, com uma fruta, uma maçã ou uma laranja; fiquei dez dias sem comer direito.

Quando chegamos em Nápoles não havia condução para nos transportar, fomos a pé até Bagnole-Agnaro, que ficava na cratera dum vulcão extinto. Escolheram aquele local para acampar a tropa porque só existia uma saída. Ficamos ali, a comida só veio às 5 horas, porque para o 1º escalão ainda não tinha nada organizado, mas para o 2º já havia alguma coisa. Então, a gente teve que fazer tudo, as barracas só chegaram no outro dia. O início foi de agruras.

Outra coisa interessante, o pessoal do navio sempre escalava meia dúzia de soldados para ajudar no rancho, pegar material de suprimento e ajudar nos serviços gerais. Passados alguns dias, estava um cheiro desgraçado nos alojamentos, o pessoal do navio foi verificar, encontraram uma porção de sacos que os homens levavam, com jabá; os tripulantes mandaram jogar tudo no mar.

Certa ocasião, já em operações, na Itália, fomos substituir a Divisão Búfalo, uma GU de negros americanos. Nela havia um sargento que falava espanhol e disse:

– Cuidado, aqui durante a noite é muito perigoso. Eles vêm por trás, colocam a mão na sua boca, enfiam um sabre na sua barriga e você cai que nem um saco. Tomem cuidado!

Transmiti essa informação para o meu pessoal, toda a tropa foi avisada do perigo, aí começou a findar o dia. Quanto mais se olhava para aquelas plantações durante a noite, mais se imaginava ter visto alguma coisa. O sujeito com medo, ao ouvir um barulho qualquer, dava uma rajada, outro ouvia o disparo e também atirava. De repente estava a frente toda atirando em nada, um tiroteio dos diabos. Era preciso vir a ordem de cessar fogo.

Uma vez eu recebi uma passagem para visitar Nápoles, isso quando a gente ainda estava no acampamento de Bagnole. O pessoal estava limitado à área, não podia sair sem autorização. Vi dois americanos com binóculos e olhando para cima. Era uma escarpa enorme e já havia dois brasileiros lá em cima. O brasileiro é danado, já estavam tentado fugir lá por trás e aí mandaram colocar polícia por todos os lados para não deixar ninguém sair.

Fui para Nápoles e quando cheguei ao porto fiquei sentado, olhando aquela movimentação toda e aí apareceu um cantor; ele cantava bem e começou a entoar

uma canção, mas todo mundo começou a vaiar; cantou outra e a mesma reação. Ele deveria ser calejado, dedilhou o violão e cantou "Mama" e aí os brasileiros começaram a aplaudir e levantaram o cantor.

Outro caso interessante: o Tenente Hélio, Comandante do meu Pelotão, chegou ao acampamento reclamando, louco da vida. Perguntei:

– O que foi que houve, Tenente?

Respondeu:

– Deveriam fazer umas privadas separadas.

Foi lá em Pisa, as privadas eram colocadas sobre um buraco no chão; colocavam umas tábuas compridas por cima e faziam uns furos. O pessoal ia fazer suas necessidades ali e depois utilizava cal para desinfecção. Tinha a dos oficiais e a da tropa, a dos oficiais era um pouco afastada, mas ele estava reclamando porque achava que as privadas deveriam ser separadas, então eu disse:

– Mas já são separadas.

Aí ele respondeu:

– Não, é que na hora que eu fui lá o General ficou me olhando .

O General estava sentado de outro lado e ele ficou constrangido.

No Exército, quando o oficial ou o sargento dá uma ordem, deve verificar o seu cumprimento. Você manda um soldado para o serviço e orienta como ele deve proceder na execução desse serviço. Quando vai verificar, embora não queira, o soldado, às vezes, cochila, até de olhos abertos, se desliga, dorme mesmo, mantendo a mão no fuzil, o dedo no gatilho. Se o oficial ou o sargento chegar perto e assustá-lo, ele pode, no susto, atirar e provocar, dessa forma, um acidente mortal...

Na guerra há situações de muita tensão, logo é importante estar sempre atento. Todo cuidado é pouco. Seu próprio soldado pode matá-lo. A gente aprende isso rapidamente.

Recebemos uns galochões: no tempo da chuva serviam bem para andar na lama, mas na neve só quando era fofa; onde se formava trilha que ficava congelada você não parava em pé, parecia sabão. Os homens escorregavam com reparo de metralhadora, com placa base de morteiro, era um perigo.

Quando da substituição da Divisão Búfalo, os alemães, durante a retirada, deixaram dois tanques escondidos no meio do mato. Inclusive os italianos diziam que os tanques estavam lá quando os americanos ocuparam a região. De madrugada os alemães voltaram, pegaram os tanques, passaram por cima do acampamento e foram embora, foi um negócio terrível.

Um dos maiores bombardeios que recebemos foi de nossa própria Artilharia. Era tiro em cima da tropa amiga, mas encristava no morro e caía no lado da tropa

brasileira. O alemão atirara uma vez e parou; quando fomos verificar era a nossa própria Artilharia que estava mandando mecha.

Quando eu era assessor de Assuntos Gerais do presidente da COHAB, de São Paulo, todo ano havia uma conferência num determinado Estado para coordenar os serviços de forma mais eficiente. Certa vez foi no Rio e o conferencista pediu que cada um dos presentes dissesse o que mais de significativo já tinha feito na sua vida. Eu disse:

– Orgulho-me muito de ser um ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira, de ter nascido numa época em que pude ter esse privilégio.

Infelizmente fomos esquecidos; em São Paulo, uma das maiores cidades do mundo, berço da FEB, somente agora fez-se um monumento comemorativo à nossa participação na guerra. Ficamos muito magoados com isso, mas de qualquer maneira foi um feito que gloriosamente ficou registrado na História do Brasil.

Entretanto, reconheço que há quem se interesse pelos feitos da FEB e por cada um de nós que atendemos o chamamento da Pátria. O que esperamos é que os homens responsáveis de nosso País façam, nos dias de hoje, a sua parte, com desprendimento e patriotismo, da mesma forma como procedemos outrora.

Nicola Cortês Neto*

É paulista de Avaré, tem 77 anos de idade e fez a guerra como soldado municiador, integrante do Grupo Bandeirante. Condecorado com a Medalha de Campanha.

* Soldado Municiador da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses, entrevistado em 9 de maio de 2000.

O Brasil entrou no conflito em 1942, declarando guerra aos países do Eixo e, em 1943, abriu o voluntariado para as classes de 21 a 26 anos, reservistas de primeira e segunda categorias.

Isso se seguiu ao afundamento dos navios brasileiros, em nossas costas. Uns tantos exaltados saíam à rua, gritando "queremos guerra". Mas quando o nosso País entrou no conflito e abriu o voluntariado, aqueles que clamavam por sangue não se apresentaram como voluntários. Eles queriam a guerra mas não tomaram qualquer atitude prática. Como acontece hoje, os que mais fazem alarde, barulho, greves, piquetes, são os que menos contribuem para resolver o problema.

Eu era de segunda categoria, tinha feito Tiro de Guerra, com 16 anos, em Avaré, e apresentei-me voluntário no Parque D. Pedro II, onde se encontrava então o III/4º RI. De lá, fui para o 6º Grupo de Artilharia de Dorso, Quitaúna-SP que, transferido para o Rio de Janeiro em 1944, transformou-se no I/2º Regimento de Obuses Auto-Rebocado e, finalmente, no III Grupo de Artilharia.

Quando apareci fardado, em casa, a reação da minha família foi dura. Meu pai lembrou que era italiano: "Não! Você está louco, você vai para a guerra?" Respondi: "Não, eu vou conhecer a sua terra". Meu pai ficou chorando, eles não sabiam que eu tinha ido me apresentar como voluntário. Já estava com o distintivo, pois usávamos o primeiro emblema da Força Expedicionária Brasileira.

A preparação para a guerra foi precária em São Paulo. Já no Rio tivemos, em Gericinó, instruções de tiro real, maneabilidade, todo treinamento necessário. Logo de manhã, saíamos naquela maratona, sobe morro, desce morro, preparo físico e, antes de embarcamos para a Itália, atiramos com metralhadoras .50 e obuses.

Uns dias antes de embarcar, o Tenente Faria Lemos chamou um a um da nossa Bateria e perguntou: "Sabe que vamos embarcar para a guerra? Você quer ir?" Eu respondi: "Sou um voluntário, tenho que ir. É minha obrigação".

De São Paulo, fomos para o Rio e de lá seguimos para a Itália. Embarquei no 2º escalão.

A viagem do Brasil para a Europa era perigosa por causa dos submarinos alemães, o navio para não ser torpedeado ia fazendo aqueles ziguezagues, a fim de desviar-se dos corsários inimigos. Não tirávamos o colete salva-vidas nem para dormir; vez por outra tocavam o alarme do navio, como se tivesse sido torpedeado. Subíamos as escadas em caracol para o convés descoberto, (havia três ou quatro por navio) e cada um sabia qual o seu barco de salvamento.

Não me lembro de quantos soldados o navio comportava. Os exercícios foram feitos, até chegarmos a Nápoles. Nosso comboio tinha duas embarcações, o *General Mann* e o *General Meighs* que iam acompanhados por caça-minas e destróieres;

pelo ar, a aviação dava-nos segurança, até chegar à Baía de Nápoles. Lá fomos transferidos para umas barcaças; falava-se que eram barcos utilizados na invasão da França, e levavam cerca de duzentos homens em cada um deles. De Nápoles ao Porto de Livorno o deslocamento durava mais ou menos dois dias. Essa viagem foi penosa e quem tinha estômago fraco vomitava dentro do barco o tempo todo.

Recebemos tudo na Itália, além do armamento, a roupa apropriada, de lã, botas de borracha e luvas para enfrentar o frio e a neve; a que leváramos do Brasil era de brim.

Em Livorno, os americanos nos aguardavam com os caminhões e fomos transportados para a Cidade de Pisa, no campo de caça do rei, onde recebemos o fardamento e o armamento. E foi dali que entramos em combate, creio que no começo de outubro.

Já de posse do armamento, fizemos treinamento com metralhadora .50, antes de entrar em combate. Não lembro, se foi perto de Livorno pois atirávamos na direção do mar; lembro-me dos tiros batendo na água.

Quando o 1º escalão chegou à Itália, o Comando americano constatou muitos casos de doenças venéreas e determinou que vários médicos realizassem uma inspeção de saúde rigorosa em todos os componentes do 2º escalão, antes da partida do Rio de Janeiro.

A contaminação com a doença venérea ocorrera no Rio de Janeiro, pois, naquela época, o contágio era muito grande. Chegando à Itália, sei que muitos soldados do 1º escalão tiveram que baixar ao hospital. Por isso os americanos mandaram médicos para o quartel, em Campinho, examinar todo o pessoal que iria em seguida.

Enquanto permanecíamos em Pisa, aguardando o material, companheiros do Destacamento FEB que já tinham participado de combates diziam: “Rapaz, a cobra está fumando!” E como ninguém via cobra fumar, todos ficavam apavorados. Tínhamos de ir para onde já haviam morrido não sei quantos. E de fato, no primeiro ataque a Monte Castelo, com o 11º RI, foram vitimados mais de cem.

Os alemães, em Monte Castelo quando viam as aglomerações de soldados, logo os bombardeavam. Ouvia-se um zunido “ziuuuummmmmmmm”, e a granada explodia em cima. Corríamos e nos escondíamos naqueles prédios que já estavam semidestruídos.

Minha função na guerra era C2, soldado atirador e, em determinados momentos, municiador. Participei de quase todos os combates, começando por Porreta Terme, Monte Castelo, Montese, Soprassasso e outros.

Junto a meus companheiros, combati duramente contra os alemães. Quando nevava, ficávamos naquele duelo, eles atiravam e nós revidávamos; mesmo assim, graças a Deus, conseguimos sair sãos e salvos da guerra.

Em Porreta, um soldado brasileiro nissei, o Kodama, levou um estilhaço no pé, ajudei a colocá-lo na ambulância. Ele e eu sabíamos que morriam muitos nesses ataques. Lembro-me também de dois americanos num jipe, o que estava dirigindo levou um estilhaço no pescoço e caiu no volante, com a cabeça decepada.

Sobre o desempenho do soldado brasileiro em combate, somos meio suspeitos para falar, mas destaco a coragem dos nordestinos. Sou paulista, mas houve casos, por exemplo, em que o nordestino ia com a peixeira às patrulhas de choque e se atirava contra o inimigo com muita bravura. Vi até em livros, o caso de um soldado que foi promovido a sargento, a Tenente e chegou a Capitão por ato de heroísmo. O sargento Wolf foi promovido por bravura, pois numa patrulha fez vários prisioneiros e capturou suas armas.

Não cometi um ato sequer de bravura, até porque a Artilharia combatia mais atrás, para apoio. Mas, à retaguarda, também se recebem tiros, quantas vezes eu tive de sair correndo para entrar em um buraco, num *fox hole*. Lembro-me do tempo da neve, quando caía uma granada, derrubava tudo, e nós tínhamos de nos proteger.

Quanto ao tiro de Contrabateria, nunca vi um cair perto da gente, só a uma distância de mais de cem metros. Presenciei a queda de um avião da FAB, que foi metralhado, pilotado por um 2º Tenente bem jovem. Ele saltou de pára-quedas, caiu onde estávamos, e eu, inclusive, encontrei a hélice do avião, peguei-a, dando-a para um companheiro que queria guardá-la de lembrança.

Uma vez, em um encontro no Rio, numa convenção na Base de Santa Cruz, estavam todos os oficiais que participaram da guerra e procurei aquele piloto, mas não o encontrei, falava com um e com outro e nada. Lembro-me de que o piloto era mocinho ainda, se não me engano era 2º Tenente da FAB, do Senta Pua.

Sobre o soldado alemão, isso todo mundo sabe, era experimentado mesmo e tinha muita coragem. A metralhadora deles dava mil, mil e duzentos tiros por minuto, enquanto a nossa dava seiscentos. Quando eram feitos prisioneiros, víamos rapazinhos de 15, 16 anos, que já no final eram engajados para compor a Força. Havia jovens ainda imberbes e estavam combatendo corajosamente. É pena o que eles fizeram com os judeus e até hoje isso é falado no mundo inteiro, mas não sei quantos milhões de judeus eles sacrificaram na câmara de gás.

O inverno foi muito rigoroso na Itália. Ninguém estava acostumado com a neve, fazia muito frio e não se conseguia ficar parado.

Às vezes, à noite, pegávamos algumas castanhas, fazíamos uma pequena fogueira com o resto de pólvora das cargas que sobravam do estojo do cartucho; acendíamos com cuidado para não denunciarmos nossa posição. A lanterna clareava só para baixo. Tomávamos vinho de vez em quando, porque o soldado sempre dá um

jeito. Lá a cachaça, por exemplo, tinha o nome de bagaceira ou grapa. Quando aparecia um litro de bagaceira, todo mundo bebia, o Capitão, o Tenente e até os soldados. Na guerra, há os pedaços tristes, mas existem também os alegres. Tínhamos até conjunto musical no nosso Grupo de Artilharia, um com cavaquinho, outro com pandeiro, o violão, um conjunto bom, e se fazia aquela batucada no meio da guerra.

O americano, lá na Itália, nos alimentava muito bem. Às vezes não dava para fazermos comida, então consumíamos as *scatoletas*, aquela refeição americana nas caixinhas, com carne concentrada e outros pratos. Quando dava para cozinhar, acrescentava-se o feijão.

Serviram até peru congelado que vinha dos Estados Unidos. Recebíamos, diariamente, um maço de cigarros americanos. O interessante é que fizeram no Brasil uma campanha, para recolher cigarros a fim de mandá-los para os brasileiros, os piores cigarros que existiam em nossa terra. Entretanto, recebíamos um maço de cigarros americanos dos bons. Quando não chegava em um dia, no seguinte vinham dois. Eram: *Luck Strike*, *Chester Field*, *Cammel*, várias marcas americanas e também chocolate, o americano não deixava faltar.

Durante a guerra, não se fazia barba freqüentemente, deixava-se o cabelo e a barba crescerem e tínhamos mais afinidades com os oficiais, não era como servir aqui no Brasil. Muitos usavam cavanhaque, estavam cabeludos, mas isso era o diferente no visual.

Lembro-me de uma ocasião, em Porreta: havia uma cantina americana onde, de vez em quando, comprávamos chocolate, cigarro, ou qualquer outra coisa. E também uma casa de banhos onde fazíamos nossa higiene.

O relacionamento da tropa brasileira com a população local, com os civis italianos, foi muito bom. Eu sou filho de italiano, já sabia falar bem o idioma e aqueles nordestinos que não sabiam falar palavra alguma só saíam conosco, principalmente comigo.

Alguns brasileiros se casaram na Itália e depois que chegaram ao Brasil as esposas também vieram para cá com autorização do governo brasileiro. Tenho três amigos que casaram naquele país, e um deles ainda está vivo.

Outro fato interessante estava relacionado aos soldados negros, porque lá na Itália não havia gente escura. Os alemães, antes de nossa chegada, comentavam que os negros brasileiros comiam crianças, escreviam isso até nos muros. Muitas vezes quando entrávamos em determinado lugar não víamos nenhuma, estavam escondidas.

Mas fora isso, o relacionamento era bom, mesmo maravilhoso, afinal havia imigrantes italianos em nosso País. No começo, quando fomos para a Itália, os fascistas, os camisas-pretas, estavam lutando ao lado dos alemães. Comentávamos

que eram tedescos, na Itália, porque o alemão era tedesco. Quando houve a rendição, os fascistas simpatizantes de Mussolini foram caçados. Fui ver em Milão a Praça Duomo, onde Mussolini foi sacrificado.

O socorro médico, aos feridos, foi bom. Quando me acidentei, na mesma hora, removeram-me para o hospital de uma cidade que se chamava Strabella e depois me mandaram para Bologna, onde fui operado. Meu ferimento foi no maxilar, e o médico fez a cirurgia junto com um dentista. Mas foi um tratamento maravilhoso, tomei penicilina, para combater a infecção. Às vezes, por minhas opiniões, falavam: "Você é puxa-saco dos americanos!" Na verdade, fui para os Estados Unidos e trataram-me muito bem.

Isso se deu no final da guerra. Após o acidente e a cirurgia no Hospital de Bologna, fui para os Estados Unidos, a fim de prosseguir o tratamento. Aqui no Brasil não havia recursos apropriados. De Miami mandaram-me para o estado de Alabama, pois meu problema era cirurgia plástica. Quando os combatentes perdiam os membros inferiores ou superiores, eram enviados para o estado de Utah. Fiquei durante um mês inteiro em tratamento. Eu auxiliava no banho, como ajudante de enfermagem de um brasileiro ferido que havia perdido as duas mãos. Também empurrava as cadeiras de rodas de outros acidentados ou operados. Trabalhei no hospital por quase sete meses. Cheguei ao Brasil em fins de fevereiro, começo de março de 1946. Dei baixa e fui excluído.

Não é fácil recordar fatos ocorridos há mais de cinqüenta anos, mas eu presenciei, nos hospitais dos Estados Unidos, militares americanos que fizeram a guerra no Japão e que tinham sido atingidos por lança-chamas, sem nariz, sem orelhas, todos desfigurados, porque o hospital onde eu estava era de cirurgia plástica. Foi penoso ver aqueles jovens desfigurados.

A Cruz Vermelha cuidava bem dos soldados e valorizava o combatente. Quando estive em Nova York, precisava escrever uma carta para meus familiares, chegava à Cruz Vermelha e encontrava papel, caneta, selo. Se queria ir a um teatro, havia um tíquete-teatro, e todo auxílio quanto à alimentação, tal era o valor que eles davam ao soldado. Já aqui no Brasil não encontrávamos a mesma facilidade. Estou sendo sincero.

De condecorações só tenho a Medalha de Campanha, possuo outras, mas nenhuma por ato de bravura. Gostaria de ressaltar que nosso Grupo de Artilharia participou da rendição dos alemães em Fornovo. A 1ª Bateria integrou a Força; à medida que os prisioneiros iam-se entregando, eram desarmados e colocados nos caminhões para serem levados ao campo de prisioneiros. Fiquei uns dois ou três dias trabalhando, integralmente, na segurança.

Pedi, depois que dei baixa, após muitos anos, aquela folha de alterações que vem de Brasília, onde está escrito o que estou retratando aqui. Tenho elogios do Coronel Souza Carvalho, nosso Comandante, ressaltando meu desempenho como cabo atirador, metralhador e municiador, sempre atento para que nunca faltasse munição às peças.

Estive no Hospital Central do Exército, no Rio, fui examinado e julgado incapaz, sem remuneração, mas podendo prover os meios de subsistência. É triste lembrar dos amigos que conviveram comigo e morreram na miséria, com tuberculose, como o Manuel Luciano Neto, um grande amigo, que padeceu sem assistência alguma. O pessoal ficou desamparado e só depois de muitos anos deram uma pensão aos ex-combatentes, que me foi concedida em 1984. A guerra terminou em 1945, e só em 1984 comecei a receber como 2º sargento. Depois, com a reforma da Constituição passei a receber a pensão como 2º Tenente.

Quando embarcamos para a Europa, Getúlio Vargas, que era Presidente da República, foi ao navio e fez aquele discurso: "Meus irmãos, suas famílias não ficarão desamparadas, quando vocês regressarem terão isto, aquilo e tudo mais." Voltamos em 1945, fomos desmobilizados e as promessas não foram cumpridas, alguns até morreram na miséria.

Não estou inventando isso, demoraram tanto a reconhecer o valor do pracinha brasileiro que, quando o fizeram, muitos companheiros já tinham morrido, devido à miséria e em conseqüência da própria guerra. Quando consegui uma colocação como funcionário público, tive que falar com o Adhemar de Barros, que era o Governador de São Paulo, para obtê-la. Chegava nas repartições e ouvia: "Eu não mandei ninguém para a guerra." Graças a Deus a minha família possuía alguns recursos. Entretanto, uns coitados não tinham nada, principalmente os nordestinos, ficaram na miséria. Cheguei a ver na Rua São Bento, no Centro, o Ronaldo ficar batendo com as Medalhas de Campanha, sentado na calçada. Quem passava jogava uma moeda. Outro que esteve nos Estados Unidos comigo, o José Rubens, brasileiro, da cidade de Ilhéus, colocava as medalhas no chão, pois havia perdido as duas mãos durante a explosão de uma mina.

O Presidente Getúlio Vargas prometeu nos amparar e não pôde cumprir, porque foi destituído.

É uma lição que fica para o futuro: a Pátria não pode desamparar os filhos que, por amor a ela, sacrificaram-se até com a própria vida. Os jogadores profissionais de futebol, quando há campeonato mundial, recebem todo o apoio por parte dos dirigentes. O "Ministério do Futebol" é mais importante. Não me arrependo de ter sido voluntário e se houvesse outra guerra teria me alistado novamente, pois aprendi muita coisa nesses três anos em que fiquei no Exército, de 1943 a 1946.

Admiro o pessoal que está na ativa, soldados bem fardados com calça VO e camisa bege, trajados adequadamente. No tempo em que servi, eles chamavam a nossa farda de “Zé Carioca”, feita com brim ordinário, diferente do que se nota atualmente.

Hoje em dia vale a pena servir ao Exército, mas no meu tempo não, a alimentação era apenas arroz, feijão, carne-seca, ou jabá, e lá no fundo do quartel eles plantavam repolho. Todos os dias, serviam salada de repolho cru. O arroz era aquela pasta e o feijão cheio de pedras. Quando criaram a Força Expedicionária o rancho melhorou, mas isso no Rio de Janeiro. No café da manhã vinha um salgadinho, sempre havia presunto, queijo, senão sem uma boa alimentação não se conseguiria preparo físico.

Estou falando bem do americano, a pura verdade. Mas o que mais me impressionou na FEB, francamente, foi a coragem dos brasileiros que não temiam o inimigo. Durante a guerra, ninguém ficava apavorado, pelo menos constatei isso. Às vezes, o pessoal de Infantaria vinha para a retaguarda, e íamos à frente para tirar fotografias, eles levavam tudo aquilo com bom humor.

Tristeza só houve no embarque, quando o navio partiu do cais do porto, porque os casados estavam deixando a mulher e filhos, principalmente os oficiais e sargentos. Os soldados geralmente eram solteiros, mas os graduados eram casados, então ouvia-se aquele choro dentro do navio.

Gostaria agora de prestar uma homenagem a um amigo, o Dirceu de Almeida. Ele se apresentou voluntário junto comigo e morreu na Itália. Fico muito comovido ao lembrar de um grande amigo, cuja vida foi sacrificada em defesa da Pátria.

Oswaldo Matuk*

É paulista da Cidade de Jacareí, tem 76 anos de idade e participou da guerra como sargento fuzileiro no 11º Regimento de Infantaria, Regimento Tiradentes.

É viúvo, tem três filhos, cinco netos e dois bisnetos. Foi condecorado com as Medalhas de Campanha e Medalha de Guerra.

---

* Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria, entrevistado em 23 de maio de 2000.

Eu era civil antes da declaração de guerra contra o Eixo, em agosto de 1942. Numa tarde, muito bonita, fui até o Rio Tietê verificar o trabalho de uma draga, uma draga importada, se não me engano, da Alemanha, fazendo o serviço no rio. Eu e meus companheiros, que estávamos observando o trabalho, percebemos que tocavam muitas canções militares ali por perto e, interessados em saber o que estava acontecendo, para lá nos dirigimos. Chegando ao local, um repórter comunicou que o Brasil tinha declarado guerra e, já nessa hora, estava convocando os brasileiros para se apresentarem, a fim de vingarem os torpedeamentos de navios. Aquilo me penetrou na alma porque diversos navios tinham sido afundados, num total de 32. Isso, para quem ama a Pátria e dá valor ao patrimônio nacional é o mesmo que uma punhalada no coração. Surge o sentimento de vingança não sei se comovido pelas marchas militares ou pela voz do locutor.

Já tinha feito o Tiro de Guerra, justamente para não servir em Corpo de tropa. Trabalhava na Companhia Ultragás que naquela época tinha apenas 1.200 fornecedores de gás, uma novidade. Ganhava até bem, quase o dobro do que iria ganhar no Exército. Mas estava convicto de que a agressão deveria ser vingada, o sentimento me tocou tanto como a meus amigos que estavam perto, então decidimos: apresentamo-nos ao III/4º RI, onde fomos bem acolhidos. Naturalmente, soldado que entrasse à paisana não sairia mais a paisana, ficamos de “quarentena” e já nos deram a farda.

Apresentei-me ao cabo Baiano; por sinal, esse cabo não foi um combatente, pois, infelizmente, perdeu as duas vistas. Estava dando instrução de granada no quartel do Parque Dom Pedro II, escapou o anel da granada e para evitar de jogar no pátio cheio de gente, levantou a granada na mão. O petardo explodiu, arrancou-lhe os dedos e o cegou, com a fagulha da pólvora. Ele mesmo me disse, antes de eu entrar, que iria receber somente 51 mil réis. Respondi que não tinha importância, porque o recruta, naquela época, ganhava 21 mil réis. Passando um tempo verifiquei que a tropa era muito diferente do Tiro de Guerra, porque neste era uma beleza para servir, em comparação com a caserna.

E, ao longo do tempo, apareceu um curso de emergência para cabo que freqüentei. Passado mais um tempo fiz o de sargento. Nossa instrução militar, como maneabilidade no terreno, tática e tudo mais, obedecia o sistema francês, que regia a instrução do Exército Brasileiro. Mas mesmo assim aquilo nos servia de lição. O soldado não aceita bem esse sacrifício, as marchas e o combate simulado, que são cansativos e poeirentos, mas, ao pisar no *front*, se convence de que tudo aquilo que aprendeu ainda foi pouco, que poderia ter aprendido até mais; e o sargento que está comandando tem que fazer cumprir as ordens recebidas. Outro aspecto era o receio da cadeia, que sempre influi e ninguém quer ficar na má conduta. Mais tarde fui transferido para Caçapava.

O Exército mantinha uma organização, o Depósito de Pessoal, de onde fui transferido para o Morro do Capistrano, no Rio, Vila Militar, para integrar o 11º RI.

No 11º RI a instrução foi muito mais intensa, havia até navio de madeira que servia para subir e descer utilizando cordas, com todo o equipamento, fuzil, granadas no suspensório etc.

Era uma imitação de guerra, treinamento nos campos que, supostamente, eram minados, que já seria uma antecipação para a guerra, ainda que superficial, já que o combate real tem outra cadência. O melhor dos mestres: enfrentar a situação, vivendo e aprendendo.

Fizemos os treinamentos, embarcamos no navio *General Meighs* e seguimos para a Itália. Já sabíamos que era para o Velho Continente. O 1º escalão ignorava tal fator não tinham certeza para onde iriam. Passando por Gibraltar, fomos saudados pelas tropas inglesas, que nos homenagearam com uma salva de tiros.

Em Nápoles, fizemos o primeiro contato com o terreno desolado da Itália, à beira do cais. As edificações todas destruídas; encontrar um muro com mais ou menos um metro de altura seria difícil. Estava tudo demolido, e os barcos tinham que realizar um deslocamento sinuoso para desviar das chaminés e mastros das embarcações que estavam afundadas.

Fomos para Livorno em cerca de quarenta barcaças, cada uma com cerca de duzentos homens. Levamos, se não me engano, um dia e meio e no fim pegamos uma tempestade muito violenta que deixou o pessoal todo enjoado, inclusive os próprios marinheiros americanos que eram da guarnição da barcaça. Por sorte, não cheguei a ficar enjoado, bem como mais três cearenses que estavam acostumados com aquelas jangadas de mar, só nós quatro e um marinheiro; mas o próprio Tenente que era o Comandante da barcaça e o nosso Capitão também se sentiram mal.

Fomos depois para o acampamento de San Rossore, outrora um parque real de caça, afastado mais ou menos uns vinte quilômetros do *front* mas ainda sujeito a ataques de aviação. Entretanto, era bem defendido e inclusive havia aqueles balões tipo *zepelim*, seguros em cabos de aço, para impedir que algum avião inimigo fizesse um ataque. Felizmente, toda a aviação inimiga, naquele momento, estava mais voltada para os navios de transporte de guerra e não com a tropa já estacionada em San Rossore.

Ali, fizemos os últimos treinamentos, antes de entrar em ação, inclusive de tiro real, sob supervisão do Comando americano, para avaliar se estávamos em condições de participar do combate real. Apesar de o Comando americano ter aprovado nosso desempenho nós mesmos supúnhamos que não, porque toda tropa estrangeira que desembarcava na Itália, como nós, africanos, neozelandeses e outras, eram levados para Dacar, onde treinavam três meses e só depois iam para a Itália. Com os

brasileiros não aconteceu isso: já fomos direto, tanto o 1º escalão com o 6º RI, quanto o 11º RI, minha Unidade, e o 1º RI que compunham o 2º escalão. Em outras palavras, juntos os 2º e 3º escalões.

Quando alguém fala que saiu no terceiro escalão, soa como se fosse um terceiro contingente diferente, e que não era definitivo. Primeiro, foi o 6º RI que compunha o 1º escalão e depois o 1º RI do 2º escalão e o 11º RI que era do 3º escalão. Estes dois últimos saíram juntos. Mais tarde viajaram o quarto e o quinto em datas diferentes, mas o 2º e o 3º escalões foram juntos.

Realizamos treinamentos em situações as mais reais possíveis, inclusive da Artilharia que atirou à nossa frente; o Comando americano aprovou. Aconteceu isso, na Itália, se não me engano em fins de outubro de 1944; em dezembro já entramos em combate.

A primeira jornada foi bastante pesada porque subimos uma serra, equipados, a noite toda, e seria a primeira vez que entraríamos em combate. Enchemos o cinto de guarnição de granadas de mão e pentes de fuzil, tudo muito pesado e mais a mochila nas costas, material de sapa e tudo. Subimos o morro durante a noite, uma elevação devastada pela Artilharia e pelos morteiros alemães. O inimigo, além de bom em Artilharia, era especialista em morteiros; levamos duas horas para galgar aquele morro e quando pensávamos que já estávamos em um lugar adequado, tínhamos-nos enganado.

Pela primeira vez pensei que não iria agüentar a guerra daquele jeito. Meus soldados já vinham dizendo: “sargento, não agüento mais”. Vamos devagar. Para não se distanciar dos outros, o próprio Tenente disse: “Vamos devagar, porque o pessoal está se espalhando muito lá atrás”. Afinal, conseguimos chegar mais ou menos reunidos até um local, a partir do qual entraríamos em combate, com uma certa urgência. O 6º RI havia tomado uma posição, e o seu patrulhamento deduziu que os alemães iriam contra-atacar pesadamente, certamente por concluírem que a tropa do Regimento estava muito fatigada. Era importante utilizar uma força descansada para agüentar o repuxo, que, nessa hora, certamente, éramos nós. Mas chegamos também cansados e felizmente não houve nenhum contra-ataque. Ficamos uns dois dias ali e depois fomos para Monte Castelo.

Em Monte Castelo, inicialmente, só participei de patrulha. No segundo ataque fracassado a Monte Castelo, não entramos em ação, porque o tempo estava ruim, havia muita neblina, e o próprio americano que iria apoiar com tanques e aviação, nada fez. Atirávamos sem saber onde acertávamos. Voltando às patrulhas, às vezes, informados de que viria uma patrulha alemã, a gente saía ao seu encontro. Nem sempre a encontrávamos. Às vezes tratava-se de uma patrulha de reconhecimento e

não havia combate pesado. Trocavam-se rajadas com eles, mas sem confronto violento. Regressávamos para informar à 2ª Seção (de Informações).

Quando veio a neve, então, ficou mais difícil ainda. O material que os americanos forneciam era o que sobrava deles; eu, por exemplo, não vi nenhum *very light*, que deveriam ter fornecido ao Pelotão. O *very light*, conforme a missão de uma Patrulha, é importantíssimo. Chegaram a entregar a pistola que dispara o *very light*, mas não deram o cartucho. Com essa carência de material, também não nos distribuíram, logo no começo, a capa branca que deveria ser utilizada nas patrulhas em terreno nevado.Usávamos mesmo aquele nosso uniforme verde-oliva, parecido com o do alemão, que muito italiano, às vezes, confundia. Nós não confundíamos, principalmente, por causa da ombreira e da cobertura do capacete que eram diferentes.

Saíamos com uma patrulha, cujo pessoal parecia urubu na neve. Se o alemão quisesse, acertava a gente porque o soldado ficava visível mais ou menos a um quilômetro de distância. Após as primeiras patrulhas, mais tarde, nos forneceram algumas capas brancas. Não era por discriminação, mas eu tinha dois soldados negros: um tal de Conceição e mais um outro. Eu não os deixava participar da patrulha, porque, quando colocavam o capuz branco ficava aquela faixa preta, e isso era visível de longe. Quando iam, ficavam à retaguarda e seguíamos à frente, para evitar o tiro na testa de um deles. Começamos a fazer a patrulha com maior segurança, chegando a nos aproximar mais do inimigo, conforme o lugar, porque havia situações em que a gente fazia uma patrulha num flanco esquerdo a dois quilômetros de distância.

Quando acumula meio metro de neve, não se anda fácil, tem-se que levantar o pé para dar o passo, então caminhando duzentos a trezentos metros a pessoa já não agüenta mais, tem que parar um pouco e depois prosseguir. Uma vez, veio uma tempestade de neve tão forte, que tendo recebido ordem para dar um golpe de mão ficamos sem visão do Pelotão inteiro e não foi só com o meu Grupo de Combate que aconteceu isso. Saímos prontos para a manobra, porque já conhecíamos a posição, antes da neve. Nossa missão era trazer informação urgente, de qualquer forma. Mas a tempestade de neve foi tão forte que o *hand talk* transmitia e, na retaguarda, o Capitão não escutava o que o Tenente falava. O Tenente explicava que nós não estávamos enxergando a dois metros de distância, e perguntava se deveríamos parar ou partir para o sacrifício. O Capitão consultou o Comando Superior e este determinou que retornássemos. Assim o fizemos e, apesar daquele frio, já estávamos molhados de suor. Felizmente, voltamos porque se prosseguíssemos certamente teríamos perecido.

Na hora de regressar, já quase não tínhamos mais condições físicas, só então tirei a lição dos ensinamentos que a gente, às vezes, repudiava. E eles foram muito

necessários. O soldado resmungava de fazer uma marcha de vinte e quatro quilômetros, no entanto verificou-se fundamental porque começamos a campanha nos Apeninos, só em montanha e a gente não tinha essa especialização éramos pé de poeira mesmo. Embora para nós, constituísse uma grande dificuldade, acabamos por nos adaptar, as contingências obrigavam. Se recebêssemos uma missão de escalar um morro íngreme e escarpado, às vezes sem arbustos, difícil de se abrigar, se a missão era aquela, fazíamos o possível para chegar lá, criando até artifícios como se fosse, na realidade, uma tropa de montanha.

Minha graduação era a de sargento; penso que a mais ingrata era a do sargento Comandante de Grupo de Combate, porque ele permanecia na frente, responsável por um cabo e dez soldados. Sintetizando, duas responsabilidades: proteger seus comandados e zelar pelo cumprimento eficiente da ordem que recebesse.

Graças a Deus, foi o que aconteceu comigo. De dois soldados meus, um foi atingido por uma rajada de metralhadora; dessa rajada três tiros penetraram no capacete e saíram do outro lado; o outro recebeu um tiro na coxa, que chegou a varar, foi um tiro lateral mas não pegou no osso. Assim mesmo, foi evacuado para a retaguarda. Depois ainda voltou para o Grupo de Combate. Consegui conduzir o cabo e os dez soldados a contento, cumprindo minhas obrigações satisfatoriamente como me fora determinado.

Passamos dificuldades, sem dúvida, porque, além do sofrimento físico, há o sofrimento psíquico. Este é um dos piores, a pessoa chega até a resmungar: “O que eu estou fazendo aqui?” Isso ocorre, por exemplo, na hora que o homem está de guarda, de sentinela na época da neve, porque fazia bastante frio. Em vez de os soldados revezarem-se de duas em duas horas o faziam de hora em hora. Para encurtar bastante a escala, eu e o cabo concorríamos a ela, também. Às vezes, caía uma placa de neve de um galho de árvore e eu já virava a metralhadora para lá, não sabia o que era, já ficava com o estado psíquico abalado.

Não é fácil, é preciso autocontrole. Isso deveria ser matéria de aprendizado nas Forças Armadas, para criar maturidade, a fim de ajudar o combatente a receber os choques com naturalidade, e, assim, desempenhar as funções da melhor forma possível. Lembro-me do filme *O Sargento York*, uma película americana que mostrava a guerra com realidade, não dessas que se vêem hoje, um sujeito sem pontaria; atira e mata cinqüenta ao mesmo tempo. Não é bem assim, porque lá, a gente fazia pontaria e não matava. O filme é veraz, inclusive me lembro de uma passagem do sargento falando: “Você vai ficar em posição, você fuma demais e vê se não vai fumar aqui”. O sargento saiu, o alemão não vinha, o homem pega o cigarro e acende. Assim levou um tiro na testa e morreu.

Tudo ficou gravado na minha mente. E tem mais: a gente verifica, num combate, como os homens progridem, soldado de um lado, soldado do outro, você olha e vê um calcanhar para cima perigosamente. O sargento responde por uma das funções mais ingratas. Além de cumprir ordens deve prover os meios para melhor proteger o seu pessoal. Às vezes um Grupo sofria a ação de mina que feria alguns. Não era culpa do Comandante. Em Montese, por exemplo, estivemos em campo minado, mas íamos devagar; quando havia suspeita cutucava o chão com o sabre e pisava no solo algo confiante na precisão do nosso conhecimento e técnica.

No combate de Montese, a tropa brasileira foi mais bombardeada que todo o V Exército Americano e o VIII Exército Inglês. Ataques maciços, tanto de Artilharia quanto de morteiro. Em Montese, fiquei num cemitério e por sorte os túmulos me protegiam; o bombardeio era intenso, voava estilhaço para todo o lado. Mas como havia um túmulo atrás do outro, a gente ficava no meio, deitado, o corpo atravessado, aquilo nos protegia. Se fosse em terreno mais ou menos raso, limpo, meu Grupo e até o Pelotão inteiro teriam sido dizimados. Em Montese foi o nosso pior combate, com muitas baixas, uma batalha reconhecida pelo V Exército como das mais árduas, tanto para a FEB quanto para quase toda a tropa envolvida na ofensiva da primavera do V e VIII Exércitos americano e inglês. Quando nos aproximamos de Collecchio, fui um dos primeiros que entraram na praça. Já prevíamos que os alemães estavam em retirada e talvez a guerra acabasse logo.

Voltando um pouco atrás nas minhas recordações, quando me apresentei voluntário para a guerra, meu pai não aprovou minha decisão. Ele acreditava que eu poderia cumprir meu dever, caso fosse convocado. Se assim acontecesse, ele mesmo incentivaria a opção de servir. Ele também era patriota mas achava que eu era ainda muito jovem. Minhas três irmãs não concordaram foi um absurdo eu ter contado a elas. Foi um Deus nos acuda para as minhas irmãs. A reação é natural, a família sempre quer preservar, ao máximo, o seu ente querido e geralmente as mulheres vêem por um prisma mais emocional. Já o pai é afetuoso, também, mas acha que os filhos devem ser patriotas.

A preparação psicológica, com informações adequadas em todos os níveis, lamentavelmente, não foi completa.

Naturalmente sabíamos que da ação do Comandante dependia a conduta do soldado. Meus soldados sabiam que para meu desempenho ser eficaz, era necessário que atuassem bem. Isto valia para cima também, ou seja, em relação ao Tenente Comandante do Pelotão, que geralmente combate com a primeira linha. Eu tinha confiança no Tenente, assim como os soldados confiavam em mim. Estavam certos de que o sargento estava ali lutando com eles, pensando por eles, e fazendo o máximo possível para

protegê-los, sem deixar que sofressem situação de perigo. Criava-se o espírito de Corpo. Tanto o sargento como o Pelotão inteiro enquadrado dessa forma: de um por todos, todos por um e Deus por todos. O Sargento precisava ser enérgico, exigir, a fim de cumprir a missão. Importante, portanto, garantir a confiança do soldado no sargento, do sargento no soldado e por sua vez, o Grupo em relação ao Pelotão.

A tropa não foi esclarecida suficientemente quanto às razões que determinaram a entrada do Brasil na guerra. Eu tinha conhecimento porque lia o jornal e ouvia comentários da população, sabia que o Brasil precisava reagir à agressão configurada no torpedeamento dos nossos navios. Mas nem todos percebiam isso, infelizmente o padrão do soldado era muito simples: camponeses que muito mal tinham visto uma espingarda, talvez soubessem sobre a arma mas sequer desconfiavam o que seria a guerra. Não tinham idéia do que seria necessário para combater numa guerra. Podiam saber caçar passarinho, mas caçar passarinho é muito diferente de caçar um soldado inimigo.

Em tempo de paz nós treinamos, a gente conduz os homens, faz isso e aquilo, vai para tal ou qual lugar; mas em presença de inimigo real a mudança é radical. É vital saber como vai chegar ao objetivo para pegá-lo de surpresa numa posição fortificada. Não foi previsto esse preparo psicológico para a tropa, nem para os sargentos. Para os Oficiais tive conhecimento que houve, mas não assim tão grande. Entretanto o nível intelectual superior facilitava o entendimento.

Vale lembrar que, naquele tempo, muito diferente de hoje, não havia esta pletora dos meios de comunicação de massa e a divulgação de uma notícia era difícil. Às vezes, até nos chegava porque um contava para o outro e o outro para um terceiro, assim por diante. Nem tempo de ler jornal se tinha. Eu gostava de ler jornal, mas para encontrá-lo, na Vila Militar, era difícil. Nunca ouvi ninguém dizer: "Olha, você vai sofrer, uma hora ou outra, você vai passar fome, vai ter que comer a ração "K", porque não vai ter a ração quente. Aliás aconteceu diversas vezes; ficamos de 2 a 3 dias em combate, só comendo ração "K", ração de caixinha. Não era tão ruim, mas sim uma difícil transição porque estávamos acostumados com feijão e arroz. O americano não, já estava habituado com a lataria, não estranhava muito. Normalmente, dois dias antes de começar o combate, a gente ia para a retaguarda a fim de descansar e aí recebíamos a comida quente; às vezes, vinha o feijão preto e aquilo para nós era um "festão".

Mas, infelizmente, não fomos bem esclarecidos psicologicamente, porque a preparação no Rio foi rápida e não houve tempo para outras instruções. Eu, como sargento, recebi um manual sobre as armas americanas, traduzido para o português; era a instrução da arma sem ter a arma na mão.

Chegando lá, teoricamente se conhecia a arma, mas na prática não. Ignorava-se até o desmontar de um fuzil. Aqui se fazia "concurso" para ver quem montava e desmontava mais rápido o fuzil e a metralhadora, e foi muito útil. Embora não tão bem-preparados, as contingências calejaram o combatente. Segundo ouvi falar, não sei se é mal, porque não vi a estatística, dizem que a porcentagem de pessoal com neurose de guerra foi muito menor do que a existente entre os americanos.

Uma das inovações criativas dos brasileiros foi conseqüente da neve. Recebíamos o *combat boot*, duas ou três meias de lã e púnhamos tudo aquilo, devido ao frio, mas o calor do corpo provoca o suor que molhava as meias; depois vinha o frio e havia tendência de petrificar as meias, congelando e ocasionando o pé-de-trincheira, que ameaçou muito combatente. Cessava a circulação de sangue no pé, devido ao frio e se não fosse amputado, gangrenava. O que fez o brasileiro? Em vez do *combat boot*, usava a galocha, que era um botinão em que o *combat boot* cabia. No lugar das meias de lã, colocávamos feno. Passamos o inverno inteiro sem problema. Os próprios americanos o reconheceram.

A temperatura mínima no rigor do inverno era de 18º negativos, o que para um brasileiro é quase que inconcebível.

Para propiciar uma camuflagem, no ambiente com neve, recebemos umas capas brancas com capuz, para colocar sobre o uniforme. Ainda assim eram poucas, quando a patrulha saía, fazia-se o revezamento, se fosse para o combate não se permitia seu uso, só na patrulha. Uma espécie de camuflagem, tão apropriada que a gente só percebia o homem quando estava bem próximo.

Quando se estava isolado na vanguarda, perto do alemão, no meio da neve, às vezes um susto: uma neve que caía ou um pauzinho que quebrava, com o peso da neve que se vai acumulando. Quando isso acontecia, a gente sentia até um calafrio e saltava com o dedo no gatilho, pensando ser o inimigo.

Ainda sobre a criatividade do soldado brasileiro, até recebi um elogio por causa disso, improvisamos o seguinte: na defensiva, a frente brasileira, se não me engano, estava com 28km de largura. Daria para três Divisões. Assim, praticamente, os Grupos ficavam isolados e nós não tínhamos minas para interditar os espaços. O que eu fiz? Arrumei uns sarrafinhos, um tubo que vem na granada de mão, amarrava tudo e depois punha ali dentro, sem o anel, que chamam de grampo, prendia o barbante em seguida fazia outra, sempre ao redor da posição de meu Grupo. Por sinal uma vez peguei um italiano, este apareceu, vindo lá de cima, do lado dos alemães. Não sei se era espião ou o quê; e ele tropeçou em um desses dispositivos. Se viesse uma patrulha fatalmente iria esbarrar na armadilha. O italiano, coitado, quando percebeu que bateu no cordão e escutou o chiado da granada, deitou-se, ficando leve-

mente ferido, não chegou a morrer. Aí eu e mais dois homens fomos ver, pensando que era patrulha, durante a noite no escuro. Mais tarde, o italiano foi levado para a retaguarda. Dizia-se que estava de passagem, mas também poderia ser um espião. Ficávamos completamente isolados à noite, separados por Grupos de Combate a uns cinqüenta metros, embaixo de uma cerca viva. Mas o alemão poderia pular por cima da cerca ou passar por baixo e nos pegar pela retaguarda, por isso fiz a armadilha.

A disciplina, foi satisfatória, no meu caso. Na minha Companhia não houve caso algum de indisciplina ou de covardia, covardia principalmente, não tive conhecimento de que ocorresse.

Lembro-me ainda que, na véspera do Natal de 1944, os alemães fizeram uma salva com os canhões 88mm. Deram tanto tiro, emendavam um no outro. Um sargento teve uma crise psíquica, ficou doido e acabou morrendo: Corria para a frente e para trás e eu gritava para ele voltar, mas como não se abrigou, foi atingido. O coitado ficou doido, não foi covardia.

Naquele dia, por exemplo, a gente deveria sair em patrulha e a nevasca não estava permitindo; cheguei a dizer ao Tenente que não dava e ele ponderou com o Capitão, pelo telefone.

Não foi covardia, foi segurança, preservação, porque covardia é uma coisa e medo é outra. Todos têm, ninguém pode dizer que não tem medo, é muito natural, somos seres humanos. A gente vai em uma noite escura, não enxerga nada à sua frente, com um fuzil e baioneta armada, uma hora a gente espera ser espetado, porque o inimigo pode vir também. Então esse é o medo, o receio, que é natural. A reação é positiva: provoca um estado de alerta e agressividade. O bom combatente reage àquele medo, vence-o e cumpre sua missão, diferente de outras situações em que se expõe afoitamente à morte, comprometendo a si mesmo e ao grupo.

Outra coisa que todos aprenderam foi dar importância ao fato depois de consumado ou resolvido. Às vezes, a gente escutava um tiro e eu procurava ver o que era. Até hoje, se escuto um barulho, vou verificar. Enfrentamos muitas patrulhas; na hora não se dava conta do quanto se estava empenhado; depois de passado o confronto é que a gente tremia, ficávamos com a sensação de que não nos haviam matado porque não quiseram, e não sabíamos se tínhamos atingido alguém. Não é tão fácil matar na guerra como pode parecer.

O pior é ficar ferido, geralmente morre um e dez ou 15 são feridos. A gente faz pontaria a 100m, dispara a arma e, às vezes, há um ou dois que a gente não sabe se atingiu, porque não foi só você que atirou. Seu companheiro também atirou, tanto que, em Santa Maria, um alemão atirava em nós e nós atirávamos nele, inclusive a aviação atirava também. Quando chegamos perto ele estava caído sentado, com um

buraco na testa, feito por uma metralhadora. Então, não foi ninguém de fuzil. Não é tão fácil, como a guerra da televisão. Aprendi a resolver primeiro o problema, para depois comentar e isso me foi muito útil até hoje.

Sobre o relacionamento dos brasileiros com os italianos, comigo não foi tão grande porque, naturalmente, se refugiavam, quando estavam na "terra de ninguém", entre a linha alemã e a linha brasileira. Abrigavam-se em outros lugares. Mas, às vezes, em alguns locais como Lacazone, em frente ao Monte Castelo, bem distante do alemão, havia uma família com a qual nos relacionávamos muito bem, inclusive com uma mocinha de uns 13 ou 14 anos que foi muito respeitada. Eu só pensava em minhas irmãs, nas brasileiras e esperava que a guerra jamais acontecesse no Brasil, porque quem pena mesmo é a população civil. O soldado sofre mas tem comida, uma ração, tem seu descanso, tem tudo e a população civil não tem nada, por vezes, perde até o teto, perde tudo. A gente fiscalizava e monitorava o comportamento do soldado, porque sempre existiu um mais afoito, que poderia desrespeitar a mocinha ou outras senhoras que estivessem por ali, por sinal, mulheres bem bonitas, com um rosto que parecia uma maçã madura.

A gente ficava com receio de que alguém perdesse o respeito e pudesse exagerar, mas não, no meu Pelotão de mais de quarenta homens nunca aconteceu isso. Os companheiros de Artilharia, por exemplo, das armas pesadas, tiveram um procedimento também respeitoso. De um modo geral foi bom, de amizade e o brasileiro dava as sobras de comida. Não nos faltava alimento. Recebíamos um maço de cigarro, um chiclete, uma caixa de fósforos e um quadradinho de sopa, que preparávamos no *front*. Não vinha panela, às vezes, chegava a marmita mas a gente não a usava, porque pondo-a no fogo enegrecia. Púnhamos um pouquinho de água no capacete, sopa e um tablete de chocolate. Quase tudo distribuíamos para os italianos que alimentavam seus filhos. Em contrapartida, ganhávamos queijos e manteiga, porque tinham uma estrebaria e duas ou três vaquinhas, tiravam leite que distribuíam para a gente. Era recomendado não aceitar, mas uma vez ou outra acedíamos.

Creio que o soldado alemão foi realmente muito bom, talvez o melhor do mundo, porque tinha habilidade, coragem, senso profissional e visão superior de organizações militares. O equipamento deles era espetacular, o sargento dispunha de binóculos, ao passo que eu não; o que eu possuía era um relógio com ponteiros e números fosforescentes; uma bússola, que se escondia na patrulha, pelo tamanho e fosforescência. Eu a tirava e colocava nas costas, a fim de que o soldado me visse na noite escura. Acho que eles não só aproveitaram bem o equipamento, como conheciam tanto o material bélico quanto a tática de combate. Por onde menos se esperava, eles surgiam.

Até mesmo os soldados alemães presos diziam que perderam a guerra por pouco, porque tinham esperança na bomba atômica e no avião a jato de seu país. Destes últimos chegaram a fabricar quase cinqüenta. Mas já era tarde, porque os aliados previram isso e acabaram com a indústria deles, pela intensa utilização dos bombardeios estratégicos. No entanto, se não tivessem feito isso, os alemães teriam vencido a Segunda Guerra, caso dispusessem da arma nuclear. Mas eram soldados disciplinados. Não vi a rendição, mas me contaram que quando o 6º RI estava recebendo os prisioneiros, nós estávamos atravessando o Rio Pó, para chegar a Cremona, eles se entregavam, mas antes faziam continência e apertavam a mão de seus Capitães e Tenentes, cada um dentro de sua hierarquia, com garbo e dignidade.

Eu e o sargento Crispim, com dois Grupos de Combate, atravessamos o Rio Pó de barco, para tomar Cremona. A sorte é que não havia quase alemães e o Rio Pó ali só tinha, talvez, uns vinte metros de largura. Entramos os dois Grupos e saímos do outro lado. Quando chegamos, posicionamos as metralhadoras, apareceu um italiano numa janela, eu o chamei e ele veio. O italiano pensou que éramos alemães, por causa do uniforme parecido, e nos perguntou aonde íamos. Disse que éramos brasileiros, ele gritou: "Brasiliane, brasiliane." Vieram com bandeiras, surgiu um com a bandeira da foice e do martelo, chegou-se ao sargento Crispim, foi cumprimentá-lo. O Crispim deu um murro nele. Eu perguntei: "O que é isso, Crispim?" "Eu não gosto de comunista" respondeu.

Não éramos politizados, mas sabíamos que não era bem-vindo o comunismo, como não foi, tanto é que escafedeu-se até mais rápido do que se esperava.

O meu Capitão escreveu um elogio individual, entre outros. Mas esses dois foram os principais:

"Marchou com sua Companhia na vanguarda da coluna que atacou Colecchio, terminando a luta com a rendição do inimigo e limpeza do terreno. Nesse memorável combate sua Companhia teve uma ação destacada devendo o êxito que alcançou, em última análise, a seu espírito de sacrifício, sangue frio e coragem".

E isso para mim é uma promoção a Marechal. O outro é o seguinte:

"No desempenho de suas funções, atingindo seus objetivos, ao sucesso de seu grupo bem conduzido, deve à Companhia o êxito que alcançou".

Eu cooperei com o meu Grupo e cooperei com a Companhia. Para mim isso é motivo de grande satisfação, o reconhecimento por tudo que fiz e se os senhores tivessem sido convocados, ou tivessem tido a oportunidade de ir apresentar-se voluntariamente, como eu, talvez tivessem feito igual e possivelmente até melhor. Quero dizer, não me considero herói, cumpri apenas minha obrigação para com nosso solo querido, que isso sirva de estímulo para as nossas futuras gerações de militares e de políticos.

Raul Kodama*

Natural da cidade de São Paulo, capital, 83 anos de idade, é casado com Alice Yoko, tem dois filhos e três netos. Na guerra exerceu as funções de cabo motorista da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses 105mm, hoje, Grupo Bandeirante.

Recebeu as seguintes condecorações por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Medalha de Sangue do Brasil, por ter sido ferido em ação; Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

---

* Motorista da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses, entrevistado em 14 de setembro de 2000.

Quando fui convocado, em 1944, servia no antigo 6º Grupo de Artilharia de Dorso, em Quitaúna, que foi extinto e passou a ser o I/2º Regimento de Obuses Auto-Rebocado. Eu era motorista da 1ª Peça da 2ª Bateria; mais tarde recebemos os canhões, porque na época não havia o de calibre 105mm, nem tão pouco a metralhadora .50. Não tínhamos materiais de guerra, não tínhamos nada, nem o nosso fardamento era o mais adequado para a guerra.

Eu, propriamente, não sabia nada desse “negócio de quartel”, desse “negócio de guerra”, não sabia nada disso, mas com o tempo a gente foi aprendendo e me lembro que o 1º Tenente Francisco Gomes da Silva Prado, Comandante da Linha de Fogo, ensinava-nos sobre os materiais que iríamos receber, porque não o conhecíamos. Depois que recebemos as instruções todas, fomos para a Itália, mas mesmo assim ainda não estávamos preparados para a guerra; tínhamos um conhecimento teórico, mas prática mesmo nós não tínhamos.

Depois que chegamos à Itália, no estacionamento próximo de Pisa, recebemos instruções, inclusive todo o armamento e equipamento. Aí fiquei conhecendo todo o material de guerra, munição e tudo mais.

Então o Capitão Valmiki Erichsen mandou “pagar” – que quer dizer distribuir – o material, e eu ia distribuir material e munição para o Regimento de Infantaria, que era o 11º Regimento, de Minas Gerais, de São João Del Rei, então eu fazia esse serviço todo, que não conhecia muito bem não, mas gostava de trabalhar.

Voltando um pouco, quando nós embarcamos e fomos para a Itália, eu fui como cabo e a bordo fazia faxina. Devido ao balanço do navio, havia muitas pessoas que enjoavam, então sobrou eu e um soldado, eu era cabo, mas também fazia faxina. Durante o dia a gente fazia essa faxina e guardava todo esse lixo, inclusive o vômito do pessoal, que era mantido em tambores e somente à noite a gente jogava ao mar.

Quando chegamos à Itália, desembarcamos em Nápoles e depois fomos em barcaças para Livorno e de lá fomos para a linha de fogo, para o *front*. Já tínhamos recebido as viaturas todas e fomos de caminhão. Naquela época eu era motorista. Cada Bateria tinha o seu caminhão; a gente não sabia nada sobre o itinerário, chovia muito à noite e não se enxergava nada. Tive a idéia de colocar uma toalha branca nas costas dos soldados, que iam em fileiras, permitindo-nos acompanhar com o caminhão a fileira e assim chegarmos ao acampamento.

O Capitão Valmiki me tratava muito bem, eu já era muito considerado por ele. Então, a gente fazia de tudo. Ele vinha e dizia: “Kodama, nós recebemos uma ordem para fazer tal serviço.” “Sim senhor!”, respondia, pronto para executá-la. Ele sabia que a gente ia cumprir a missão, tinha confiança no cumprimento da missão.

Uma vez chegou para mim e ordenou:

– Kodama, você vai colocar a metralhadora .50 na viatura de cozinha!

– Sim senhor! – falei.

Mas, como estava lá o Tenente Padilla, ele chamou-o e disse:

– Padilla, fala para o Kodama colocar a metralhadora .50 na viatura de cozinha.

Mas o Tenente, sabendo que eu já recebera a ordem, ao invés de falar a fim de que eu colocasse a .50 na viatura de cozinha, perguntou se eu conhecia a metralhadora. Respondi-lhe que não. Aí, perguntou se eu já vira a metralhadora e eu respondi:

– Não senhor, nunca vi.

Ele perguntou isso três vezes para mim. Após, falou:

– Mas você vai colocar!

– Sim senhor! – disse.

Eu não podia falar que era incompetente para cumprir a missão, porque a ordem era do Capitão. Peguei e coloquei a metralhadora .50 na viatura e dirigi-me ao capitão:

– Capitão, ordem dada é ordem executada. Agora, gostaria que o senhor dissesse a que altura o senhor quer que eu coloque a metralhadora .50.

– A que altura ela precisa ficar? – perguntou.

– Capitão, essa metralhadora serve para apoiar a Infantaria e é também antiaérea; para poder cumprir as duas funções, tem que ficar mais em cima.

– Pois então você coloca.

– Sim senhor!

Antes disso, quando o capitão me deu a ordem, ele havia perguntado para mim:

– Kodama, o que você precisa?

– Capitão, preciso de um homem forte para pegar o reparo que é pesado, pois não consigo carregá-lo sozinho.

– Você pode escalar quem você quiser.

Aí eu escalei um soldado chamado Rodrigão, que era descendente de portugueses e muito forte, e colocamos a metralhadora no lugar, em cima da viatura.

Outra vez, nós recebemos ordem de tiro e o Capitão chegou para mim e disse: “Kodama, recebemos ordem de tiro e é para você remuniciar as Baterias.” Saí com o caminhão cheio de cunhetes de munição a fim de cumprir a missão. Tinha uma que o terreno era muito ruim e a viatura atolou e não saía. Não gosto de falar nessa parte, porque fui contra o sargento nessa época. Eu vou contar só o pecado, não vou contar o pecador. Pedi a um soldado para falar com o sargento para emprestar a viatura 3/4 de tonelada, mas o sargento não quis emprestar, aí eu disse: “Está bem, então vocês vão descarregando, que eu vou trabalhar para desatolar o caminhão. Se eu conseguir, eu levo pelo menos a metade, assim vocês não precisarão carregar tudo.”

E assim eu fiz, consegui desatolar o caminhão e municiar a bateria, porque o Capitão havia dito que às 13h queria iniciar o tiro e eu terminei ao meio-dia e disse ao Capitão: “Pronto Capitão! Ordem dada, ordem executada.” E depois fomos descansar.

E, assim, havia muitas coisas que eu fazia, mas que não eram para serem feitas por mim; só que o Capitão me mandava primeiro, e se eu dissesse “sim senhor”, ele já ficava tranqüilo, porque sabia que eu executava. Aí, ele passava a missão para o Tenente, meu comandante.

Infelizmente não fiquei muito tempo porque fui ferido, mas eu fazia de tudo, inclusive carregar defunto. Uma vez morreu um soldado do grupo e o Capitão disse:

– Kodama, vai ver se foi o Dirceu.

– Capitão, é o Dirceu – era o soldado Dirceu Almeida, da Bateria dele.

– Kodama, o pessoal do Pelotão de Sepultamento disse que vai recolher, mas quando?

– Bom Capitão, o senhor é o dono do defunto.

– Então, você leva o defunto para o Pelotão de Sepultamento.

Aí eu peguei o corpo do Dirceu e entreguei no Pelotão de Sepultamento e assim era a vida.

Agora, eu tinha muita liberdade com o Capitão, tanto é que era para eu ser transferido para a Bateria de Serviços, mas o Capitão não deixou. Eu já estava para ser promovido a sargento e seria transferido, mas o Capitão disse que não, que a Bateria precisava de mim. Naquela época eu não me preocupava com esse “negócio” de promoção, nem nada disso, eu queria era estar no meio da história e não ligava para nada disso. Teve uma vez que o Capitão chegou para mim e perguntou:

– Kodama, porque você pôs a viatura nesse lugar aqui?

– Capitão, a viatura está coberta e está abrigada.

– Está coberta e está abrigada? – perguntou, investigando meus conhecimentos.

– Sim senhor! Está coberta porque está em baixo das árvores e está abrigada porque se os alemães quiserem nos acertar aqui terão que abaixar a alça de mira e se abaixarem, eles vão acertar a crista, por isso estamos livres aqui.

Estávamos na contra-encosta. De vez em quando ele gostava de fazer “essas coisas”, mas eu gostava dele.

Vou, agora, narrar como eu fui ferido. Quem transportava a munição e todo o material que fosse necessário à Bateria era eu. Uma vez, fui buscar material de manutenção e o Capitão, aproveitando o deslocamento, disse para levar os soldados para tomar banho. Assim, uma turma deles embarcou a fim de tomar banho na retaguarda. Enquanto eu carregava o material de manutenção, combustível, óleo etc para a Bateria, os soldados iam tomar banho. Terminado o carregamento, estava

esperando os soldados, em pé ao lado do caminhão, quando caiu uma bomba cujos estilhaços me feriram. Nesse instante passava um jipe e, quando olhei, notei que o motorista sumira, mas aquele senhor que estava ao lado dele – não sei se era oficial – fora decapitado, ficou sem cabeça. Olhei e vi aquele cidadão sem cabeça... Essa bomba alemã explodiu no ar e os estilhaços vieram como se fosse uma chuva e nisso morreram o motorista do jipe e o outro ao seu lado e eu fui ferido.

De imediato, procurei abrigar-me atrás de um pilar, pensando na possibilidade de vir outra, o que ocorreu. Cessado o bombardeio, veio um caminhão recolhendo os feridos; os mortos não. Um detalhe, não era em ambulância não, era num caminhão mesmo, onde se colocava o pessoal ferido e eu fui no meio deles, também.

Fomos transportados para Pistóia. Depois, fui para Livorno e, mais tarde, para Nápoles. Em todos esses lugares o Capitão Valmiki ia lá me visitar; ele sempre ia... preocupava-se... Mesmo quando eu estive em Nápoles, para ir para os Estados Unidos, o Capitão foi lá para se despedir de mim.

Meu ferimento foi no pé, eu fiquei muito tempo de muletas. Inicialmente, eles achavam que seria necessário amputar minha perna, mas acabou não sendo necessário. Fiquei bom de tanto dançar batucada, eu gostava de dançar, dançava uma noite e ficava 15 dias de molho, porque o pé inchava todo, quando usava água de salmoura. Dançava um dia pra sofrer 15 dias, mas valia a pena.

Parte do tratamento foi nos Estados Unidos, tendo levado bastante tempo. Eu não me lembro direito, mas estive em Nova York e, depois, em Nova Orleans, onde fiquei mais tempo. Nessa cidade havia um hospital especializado para feridos de guerra, no qual todos iam parar.

Com a minha melhora, retornei direto ao Brasil, passando por Pernambuco, pela Bahia e fiquei hospitalizado no Rio de Janeiro, onde se deu o final do tratamento. Depois, vim para São Paulo, estive no Parque Dom Pedro II, aguardando minha reforma. Fui reformado como 2º sargento e depois promovido a 1º sargento.

Voltando à viagem do Brasil para a Itália, lembro que havia os encouraçados que faziam a escolta do navio, mas eu fui uma pessoa que nunca se preocupou com nada disso, em nenhum momento da guerra. Eu só pensava que, se tivesse que morrer, eu queria morrer como soldado, não como um qualquer; eu queria morrer como um soldado.

Achei muito rigoroso o inverno europeu. O frio era muito forte e não possuíamos um agasalho apropriado, levando o pessoal a fazer de tudo para se agasalhar. Tirávamos o coturno e ficávamos com a galocha e enrolava papel nos pés; se não havia o papel, usava o feno, porque esquentava e, assim, evitava o pé de trincheira. No começo, os pracinhas não sabiam e alguns tiveram o pé de trinchei-

ra, obrigando a muitos amputarem o pé, porque ficavam congelados, todo roxo e dava a gangrena. Eu mesmo, que andava muito, às vezes ficava com os dedos todos roxos e doía muito.

Eu vou falar uma coisa que pode parecer estranha, mas ajudava a enfrentar o frio. Havia vezes em que não se podia acender fogo, que eu tinha que urinar nas mãos, isso mesmo, eu urinava nas mãos para poder esquentar um pouco. Porque eu era desses soldados que não paravam. Todo dia, precisava levantar muito cedo e fazer todas as viaturas funcionar, porque, em qualquer emergência as viaturas tinham que estar prontas. Diariamente, me levantava cedo e punha os motores em funcionamento.

Andando e mexendo aqui e ali, minhas mãos ficavam congeladas e as pontas dos dedos ficavam roxas e, como não tinha nada para esquentar, a solução era urinar na mão para esquentar.

A própria água dos radiadores das viaturas não congelava porque era misturada com um líquido anticongelante, porque se não estourava toda a parte de arrefecimento da viatura. Mesmo em temperatura de até 20°C negativos, com esse líquido a água do radiador não congelava. Então, todo dia de manhã cedo eu tinha essa obrigação, agora o resto era colocar metralhadoras em viaturas, fazer o serviço de remuniciamento, além de outras missões que sempre surgiam.

Ainda sobre o frio, os soldados brasileiros, através de amizade com os italianos, gostavam de tomar, de vez em quando, um vinho ou uma grapa para ajudar a esquentar. Mas dependia da pessoa, no meu caso, os italianos me ofereciam, mas eu não bebia, eu deixei de beber por causa do Exército; antes eu bebia, eu só trabalhava com um litro de "pinga" do lado; sem minha cachaça não trabalhava. Depois que fui convocado para o Exército, a turma começou a falar: "Você já é de classe baixa, viciado em pinga e agora vai ser soldado e tal." Aí, eu falei para eles: "Eu vou mostrar para vocês que não é a farda que faz o homem, é o homem que se faz na farda." Então, larguei de beber. Fui para a Itália e nem vinho bebia. Eu só bebia licor porque os italianos me davam, mas vinho ou grapa não bebia. O pessoal dizia que davam vinho e outras coisas para os soldados que iam para a guerra, para ficarem atordoados, para ficarem valentes e tal, mas eu fiz toda a campanha da Itália sem beber nada.

Às vezes, o Capitão vinha e falava: "Eu tenho uma missão para vocês, mas não quero escalar, eu quero que quem for voluntário dê um passo à frente." Eu era o primeiro a dar um passo à frente e aí os outros acompanhavam, eu sei que tinha uma turma boa no Exército, mas havia uns que nem tanto.

Sabemos que cada um de nós tem uma natureza, cada um de nós sabe como controlar-se, como dominar o seu sistema nervoso. Porque medo todo mundo tem, não vá pensar, porque fui à guerra, que eu não tenho medo. Não senhor, todo

mundo tem medo; não vou falar aqui que não se tem medo, tem medo sim, ninguém é valente. Se esses bandidos atuais são metidos a valente, é porque têm um revolver na mão, caso contrário, não seriam valentes. Agora, quando está com o 38 é valente, enfrenta qualquer um, agora sem arma, não enfrenta nada.

Então, eu acho que o homem deve ser valente quando for preciso. Mas ele precisa ter a arma, porque sem arma não adianta, vai morrer. Mesmo armado tem medo, mas precisa saber superar o medo, se não é covarde.

Era assim que nós enfrentávamos tudo, eu tinha minha arma, não era fuzil, era um "riflezinho" americano, arma leve – carabina .30 – eu o mantinha sempre limpo. Eu tinha um amigo, o Almeida, que até já morreu; acho que ele era meio atordoado, pois naquela época, quando se falava em ir à guerra, muitos se apresentavam voluntários, não pensavam na vida, não pensavam na família, só pensavam na Pátria e que tinham que ser patriotas. Tinham muitos assim, que batiam no peito e diziam: "Eu sou Brasil! Eu sou brasileiro!"

Então, o que aconteceu com esse meu amigo?

Ele saiu de Avaré e se apresentou como voluntário, mas quem fosse casado era dispensado. Em face disso, pois era casado, apresentou-se como solteiro e foi aceito. Mas depois que ele estava lá, ele não poderia voltar e a esposa escrevia pedindo que fosse visitar o filho. Faltava-lhe, porém, coragem de dizer para a esposa que tinha ido para a Itália. Ele me mostrou a carta e eu falei: "Diz para ela que você está aqui. Como é que você vai visitar seu filho?"

Entretanto, ele não tinha coragem de contar e acabou morrendo; não voltou para ver o filho. Ele ainda havia me pedido para vê-lo, mas acabei ferido e depois, quando voltei ao Brasil, eu fui em Avaré à procura da família do Almeida, mas quando cheguei lá não a encontrei. Disseram-me que tinham mudado e que não sabiam para onde e nunca encontrei.

Sobre o relacionamento dos nossos soldados com a população local, com os italianos foi boa, porque o brasileiro tem aquela simpatia, tem aquele jeito diferente. Todo soldado quando vai para a guerra torna-se perverso, rude, não tem compaixão, não tem nada disso, mas o brasileiro não é assim e eu vou citar um exemplo.

Quando a gente vê alguma coisa triste, alguém morto em acidente ou alguma coisa assim, nem que a gente não queira, a gente sente piedade daquilo, mas o soldado em guerra já não é assim. Morreu, está morto. Então muda completamente, a pessoa muda os sentimentos e tudo isso.

Eu por exemplo, quando cheguei da guerra, a minha família pensava que eu estava louco. Eu ainda fui parar no Hospital das Clínicas, aqui em São Paulo, como louco, mas é porque a gente viveu aquilo tudo, aqueles horrores da guerra, então a

gente perde aquele sentimento humano. Isso é conseqüência da guerra, que com o passar dos tempos a gente vai voltando ao normal. Então, antes de me casar, eu pensava: como é que iria ser a minha vida.

Eu não podia ficar no meio de muita gente, de multidão, que me dava vontade de quebrar, de bater, era uma certa neurose que com o tempo foi passando. Inclusive, quando eu fui parar no Hospital das Clínicas, o diretor era o Alípio Correia Neto, ele foi para a Itália também, então eu era protegido dele.

A respeito do relacionamento com os italianos pode-se dizer que os mesmos eram muito bons com os brasileiros, porque o brasileiro não tem aquele instinto de maldade. Até o próprio alemão, quando era preso pelo brasileiro, já vinha falando: "*Brasiliani, tu tem scatoleta, tu tem cigarrete?*"

Quando nós estávamos acampados, havia uns italianos e eles se davam muito bem com a gente. Conheci uma italiana que sempre me convidava para eu ir na casa dela, para comer alguma coisa; eu não gostava muito dessas coisas, mas recebia ração e trocava com ela: eu dava minha ração para ela e ela fazia umas broas e me dava.

Quando eu ia viajar, ela fazia aquelas broas para eu levar; em troca, eu dava as *scatoletas* para ela. Eles gostavam dessas "latinhas" de refeição, porque tinham doces, chocolates e as crianças também gostavam e ela me mostrou o buraco onde o seu marido se escondia. Quando os alemães estavam por lá ela escondia o marido num buraco, onde tinha uns dormentes e jogou terra por cima e só ficava um buraquinho, por onde ela dava comida para o marido.

Ela sempre fazia questão que eu fosse lá, mas eu não gostava; você sabe como é a vida de soldado... Mas, muitos soldados iam lá, dançavam... Às vezes ia lá para me esquentar, os italianos falam *scaldare*, então de vez em quando eu ia lá. E ela tinham uma filha, uma menininha, ela andava com o pezinho descalço, no gelo, não tinha calçado, não tinha nada. Como eu viajava muito, encontrei um sapatinho de couro com o solado de madeira, parecido com um tamanco, comprei para a menina e levei de presente. A italiana, mãe da garotinha, ficou muito agradecida. Ela ia às vezes no acampamento onde eu estava; uma vez foi lá com um coelho numa cesta e convidou-me para ir a casa dela, que ela tinha um coelho para fazer uma *pastaciuta*, uma espécie de uma macarronada, para eu comer e ela foi me mostrar o coelho. Eu dizia que ia, mas às vezes não dava, tinha outras coisas para fazer e assim aconteceu várias vezes.

Depois da guerra voltei à Itália a passeio, mas não cheguei a ir no local do acampamento; não houve tempo, só demos uma volta nos principais lugares. Fiquei admirado, porque aquelas curvas, que no tempo da guerra eu passava por ali de jipe, correndo feito um louco, estava tudo muito modificado.

Quanto ao combatente inimigo, o soldado alemão, não tive nenhum contato, inclusive eu rezava para não encontrar, porque seria ele ou eu.

Agora eu gostaria de mostrar esse acróstico que eu fiz para uma festividade que houve em São Bernardo do Campo, no dia da Vitória. Então nós precisávamos dar alguma lembrança para os meninos, para os escoteiros, o pessoal da Associação achou que deveríamos dar uma medalha da cobra fumando, mas eu achei que além da medalha nós deveríamos escrever alguma coisa, porque só a medalha não traz uma mensagem, eu não sou poeta, mas eu escrevi esse acróstico:

"Heróis da FEB"
"**P**artimos para a velha bota
Rumo à conquista dos ideais da liberdade
A humanidade se livra da tirania
Com os feitos de seus filhos brasileiros e
Impiedosos combatentes do Reich da vergonha
Na conquista da honra da Pátria-mãe
Haverá de perpetuar uma sociedade justa
A cobra fumou para liberdade e a democracia
Sempre e eternamente Brasil."

"PRACINHAS" é o termo carinhoso com que os brasileiros designam os seus expedicionários e ex-combatentes, mas a meu ver, pracinha, não é só o expedicionário, mas todos os militares. Esse termo Pracinha surgiu no Exército para designar os praças, quer dizer, todos são praças. O Exército é constituído por cidadãos livres, livres para servir à Pátria. Ainda nos meus tempos de soldado e de cabo eu já falava para os sargentos que o Exército Brasileiro é constituído por cidadãos livres para servir à Pátria. Então, não interessa se ele é cabo, se ele é sargento, se ele é oficial, ele é pracinha. Pracinha é o militar do Exército.

Como palavras de despedida, primeiramente, eu gostaria de agradecer essa oportunidade e dizer que sinto o orgulho e o prazer de ter combatido na Itália e de saber que o Brasil não está envolvido em guerra. Mas que se for necessário, para vocês que estão servindo agora, deverão estar prontos para defender a nossa Pátria contra qualquer ameaça.

Porque quando eu também fui soldado e eu não pensava em guerra, nem imaginava o que fosse uma guerra, mas quando foi necessário, eu e muitos outros jovens brasileiros se apresentaram, dispostos a defender, em solo estrangeiro, a humanidade contra um inimigo cruel.

E nos portamos com valentia e eficiência e conquistamos os objetivos mais difíceis na Itália, nós que nunca tivemos instrução de montanha, como o americano que tinha uma tropa treinada para atuar exclusivamente em regiões de montanha, o Brasil não tinha tropa de montanha mas fazia tudo, vencia tudo.

Vocês, jovens militares que hoje estão vestindo esse uniforme, se forem ver nos livros sobre a guerra, verão o quanto são valentes, como nós fomos, vocês não sabem disso, porque nunca estiveram lá, mas, vocês são valentes, porque eu fui e eu também não sabia.

Outra coisa, eu fui atirador, fiz o Tiro de Guerra, mas eu me sentia como se fosse realmente um soldado do Exército. Então, se eu fui, vocês com certeza hoje, com muito mais preparo, também o serão. Na caserna a gente aprende muita coisa; eu, que era um caipira do interior, aprendi muito na caserna; eu não sabia de nada mas aprendi muito no Exército. Agradeço ao Exército, por muitas das coisas que eu aprendi na vida.

Tanto é, que os colegas falavam que eu era "peixinho", mas eu era "peixinho" do Capitão, do comandante, porque eu trabalhava, eu fazia de tudo, e, antigamente, um soldado para falar com o capitão tinha que falar primeiro com o cabo, depois com o sargento, até chegar no Tenente para poder falar com o Capitão, mas o Capitão mandava me chamar. Certa vez ele me disse: "Kodama, quem manda na Bateria sou eu, mas depois de mim é você."

Ele tinha uma confiança muito grande em mim, mas nunca abusei dessa liberdade que ele me dava, eu sempre procurei fazer a coisa justa. Naquele tempo tinha que se fazer muita economia, e eu controlava rigorosamente o consumo de combustível da Bateria e orientava os soldados, dizendo para os motoristas: "Essa gasolina vai dar e vai sobrar, mas se não souber fazer economia, vai faltar."

Muitas vezes, quando as viaturas chegavam, no final do expediente, eu tirava a gasolina e guardava nos tambores, porque se não usasse evaporava e o comandante sabia disso. Quando precisava, quando acabava o combustível das outras Baterias, o comandante sabia que tinha uma reserva porque eu sempre economizava, mas eu fazia tudo isso: media o combustível do tanque da viatura com uma varetinha, e se tivesse excesso tirava, porque naquela época tudo era na base da economia.

Quando fui convocado, eu não queria, porque quando fui voluntário, não me aceitaram, e, quando já estava trabalhando, ganhando seiscentos mil reis, sou convocado. Iria ser soldado, mas eu não queria ser soldado.

No quartel, aquele baixinho, o Coronel José de Souza Carvalho, Comandante do Grupo, ele chegava e dizia assim: "Este será bom soldado, aquele será bom soldado", e quem não "era bom", era dispensado. Ele chegou perto de mim e falou que eu

era bom soldado e eu pensei comigo: “Esse baixinho não me conhece e como é que ele sabe que eu sou bom soldado?”

Mais tarde fui até preso e aí pensei: quer saber de uma coisa, vou ser o que eu sou; não vou ser mau elemento, eu vou ser realmente quem eu sou, vou tentar ser bom. Depois, fui transferido para a 2ª Bateria e promovido a cabo, nunca fui mau elemento e cumpri com rigor a minha missão. O Coronel Souza Carvalho sabia o que dizia, ele acertou.

Essa é a mensagem que eu deixo com toda autenticidade, onde eu destaco, sobretudo, a vontade de sempre colaborar, de sempre servir, de sempre encarar qualquer missão, de quando receber uma missão e dizer “sim senhor” ser um sinal de que a missão será cumprida. Essa é uma mensagem importante para todo aquele militar ou civil que queira vencer na vida.

Rubens Bera*

Paulista da cidade de Rincão, tem 80 anos de idade, é casado, com três filhos e oito netos.

Fez a guerra como cabo auxiliar de Linha de Fogo, calculador da 3ª Bateria do III Grupo da Artilharia Divisionária da FEB e é condecorado com a Medalha de Campanha.

* Cabo Apontador da Linha de Fogo da 3ª Bateria do III Grupo de Obuses, entrevistado em 27 de julho de 2000.

Fui sorteado em 12 de fevereiro de 1941, passei pela inspeção médica no Quartel de Intendência, na Lapa, e incorporado ao 6º Grupo de Artilharia de Dorso, em Quitaúna. Designado para a Seção Extra, ao concluir o tempo do serviço militar obrigatório, fui licenciado.

Em 25 de novembro de 1942, ao ser convocado, me apresentei no mesmo quartel. Participamos de uma manobra em Sorocaba, na qual tomaram parte também o 4º Regimento de Artilharia Montada, de Itu, e o 2º Grupo de Artilharia de Dorso, de Jundiaí. A direção de manobra coube ao General Maurício Cardoso, Comandante da 2ª Região Militar, de São Paulo.

Em virtude dessas manobras, o 6º Grupo de Artilharia de Dorso foi escolhido para formar o III Grupo da Artilharia Divisionária da Força Expedicionária Brasileira; recebemos material americano e fizemos o nosso primeiro tiro real em Mogi das Cruzes, depois fomos transferidos para o Rio de Janeiro. Nesta cidade, ficamos acantonados em barracões na Vila Militar e realizamos vários exercícios no campo de instrução do Exército em Gericinó. Em seguida, fomos transferidos para o aquartelamento de Cascadura logo depois para Campinho, onde houve uma formatura, em 18 de setembro de 1944, durante a qual o nosso Comandante, o Coronel José de Sousa Carvalho, informou-nos que a Unidade iria para a guerra e disse o seguinte:

– No segundo toque de formatura não venham para o pátio, fiquem formados em fila indiana ao lado dos alojamentos.

Às 13h30 min desse mesmo dia, por via férrea, fomos até o cais do porto do Rio de Janeiro e embarcamos em um navio de transporte de tropas norte-americano, chamado *General Mann*, no qual seguiu o 2º escalão. O 3º escalão acomodou-se no *Gen Meighs*. Ficamos embarcados até o dia 22, quando o navio foi rebocado do cais para a Baía de Guanabara e ficou parado por uns 30 minutos. Depois disso, começou a se movimentar e seguiu o seu destino. Víamos o Cristo Redentor com os braços abertos, como se estivesse se despedindo de nós. A Baía da Guanabara é uma maravilha.

Viajamos 16 dias e chegamos ao porto de Nápoles no dia 6 de outubro de 1944. Ainda ficamos embarcados até o dia nove, quando deixamos o navio e fomos transportados em barcaças. Em cada uma cabia, aproximadamente duzentos elementos; navegamos de Nápoles até Livorno, essa viagem durou mais ou menos 37 horas.

Chegando a Livorno, prosseguimos em caminhões norte-americanos para perto de Pisa. Ficamos acampados no parque real Tenuta de San Rossore e lá recebemos mais alguns materiais de campanha americanos, como capacete, agasalhos etc. Realizamos outros exercícios com o armamento, não os canhões, mas com os fuzis e mosquetões, porque o pessoal da Artilharia usava mosquetão.

No dia 13 de novembro fomos para o *front*, saindo às 15h30 min e chegando a 14 de madrugada. Para colocar as nossas peças em posição foi muito difícil, porque havia muito barro, mas mesmo assim conseguimos. Às 9h da manhã recebemos a primeira missão da Central de Tiro e começamos a atirar de Savignano, região de Porreta Terme; primeiro tiro do Grupo: 15 de novembro de 1944.

Em seguida, recebemos fogos de contrabateria, que significaram o nosso batismo de fogo. Os alemães deram seis tiros, mas as granadas passaram por cima das nossas peças e caíram na retaguarda a uns seiscentos metros; a nossa guarnição deitou-se sob o canhão, e como os arrebentamentos não nos atingiram, voltamos a disparar novamente em cima dos alemães. Sei que ao meio-dia a Central de Tiro nos comunicou que a missão já havia sido cumprida.

Ficamos naquela posição bastante tempo, de lá a gente fazia fogo de artilharia sobre Monte Castelo, Soprassasso e Castelnuovo. Executávamos, diariamente, tiros de inquietação, que sempre começavam às 22 horas e iam até as 6 horas da manhã.

Aí veio a neve e, mesmo assim, mantivemos a nossa posição naquele local. Quando chegou a primavera, no dia 21 de fevereiro, lançamos uma concentração enorme de fogos sobre Monte Castelo. Começamos a atirar às 7 horas e só terminamos às 17 horas, após a tomada do objetivo. Houve outros ataques anteriores a Monte Castelo, mas esse foi bem-sucedido com a participação vitoriosa do 1º Regimento de Infantaria, do Rio de Janeiro.

Mais tarde, fizemos concentrações de fogos sobre Soprassasso e depois sobre Castelnuovo, que também foram conquistados. Em seguida, mudamos de posição. Fomos para Barga, onde apoiamos a Infantaria, na tomada de Montese. Ali, dessa vez com o 11º RI atuando reforçado, passamos quatro dias atirando sobre a cidade e, após a sua tomada, nos deslocamos para Abetaia; nesse percurso a gente pôde ver o quanto as cidades estavam destruídas.

Após cumprirmos diversas missões, fizemos nova mudança de área e aí aconteceu o seguinte: quando chegamos ao local para ocupar a posição de tiro, os americanos alertaram-nos de que não podíamos utilizar aquele local, pois o terreno estava completamente minado. O alemão, à medida que recuava, usava esse procedimento para atrasar o avanço das tropas oponentes.

Dali nos deslocamos para outro lugar, onde havia umas plantações de uvas e ficamos lá uns quatro dias; quando entramos na área cultivada, havia algumas famílias de moradores que, à nossa passagem, nos cumprimentaram como se fôssemos nazistas. Depois de aprontar as peças, eu e o Comandante da Linha de Fogo perguntamos o porquê daquela saudação e um italiano falou o seguinte:

– Acontece que há menos de quarenta minutos saiu uma tropa alemã e nós pensamos que vocês fossem alemães também.

Desse local fomos para Bombiana, onde ocupamos um prédio que tinha sido um convento e ali ficamos acantonados. Nesse ponto, recebemos ordem de manter todas as Baterias, a 1ª, a 2ª e a 3ª, sobre rodas, prontas para sair a qualquer momento. O Comandante da Linha de Fogo, Tenente Vitor, disse-me para pegar a nossa munição e avisou ao sargento que queria todo o pessoal embarcado à meia-noite.

Mas acontece que não saímos, somente a 1ª Bateria, comandada pelo 1º Tenente Faria Lemos. Na estrada, o Tenente mandou que todas as viaturas apagassem as luzes e se deslocassem em marcha lenta, sendo que à frente ia um guia. Depois ficamos sabendo que adiante da 1ª Bateria havia tanques alemães. A história está registrada nos documentos do Exército que descrevem essa passagem.

Ouvíamos o ronco dos motores dos tanques, mas ninguém sabia que se tratava dos alemães.

Por isso é que tínhamos que tomar a precaução do blecaute total nas viaturas e, mesmo assim, parávamos muitas vezes debaixo de árvores à margem da estrada, para fugir à observação do inimigo.

Em seguida, fomos para uma posição de espera, onde recebemos ordem para ficar aguardando sobre rodas, porque a Bateria iria para Fornovo di Taro, mas a 2ª Bateria, que estava mais próxima, afinal se deslocou. Mais tarde deu-se a rendição da 148ª Divisão alemã e de mais uma Divisão italiana.

Depois disso, recolhemos todo o nosso material para ser transportado para o Brasil e embarcamos em caminhões americanos, que nos levaram até Livorno, em seguida para Pisa e Nápoles, onde ficamos acampados em barracas para seis homens, com seis banheiros cada. Cada um tinha seu chuveiro, tudo certinho. Quem fazia a limpeza eram os prisioneiros alemães, e havia também uma parte deles que ajudava na cozinha do nosso rancho.

Em Pisa havia um campo de concentração para prisioneiros alemães e quem tomava conta era os americanos. Como o pessoal de Santa Catarina falava o alemão corretamente, a gente se aproximava do portão do campo de concentração dos alemães para conversar e então ocorreu um caso interessante. Tínhamos um companheiro, cujo nome era Almir Schneider, cabo telefonista, e eu lhe disse:

– Schneider, conversa com os seus conterrâneos, eles estão presos aí, conversa com eles.

Um daqueles presos ouviu o nome Schneider e disse:

– Aqui tem um Schneider.

Foram chamá-lo e quando ele chegou, começaram a conversar e acabaram descobrindo que eram parentes, porque o alemão sabia que uns parentes seus estavam no Brasil, em Santa Catarina, e coincidiu de se encontrarem.

Os alemães, através dos catarinenses, diziam que os brasileiros eram amigáveis e que os americanos não davam muito papo para eles. Falavam, ainda, que os americanos lhes forneciam, todas as segundas-feiras, um macacão limpo para vestirem, mas havia escrito nas costas "prisioneiro de guerra" e então eles não vestiam. Lavavam suas próprias roupas e, quando recebiam a roupa limpa, devolviam a anterior também limpa, porque não tinham usado.

Tudo para não usar o macacão no qual estava escrito que eram prisioneiros de guerra. Uma coisa humilhante.

Os alemães diziam:

– Acontece que nós já somos prisioneiros. Para que isso?

Era uma humilhação desnecessária e eles não aceitavam.

Eu recebia todos os dias um pacote com dez maços de cigarros e ganhava também uma barra de chocolate; dava tudo aquilo para os alemães, pois não fumava e então passava para eles. Eles fumavam escondidos.

Havia alguns alemães que não gostavam, tiravam o fumo e enrolavam noutro papel, para evitar o papel americano e não parecer que estavam fumando o cigarro deles.

De Pisa, fomos para Francolise e lá ficamos novamente em barracas grandes, para seis elementos; a alimentação era muito boa e depois, em transportes norte-americanos, fomos até Nápoles. Embarcamos para o Brasil em um navio chamado *Mariposa*. Chegamos no dia 28 de agosto de 1945 e fomos licenciados em 31 do mesmo mês.

Ainda na Itália, certa ocasião um garoto foi até o local onde estávamos e falou com o Comandante da Linha de Fogo que o pai era barbeiro e havia quatro homens que tinham ido à barbearia cortar o cabelo, mas ficavam o dia todo sentados à porta observando os brasileiros, os americanos e os ingleses que estavam à nossa retaguarda; então o Tenente Igor me disse o seguinte:

– Rubens Bera, vá até lá e veja qual é a situação.

Deixei o garoto ir à frente e esperei mais ou menos uns trinta minutos, para não chegar junto com ele.

Logo depois, fomos eu e o soldado Antonio Pulcci e, quando chegamos, entrei e perguntei quem era o dono da casa. Um senhor veio, disse o seu nome e então indaguei se ele conhecia as ditas pessoas, se ainda estavam lá.

Conduzi os quatro tipos até a Linha de Fogo, ordenei que permanecessem em fila indiana. Examinando a documentação deles, o Comandante verificou que

possuíam autorização para andar nas linhas alemãs. Em seguida, por ordem do nosso Tenente, o sargento Ímero e eu transportamos aqueles homens até o Capitão Comandante da Bateria.

Eram alemães mesmo, em trajes civis, para escaparem da prisão.

O Capitão nos disse que iria tomar providências e depois não soube mais o que houve com eles.

Uma vez, quando ocupamos posição, atiramos até o meio-dia e depois fomos preparar o local para armar as nossas barracas; conversando, decidimos fazer uma só, isto é, com todas as lonas das barracas resolvemos fazer uma bem grande para a Linha de Fogo (éramos seis pessoas), e outra maior, junto das peças, para o resto da guarnição, composta de 12 pessoas.

Mas quando vinha uma ordem de tiro, o telefone estava num lugar, o Comandante em outro, assim como o calculador, então resolvemos colocar tudo junto. Muito bem, ficamos trabalhando até tarde, arrumando aquele local, fazendo a camuflagem e tudo mais. Lá pelas 22h30min, (isso no primeiro dia na posição), chegou uma mensagem para o Comandante da Linha de Fogo; ele leu e disse que queria um voluntário para levar aquela mensagem até a 2ª Bateria e ninguém se manifestou. Então, ele me escalou:

– Vai você, cabo Bera.

Aí eu falei:

– Não há problema algum Tenente, mas acontece que não conheço essa área, passamos o dia todo arrumando a nossa Linha de Fogo e nem sei onde fica a 2ª Bateria.

Mas ele tinha um mapa, mostrou-me e explicou:

– Saindo da Linha de Fogo há uma estrada, quando começar a subir, você entra à esquerda e depois da cerca já é a área da 2ª Bateria.

Quando entrei na área da 2ª Bateria eram quase 3 horas, então o guarda perguntou:

– Quem vem lá?

Eu me identifiquei, ele pediu a senha, então gritei:

– Maçã!

Pedi a contra-senha e ele gritou:

– Pêra!

Entreguei a mensagem ao Comandante e fiquei esperando a resposta; ele ordenou:

– Pode ir embora que eu envio à 1ª Bateria.

Antes, ao sair de nossa Linha de Fogo, estavam de guarda o cabo Bruno e o soldado Luiz; e eu havia dito ao Bruno:

– Eu vou até a 2ª Bateria e voltarei.

Ele respondeu:

– Está bem, pode ir.

No meu regresso, quando estava entrando na Linha de Fogo, ele perguntou:

– Quem vem lá?

E eu:

– É o cabo Bera.

Ele não acreditou:

– Conversa sua, o cabo Bera está aqui na Linha de Fogo, ele não pode sair de lá.

Mesmo assim falei a senha e a contra-senha e fui entrando; quando ele me viu e me reconheceu, disse:

– Me desculpe Bera, eu não me lembrava que você havia saído.

Falei para o Tenente Igor que foi tudo bem, que tinha entregue a mensagem, mas contei que o Bruno esquecera da minha saída; ele falou o seguinte:

– Sabe o que é, Bera? É o primeiro dia de front para ele e o pessoal fica meio inseguro, meio nervoso, isso é normal.

No bombardeio de Monte Castelo, um avião foi avariado e veio cair nas nossas linhas; o piloto saltou de pára-quedas e, quando chegou ao chão, nos viu, jogou a arma fora, uma pistola e veio com as mãos levantadas, ao perceber que éramos brasileiros foi aquela alegria e então exclamou:

– Ah! Agora eu vou voltar e pegar a minha arma.

Ele pensou que houvesse soltado nas linhas alemãs. Foi aquele alívio, aquela alegria.

Gostaria de comentar sobre a influência do clima nas nossas missões. Quando a Bateria recebia uma missão de tiro, devido ao frio, a temperatura da pólvora se alterava. Tínhamos um medidor e eu era quem fazia a aferição da temperatura. As cargas dentro dos cartuchos eram presas, 12 cargas, todas amarradas, conforme cada missão. Por exemplo, se para determinado tiro fosse necessária uma carga quatro, eu fazia a medição, e se a pólvora estivesse com a temperatura acima do normal, só usávamos três, quer dizer, com a carga três fazia o mesmo efeito de uma carga quatro. Essa era uma das nossas missões, para o tiro ser o mais perfeito possível.

E não aconteceu, mesmo com o frio e a umidade, um problema sequer de nega, ou seja, de não funcionar a espoleta. Sempre funcionou bem, porque a munição ficava dentro dum nicho todo lacrado, só tirávamos quando íamos usá-las. Quando se recebia uma missão, retirava-se a quantidade necessária de munição e, como as cargas eram compostas de 12 elementos, era raro se estragarem, e

as espoletas, também. Havia espoletas de percussão e com regulagem de tempo, ambas muito usadas.

Os canhões atiravam sempre muito bem e tínhamos conosco um mecânico de Artilharia; a cada missão, ele examinava todas as peças.

A manutenção era feita no local e bem-feita. Por ocasião do ataque final ao Monte Castelo, houve necessidade de abrir e manter o fogo por quase um dia inteiro, e, mesmo assim, os canhões não sofreram um maior desgaste, não tivemos que trocar tubo nem peça.

Os tiros eram compassados, de forma que os canhões agüentaram bem e eu afirmo isso porque era da Linha de Fogo.

A precisão dos nossos tiros era sempre muito boa.

Os próprios inimigos, em Pisa, depois disseram que sabiam quando eram os brasileiros, os ingleses ou os americanos que atiravam, devido à precisão dos tiros.

Eles diziam que os brasileiros eram bastante precisos. Os americanos gastavam muita munição, mas os nossos tiros eram mais certeiros. Felizmente há observadores que podem confirmar isso, o próprio General Resstel, que era observador avançado na guerra. Nós tínhamos também um observador aéreo que voava em um teco-teco, o 1º Tenente Oswaldo Mescolin.

Numa certa ocasião, o Tenente Mescolin estava fazendo uma observação e pediu para atirarmos em determinado lugar, fizemos a pontaria de acordo com as coordenadas que nos passou e abrimos fogo. Com isso, ele deu a missão como cumprida. Muito bem, só que depois que a guerra acabou, após muito tempo, já General, eu o encontrei em Barueri, lá no Grupo Bandeirantes, e perguntei-lhe:

– General Mescolin, aqueles tiros que o senhor nos pediu e deu como missão cumprida se destinavam a que alvo?

Ele me respondeu:

– Eram canhões feitos de papelão que os alemães iam deixando.

Isso é muito interessante, porque é um dos tipos de disfarce, é o simulacro, quando o combatente imita um canhão, uma viatura, ou outro material mas tudo feito de papelão ou madeira. Até aviões são simulados e, por isso, utilizam o simulacro, para atrair os fogos do inimigo para cima desses falsos alvos. Na verdade ninguém está destruindo armamento algum. Também é usado para induzir o inimigo à idéia de que se possui mais armamento ou mais equipamento, que, na realidade, não acontece.

E com isso retarda o ataque, pois confunde o oponente.

Além de fazer o outro lado gastar munição, porque a aviação tem missões certas, se utilizá-la em alvo errado, vai ter que reabastecer para procurar o alvo verdadeiro.

Os alemães, que eram mestres na arte da guerra, até nesse particular eram muito bons.

Dei muitas risadas quando o General Mescolin me contou isso e como deu a missão por cumprida; para nós, tudo bem.

Em relação à população local, foi bom nosso relacionamento, tanto é que quando saímos de Braine e desmontamos o rancho, todo material que sobrou foi distribuído para o pessoal daquela área, na frente do quartel. Eles se tornaram nossos amigos, e quando saímos em direção a Pisa, só se ouvia aquela choradeira, não queriam que fôssemos embora, preferiam que os brasileiros continuassem lá.

Depois, a guerra terminada, muitos companheiros nossos se casaram com mulheres italianas. Havia reuniões do pessoal nosso junto com as famílias italianas, tocavam, cantavam e brincavam, era amizade mesmo.

Serviam vinho e grapa. Eu mesmo, quando voltei para o Brasil, trouxe o endereço duma família de imigrantes italianos, mas como eles mudaram e eu também, não nos comunicamos mais.

Quanto ao soldado alemão, tivemos em Pisa algum contato com os prisioneiros, conforme já disse.

Eles faziam a limpeza das nossas barracas, abriam-nas para ventilação e nos entendíamos com eles, eram gente boa, profissionais mesmo.

Já com os italianos era muito mais fácil nos entendermos, falando um italiano meio misturado com o português.

O brasileiro tem muita capacidade de, em qualquer lugar, comunicar-se e começar a aprender um pouquinho da língua local.

E, apenas conversando, assimila muita coisa.

Quanto ao reconhecimento da Pátria pelo sacrifício que fizemos indo à guerra, não tenho queixa, pois a nossa missão na Itália foi defender o nosso País; sempre muito bem tratado, no Exército, saí porque quis e, se tivesse continuado, talvez estivesse hoje num posto mais elevado.

Atualmente, sou o Diretor Social da Associação dos Ex-Combatentes, e o nosso trabalho é de assistência a todos eles e as suas famílias que, às vezes, têm alguns problemas e nos solicitam ajuda; procuramos fazer o possível para atender. Algum companheiro em dificuldades, às vezes, precisa do auxílio de um advogado ou de uma orientação e estamos lá para isso.

Além disso, promovemos reuniões, a que comparecem de cem a cento e vinte associados e é aquela confraternização. Nessas reuniões, oferecemos almoços ou jantares e é uma oportunidade de rever os amigos e colocar as conversas em dia.

Esse apoio é importante, embora não haja, agora, muitos ex-combatentes, pela ordem natural da vida. No passado foi de grande serventia para os que sofreram dificuldades logo depois da guerra; as associações ajudavam nesses períodos mais difíceis. Hoje continuam ajudando, mas, atualmente, cada um já tem o próprio amparo.

Logo no início mantínhamos um depósito com mantimentos que nos eram doados e atendíamos os companheiros que tinham mais dificuldades.

Lembro-me do Tenente que era o Comandante da Linha de Fogo, eu era cabo-calculador e auxiliar de tiro, o Salomia e o Clemente eram telefonistas. Essas mesmas pessoas compunham a mesma Linha de Fogo no *front*.

Afirmo que dentro do Exército aprendemos muito, conduta correta e respeito e se sou o que sou hoje, devo a ele, porque é tudo na minha vida e espero que os que hoje estão aí sigam o mesmo exemplo, sejam comportados, educados e aproveitem, porque lá fora só irão ganhar com isso.

Vicente Gratagliano*

É paulista da capital, tem 81 anos de idade, casado, tem dois filhos e cinco netos.

Fez a guerra como soldado fuzileiro atirador da 1ª Companhia, I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria.

Por sua participação na Segunda Guerra Mundial recebeu as seguintes condecorações: Cruz de Combate de 1ª Classe, Medalha de Campanha e a *Silver Star*, do Exército dos Estados Unidos.

* Soldado Fuzileiro da 1ª Companhia do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, entrevistado em 12 de setembro de 2000.

Eu me orgulho de ter participado da Força Expedicionária Brasileira, não com vaidade, mas por ter cumprido o meu dever em defesa da Pátria. Felizmente já estava servindo ao Exército, quando fui transferido para a FEB: pertencia ao 4º Regimento de Infantaria, III Batalhão, sediado em São Paulo, no Parque Dom Pedro. Havia já completado onze meses de caserna, sempre com boa conduta.

Em agosto de 1942, tiveram início os torpedeamentos dos nossos navios mercantes pelos submarinos alemães; naquela época, o Presidente da República, senhor Getúlio Vargas, mandou cancelar o licenciamento de todos os soldados que estavam servindo o Exército. Estava com onze meses, pronto para sair, no bom comportamento, mas, em virtude da medida, fui impedido.

Como estava sendo formada a Força Expedicionária Brasileira, pouco tempo depois, fui transferido para o 6º Regimento de Infantaria, Caçapava-SP, onde fizemos parte do treinamento inicial.

Daquela cidade, o meu Batalhão foi transferido para Taubaté, porque o quartel era pequeno para o número de soldados que estavam sendo convocados e transferidos para o 6º RI. Isto posto, o I Batalhão foi transferido para aquela cidade, um permaneceu em Caçapava e o outro foi movimentado para Pindamonhangaba.

Só então começamos realmente o treinamento que mudou bastante, porque, em tempo de paz, é realizado de forma diferente da execução em tempo de guerra, certamente muito mais exigente.

Depois fomos transferidos para o Rio de Janeiro, onde estava sendo formada a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. Nós, do 6º RI, o 1º RI e o 11º RI, de Minas Gerais, ficamos todos concentrados na Vila Militar.

No dia 29 de junho, data comemorativa de São Pedro, a noite foi muito fria, com uma neblina que não permitia enxergar nada. De manhã cedo, exatamente às 7 horas, tocou a alvorada, o Coronel Comandante do 6º RI pôs a Unidade em forma e falou:

– Olhem, hoje vocês todos serão dispensados e às 04:00 horas da tarde eu os quero de volta, aqui, prontos.

Nós vamos embarcar, mas não sabemos ainda para onde.

– Quem quiser desertar, é seu problema, mas às 4 horas eu quero todo mundo aqui.

Alguns companheiros diziam:

– Eu vou para minha casa e não volto.

Outros me perguntaram:

– Você vai ficar?

Eu disse:

– Bom, vou ficar. Não vou desertar, eu vou para a guerra.

Mas alguns companheiros desertaram e não compareceram ao embarque.

Na Vila Militar havia um campo de futebol bem grande e uma linha de trem que ia até lá. Nesse dia chegou um comboio com vagões de madeira, daqueles antigos, e às 4 horas da tarde embarcamos. No trajeto até o porto, as janelas do trem permaneceram fechadas o tempo todo. A gente queria levantá-las mas não era possível, estavam todas travadas.

Chegamos ao porto, já era noite, a neblina continuava muito forte, não se enxergava nada. Nós logo embarcamos, mas o navio ainda não estava totalmente carregado, faltavam o material de Artilharia e de manutenção.

Quando o meu Batalhão entrou eram 11 horas da noite do dia 29, nós ficamos acomodados nos dias 30 e 1º. No dia 2 o navio zarpou às 6 horas da manhã, quando nos levantamos o navio já estava saindo.

Fiquei assistindo a nossa partida, mas não sabia o destino, ninguém sabia para onde navegávamos, comentávamos que a gente iria para a Bahia receber mais instruções, era o que mais se falava:

– Nós vamos para a Bahia e de lá sairemos.

E eu assuntava:

– Mas como, se tem tanto lugar aqui no Rio, não precisa ir à Bahia para receber mais instrução!

O comentário era esse, mas fomos embora e fiquei olhando o Cristo Redentor até ele desaparecer; o navio se afastando e a imagem sumindo; foi a última visão do Brasil, o Cristo de braços abertos. Viajamos sem saber para onde e sem poder mandar correspondência, nem nada.

Quando chegamos a Gibraltar, fomos informados que iríamos para a Itália, desembarcar em Nápoles, isso quando já estávamos chegando perto da cidade. Deveríamos encostar na noite do dia 15, mas o navio recebeu um comunicado de que havia aviões alemães bombardeando o porto. Talvez estivessem esperando a nossa chegada. Nos aguardavam, entre 15 e 16, mas por essa razão somente no dia 16 é que chegamos ao porto, de manhã cedo, cerca de 8 horas. Um Sol bonito, um domingo maravilhoso. Desembarcamos nesse mesmo dia, 16 de julho de 1944. Deixamos o navio com os nossos sacos de viagem e os colocamos em caminhões que os transportaram para o local onde deveríamos ficar. Em seguida, tomamos um trem, tipo metrô, que se deslocava pelo subsolo. Eu me lembro de um túnel bem longo por onde passamos. Mas antes de chegarmos à estação para tomar o trem, os italianos começaram a atirar pedras em nós. Pensavam que éramos alemães, porque o nosso fardamento tinha quase a mesma cor do uniforme dos alemães e eles gritavam:

– Tedesco! Tedesco!

E atiravam pedras, tudo que eles tinham nas mãos atiravam contra nós e nos chamavam de *tedesco*.

Fomos para um lugar chamado Bagnoli, bastante pitoresco, bonito, onde o Rei Vitório Emanuel costumava caçar. Durante a nossa permanência, a gente se desentendia muito com a PE, a Polícia do Exército Brasileiro, os que usavam capacete branco; eles não podiam deixar a gente sair. Sabe como é soldado, a gente queria sair para ver a cidade, dar umas voltas pelas redondezas, mas eles impediam e, por isso, a gente "quebrava o pau".

Naquela primeira noite em Bagnoli, ninguém sabia de nossa chegada e não tinham providenciado barracas nem nada; tivemos que dormir ao relento. Recebemos a ordem para não fumar, porque disseram que havia um avião alemão que estava sobrevoando aquela área; passamos aquela noite ao relento, sem nada, ainda bem que não estava muito frio, porque ainda era verão na Itália.

Os nossos oficiais diziam:

– Pelo amor de Deus, ninguém fume. Ninguém fume, porque há um avião rodeando por aqui!

Acontece que lá só escurecia às 10 horas da noite.

Somente no dia seguinte é que começamos a receber as barracas e todo o material para montar o acampamento.

Depois fomos para Tarquinia e, até esse momento, sem armamento e sem nada; não havíamos recebido, ainda, o material da guerra.

Transportados em caminhões, tínhamos só a roupa do corpo e o saco "A" que leváramos daqui, porque o americano ainda não havia nos distribuído nada. Em Tarqüínia, inicialmente, só fizemos um pouco de educação física, para não ficar parados. Ainda estávamos instruídos pela doutrina francesa.

Depois de Tarquinia nos deslocamos para Vada, onde recebemos o armamento. Lá, passamos dois meses recebendo instrução, agora, segundo os padrões americanos. Quase tudo que aprendemos aqui, ao estilo francês, ficou esquecido, não existia mais e, em dois meses, aconteceu uma verdadeira reviravolta. Aprendíamos e praticávamos pelo sistema americano. Até o "sotaque" das metralhadoras do inimigo, eles nos mostraram, bem como o nosso novo armamento. Na verdade não conhecíamos nada; fizeram uma demonstração, dispararam uma *"Lurdinha"* e alguém disse:

– essa é uma das metralhadoras do alemão.

Quer dizer, quem falou foi o intérprete:

– dispara 1.200 tiros por minuto.

Depois mostrou e disparou com a metralhadora que iríamos utilizar:

– esta é uma metralhadora americana, ela é a .30 e dá 250 tiros por minuto.

Só para termos uma idéia, 1.200 tiros por minuto significam 20 tiros por segundo, uma cadência muito rápida.

Aquilo já impressionou. A gente que não sabia nada de guerra. Em seguida apresentaram o morteiro alemão, quer dizer, não atiraram, só apresentaram.

Depois a granada *schrapnell* que a gente chamava de "chuveirinho". Explodia no ar e os estilhaços caíam como a água de um chuveiro. Esse era o armamento que tínhamos que enfrentar, além do canhão 88mm.

Aquela explanação toda serviu também para nos apavorar, só pensando com quem iríamos nos defrontar.

Entregaram o armamento e depois, de 15 para 16 de setembro, rumamos para a frente de combate. Na véspera, veio um padre capelão, junto de um Subtenente da Companhia. Na reunião soubemos que os pelotões que marchariam para o combate, eram o 1º, o 2º e o 3º; o meu era o 1º Pelotão, do tenente José Gonçalves; o 2º Pelotão comandado pelo Tenente Carrão e o 3º pelo Tenente Manoel Barbosa da Silva que morreu lá. Aí o Subtenente falou:

– Cheguem aqui, perto de mim. E chamou: Senhor Vicente Gratagliano!

Respondi:

– Sou eu!

Ele perguntou:

– Escuta, se você morrer em combate, vai deixar a sua herança para quem, quem vai receber os seus vencimentos?

Aquilo me deixou nervoso. Puxa, será que vou morrer aqui e logo de cara?

Mas sabe o que acontece? O negócio não pode ser escondido, tem que ser na cara mesmo, às claras. Não adianta ficar enrolando e apenas falar em acidente, se você se ferir... Não adianta, tem que ser positivo e perguntar mesmo:

– Se você morrer em combate, para quem vai deixar os seus vencimentos?

Então respondi:

– Se eu morrer, quero deixar tudo para a minha mãe.

Depois partimos para o combate. Quando chegamos à Itália, fomos incorporados ao IV Corpo de Exército norte-americano, cujo Comandante era o General Crittenberger que nos empregou nos Apeninos. Nós, os sul-africanos, neozelandeses e outros, todos fazíamos parte do IV Corpo de Exército, para lutar nas montanhas, onde o combate é mais difícil.

Nessa ocasião recebemos tiros da Artilharia inglesa que confundiram nossas tropas com as alemãs. Possivelmente desconheciam a presença dos brasileiros. Aconteceu o fato numa região de pedreiras, onde havia uma bonita mina de mármore.

Depois entramos em Massarossa; quando chegamos lá não havia mais ninguém, nenhum combatente inimigo. Os italianos, quando nos viram, disseram:

– *Tedesco andato via!*

– *Tedesco andato via!*

Com isso queriam dizer que os alemães tinham ido embora.

Depois houve todas aquelas patrulhas, em muitas das quais participei. Nas que tomava parte nunca acontecia nada. O pior problema ocorreu quando passamos em Boscaccio e atacamos o Soprassasso. Em Boscaccio, nosso Pelotão, com cerca de 45 soldados, estava comandado pelo 1º Tenente José Gonçalves, muito bom Oficial, que tinha muita confiança em nós, seus soldados. O lugar em que nos encontrávamos era tenebroso.

O Soprassasso é uma montanha muito alta, pedregosa. Tem um esporão que forma outro morro, o Boscaccio. Por lá, num determinado local havia umas quatro casas a uma distância de, aproximadamente, cem metros, onde se encontravam uns alemães. Em nossa posição não existiam casas e a gente se abrigava em buracos no chão. Parecia buraco de rato. Permanecíamos ali para tomar conta da posição; aí houve um bombardeio de canhões 88mm. Era um bombardeio que não dava para agüentar, e tivemos que sair de lá. O Tenente falou o seguinte:

– *Vamos sair daqui, estou desconfiado que os alemães vão querer dar um golpe-de-mão para nos pegar.*

Retraímos uns cem metros, porque o Tenente não admitia abandonar a posição, não podia perder aquele lugar, era ponto de honra para ele manter aquele reduto. Ali, possivelmente, foi o pior lugar em que estivemos durante toda a guerra. Só retraímos para evitar que muitos morressem sob aquele bombardeio intenso. Ele estava prevendo um ataque ou qualquer coisa dessa natureza e então recuamos uns cem metros.

Fomos descendo, a encosta do morro se apresentava em degraus, porque se tratava de um parreiral de uvas e permanecemos a uma boa distância. Cerca de uma hora depois cessou o bombardeio, ficou tudo em silêncio e aí ele pediu três voluntários:

– *Eu preciso de três voluntários para ir lá em cima.*

Como eu estava perto, me apresentei. O que eu podia fazer? Sair dali, fugir? Não, eu me apresentei e se apresentaram também o sargento Comandante do Grupo e outro soldado; infelizmente esse soldado morreu lá. Prosseguiu:

– *Vocês vão?*

Repeti:

– *Vou, Tenente.*

Falei meio contrariado, como quem não queria ir, mas ele era muito bom e eu confirmei que iria.

E subimos; tivemos sorte, porque ao chegarmos lá encontramos tudo do mesmo jeito que estava antes, inclusive algumas armas que o pessoal havia abandonado, na pressa de sair. Nós olhamos a área, estava tudo normal e o sargento falou:

– Graças a Deus que os alemães não ocuparam a posição.

Tivemos sorte, porque pelo ataque que fizeram com o canhão 88mm, seria admissível que avançassem e ocupassem a posição, após o bombardeio. De lá de cima mesmo o sargento sinalizou para o Tenente subir. Com ele vieram os 14 homens, do Grupo de Combate.

Tinha falado ao Pelotão:

– Vou prosseguir com apenas um GC, os outros dois ficam, porque, se acontecer alguma coisa, vocês se salvam, vou subir só com 13 homens.

Éramos 17, lá em cima. Naquela noite ninguém dormiu. O Tenente advertia:

– Quem puder cochilar, cochile, porque os alemães voltarão, vamos ficar preparados.

Depois, verificou se o pessoal estava com as armas em condições, falou com um e outro; a gente lubrificava as armas, todos com as caixinhas de munição, granadas de mão, estava tudo pronto. Naquela noite não houve nada, na outra também não. O soldado Ferreira falou:

– Tenente, eu vou fazer um fogo, porque o frio está muito forte.

Aí o Tenente lembrou:

– E se eles virem isso, como a gente vai se arrumar?

No caminho, entre a nossa posição e as casinhas onde os alemães se encontravam, havia uma cancela, uma porteira dessas de fazenda, era só abrir a cancela que eles se lançariam sobre nós. O Tenente então falou:

– Vou fazer o seguinte: perto da cancela há um abrigo, porei um posto ali, ficam o Gratagliano e mais dois soldados com a metralhadora, cada um fica duas horas de guarda enquanto os outros dois ficam descansando; na hora de substituir é só acordar o outro e ir dormir no lugar dele, ficam fazendo o revezamento.

Aí o Luiz Armando Ferreira sugeriu:

– Tenente, vou fazer uma armadilha na cancela. Colocarei um iluminativo e duas granadas de mão, uma de cada lado. Quando o alemão abrir a cancela, acende o very light *e solta os pinos das granadas, que vão explodir.*

No outro dia ele fez isso, era um rapaz inteligente e hábil. Á noite, eu tinha que ficar de sentinela das 11 a 1 hora; quando chegou a hora, o colega puxou meu pé e me chamou:

– Gratagliano!

– Gratagliano!

Eu acordei meio assustado e perguntei:

– O que é?

Pensei que ele estava dando algum alarme, mas ele disse:

– Está na tua vez, já são 11 horas.

Recebi o relógio e coloquei no bolso. O sentinela passa o relógio, porque na guerra há erros, o sargento é obrigado a levantar na hora da rendição, levar um sentinela e trazer o outro, para conferir se estar tudo bem.

Mas havia os que não faziam isso e mandavam o soldado ir sozinho.

Às vezes, o soldado abandonava o posto para chamar o seu substituto. O pessoal usava aqueles macetes e achava que não ia acontecer nada.

Quando fui para o posto às 11 horas, o meu colega, o Mário Alberto mostrou:

– Olha, Gratagliano, está caindo neve.

Estava caindo neve e, nessa época, a gente usava uma capa branca. Eu pegava a capa e cobria a arma, porque se me cobrisse com ela e deixasse a arma descoberta, se a neve solidificasse, a arma não disparava mais, por isso o meu cuidado, mesmo ficando descoberto. O capacete ficava cheio de gelo que derretia e a água gelada escorria pelas costas, aquilo era gelado, não dá nem para imaginar o que a gente passava.

O nosso capacete era muito pesado, a gente usava dois capacetes, um de fibra, que era mais leve e o outro de aço, que ficava por cima do de fibra. Era pesado e desconfortável, porque o capacete do americano, quando a gente se agachava, caía em cima das vistas, impedindo a visão. Já o capacete do alemão era melhor que o nosso, tinha uma saliência na frente e mesmo que o soldado se abaixasse, não atrapalhava a visão.

O meu quarto era das 11 a 1, mais ou menos 30 min, nunca me esqueço, estava meio sonolento e não via a hora de terminar o meu horário para chamar o José Alves, que deveria me substituir. Quando faltavam vinte minutos para 1 hora, lembro bem, acendeu o iluminativo da cancela: o alemão abriu a porteira e com isso acionou o *very light*, mas as granadas não explodiram. Penso que a razão foi ele não ter aberto muito, para evitar barulho.

Quando acendeu, vieram para o meu lado, mas não me viram, eu estava a mais ou menos uns três metros da cancela e notei que eram três, os que se encaminhavam na minha direção e mais três estavam indo pelo outro lado da elevação.

A ordem que a gente tinha recebido era não atirar para não denunciar a nossa posição, mas não tinha jeito, eles estavam a menos de cinco metros do meu posto e

aí disparei o fuzil-metralhadora. Dei duas rajadas, cerca de quarenta tiros e ainda recarreguei, esperando aqueles outros que estavam indo pelo outro lado.

Eles também atiraram contra nós: a barraquinha do Armando Ferreira, nosso companheiro, ficou com a lona toda furada, eles usavam uma metralhadora de mão muito boa, muito rápida.

Aí o iluminativo apagou e não vi mais nada, fiquei muito nervoso, me deu um acesso de nervos. Aí o Tenente e os outros vieram correndo e perguntando:

– O que foi? O que foi?

Veio também o Bosco, ele estava de sentinela, ele fazia vigilância na retaguarda, era sentinela móvel.

Então, falei:

– Os homens vieram aqui! Eu não sei o que aconteceu! Os homens vieram aqui!

Aí eles me levaram para um abrigo, onde estava um padioleiro e ele me deu uns comprimidos para tomar, porque eu espumava pela boca, assim eles falaram, porque eu não vi nada, fiquei tão nervoso que não vi mais nada.

Foi muita emoção, mas melhorei e depois fomos substituídos pela tropa de negros americanos. A substituição não se deu para descansarmos: estavam preparando o ataque sobre Soprassasso e a nossa Companhia também iria participar enquadrada pelo Batalhão. Embora o Tenente houvesse falado:

– É, agora a gente vai descansar uns dias.

Quando chegamos à Companhia informaram-nos que tínhamos voltado para os preparativos do ataque ao Soprassasso, a ser desencadeado no dia 5 de março. Descansamos um dia, em seguida, limpamos e lubrificamos as armas. Na manhã seguinte, às 7 horas da manhã, antes do ataque, o General Mascarenhas de Moraes disse que queria o Soprassasso até as 4 horas da tarde nas mãos. O Tenente repetiu:

– O general disse que quer o Soprassasso de qualquer jeito.

E o pessoal comentava:

– Se depender de nós, já esta entregue.

Ainda no dia 4, fomos para a região do Soprassasso, uma montanha enorme, rochosa; seus caminhos eram totalmente desorientados, ninguém sabia direito para onde ir. De manhã cedo às 7 horas da manhã começou o ataque. O meu grupo, que estava do lado da Torre de Nerone, foi o mais privilegiado, pois tinha um rio e era o mais fácil de subir; mas encontramos uma posição com dois alemães que estavam com uma metralhadora. Ficaram segurando a gente e não nos deixavam subir. Falei a um companheiro nosso, o Araújo:

– Araújo, você vem comigo, vou ver se consigo enxergar quem está atirando em cima de nós.

Aí ele respondeu:

– Não, eu não vou não!

Mas eu insisti:

– Você vem sim, comigo.

Ele carregava a munição e subimos os dois, fomos progredindo, os alemães não podiam nos ver, fomos contornando até que chegamos a um lugar em que existia uma clareira. A nossa sorte foi que não havia muitos alemães no Soprassasso, porque teriam matado nós dois com a maior facilidade. Quando chegamos à última ravina e que consegui vê-los, a gente já estava nas costas dos alemães, a uma distância de uns 20 metros. Eu os vi, mas eles não. Tirei o capacete, chamei o Araújo pedi mais munição e disse:

– Vou fazer dois disparos, depois gasto o resto da munição que tem na arma.

– Você não deixe faltar munição, porque eu não sei o que vai acontecer. Se eles virarem a arma para o nosso lado, a gente vai ter que fazer alguma coisa.

Aí descarreguei a munição que tinha na arma, eles levantaram as mãos, não reagiram mais, saíram do abrigo e eu esperei o grupo chegar. Em seguida, subimos. Sorte nossa que, por onde subimos, não havia inimigo, não se encontrava ninguém. Do outro lado estava apinhado de alemães e o pessoal que subiu por lá pegou-os todos. Fomos retardatários, quando chegamos, já estava conquistada a posição. Não deu para acompanhar, a metralhadora estava retardando o nosso grupo.

Depois, o Major e o Tenente reuniram o pessoal, fizeram uma explanação, e falaram sobre os homens que se destacaram. O Tenente chegou perto de mim e disse:

– Gratagliano, você vai receber oito dias de licença, pode escolher para onde você quer ir, para Roma ou para Florença.

Eu não fazia muita questão e respondi:

– Ah Tenente, eu fico aqui mesmo com os companheiros.

Ele disse:

– Não, você vai! O Comando do Batalhão já citou o seu nome e você vai.

E então fui conhecer Roma, a Basílica de São Pedro, o Coliseu e muito mais. Eu me dava muito bem com os marroquinos que, ao verem um soldado brasileiro, gritavam:

– Brasiliano! Brasiliano!

Faziam a maior festa, nos abraçavam, nos levantavam. Eles gostavam de nós.

Ofereciam uísque que não tínhamos. Alguns brasileiros, para tomar uísque, entravam no blindado americano e furtavam o deles.

Numa ocasião, em Zocca, havia um tanque americano, Alguns mais “vivos” entravam e tiravam tudo que existia, até os *combat boot* dos americanos, porque os

brasileiros eram loucos por um *combat boot* que o americano não forneceu para nós, (o *combat boot* é o coturno de hoje). Eles nos deram uma perneira de lona amarela. Quando viam um tanque sem alguém, sempre desapertavam alguma coisa...

Depois que fui para Roma, não via a hora de voltar para a frente, já estava tão acostumado que desejava regressar; com ansiedade assistia a passagem dos oito dias.

O ruim desse passeio em Roma, era que ia um homem de cada Companhia, havia bastante soldados e íamos dormir num hotel chamado Fórum Mussolini. Tratava-se de um hotel grande; para dormir, precisava-se banhar-se primeiro. A gente já estava sem tomar banho há bastante tempo, mas tinha que cumprir a exigência para poder dormir no alojamento. Nós éramos mais de cinqüenta para dormir. Ficava um italiano com a toalha e ele falava:

– Tomare banho! Tomare banho!

E a gente tomava banho, é lógico. Se não, nem entrava no alojamento para dormir. Mas estava com vontade de voltar para a frente, para o Pelotão; os meus companheiros lá e eu ali.

Em Montecatine havia um hotel, onde os americanos dançavam de um lado e do outro existia uma piscina. Os americanos organizaram uma orquestra de soldados e dançavam com as italianas; na outra parte, a da piscina, quem desejasse tomava banho. Estávamos aguardando o caminhão para nos levar a Roma, ainda no hotel, e assistimos a tudo.

Depois, do Soprassasso fomos para Zocca. Um lugar também ruim. Quando nos deslocamos para lá, o meu Pelotão foi na frente. Não conseguimos entrar na cidade porque tinham instalado uma metralhadora na torre da igreja e atiravam contra nós, impedindo a passagem. Então o Tenente pediu apoio e logo depois veio um avião da FAB. É outro pessoal que só tenho a elogiar; quando a gente pedia o apoio deles, arrasavam com o lugar.

Só assim nós entramos. Depois que nós entramos ficamos sabendo quem atirava: era um italiano fascista.

Ocupamos a cidade mas não ficamos muito tempo, porque havia muitos alemães mortos na estrada, galinhas, cavalos, crianças, mulheres, tudo. Estava ruim o ambiente, porque a Aviação destruiu tudo na área. Ficamos apenas dois dias. A gente tomava um comprimido chamado Itibrina, mas eu não andava com água, eu andava sempre com o cantil cheio de vinho, eu só tomava vinho que conseguia com os amigos italianos, trocava por cigarro que não fumava, embora todo dia recebesse um maço de Camel, Lucky Strike; ainda vinham chicletes, um tablete de chocolate, café, uma fatia de pão e uma manteiga ou margarina, eu acho.

Os italianos chamavam a manteiga de burro e esse pão que recebia, se houvesse mulher eu dava, só tomava o café com leite; café e uma lata de leite condensado para dois soldados.

Quando íamos para o combate, recebíamos rações apelidadas de "escatoletas". Foram os italianos que colocaram esse nome na ração e quando viam a gente, eles falavam:

– Ei brasiliano, dá me la scatoletta.

Então a gente pegava as "escatoletas" com chocolates, bolachas e entregava a eles.

Agora, eu não comia o feijão que vinha nas "escatoletas", porque às vezes estava mofado, eu jogava fora e comia só as bolachas.

Havia uns lugares tenebrosos; chamo de tenebroso porque não existe outra palavra para explicar, a gente não comia, ninguém comia. Em Boscaccio, por exemplo, ninguém comia, só tomava o café da manhã. Havia um rapaz italiano, cujo nome era Esquilasse, filho de calabrês que, com um burrico, levava comida para nós naquela posição. Com toda paciência, durante a noite, deixava comida para nós, já que durante o dia não dava, porque os alemães poderiam ver e atirar. Por isso, ele só podia levar a comida à noite, mas voltava intocada e o pessoal do rancho falava:

– Mas como? Você leva a comida, mas ninguém está comendo?

E nem se conseguia, por causa da tensão, todo mundo com um medo desgraçado, medo mesmo. Um olhava para cara do outro e dizia:

– O negócio está ruim!

– O negócio tá feio!

Mas fazer o que? O Tenente consolava:

– Também estou no mesmo barco, estou aqui junto com vocês. Não adianta, é a nossa missão.

E dizia mais:

– Graças a Deus nós é que estamos tomando conta deste lugar. Para nós é um orgulho estar aqui.

E a gente só pensando:

– Que orgulho que nada, o negócio aqui está é ruim!

Mas ele falava assim para levantar o moral da tropa, essa reação é normal, porque só vendo a situação em que nos encontrávamos, para poder ter uma idéia da dificuldade que vivíamos. Porque tem hora que dá vontade de pegar um revólver e dar um tiro na própria cabeça, de tanto desespero. Além disso não se tinha onde dormir, tinha que deitar no chão.

A gente gostava de dormir na palha de trigo que colocávamos dentro do buraco, porque é quente, mas quando molha, você tem que deitar na umidade e aí é muito ruim. Às vezes a gente tinha que comer na chuva, comer debaixo daquela água e sem abrigo, quer dizer, é um desconforto que deixa qualquer um desesperado.

Um gaúcho companheiro nosso teve uma crise de desespero tão forte que queria subir uma montanha bem grande onde estavam os alemães, para pegá-los sozinho.

O Tenente pediu:

– Pelo amor de Deus, peguem o homem, se não ele vai morrer!

Os companheiros correram e o agarraram.

Coisas que aconteceram com o meu Pelotão. A Companhia nunca ficava reunida, cada Pelotão ficava num setor e só nos comunicávamos pelo telefone; ficávamos isolados dez, quinze e até mais dias. No Pelotão, um universo de 45 homens, essa era a real situação.

Quando começou a Ofensiva da Primavera, era correr atrás do inimigo. Foi a única vez em que estivemos em cima e os alemães em baixo, porque quando abandonavam uma cidade, sabendo que a tropa inimiga iria ocupá-la, se dirigiam para as montanhas que cercavam a cidade e ficavam observando. Na hora em que viam a tropa entrar, abriam fogo com morteiros sobre nós. Era o procedimento usual. Mas fizeram um contra-ataque em Castelnuovo de Garfagnana. Nunca me esqueço dessa passagem porque o meu Pelotão estava na Cota 906, tinha um do lado direito e outro do lado esquerdo; lá em baixo havia mais três pelotões de outra Companhia.

Os alemães atacaram por lá, porque encontraram mais facilidade, se infiltraram, romperam as nossas linhas e vieram para cima de nós, nossa munição acabou em virtude de uma falha de remuniciamento, subimos quase sem munição, a gente estava apenas com a individual.

Muitos dizem que fugimos, o que não aconteceu, permanecemos até o fim, até esgotar-se a munição e, ao acabar, um soldado que estava ferido perguntou:

– Tenente, a minha munição acabou. O que eu faço?

– Você pega o fuzil pelo cano e dá com a coronha na cabeça do alemão que vier!

– Sim senhor!

Eu estava abrigado nas pedras, ele chegou perto e disse:

– Gratagliano, a minha munição acabou.

Lamentei:

– A minha também.

Eu estava com quatro latas de munição, cada lata tinha 200 tiros, quatro latas somavam 800 tiros. Ainda joguei quatro granadas de mão, o último tiro do meu Pelotão foi de bazuca: pegou três ou quatro alemães.

Com isso rechaçamos o contra-ataque, eles receberam ordem para recuar, pois tiveram um número de baixas muito grande; também retraímos, mas não tivemos nenhuma baixa. Isso aconteceu na Cota 906, em Castelnuovo de Garfagnana.

Nesse combate morreu o Tenente Pinto Duarte da 3ª Companhia, um moço alto, creio que ele teria uns vinte e poucos anos; atleta, sempre o via fazendo ginástica. Ele esperou todos os companheiros saírem de uma casa e no momento em que pulou a janela levou uma rajada de metralhadora.

O soldado Mauro foi ferido nas costas. Hoje mora em Santos. Ocorreu num golpe-de-mão que demos, na região do Soprassasso, antes do ataque: a ordem era prender um alemão de qualquer jeito e nós partimos com o Pelotão.

Mas não conseguimos, porque recebemos bombardeio de dois lados, da nossa Artilharia e da Artilharia do alemão. Os alemães atirando com os canhões 88mm. A nossa atirando em cima de nós, por causa da região em que nos encontrávamos e que estava em mãos do inimigo. Tínhamos saído para dar o golpe-de-mão e recebemos apoio da Artilharia, o que foi errado, o certo seria termos partido de madrugada, em sigilo. Assim, quando clareasse a gente daria o golpe-de-mão. Mas serviu para alarmar os homens, que abriram fogo sobre nós.

A missão foi essa, mas não deu para cumprir. Os estilhaços pegavam nas castanheiras, cujas árvores são grossas e nos protegiam bem, mas a gente se encostava nelas e os estilhaços arrancavam as folhas e lascas que voavam para todo lado. E nós lá, ninguém saía do buraco. Um companheiro nosso, coitado, foi mudar de lugar e foi atingido por um estilhaço nas costas; o mesmo estilhaço que pegou nas costas dele, atingiu também o ordenança do Tenente, soldado chamado Gomes, furou a barriga dele que morreu: duas baixas e mais um atingido por estilhaço, que pegou de raspão na testa e não morreu. Essa foi uma passagem dura que vivemos.

Os alemães se renderam mas antes que o fizessem, ainda houve muito tiroteio. Fomos ao encalço deles com um Pelotão da 2ª Companhia. O Capitão Ayrosa e um sargento vinham num jipe que passou por cima de uma mina; o jipe virou, morreu o motorista, o sargento eu não lembro o que aconteceu, mas o Capitão Ayrosa que tinha sido Comandante da 2ª Companhia, era S3 do Batalhão, foi feito prisioneiro, gravemente ferido pelos alemães que estavam lá. Quando a Divisão alemã se rendeu o Capitão foi posto em liberdade, ainda ferido. Tinha recebido tratamento inicial do próprio inimigo.

Estávamos proporcionando cobertura a um Pelotão da 2ª Companhia; eles entraram em combate, inclusive morreu um sargento desse Pelotão, cujo nome era Andirás. Morreu no último dia de guerra.

Na noite anterior à rendição, tínhamos ordem para atirar nas posições alemãs e assim passamos a noite, porque eles não queriam se render. De madrugada, vieram dois emissários, um italiano e um alemão, falar com o Comandante do Batalhão. Eles queriam se render, mas, antes, desejavam negociar as condições da rendição. A resposta do Coronel foi que a rendição deveria ser incondicional.

Recebemos, então, ordem para suspender o fogo, até que resolvessem a situação. Logo depois se renderam incondicionalmente, conforme as exigências do Exército Brasileiro.

Descemos até a posição dos alemães, em Fornovo e, ao chegarmos lá, já estavam todos em forma. Destaco a disciplina do soldado alemão. Não largavam as armas antes do cumprimento. O Tenente chamou todos eles que faziam o gesto característico e exclamavam:

– Heil Hitler!

Eram mais de 14 horas e estávamos com um Batalhão, apenas, na região.

De todos os combates que travamos, o melhor de todos para o Exército Brasileiro, a maior glória da história do nosso Exército foi essa, onde com apenas um Batalhão rendemos toda uma Divisão alemã. Eram mais de 14.000 homens e nós, com menos de mil, conseguimos fazer com que se rendessem.

Cumpri com o meu dever, fiz o que pude. Sinto a morte de todos os meus companheiros que tombaram no campo de luta. Eu poderia ter morrido também.

Estou certo de que os comandantes, oficiais e graduados de hoje se relacionam melhor com seus subordinados Na nossa época, um soldado não podia nem chegar perto de um Oficial, aqui no Brasil, não na guerra. Na guerra todos sofriam o mesmo aperto. O soldado é uma jóia preciosa. Só no combate é que se sabe o quanto ele vale.

Uma vez, um alemão me falou em italiano:

– Vocês brasileiros são bravos soldados!

Eu nunca me esqueci, esse alemão se chamava Nicolau, era um rapaz alto e disse mais:

– Vocês brasileiros são bons soldados, são grandes soldados.

E nós brasileiros nem sempre damos valor aos nossos homens.

Na minha simplicidade, é a mensagem que devo deixar.

Alguns companheiros não foram à Itália, permaneceram no litoral, guardando o solo Pátrio. Cumpriram uma missão importante no Brasil. Como os que morreram nos naufrágios dos navios torpedeados em nosso mar territorial.

Eu me orgulho da medalha que eu recebi do V Exército Americano e da Medalha de Campanha.

A Medalha de Campanha, em princípio, foi atribuída a todos os combatentes da FEB, a Medalha *Silver Star*, o americano só outorgou ao combatente aliado que se destacou por atos de bravura; e a Cruz de Combate do Exército Brasileiro àqueles seus filhos que muito honraram e dignificaram, no cumprimento da missão, as tradições de bravura e de coragem dos seus combatentes:

DIPLOMA DA CRUZ DE COMBATE

O Presidente da República Federativa do Brasil, resolveu, de acordo com o Decreto de 29 de junho de 1945, conceder a Cruz de Combate de Primeira Classe, ao soldado Vicente Gratagliano, por ter, na região de Boscaccio, após um contra-ataque alemão que obrigou ao retraimento da tropa amiga que ocupava as posições, sido um dos elementos que, com seu comandante de grupo e sargento auxiliar, se destacou demonstrando uma resistência física fora do comum, aliada à bravura pessoal e coragem, subindo a íngreme encosta que dava acesso às posições abandonadas e as ocupando em tempo oportuno para perceber uma patrulha alemã de infiltração, atirando sobre a mesma e matando dois dos seus componentes que já se encontravam a vinte metros de distância.

No dia 5 de março de 1945, no ataque ao Soprassasso, mais uma vez demonstrou coragem e sangue frio, tendo localizado uma resistência inimiga que atirava na sua direção, lançou-se resolutamente para frente, debaixo de cerrado bombardeio de Artilharia e posto seu fuzil-metralhadora em posição, metralhou a arma que hostilizava a progressão do seu pelotão, permitindo assim que prosseguisse o movimento.

Rio de Janeiro, 1º de fevereiro de 1946

Como palavras finais, afirmo com orgulho que gosto muito do Exército, aprecio colaborar. Até hoje não foi divulgada, como acho que deveria ter sido, a importância da Força Expedicionária Brasileira. Não sei a razão do porquê. É a mágoa que ainda guardo.

Quando fui condecorado pelo General Mark Clark, ao colocar-me a medalha no peito, ele falou:

– São vocês soldados que ganham a guerra!

Vicente Pedroso da Cruz*

Mineiro de Guaxupé, tem 78 anos de idade. É viúvo, com duas filhas e uma neta.

Fez a guerra como soldado do 6º RI, na função de fuzileiro de Grupo de Combate. Estudioso da FEB, já escreveu diversos artigos que foram publicados. Por sua participação na Segunda Guerra Mundial foi condecorado com a Medalha de Campanha.

---

* Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria, entrevistado em 6 de julho de 2000.

Convocado, servi no Tiro de Guerra da minha cidade, Guaxupé. De São João Del Rei, inicialmente incorporado ao 11º Regimento de Infantaria, segui com a Unidade transferida para o Rio de Janeiro. O embarque para a Europa se deu justamente dois meses depois; chegamos em março, no Rio, e ele ocorreu no dia 30 de junho de 1944.

Antes houve um remanejamento: saí da 5ª Companhia para a 4ª Companhia do 11º, do Capitão Lessa.

Quando chegamos ao cais, noite adentro, dormi por cima do saco "A", como outros também, bastante cansados. O vagão estava todo fechado, não se podia ver nada do lado de fora; acordei com o barulho da água do mar chicoteando o cais e logo veio a ordem para o desembarque do trem. Nunca mais esquecerei o navio *General Mann*, parecia um arranha-céu, tão alto que era. Afinal, também sou mineiro.

Fomos entrando em fila, só se ouvia o tropel do pessoal caminhando para as escadas de embarque do navio, onde recebemos um cartão. Tudo era interessante para a gente, em virtude da novidade. O cartão ia nos controlar durante a viagem, indicando o beliche em que cada um iria dormir.

No dia 2 de julho, quando nos preparávamos para o café, o navio zarpou de manhã. Quem quisesse poderia sair para o convés; estávamos deixando a Baía de Guanabara. Achei muito emocionante o trânsito de barcos para Niterói e, no Forte de São João, o pessoal aglomerado acenava. O Cristo Redentor não aparecia porque o céu estava muito nublado, mas todo mundo queria vê-lo. Era grande a comoção, sentimento que se espalhava entre nós. Logo depois o vento varreu o céu e apareceu o Cristo. Parecia que era para abençoar a FEB, todo mundo se calou, não se ouvia uma palavra, não se ouvia um sussurro, ficamos quietinhos, só olhando.

A viagem transcorreu sem grandes problemas; fazia calor, transpirava-se muito. O brasileiro gosta de banho, não é como o europeu que prefere o perfume. Acabamos quase com a água do navio; só era possível tomar banho com a água do mar. No dia da independência dos Estados Unidos, 4 de julho, a guarnição distribuiu para cada soldado um pacote de cigarros; foram de beliche em beliche entregando os pacotes de cigarro, falando em inglês e cumprimentando o pessoal.

A viagem transcorreu bem, com alguns boatos da presença de submarino inimigo; bombas de profundidade foram jogadas ao mar. Como o navio viajava em ziguezague, veio um enjôo terrível. Engraçado é que pegava as pessoas que enjoavam em viagens de caminhão, os que não enjoavam em caminhões não tiveram problema e foram trabalhar na cozinha do navio, ajudar o pessoal. Normalmente a cozinha ficava localizada à meia-nau, na parte bem central do navio, onde joga menos. O balanço é maior na proa e na popa.

Na entrada no Mediterrâneo, houve uma aparatosa manifestação da guarnição de Gibraltar e a troca de escolta do comboio. Fomos beirando o continente africano, onde pensávamos que fosse o nosso destino. Mas passamos direto, e logo estávamos na Sicília; no dia seguinte, às 7 horas da manhã, desembarcamos em Nápoles, a 16 de julho de 1944.

Primeiro contato com Nápoles, toda desfigurada pelos bombardeios e balões cativos que guardavam o porto. Desembarcamos, tomamos caminhões rumo a Bagnoli e fomos dar na estação chamada Agnaro. No local, há um vulcão extinto chamado Astronia. Ocupamos uma parte de sua cratera enorme.

Anteriormente fora campo de concentração, homens morreram lá. Estranho, mas nosso Serviço Sanitário ficava nas proximidades das sepulturas dos soldados. Aquele foi o primeiro contato que eu, um mocinho novo, de vinte e dois anos, tomava com estacas cravadas e capacetes de aço com perfurações. Levei um choque muito grande.

É quando se começa a amadurecer. Deixar de espantar-se com as coisas chocantes que acontecem. À noite, houve um violento bombardeio aéreo no cais do porto; assistimos a tudo, cobertos só com a manta, porque não havia chegado ainda o material de acampamento, as barracas. Só descobrimos o rosto para ver o céu coberto de balas. Foi essa a primeira recepção: aviões alemães bombardeando e o fogo antiaéreo dos aliados, tentando derrubá-los. Faziam a defesa do cais do porto e estávamos perto, pois Bagnoli fica próximo de Nápoles. Houve um nobre que lutou nas guerras aqui do Brasil; era mercenário, combateu no tempo de D. Pedro, nas pelejas do Recife. Bagnoli, um conde, deu ao lugar o seu nome porque se tratava de sua propriedade. Curiosa essa ligação de Bagnoli com o Brasil.

Durante 15 dias saíamos a passeio, mas tudo era proibido, não se podia beber água, porque estava contaminada, só se podia usar os bebedouros do Exército, muito bem organizados.

Quando espairecia em Nápoles, entrei numa doceria e estava lá um soldado canadense, bêbado, que não podia parar em pé; quando viu o distintivo do Brasil começou a festejar; falava em inglês e eu não entendia, apesar de ter estudado um pouco, mas não era bom no idioma. Ele fez o italiano pôr os doces em cima da mesa, para festejar o Brasil, o italiano obedeceu e tive que comer um pedaço, porque era o homenageado. O italiano não recebeu um tostão sequer pelos doces que deu.

Nos deslocamos para o norte, rumo ao *front*. Fomos de trem até Letóia, antes de Roma e, depois, de caminhão, por dentro de Roma, até Tarquinia. Os motoristas americanos eram todos negros; parece que um dormiu na direção e nosso homem quebrou as pernas, no acidente, antes de chegar a Civitavechia. Cidade monótona, antiga, de origem etrusca. Acampamos num campo de oliveiras, no local havia petrechos de

guerra, *mausers*, obuses, tudo espalhado. No desembarque de Anzio, os canhões de grosso calibre atiravam dali; os alemães os abandonaram, deixaram muita coisa espalhada. Era perigoso por causa das minas lançadas nas praias, cerca de dez ou doze quilômetros de extensão. Tarquinia fica no alto e a praia era toda cheia de obstáculos, como no filme *O Resgate do Soldado Ryan*. Um sargento do 6º RI perdeu a vida: foi nadar, era comum saírem grupos para o banho de mar. Pisou numa mina e faleceu.

Mais tarde recebemos o material. Os caminhões levaram a tropa para Vada, onde estava o campo de treinamento do Exército americano. Acampamos numa plantação de uvas, um parreiral; minha barraca ficava onde havia cachos de uvas. Não estávamos acostumados com isso e não nos cansávamos de admirar. Estávamos em setembro, final do verão e início do outono. Em setembro, o verão já começava a arrefecer. Em outubro iniciam as primeiras chuvas de outono. Antes de chegar a Vada, a primeira coisa que se vê é a estátua de Giuseppe Garibaldi, um herói comum. Garibaldi foi herói da Itália e do Brasil. Em Roma, fui à colina onde está enterrada a brasileira Anita Garibaldi, sua esposa.

No campo de treinamento não tínhamos a obrigação de acertar o alvo de uma linha enorme colocada na praia; ao fundo o mar. A munição era farta. Recebi a carabina .30, uma arma leve e muito boa de tiro. Havia poucos fuzis Garand, mais utilizados no desembarque do Norte da França, no dia "D". Ficamos com outras armas.

Depois de um certo tempo recebemos os fuzis de repetição.

Em Vada fizemos alguns exercícios de patrulha. Veio para nossa Companhia um americano de ascendência portuguesa, John Teixeira, que dava instrução, a todo mundo, sentado. Ele dizia: "Vamos ensinar como se faz uma *Petrolha*." Então a turma perguntava: "Petróleo, sargento?" E ele dava uma risadinha porque sabia que havia diferença entre petróleo e patrulha. Mas era um dos veteranos da África, de uma competência incrível. Um 1º sargento bem preparado, bastante entusiasmado para nos ensinar. Vieram também um sargento francês e um Tenente americano, que comandava o grupo de instrutores. Depois nos acompanhou até um certo ponto, e sempre repetia: "Olha vou ensinar o que sei da vida prática do *front.*" As instruções que recebemos foram importantes, mas ninguém pode ignorar os ensinamentos da caserna. Sem a instrução que recebe na caserna, o soldado não chega apto à outra parte. Começamos a fazer os exercícios da patrulha à noite, em Vada, com os americanos servindo de guias.

Partimos de Vada para o *front*. A 12 ou 13 de setembro nós nos dirigimos para a região de operações, em Pisa, e substituímos um Regimento americano, composto só de negros. Começamos a fazer as patrulhas e tentar fazer contato com o inimigo, entretanto não se via uma pessoa sequer.

Quem olha a torre de Pisa, repara em uma porção de montanhas e, depois, divisa mais outras. Os Apeninos sobem como degraus; começam em montes e terminam em montanhas de 1.600 metros de altura, como o Abetônia, por exemplo. Não chegamos lá, mas é o ponto mais alto dos Apeninos. Todas as elevações terminam em picos bem agudos; escorregávamos nas pedras, rolávamos no barro; quando chovia, das elevações mais altas despencavam pedras.

Os Apeninos são a espinha dorsal da Itália, começam no “pé da bota” e vão subindo. Os americanos e seus aliados, em Cassino, tiveram um trabalho tremendo, porque só havia pedra e barro. Quando vinha tempestade as pedras se deslocavam, a terra amolecia e sempre rolava alguma.

O nosso batismo de fogo aconteceu assim: O Pelotão recebeu ordem para atingir um determinado ponto. Estávamos nas proximidades de Camaiore, que foi tomada pela 7ª Companhia; a 8ª à direita e a 9ª mais à direita ainda; ficamos à esquerda da 9ª. Alcançamos uma região, um silêncio incrível e logo começou uma chuva intensa, enquanto subíamos pela elevação, o vale quebrou para a esquerda e fomos naquele sentido. Ao descermos vimos uma casa de italianos, caiada de branco, o que é comum na Itália. Uma enxurrada descia com uma avalanche de pedras enormes.

Avistamos na elevação um grupo de homens como se estivessem olhando de binóculos, nesse mesmo instante, encontramos um italiano que vinha com um daqueles guarda-chuvas grandes de listras brancas, vermelhas e verdes. Um soldado pegou o guarda-chuva do italiano e começou a brincar. Havia um bosque de castanheiras; de repente os homens desapareceram da crista e todo mundo comentou que seria a 9ª Companhia que estava lá em cima. Pressupunha-se que fosse a 9ª Companhia, porque estava à nossa direita. Entretanto nos esquecemos de que tínhamos virado para a esquerda.

Eram alemães mesmo. Quando chegamos à casa branca, existia um picadeiro no terreno da casa, um colosso de pedras e uma castanheira. Veio uma chuva de balas sobre nós e ficamos atarantados. Não esperávamos aquilo. O Tenente Gerson, Comandante de Pelotão, estava à beira da casa e o vespeiro de balas veio por cima do telhado. O sargento Samuel, hoje Major Samuel, foi regular a peça de metralhadora, porque era ele o Comandante da Seção de Metralhadoras na Companhia de Petrechos Pesados. Vi passar por ele uma rajada, bem pertinho, porque as balas eram traçantes; só via aquele braseiro passando por cima. O susto foi terrível; os alemães tiveram tempo para verificar que tropa estava descendo, porque era a primeira vez que estavam vendo um verde-oliva pela frente. Tratava-se do primeiro contato deles com os brasileiros. O uniforme do americano era cáqui. Mais tarde, soube pelo Gerson

Pires, que houve um engano na ordem, daí termos ido parar na retaguarda alemã. Um soldado ficou três dias extraviado, comendo pão duro dado pelos italianos.

O batismo de fogo acontece de repente. Cada soldado reage aos acontecimentos de acordo com o seu estado psicológico. Eu tinha facilidade para ver as coisas e acompanhá-las, tanto que o Tenente ou o Capitão, quando precisava saber algo, chamava o Pedroso, porque eu analisava tudo com calma. Eu era um homem tranqüilo, assustava-me também, como qualquer indivíduo, mas era controlado.

O medo é o pai da coragem, ou se tem coragem ou vai-se para o desastre. Não há tempo para raciocinar. E como o soldado pensa? Nos companheiros que não pode deixar na mão. Não lembra de nada, não lembra nem dele próprio. Preocupa-se com o companheiro em apuros. Ouvi um Tenente dizer que, em Montese, subiu com 41 e um homens e chegou com 17, em virtude de muitos percalços, a estrada não é a mesma, não é asfalto em que se caminha, o terreno é acidentado, o pessoal se perde, fora os feridos e mortos a cada momento.

No dia seguinte ao meu batismo de fogo passamos na tal *"casa bianca"*. O alemão não podia desperdiçar munição; subir aquelas montanhas com morteiros era um trabalho penoso. Tínhamos vantagem, porque até o italiano e as crianças ajudavam a carregar a munição. Era preciso ver o entusiasmo que tinha aquele pessoal. Verdade é que desejavam todo mundo fora dali, para voltarem a plantar. Queriam que acabasse logo a guerra e que os estrangeiros fossem para bem longe. O *front* é aterrador, quem está na zona de combate não sabe o que vai suceder. Quando a Artilharia atirava, as famílias se escondiam nos buracos que chamavam de *"buco"*; cavavam os buracos e corriam para lá. Depois, os aviões de caça e seus ataques. O pessoal vai ficando medroso e havia pessoas que não saíam dos abrigos de tanto medo.

Nesse meio tempo, enquanto pernoitávamos naquele lugar, veio uma outra patrulha, comandada por um oficial maravilhoso, Tenente Túlio, de Pindamonhangaba. Ele escreveu o livro *Depoimentos de Oficiais do Exército*, um excelente trabalho. Homem culto, falava inglês muito bem, intérprete e advogado. No dia seguinte chegou a patrulha (do Pelotão) do Tenente Túlio e retornamos à nossa posição; voltamos uns dois quilômetros. Logo em seguida Camaiore foi tomada pela 7ª Companhia; o Tenente Cabral subiu o Monte Prano, Valimona e Camaiore.

Em Camaiore, um rapaz de Muzambinho encontrou um alemão morto com um cachorro do lado. O italiano foi chamar o soldado brasileiro para ver se conseguia chegar ao alemão que estava insepulto. Ao se aproximar, o cachorro veio brincar com o soldado e assim conseguiram retirar o corpo do alemão. O brasileiro estava fardado, o animal respeitou o uniforme, até porque eram parecidos os uniformes brasileiro e alemão. Talvez até pelo tipo do rapaz, que se assemelhava a um alemão.

Depois que saímos dali, retornamos ao *front*, no Vale de Garfagnana. Algo maravilhoso, porque foi como sair dum teatro; quem estava lá atrás não via nada; de repente chega àquela cidade, o pessoal fervilhando, caminhões transitando para lá e para cá...

Passamos por Lucca, em direção a Barga; Lucca é uma cidade de termas. Após Barga vem Castelnuovo de Garfagnana. As montanhas são intransitáveis, altas demais. Vimos uma coisa curiosa: o Vale de Garfagnana, no lado esquerdo para o lado de Pisa, os montes são alcantilados, muitos córregos no fundo; no lado direito, por onde estávamos caminhando, as elevações são arredondadas, com castanhais, que pareciam uma tropa marchando, cobertos e alinhados, algo assim bastante bonito.

Chegamos às proximidades de Barga; à esquerda ficava Fornace de Barga, que tinha indústria de munições e de peças para aviões, Indústrias Cataroto. Os alemães defendiam o local com muita vontade. Os primeiros homens que chegaram eram do 6º Regimento, integrantes do 1º Escalão, o comando do IV Corpo que nos apoiava, a 1ª Divisão Blindada, que poucos sabem, mas era a menina dos olhos do Exército americano.

Se as pessoas dissessem que iríamos amolecer, pensando, por exemplo: "Essa guerra não é minha e eu não vou fazer nada", cometeria sério erro, pois o brasileiro é brioso, não admite que ninguém de fora fale mal dele, não aceita isso. Falar mal do Brasil dava briga mesmo, por qualquer coisa. É o orgulho de nossa raça, de nossa gente.

Havia tropas americanas que utilizavam os negros mais para os trabalhos de estrada. A 92ª Divisão lutava na frente, mas, mesmo assim, persistiam os preconceitos; os oficiais, de Capitão para cima, eram brancos. Os praças eram negros; até os tenentes eram negros. Vi muitas vezes a formatura deles. Nossos colegas comentavam: "Olha o pássaro preto e o tico-tico. Porque o tico-tico põe ovo no ninho do pássaro preto."

Aprendemos a ser soldados com o inimigo que é o professor. É necessário acreditar nisso, porque o inimigo faz as armadilhas, instala as minas, cria obstáculos; como os primeiros da Linha Gótica. Uma curiosidade: fui contador de uma empresa em São Paulo e havia um pedreiro que trabalhou na construção de umas dependências. Também trabalhou na Linha Gótica, na Itália. Um italiano me contou, depois, como era feito o trabalho de engenharia, pelos seus compatriotas, que são excelentes engenheiros, notáveis até hoje.

No vale do Serchio, mantinham elementos da Divisão fascista Monte Rosa. Prendemos uma porção de gente da Grande Unidade. A progressão estava muito difícil, porque havia muitos morteiros, e pela primeira vez vimos o 88mm alemão

atirar. Os americanos nos deram aulas sobre armamento e havia um, descendente de francês, que falava italiano, ele dizia assim: *"Atente otanta oto!"* Quer dizer tome cuidado com o 88mm, porque o canhão, montado em plataforma, fazia tiro direto, tiro anti-tanque, era para tudo. Quando chegamos vimos os primeiros tiros de 88mm. Causava uma tremedeira tremenda!

Antes do batismo de fogo, esqueci de dizer, recebemos tiros de canhões de grosso calibre. Minha rótula tremia tanto que não conseguia segurar; depois fiquei decepcionado. O canhão atirou naquela noite, eram duas horas da manhã, o céu escuro, ouvi o barulho, minha rótula começou a pular e a uns duzentos metros caiu uma granada de obus. Achava que ia cair em cima de mim mas ela explodiu longe. Aprendi que, dependendo do ruído, pode-se presumir a distância em que vai. É assim que se vai aprendendo, como disse, é o inimigo que ensina: quando a granada vier assobiando fininho, esconda-se porque vai cair por perto. Quando vier fazendo "chuap, chuap", detonará a duzentos metros adiante.

Tivemos um acidente com um morteiro, cuja granada bateu num galho de árvore e feriu gravemente dois soldados. O morteiro foi colocado próximo a uma castanheira, a granada "encristou" num galho e explodiu ali mesmo. Feridos gravemente um soldado chamado Torquato e o cabo Mauro, que foi fiscal do INPS em São Paulo. O Torquato teve um ferimento feio, mas sobreviveu.

No Vale do Sercchio também sofremos baixas. Avançávamos por estrada duplicada, entre elas o Rio Sercchio. Deveríamos fazer a travessia por uma ponte de estrada de ferro para a estação de Fornoli, mas a ponte em forma de "V" tinha sido dinamitada e caiu no centro do rio; por isso descíamos pela estrada e subíamos para o outro lado, a fim de chegar à outra margem, e seguir para a estação de Fornoli.

Na estação de Fornoli aconteceu o seguinte: o chefe da estação morava um pouco distante dali, mas vinha para a estação da estrada de ferro a fim de manter o plantão, muito embora não houvesse trem circulando. Caminhavam ele, a mulher e duas filhas; quando se aproximavam da estação onde havia uma avenida que dava de frente para o prédio, já vínhamos beirando a estrada, um atrás do outro, em equipes de patrulha, nós, por um corredor e eles pela avenida; quando estavam chegando, nos viram, a mulher saiu correndo, desesperada e entrou na estação, as meninas corriam em círculos, não sabiam o que fazer. Mas logo voltaram à calma, a velha viu que não éramos alemães e começou a gritar: *"Americane, americane."* Havia flores no jardim da estação; ela foi lá, colheu-as meio murchas, me entregou o buquê num gesto bonito de acolhimento.

Dali subimos numa patrulha para a ponte de Calavorno. Nesta localidade, pouco antes, uma patrulha alemã encontrou-se com uma outra de guerrilheiros

italianos; seríamos nós, mas acabou com eles. Os italianos, que não conseguiram deter a patrulha inimiga, contaram que havia cinco alemães. O sargento Silvio decidiu: "Vamos alcançar essa patrulha com cinco homens. Somos *doze*, temos munição à vontade, vamos alcançá-los." Mas não os achamos; nos dirigimos a uma casa que reviramos. Lá não havia ninguém, mas estavam por perto, tanto que, no dia seguinte, enfrentaram o 2º Pelotão, do Tenente Túlio, na ponte de Calavorno e mataram o soldado Cesário, natural de Campinas. No dia seguinte fomos buscar o corpo do Cesário e eles abateram mais um, soldado paranaense Zorque. No dia 30 de setembro mataram um e no dia 1º de outubro mataram outro. Levamos uma carroça para pegar o corpo do Cesário.

Em Barga, fomos substituídos pela 92ª Divisão, de negros. Tinham um jipe cheio de coisas e o cabo pegou uma lata de café da viatura dos americanos.

Seguindo, mudávamos de vales, de acordo com a atividade do *front*. Estivemos no vale de Chieza que fica em Pisa, depois fomos para o Vale de Garfagnana, onde a frente era mais calma. O inimigo tinha nas costas, montes de mil e seiscentos metros de altura, obstáculos naturais. Em seguida dirigimo-nos a Porreta, no Vale do Reno. Já clareava o dia, começamos a presenciar o movimento de retaguarda: o pessoal de Intendência, o de Saúde, enfim, abastecimento e tudo mais. Os tanques, a Artilharia, estava todo mundo por ali. Já o infante, pega terra que o vento varreu e depois a deixa amaciada para os outros. Ele chega ao *front* e não há ninguém. Vai descobrir e as coisas começam a acontecer.

Porreta Terme é uma estação de águas termais. Fica a alguns quilômetros antes de Porreta, que está situado na descida da serra. Tivemos dois dias de descanso e fomos para uma casa de italianos. Eles já estavam acostumados, arrumavam tudo direitinho, limpavam a sala e nós a ocupávamos. Mas também levavam vantagem, as sobras ficavam para eles.

A ração "K" era envolvida em papelão, com uma substância parecida com breu ou algo semelhante, para isolar a umidade. Abrindo-a, encontravam-se o desjejum, o lanche e o jantar. Os gulosos comiam tudo de uma vez, as três refeições seguidas. No café, as latinhas de bolachas, como as de maisena, redondas, umas pedras de açúcar, em forminhas, e o chocolate ou uma latinha de café solúvel, bem pequenina, tão forte que tingia mesmo. Era um bom café. Mas o melhor tomava-se na retaguarda. O solúvel só ajudava.

Para descer a serra vieram caminhões para o transporte. Antes, uma turma de soldados fez um reconhecimento para a tropa não chegar sem informações. Após sua execução perguntei ao soldado mato-grossense Edwiges: "Edwiges, o que você viu lá na frente?" Ele respondeu: "Ó rapaz, lá cai mecha para burro. O senhor sabe o que é

mecha?” A mecha era uma ilustração daqueles filmes de índios que jogavam flechas para incendiar a caravana. Certamente seria uma dureza.

No dia seguinte, quando escureceu, os caminhões já percorriam a estrada que beirava o Rio Reno. Desembarcamos e seguimos a pé para ocupar a linha Africo-Volpara, que vinha sendo guarnecida por soldados americanos, com carros blindados que tinham rodas com pneu na frente e lagartas atrás, e armados com metralhadoras.

Na posição que fui ocupar, veio um soldado da guarnição dos carros. Falava italiano, eu também já me “virava” razoavelmente no idioma. Orientou: *“Atente! non fumare, parlare piano”*. Ele quis dizer, falar baixo, que é *“bace”* em italiano, mas disse *parlare piano*, que é devagar. Entendi o que ele queria dizer: não fumar, não acender cigarro e falar baixo.

Ocupamos as posições, os americanos foram embora, alegres, porque estavam sendo substituídos, podia-se ver os sorrisos deles; estavam cansados, já se encontravam ali há dias. A coisa mais preciosa para o soldado é a substituição, quando chega o momento é um alívio: “Vou trocar a roupa, vou tomar banho, vou tirar o uniforme cheio de barro, rasgado, muitas vezes esfarrapado.”

Foram embora. À noite caiu um temporal; não sabíamos de nada, mas os americanos disseram que havia armadilhas à frente; onde estavam, a gente desconhecia. A chuva veio, um temporal violento. Das granadas colocadas nas árvores, puxava-se um fio para que algum desavisado de uma patrulha inimiga esbarrasse nele, provocando a explosão. A granada ficava dentro da caixinha, um tropeço puxa o grampo, a granada explode ou aciona os *very light* que são granadas iluminativas: e assim explodia o inferno, todas as granadas iluminativas acendiam, clareava tudo. Ficamos preocupados, pensando que os alemães nos localizariam. Eles, abrigados na parte de cima, como sempre. Fizeram a guerra em posições de Comandamento, sempre que recuavam ocupavam novas posições, mais altas. Retraíam para aquelas previamente preparadas, na Linha Gótica.

Quando chegou o mês de novembro, as chuvas começaram a ficar mais intensas, as árvores ficavam nuas, porque as folhas caíam na antevisão do inverno, cujo início se dava dia 22 ou 23 de dezembro. Continuamos em posição, sofrendo; qualquer movimento que a gente fazia o alemão observava e mandava fogo. A Infantaria utilizava ainda canhãozinho 75mm que colocavam entre duas elevações; quando viam algum movimento, disparavam-no.

Certa noite um soldado de plantão ouviu um barulho adiante e pediu auxílio dos morteiros. Deram cerca de trinta tiros de morteiro na nossa frente; ele ia pedindo para encurtar, os arrebentamentos cada vez mais perto, até que caiu um quase em cima dele e alguém perguntou: “O que é isso Edwiges?” Ele respondeu: “Se o inimigo

estiver perto de mim, morre.” O morteiro era o 60mm, do nosso Pelotão de Petrechos, os 81mm pertenciam à CPP, ficavam mais atrás e atiravam mais longe. O morteiro 60mm é uma arma extraordinária, que dá medo na gente, porque o atirador vê o alvo; o 81mm não, ele executa o tiro indireto; “planta ali” umas estacas para fazer a pontaria; quando quer atirar à noite em tal lugar, ele utiliza as estacas para fazer a mira.

Uma vez estava no Posto de Observação e vi uma explosão violenta em Pietra Colora; amanhecia e quando clareou o dia, vi de binóculo (sempre com a sentinela), o terreno, a estrada que ficava à nossa frente. A explosão visava a criar um obstáculo, porque já estava para acontecer um ataque na região. Ouvi barulho de motocicleta, telefonei para o PC e falei: “Ouvi ruído de motocicleta alemã.” A explosão da manhã eu já havia informado e foi logo em seguida que a motocicleta. Então, me alertaram: “Avisa ao seu pessoal para ficar aí enterrado, porque o 155mm vai dar um “banho” em Pietra Colora.” Logo em seguida o obuseiro 155mm abriu fogo.

Já se aproximava o mês de março.

Em Monte Castelo, nosso Pelotão recebeu fogo de um tanque que disparou 11 vezes. Estávamos seguindo uma torrente de água (como o italiano fala), um fio de água que desce da montanha. Subimos, acompanhando-o, vinha a ravina que fazia uma curva, como um cotovelo, continuava subindo, até ver o Monte Castelo, bem à nossa frente. O tanque abriu fogo e tivemos que descer. Os três soldados, um mato-grossense, um gaúcho e um paulista estavam enfileirados, por isso o tiro do canhão matou os três: Patrício, João Nascimento e João Adão Alberto, este o gaúcho, bastante jovem, um rapaz maravilhoso e um excelente soldado.

Depois saímos dali e fomos para a retaguarda. Entraram em combate o 11º e o 1º Regimento de Infantaria, nos primeiros ataques que não tiveram sucesso. Mal chegaram já pegaram dureza e; como disse, quem ensina é o inimigo. Em seguida veio o ataque do qual participou a 10ª Divisão de Montanha. Ocupamos o Monte Della Croce, mas os americanos é que entraram pela direita e o cobriram. Tivemos dificuldade por causa das minas. Havia muitas minas, tanto é que perdemos um soldado que pisou numa delas. Os americanos perderam gente em minas também.

A 10ª Divisão de Montanha, tropa especializada, era treinada para combater em montanha. Foram treinados nas Montanhas Rochosas, mas fizemos o mesmo serviço que eles. Subimos o Della Croce com 904 metros de altitude e o Soprassasso, de novecentos metros. Fizemos das tripas coração, pois o brasileiro tem consciência e orgulho patriótico, não admite fazer feio perante os outros.

A turma trabalhava e sofria, porque a maioria era de jovens. Se o homem chegar do *front* da África e for para o italiano, sente a diferença, estranha. Lemos histórias de italianos que estiveram na Rússia, os alpinos que foram obrigados a

combater na estepe e sentiam uma dificuldade imensa, porque estavam acostumados em montanhas.

Eu escrevi um artigo intitulado *O Caminho do Pracinha*, que fala especialmente sobre Montese, da participação do 6º em Montese.

Lá, entramos em 2º escalão, para reforçar o 11º Regimento de Infantaria, porque quem tomou Montese foi o Regimento Tiradentes, de São João Del Rei. Nós, da 8ª Companhia, estávamos sob o Comando de um Batalhão do 11º RI, mas houve certos melindres; a nossa Companhia chegou, fomos para Serreto, que fica à direita de Montese. Quando um Tenente do 11º RI entrou na cidade, já havia quatro ou cinco homens do 6º lá em cima.

Nossa missão era de reforço. Foi uma dureza tremenda, porque durante o dia, acompanhando a marcha do 11º, éramos visados por tiros de canhão. Quando um tanque ficava avariado, corria o tanque oficina, que descia a toda velocidade para fazer os reparos. Nessa hora a Infantaria pega as sobras, os tiros de canhões que não acertaram os tanques causaram estragos nos infantes. Avançamos driblando a barragem de tiros de canhão. No artigo disse assim: *"Montese, Modena, Km 73*, *altitude 841*...**"** Isso tirei de um álbum de turismo, *Statione Climatica*, porque se tratava de uma estação climática. *"... em um dia ensolarado, após uma bonita manhã de primavera, nos deslocávamos na direção da pequena cidade, mas propriamente no rumo de Serreto; sabíamos que o III Batalhão do nosso 6º Regimento seguia em 2º escalão, atrás da vanguarda do 11º RI. Inicialmente a nossa companhia estacionou à margem de uma estrada que vai para Canevalle..."* Em Canevalle, morreu muita gente, havia cadáveres esparramados pelas estradas, ainda insepultos. *"...bem próximo à bateria de canhões 105 mm.*

Quanto a nós, nem sabíamos no que iria se transformar aquele silêncio, mas dentro de minutos, de repente aquilo tudo se converte numa algazarra de rugidos e estrondos partindo de todos os lados, a violência assumia maiores proporções à medida que novas peças iam entrando em ação ..."

Porque o canhoneio pegou toda a frente italiana, era um combate decisivo, para empurrar o alemão para o Vale do Pó, então tratava-se de uma batalha, não era mais um combate, era sim, uma batalha.

O importante é que definiu os rumos da guerra, porque os alemães tiveram que retrair, descer para o Vale do Pó e assim perderam as alturas. Isso possibilitou aos blindados aliados fazerem a festa, eram as vedetes, porque nas montanhas não tinham mobilidade, eram mais uma peça de Artilharia.

"...então conseguia-se ouvir disparos dos mais longínquos, uma impressionante máquina de guerra se arremessava contra um inimigo teimoso."

Realmente o alemão é um inimigo teimoso e não se brinca com ele. São soldados de qualidade, mesmo com os uniformes esfarrapados estão presentes. Com muita garra e elevado espírito profissional. *"...Desde o Tirreno ao Adriático, as Divisões aliadas naquele momento faziam valer as suas forças incríveis..."* As Forças aliadas estavam bem aparelhadas e mais fortes, os alemães estavam desgastados pela guerra. E nós participantes dessa epopéia. *"...ouvíamos as primeiras rajadas das metralhadoras alemãs, seguidas de seus morteiros, prontamente apoiados pela sua briosa Artilharia, que não se fez de rogada e mandou bala para cima dos atacantes."*

Segundo o livro do General Mascarenhas, foram disparados trinta mil tiros da nossa Artilharia na área de Montese e os alemães responderam com 15 mil tiros de seus canhões.

Em um livro publicado em Modena, pinçaram um trabalho de minha autoria e traduziram para o italiano. É meu trabalho. Trata também do armamento alemão ressaltando a boa qualidade, eficácia e manutenção.

Em Africo, os soldados inimigos conseguiram passar por baixo da cerca de arames farpados; um oficial matou o alemão dentro do abrigo individual. Quando nos deslocávamos, tínhamos ordem de cavar o abrigo nas paradas. Um amigo meu disse: "Eu não faço mais abrigo porque depois vou embora e ele fica aí para os outros. É cansativo e duro cavar um buraco com aquela pazinha (pá individual), para depois chegar ordem para mudar de posição." Outro colega, o Pedrosa, creio que já falecido, natural de São Bernardo do Campo (fazia parte da Associação de São Bernardo do Campo, onde a maioria é do 11º Regimento de Infantaria), também abateu um soldado alemão, mas não gostava que se tocasse no assunto. Durante uma palestra na Associação dos Ex-Combatentes, o pessoal perguntava: "Por que não conta aquela outra história?" Mas ele evitava contar, porque vivera um momento muito difícil, de grande tensão.

Em Montese, no dia 16 de abril, aprisionamos dois inimigos. Dizíamos assim: "Escureceu, acabou o expediente. Quem aparecer, leva bala." Surgiram dois soldados alemães, eu estava com o fuzil metralhadora e ouvi o roçar de botas na relva. Exclamei: "Sargento! Tem coisa lá embaixo". O sargento mandou dois homens darem a volta para ver o que era; desceram por uma elevação pequena, dentro de Montese mesmo, foram lá e prenderam os alemães.

Nesse meio tempo, em que estavam fazendo a volta, vi um pano branco dançando no ar, amarrado em um pedaço de pau qualquer. Conclui que estavam se entregando. Lá debaixo gritaram: *"Dovie a sé Comando"*, num italiano misturado com alemão. Mais tarde escrevi: "...Dovie a sé Comando, *num italiano repassado aos chucrutes, um alemão gritou lá de baixo como se dissesse que estava se entregando:*

- Leve-me ao comando. Em um grito nervoso ao pronunciar a palavra comando, saiu um interminável comando."

Quando ele falou comando, entendemos que estavam se entregando. Pouco antes, com o fuzil metralhadora estava pronto para atirar neles; tive uma ânsia de vômito tremenda, os meus pés esfriaram e eu me senti mal. Falei para o sargento: "Estou me sentindo mal." E ele disse: "Vai ao PC, toma um remédio e se melhorar você volta."

O *front* é uma coisa estranha para quem não está acostumado. Fui ao PC sozinho, nove ou dez horas da noite. Chegando lá havia uma cama italiana com aqueles cobertores grossos; o pessoal da cozinha veio me atender. É sempre assim, todo mundo quer ajudar. Disse que estava vomitando e um correu, arranjou uma cama, outro já jogou o cobertor em cima de mim; trouxeram uma cápsula que, sem saber o que era, tomei, trouxeram uma caneca de café. Tomei e dormi uma hora ou duas. Quando cheguei informaram ao Capitão Aderno, que estava comandando a Companhia: "Capitão! Há um soldado do 3º Pelotão que está passando mal." E ele respondeu: "Fica aqui até melhorar." Ele não disse que era ordem, mas entendi como uma ordem.

Podia estar enganando, inventando, ter provocado o vômito ou qualquer coisa. Quando acordei já estava melhor, voltou a temperatura. Fui pegar minhas coisas, o fuzil, o equipamento; o Capitão chegou perto de mim e falou: "Praça, você tem condições de ir lá para a frente?" Olha só que coisa curiosa, aquilo me emocionou. Para mim, que estava me achando um embrulhão, ele repetiu: "Praça, você está em condições?" Eu respondi: "Estou Capitão". E ele disse: "Então vai para lá que eu estou precisando de gente."

Na verdade sofri um choque emocional porque iria matar um soldado que estava se entregando. E não há coisa pior para o soldado, do que matar outro que está se entregando, é uma lei natural, humana. Só quem tem coração muito ruim num momento desse fuzila, porque o outro já está neutralizado, não quer mais lutar. Os alemães foram aprisionados conduzidos à retaguarda e interrogados. Nossos companheiros, filhos de alemães, faziam a inquirição. Dos dois prisioneiros, um era do Vale do Reno. Disseram que ficaram o dia inteiro numa loca de pedra, esperando o bombardeio cessar, porque caíam tiros nossos e dos alemães. Era uma panela em que todo mundo mexia e, com aquele bombardeio, não podiam sair, e seriam mortos até pelos próprios companheiros. Curioso aquilo, porque se entregaram felizes da vida, afinal se salvaram.

Conquistada Montese, após mais um dia de combate, nossa Companhia ficou ocupando as posições. Um Tenente do 11º RI estava abrindo as caixas de

rações e distribuindo o conteúdo para os soldados. Pensava que o local era uma igreja, porque era noite e estava tão escuro que não dava para distinguir nada. Eu, por exemplo, pude reconhecer um companheiro do 11º, meu parceiro de Monte Castelo; estávamos descendo em meio a um lamaçal, ele pegou no meu rosto e disse: "Ô Pedroso!" (Ele vinha para a frente e eu voltava para a retaguarda). Pôde saber quem era com um *very light*, que acendeu, iluminou tudo e ele me viu, por coincidência.

Mas o tenente estava meio nervoso, distribuindo ração para os soldados. Quando chegamos, o nosso 2º sargento orientador apresentou-se e disse: "Aqui é o 3º Pelotão da 8ª Companhia do 6º." O Tenente virou-se para ele e disse: "Aqui somos todos brasileiros, sargento!" E o sargento perguntou: "Como o senhor vai saber que nós somos do 6º Regimento se eu não me apresentar?" Aí o Oficial caiu em si, porque estava muito nervoso. Passou então, a nos atender bem e perguntou se o pessoal queria tomar um café quente ou se desejava comer alguma coisa. Permanecemos lá. À noite todos os gatos são pardos, mas só houve aquela rusga. Mais tarde fiquei sabendo que o sargento tinha sido promovido a Tenente naquele dia. Era muito bem preparado, falava inglês fluentemente; qualquer coisa que precisasse dizer a um americano, ele se encarregava. Nascido em Ribeirão Preto, já faleceu. O sargento era muito calmo, mas naquele momento a irritação era incrível, o pessoal estava tenso, após todo o dia de combate.

Dali para frente fomos para Zocca, onde já começam as pirambeiras, as estradas sinuosas, descendo em direção ao Vale do Pó. Assistimos a olho nu o que os blindados podem fazer em nosso favor, além dos caças que passavam. Dos Alpes, só se via aquela barreira branca, bonita. E o Vale do Pó, que é uma planície incrível, rica. Conversando com um italiano, ele me disse: "Quando vocês chegarem ao Vale do Pó, verão tudo diferente daqui, porque a primavera já chegou lá". Realmente, árvores frondosas, folhas e flores ... Quando os caminhões começaram a entrar no Vale do Pó, os italianos vinham correndo, dizendo: "Viva *liberatori*! Viva *liberatori*!" Com garrafas de vinho, para nos saudar, coisa impressionante.

Viva liberatori! Americani! Éramos americanos para eles. Começaram os obstáculos também, havia muitos guerrilheiros espalhados, metralhadoras atirando, guerrilheiros brigando com alemães, quer dizer, focos de resistência, escaramuças que permanecem na retaguarda, após a passagem dos blindados que fechavam o cerco.

O General americano que Comandava o IV Corpo queria capturar uma Divisão alemã que estava abandonando a região de Gênova. A Divisão era uma mistura de combatentes: pára-quedistas, marinheiros, artilheiros, infantes e inclusive pessoal da retaguarda, homens que fazem os serviços da retaguarda. Era preciso cercar a

Divisão. E quem cercou? O 6º Regimento. Os americanos queriam rendê-los. Devem ter sentido uma decepção tremenda. Isso se deu em Fornovo de Taro.

Quando descemos para o Vale do Pó, a primeira parada foi num lugar a dez quilômetros de Modena, na cidade de Formigne. Ocupamos as casas que eram geminadas. Uma italiana me chamou e disse: “Brasiliano, na casa em que estão os seus companheiros há três alemães.”

O Tenente, para não fazer alarme, organizou uma patrulha de quatro homens e nos dirigimos para a casa onde estava o pessoal do 2º Pelotão. Quando chegamos, estavam comendo, entramos residência adentro. Era um casarão, tenho a impressão de que ali existia até um prostíbulo porque encontramos mulheres da vida. Fomos examinando os quartos, abrindo as portas, dando chute nas portas, empurrando e tal, quando chegamos a uma que ficava do lado direito, lá estavam três alemães, espigadinhos, encostados na parede, de pijama, e na posição de sentido. Estavam assim como se tivéssemos caído do céu, como anjos, porque os *partisans*, guerrilheiros que vinham de Modena, já estavam ocupando a região e quando pegavam os alemães, estes tinham que cavar as próprias sepulturas e depois eram fuzilados; caíam ali mesmo, então lhes tiravam as roupas, as fardas...

Quando esses três alemães se entregaram aos brasileiros, ficaram contentes e vi isso nos olhos deles, foi como se tivéssemos caído do céu. Nisso veio um companheiro do 2º Pelotão e perguntou: “O que que foi, o que que houve?” Brinquei com ele, dizendo que era proibido dormir com inimigos.

Já estávamos no Vale do Pó, continuamos seguindo o rio, por sua margem direita, porque o Pó corre no sentido do Adriático e estávamos justamente procurando cercar a Divisão. Não sei se havia alguma intenção não conhecida do Comando, não sabia de nada, estávamos no caminhão, nos deslocando e ignorávamos tudo. Quando chegamos a Parma, os caminhões dobraram a esquerda, seguiram uma estrada que se dirigia para Collecchio, onde ocorreu um combate. Lá se encontrava uma Companhia do 11º, mas a glória foi do 6º. Deparamos com um palácio de nobres, não sei se de um Duque, um verdadeiro colosso, uma propriedade enorme, cercada de muros altos e arvoredos, lá ficou o pessoal dos Serviços da Divisão. No pátio, carroças, puxadas por cavalos de patas grandes, ancas enormes. No interior, bolacha de água e sal, meias, lenços, desses de italianas, que os soldados punham na cabeça para disfarçar, para o inimigo não atirar pensando tratar-se de mulher; carroças cheias de meias de lã, uma quantidade enorme de cavalos bonitos e bem cuidados; muitos de montaria.

Na derrota alemã deram-se os entendimentos entre os comandantes para a rendição da Divisão que se retirava. Havia remanescentes da Monte Rosa que se

entregaram. Uma parte foi pela nossa área, em Collecchio. Presenciei a Infantaria deles marchando em ordem, cantando, vieram se entregar com as roupas rotas e tudo, mas mantendo a dignidade. Fiquei até emocionado. Aí se vê o que é o soldado.

Renderam-se aos brasileiros; os americanos estavam surpresos... ficaram satisfeitos, cumprimentaram, mas eram eles que queriam cercar a Divisão. Lá se encontra o Passo de Verccieco, que é histórico; uma força francesa, em mil oitocentos e tanto, se entregou, batida naquela região, rendeu-se a uma Divisão alemã. Tudo cercado de fatos históricos. Pesquisei em enciclopédias e vi coisas interessantes.

Saímos de Collecchio, fomos para Norteto, Norteto de Parma, onde vi um carro Volkswagen pela primeira vez; os Volkswagen passando, carregando os soldados, eram todas viaturas novas.

Em Collecchio, também vi uma coisa muito bonita. Quando os brasileiros tomaram a localidade, os italianos prenderam uns trinta homens e vieram com eles marchando, cantando; quando chegaram à praça principal, encontraram o General Zenóbio da Costa que pulou do jipe e disse: "Alto lá! Aqui é o Exército Brasileiro. Falou em voz alta, com aquela vozeirão." Aí o *partisan* rapidamente se apresentou e contou que eram prisioneiros. O General Zenóbio retrucou: "Estes prisioneiros nos pertencem." Salvou mais uma vez algumas vidas humanas. Gostei, achei muito bonito, porque se não fosse isso, os *partisans* os fuzilariam.

Um soldado de Cavalaria pegou um animal daqueles e começou a fazer equitação na praça; o General gritou: "Soldado! Recolhe essa montaria." Poucos viram isso.

Depois fomos para Tortona, que pertence ao Piemonte. Uma parte das tropas foi para Susa, o 11º, que ocupou Alessandria e Susa, já na fronteira, e encontrou com a tropa francesa. Fomos para Caserta Passalacqua, onde se encontrava uma Divisão italiana, a Divisão Ravena. Havia um prédio muito grande no qual acantonamos. Após pequeno período de ocupação começamos o retorno, porque, justamente ali, a guerra terminara para nós. Mas em Tortona, não acreditávamos que tivesse terminado a guerra, ninguém. Os italianos atirando para cima, e perguntamos o porquê daquilo. Os italianos disseram: "Acabou a guerra!" A gente sem acreditar: "Que acabou a guerra, que nada!" Era muito bom para ser verdade, mas a guerra estava terminando mesmo, se não me engano foi no dia 8 de maio, porque, na verdade, as hostilidades cessaram em todo o *front* europeu no dia 3, e o armistício foi assinado dia 8 de maio, mas desde o dia 3 já tinha cessado o conflito.

Em continuação a Montese: *"...Deixamos Formigine para trás, agora rodando às margens da via Emília, os caminhões de transportes se enfiavam por rodovias não pavimentadas, levantando grossos rolos de poeira, transformando-nos em homens mascarados, confundimos o suor e a terra esbranquiçada..."*

A terra italiana é branca, grudava no suor e o próprio soldado não reconhecia um colega, de tanta poeira que o caminhão rodando levantava. "*...Depois Fornovo de Taro, nunca devemos esquecer deste nome. Aqui dois generais adversários, investidos da dignidade dos seus Comandos, poupando vidas num gesto sensato, renunciando à batalha inútil, renderam-se às Forças brasileiras, e nesse dia 28 de abril, a paz aplicava um rude golpe na guerra...*"

E aqui o trecho final: "*RENDIÇÃO INCONDICIONAL DA ALEMANHA*" "*Eu estava de guarda quando uma emissora de rádio em Milano transmitia insistentemente:* – 'La guerra en Europa é finita.' *A alegria tomou conta das ruas e praças da cidade, os* partisans *surgidos de toda parte descarregavam suas armas para o alto. Cantos, risos e lágrimas se misturavam numa alegria indescritível.*

Quanto a nós, no quartel, apesar de uma alegria contagiante na rua, vimos a coisa com certa reserva e de nossa parte não houve nenhuma explosão à moda brasileira, parecíamos que não iríamos suportar o rebate falso, oficializou-se essa data como sendo o dia do verdadeiro esplendor para todos aqueles jovens que percorreram os duros campos de batalha.

Não mais a triste escuridão das noites de vigílias, não mais o trote dos sinistros engenhos de guerra, não mais as armadilhas e as emboscadas, não mais a mutilação e a dor.

Baixaram-se as armas e silenciaram-se os canhões, as cidades se iluminaram e as criaturas de Deus voltaram a sorrir. La guerra en Europa é finita".

Sempre disse que cada homem via a guerra à sua maneira, o oficial, por exemplo, via a guerra de acordo com seus conhecimentos, de acordo com a posição em que se encontrava. Com o soldado também é a mesma coisa, por exemplo: o soldado moço, voluntário que deixou a família e se vê envolvido, vê a guerra de uma maneira muito diferente da do soldado que foi convocado e que fez o Serviço Militar.

Eu fiz o Serviço Militar no Tiro de Guerra, na minha terra, mas tive um instrutor, sempre falo que o instrutor é a base na formação dos homens: um 1º sargento que veio do Corpo de Tropa, fez a Revolução de 1932, foi ferido nela, e era o nosso instrutor. Muito embora a revolução nada tenha a ver com guerra, tendo passado pela Revolução de 1932, tinha um pequeno conhecimento do que seria a guerra. Por isso sua visão era outra.

Compete-me ainda comentar que um soldado tem que conhecer seus chefes e não pode criticá-los, porque nunca sabe o que o chefe pensa, qual é o seu problema. Depois que li o livro do General Lima Brayner, fiquei entendendo muita coisa com que antes não atinava, mas sempre procurava conhecer. Li muitos livros sobre a guerra. Falando do filme *Resgate do Soldado Ryan*, que assisti, considero ponto alto

a cena em que o Capitão chega ao ouvido do soldado e diz: “Faça por merecer.” Isso é muito importante, porque o bom soldado deve regressar para casa como um bom homem, isso sem dúvida alguma, a menos que ele se extravie, comece a beber demais, fazer coisas que não deve.

Isso não aconteceu comigo, porque me casei, tive filhas e sempre procurei agradecer e a fazer por merecer a volta, porque não é qualquer um que pode dizer: “Eu voltei. Podia ter retornado com problemas, até porque numa patrulha o meu braço saiu do lugar, mas o enfermeiro recolocou-o e não dei parte de ferimento algum.” E outra: rejeitei uma promoção para não sair da Companhia porque já tinha uma equipe formada e não queria mudar.

Após a guerra fui a Roma, ao Vaticano, conheci o Papa Pio XII. Ao voltar da guerra escrevi *De Piemonte a Guaxupé*.

Missão cumprida.

Glossário

AD – Artilharia Divisionária
AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras
CCAC – Companhia de Canhões Anticarro
CIE – Centro de Instrução do Exército
CPOR – Centro de Preparação de Oficiais da Reserva
CPP – Companhia de Petrechos Pesados
DIE – Divisão de Infantaria Expedicionária
ECEME – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército
EUA – Estados Unidos da América
FAB – Força Aérea Brasileira
FEB – Força Expedicionária Brasileira
INPS – Instituto Nacional de Previdência Social
LBA – Legião Brasileira de Assistência
LCI – Landing Craft Infantry (Lancha de Desembarque)
MP – Military Police (Polícia Militar)
OM – Organização Militar
PC – Posto de Comando
PO – Posto de Observação
QG – Quartel-General
S1 – Oficial Chefe da 1ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade pessoal)
S2 – Oficial Chefe da 2ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade de informação)
S3 – Oficial Chefe da 3ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade de operações)
S4 – Oficial Chefe da 4ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade de apoio material para execução da instrução e emprego operacional da unidade)
VO – Verde-oliva

Composição e diagramação	*Murillo Machado e Rodrigo Tonus*
Quantidade de páginas	*320*
Formato	*16 x 23cm*
Mancha	*29 x 43 paicas*
Tipologia	*ITC Officina Serif Book*
Papel de miolo	*Offset 75g*
Papel de capa	*Cartão Supremo 240g (plastificada)*
Impressão e acabamento	*Sermograf Artes Gráficas e Editora Ltda.*
Fotolito de miolo	*Murillo Machado e Rodrigo Tonus*
Fotolito de capa	*Sermograf Artes Gráficas e Editora Ltda.*
Tiragem	*3.000 exemplares*
Término da obra	*Agosto de 2001*